

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria de Lourdes dos Santos

“RAINHAS DA FELICIDADE”
Um estudo sobre a Divisão Feminina da BSGI

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2009

MARIA DE LOURDES DOS SANTOS

“RAINHAS DA FELICIDADE”

UM ESTUDO SOBRE A DIVISÃO FEMININA DA BSGI

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PUC/SP

Agosto de 2009

MARIA DE LOURDES DOS SANTOS

“RAINHAS DA FELICIDADE”

UM ESTUDO SOBRE A DIVISÃO FEMININA DA BSGI

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências da Religião, sob orientação do Professor Doutor Frank Usarski.

PUC/SP

2009

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Às mulheres comuns de justiça e paz que apreciam as semelhanças que nos tornam humanos.

“A verdadeira fé é
uma fé questionadora.”

Elie Wiesel

AGRADECIMENTOS

Às mulheres da BSGI, nossas inspiradoras.

Acredito na relação interdependente. Somente conseguimos realizar algo por existirem milhares de pessoas que fazem a *sua* parte neste mundo, que não é pequeno, mas é redondo. Pessoas do presente, desconhecidas, colegas, amigas, que cruzam nosso caminho. As do passado, que emprestam seus saberes que nos ajudam a ver além deste espaço e tempo. E as do futuro, que caminham hoje sobre nossas pegadas. Todas nos deixam marcas que ajudam a trilhar o nosso caminho.

Ao Corpo Docente do Programa de Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, representado pelos professores Ênio, Queiroz, Maria José, Fernando, Silas, Edin e Edênio, por dividir seus conhecimentos. Em particular, ao meu orientador, professor Frank, por suas intervenções precisas.

Às funcionárias e aos funcionários do serviço geral, da assessoria técnica, da biblioteca, em especial à Andréia, secretária do programa, por sua paciência e atenção em todos os momentos.

Às amigas e amigos de turma e também das turmas anteriores e posteriores que dividiram momentos de alegria, conhecimento, desabafo e riso.

A Capes, pela bolsa de estudo que nos deu tranquilidade financeira para conduzir as pesquisas.

Ao Sr. Takaki, pelas primeiras pesquisas em material japonês. A Luci, pelas traduções do inglês. Aos amigos de trabalho, pela compreensão em minhas ausências. A Luiz Carlos, Maria Alice e Izabel pela primorosa revisão. Às mulheres que, em meio à correria diária, dedicaram parte de seu tempo para os questionários e entrevistas.

Em memória, aos meus pais, Almiro e Mercedes, e a minha amiga Marina não presentes mas nunca ausentes.

Em especial, ao meu mestre, Daisaku Ikeda, pelas palavras carinhosas que me ajudaram a seguir em frente nos momentos em que o sentimento de incapacidade tentava se aproximar: “Gênio é sinônimo de esforço”.

Profundamente agradecida.

RESUMO

Este trabalho busca apresentar a Divisão Feminina da Associação Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI), uma organização formada por leigos que professam a fé no Budismo de Nitiren e promove um movimento pela paz por meio da cultura e da educação, sob a liderança de Daisaku Ikeda.

A Divisão Feminina, formada por mulheres adultas, é a maior da entidade, e suas integrantes, em sua maioria mulheres comuns sem ascendência japonesa, dedicam boa parte de seu tempo no movimento de propagação e social da BSGI.

Nossa pesquisa pretendeu responder às questões: quem são as mulheres que compõem a BSGI que, mesmo não estando na liderança, se dedicam em suas atividades como principais promotoras? Até que ponto a cultura japonesa tem influenciado essas mulheres em sua atuação e posicionamento na organização? O que move essas mulheres?

Apresentamos o resultado da pesquisa que analisou desde sua formação, em 1930 no Japão até os dias atuais. Como uma organização transplantada, verificamos a proporção da influência japonesa na posição que as mulheres ocupam na entidade. Para tanto, distribuímos questionários às integrantes e realizamos entrevistas, além de pesquisa participativa.

Percebemos que ser “rainha da felicidade” ajuda essas mulheres a elevar a autoestima e transitar num mundo além de seu cotidiano na periferia das cidades. E a “unicidade de mestre e discípulo” as faz sobrepor qualquer tipo de preconceito e discriminação existente na entidade.

Palavras-chave: mulheres no budismo, mulheres na religião, mulheres na Soka Gakkai, Associação Brasil-SGI, BSGI, Soka Gakkai, SGI.

ABSTRACT

This work aims to introduce the Soka Gakkai International – Brazil (BSGI) Women's Division, a lay organization constituted by followers of Nichiren Buddhism, which promotes a movement for peace through culture and education under the leadership of Daisaku Ikeda.

The Women's Division, formed by adult women, is the association's biggest division, and its members, the majority being non-Japanese descendant, dedicate great part of their time to the spreading of Buddhism and the socialization in the BSGI activities.

This research intended to answer the following questions: Who are these BSGI women members, who dedicate in the front of these activities even though not holding leading functions? How much has the Japanese culture influenced these women in their performance and status inside the organization? What makes these women keep going?

The result of this work was based on an evaluation of the organization since its founding in Japan, in 1930, up to the present date. As a transplanted organization, the focus of this analysis was both the influence the Japanese had on the running of the organization and on the status held by its women members. Questionnaires, interviews and field research were employed for this purpose.

The conclusion revealed that the denomination "queen of happiness" encourages these women to improve their self-esteem and to reach a world beyond their ordinary daily lives in the outskirts. Moreover, the principle of the "oneness of mentor and disciple" also encourages them to cope with any prejudice and stereotyping that may emerge in the organization itself.

Key-words: women in Buddhism, women in religion, women in the Soka Gakkai, Soka Gakkai International – Brazil, BSGI, Soka Gakkai, Soka Gakkai International, SGI.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
-------------------	----

INTRODUÇÃO

Imagem social e religiosa construída das mulheres	17
A posição social da mulher e a formação da comunidade feminina no budismo japonês	25

CAPÍTULO I

O BUDISMO NITIREN, A SOKA GAKKAI E AS MULHERES

I.1	O BUDISMO NO JAPÃO	35
I.2	O BUDISMO DE NITIREN	39
I.2.1	A vida de Nitiren	40
I.2.2	Escola Fuji	47
I.2.3	A fundação da Soka Gakkai e o legado de Makiguti	49
I.2.3.1	Reconstrução da Soka Gakkai no pós-guerra	59
I.2.3.2	Daisaku Ikeda e a expansão mundial da Soka Gakkai	67
I.3	GÊNERO NO BUDISMO NITIREN	
I.3.1	Empatia do Buda Nitiren com as mulheres	70
I.3.2	As mulheres na Soka Gakkai	78
I.3.2.1	Yasu Kashiwabara: Primeira mulher na liderança da Soka Gakkai	84

CAPÍTULO II

DIVISÃO FEMININA DA SOKA GAKKAI

II.1	AS MULHERES NA SOKA GAKKAI	
II.1.2	A necessidade da fundação da Divisão Feminina	87
II.1.3	Estabelecimento do “Dia da Divisão Feminina” e sua expansão pelo mundo	89
II.1.4	“Século das Mulheres” — as expectativas de Daisaku Ikeda para a Divisão Feminina	93
II.2	MULHERES SOKA NO MOVIMENTO IMIGRATÓRIO	96
II.3	DIVISÃO FEMININA NO BRASIL	
II.3.1	Períodos que marcaram a história da BSGI	99
II.3.1.1	Estruturação da BSGI (1950–1960)	100

II.3.1.2	Conversão de brasileiras e chegada da primeira coordenadora da Divisão Feminina (1960–1970)	108
II.3.1.3	Mudança da coordenação e entrada de <i>nikkei</i> na liderança da Divisão Feminina (1974–1984)	121
II.3.1.4	Duas visitas de Ikeda e falecimento de Sílvia Saito (1984–1993)	125
II.3.1.5	Mudanças estruturais e consolidação da BSGI como modelo de organização (1994–2008)	127
II.3.2	A BSGI em números	129
II.4	O LUGAR DA DIVISÃO FEMININA NA	
	ESTRUTURA DA BSGI	133
II.4.1	Estrutura vertical	136
II.5	ESTRUTURA INTERNA DA DIVISÃO FEMININA	
II.5.1	Perfil da Divisão Feminina	140
II.5.1.2	Censo realizado pela Divisão Feminina em 1998	141
II.5.1.3	Censo/1998 <i>versus</i> dados/2009	146
II.5.2	Estrutura horizontal	147
II.6	PROCESSO DE ADEÇÃO E ENGAJAMENTO	150
II.7	AUTORRECONHECIMENTO DA DIVISÃO FEMININA	156

CAPÍTULO III

UMA INTERPRETAÇÃO: DIVISÃO FEMININA DA BSGI

III.1	BSGI DO PONTO DE VISTA DAS MULHERES	
III.1.1	Perfil das informantes	158
III.1.2	Conversão e engajamento	159
III.1.3	A visão sobre a BSGI	162
III.1.4	Grau de satisfação	166
III.1.5	Como percebem as mulheres e motivo da desconversão	175

CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
Problema de hierarquia	183
Revolução humana: da marginalização à “rainha”	186
“Significado motivacional”: unicidade de mestre e discípulo	192

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196
----------------------------------	-----

APÊNDICES

1. Carta da Soka Gakkai	208
2. Cartas escritas por Nitiren a suas discípulas por ano.....	209
3. Canções	211
4. Trechos de mensagens enviadas por Daisaku Ikeda por ocasião das comemorações do aniversário de fundação da Divisão Feminina na BSGI (1989–2008)	212
5. Questionários	215
6. Sedes da Divisão Feminina	218
7. Fotos de eventos da Divisão Feminina	219
8. Fotos de eventos da Divisão Feminina em diferentes países	221
9. Direitos das fotos	223

APRESENTAÇÃO

Nosso trabalho é fruto de constantes reflexões sobre o Budismo Nitiren e a Soka Gakkai no Brasil. Ao iniciar o mestrado, pensávamos em pesquisar a transplantação da Soka Gakkai para este país; no entanto, deparamos com uma tese de doutorado, um verdadeiro dossiê sobre a organização. Para não “chover no molhado”, como disse o professor Queiroz em uma das primeiras aulas de metodologia, começamos a leitura de materiais publicados sobre a entidade e suscitou-se a questão: Onde estão as “mulheres Soka”? Pelo conhecimento que tínhamos, são as mulheres o maior contingente de integrantes e as que empreendem mais esforços na divulgação do Budismo Nitiren e nas atividades da organização no Brasil.

Assim nasceu o desejo de “encontrá-las”. Apesar de conhecermos a história da organização, faltavam-nos dados específicos sobre as mulheres nos seus primórdios, no Japão e no Brasil. Iniciamos então as pesquisas nesse sentido, que foram dificultadas pela falta de material em português e pelo escasso material em inglês e espanhol. Valeu-nos a leitura dos impressos internos da entidade, do jornal *Brasil Seikyo* e da revista *Terceira Civilização* desde a década de 1960, assim como dos diversos livros dando prioridade a *Revolução Humana* e a *Nova Revolução Humana*, de Daisaku Ikeda, presidente da Soka Gakkai Internacional, narra a história da Soka Gakkai desde 1943.

Dessa forma percebemos que, para contar a história das mulheres da BSGI, era necessário fazer um recorte da história das mulheres no Japão e nas correntes budistas até o século XIII, como também nas diversas religiões brasileiras. Com isso em mente, partimos para as pesquisas também nesse campo.

A Associação Brasil-SGI é formada por leigos que professam a fé no Budismo de Nitiren Daishonin e está no Brasil desde 1960, desenvolvendo ações

em prol da paz por meio da cultura e da educação. Sua sede central se localiza no Bairro da Liberdade, em São Paulo, e possui mais de 250 sedes regionais em todo o Brasil.

Com uma estrutura que divide seus integrantes por sexo e idade, as atividades da BSGI são centradas na liderança dos homens adultos (Divisão Sênior), responsáveis por toda a organização em cada um dos níveis. As mulheres adultas (Divisão Feminina) e os jovens (Divisão dos Jovens) lideram somente as suas áreas respectivas.

Algumas questões nos acompanharam no transcorrer deste trabalho, como: Quem são as mulheres que compõem a BSGI e que, mesmo não estando na liderança, se dedicam a suas atividades como principais promotoras? Até que ponto a cultura japonesa tem influenciado essas mulheres em sua atuação e posicionamento na organização? O que move essas mulheres?

A ênfase na tradição, que se dá no interior da BSGI – principalmente por parte das japonesas que imigraram antes da década de 1960 –, é uma barreira para a expansão da Soka Gakkai no Brasil, uma vez que observamos a desistência da prática budista por choque cultural. Ao mesmo tempo, justamente esse enraizamento da BSGI na cultura japonesa, desenvolvendo atividades como réplica da organização japonesa, é a base de sua força e de seu desenvolvimento.

A cultura japonesa está presente em toda a BSGI, principalmente nas organizações localizadas em regiões de concentração de imigrantes japoneses. Apesar disso, cerca de 90% de seus integrantes não têm ascendência oriental e a grande maioria ocupa a base de sua estrutura piramidal. O direcionamento das atividades, no entanto, parte do topo da pirâmide, formado em cerca de 90% por imigrantes e descendentes. Isso ocorre não apenas em São Paulo, mas em quase todas as regiões do país.

Para se ter uma idéia, dos 97 coordenadores das quatro coordenadorias¹ que compõem a BSGI, 68 são imigrantes e descendentes e 29 são brasileiros sem

¹ Coordenadoria da Cidade de São Paulo, Coordenadoria dos Municípios de São Paulo, Coordenadoria do Rio de Janeiro e Coordenadoria das Regiões Estaduais. Esta última abrange todos os demais estados.

ascendência japonesa – menos de 30%. Entre os jovens a porcentagem cai para 40% de brasileiros sem ascendência e 59% de nisseis (segunda geração acima) e mestiços, denotando que a médio e a longo prazo haverá mudança no quadro estrutural de sua liderança.

Com base nesses dados, estruturamos a pesquisa da seguinte forma:

Na Introdução, apresentam-se algumas abordagens de pesquisadoras de religião sobre a questão de gênero e a posição da mulher na sociedade e nas escolas budistas no Japão.

No capítulo I são reportados três períodos que marcaram o desenvolvimento do budismo japonês – o período Asuka (593–710), o Heian (794-1185) e o Kamakura (1185-1333) –, a vida de Nitiren com a fundação de seu budismo e a formação e o desenvolvimento da Soka Gakkai. Em seguida trabalhamos com as mulheres no budismo, os motivos que levaram algumas a engajar-se na comunidade de Nitiren e a formação da Divisão Feminina na Soka Gakkai.

No capítulo II é focado o desenvolvimento da Divisão Feminina depois da Segunda Guerra Mundial e sua oficialização e expansão pelo mundo, com destaque para o Brasil. Tem menção o papel das imigrantes no início da BSGI, com base em fatos históricos internos e externos que influenciaram a evolução da entidade. Paralelamente, observa-se até que ponto a cultura japonesa interfere na atuação e posição das mulheres na organização brasileira.

No terceiro e último capítulo analisam-se os dados coletados por meio de questionários e entrevistas, no transcorrer da pesquisa. Na conclusão, procura-se comprovar a hipótese inicial do estudo.

Por trabalharmos com a Soka Gakkai, os registros históricos da vida do Buda Nitiren provêm das suas publicações. Optamos por esse caminho tendo em vista que a atuação das integrantes da BSGI se apoia nesses dados e por termos ciência de que a posição de Nitiren e as informações sobre sua vida e seu ensino divergem segundo as inúmeras escolas existentes.

Notas explicativas:

- 1) Optamos por grafar os nomes e termos japoneses pela aproximação do som da palavra, sem imitar a grafia inglesa ou francesa. Os nomes próprios são grafados normalmente (por exemplo: Nitiren, Soka Gakkai, Jossei Toda, Tsunessaburo Makiguti, Daisaku Ikeda) e os termos e princípios budistas, italianizados (por exemplo: *Nam-myoho-rengue-kyo*, *chakubuku*, *Daimoku*, *Kossen-rufu*).
- 2) As citações são grafadas conforme o original, por exemplo: Nichiren, Sôka Gakkai.
- 3) Os dados da vida de Nitiren e de seus ensinamentos foram pesquisados nas publicações da BSGI.
- 4) Os dados sobre a organização brasileira foram fornecidos pela entidade ou extraídos do jornal *Brasil Seikyo* e revista *Terceira Civilização*.

INTRODUÇÃO

A questão de gênero nas religiões budistas transplantadas para o Brasil carrega a junção de duas culturas patriarcais e androcêntricas, a japonesa e a brasileira. Isso nos levou à necessidade de apresentar, mesmo que brevemente, o termo “gênero” e o papel da mulher em diversas correntes religiosas brasileiras – uma vez que as convertidas ao budismo são em sua maioria cristãs na origem –, tendo como base trabalhos desenvolvidos por pesquisadoras de religião.

Por acreditarmos que toda religião transplantada deve ser analisada a partir de sua trajetória no país de origem, optamos por trazer extratos da história das mulheres japonesas e budistas para entender o pensamento, a cultura e o sentimento que norteiam as tradições e ações da Divisão Feminina da BSGI.

Imagem social e religiosa construída da mulher

A pesquisadora Márcia S. Macedo define “gênero” como um grupo da mesma espécie – o gênero humano – que nos permite entender o *outro* num *ethos* que atribui a homens e mulheres um lugar diferenciado no mundo traspassado por relações de poder que conferem ao homem, historicamente, uma posição dominante (Macedo, s.d.). O termo foi introduzido pelas teóricas feministas na década de 1970, numa tentativa de contrapor a teoria do determinismo biológico. A ideia é que o “feminino” e o “masculino” não são características naturais ou biológicas, mas construções culturais plantadas historicamente em forma de dominação masculina e submissão feminina. (Bedia, 1995, p. 55.)

Segundo Rosa Cobo Bedia, essa hierarquização sexual se materializou em sistemas sociais e políticos patriarcais. Como patriarcado entende-se um conjunto de relações sociais entre os homens, relações que, mesmo hierárquicas, estabelecem vínculos de interdependência e solidariedade deles para dominar as

mulheres. Para Bedia, o patriarcado manteve as mulheres fora do exercício do poder, o qual não se possui, pois não é individual e sim de grupos. Dessa perspectiva, “o patriarcado é um sistema de pacto interclassista entre os homens” O poder existe nas relações constituídas pelos que o exercem e se reconhecem como titulares legítimos, junto com possíveis substitutos que aguardam por sua vez no revezamento (Bedia, 1995, pp. 62–65). “Ao longo da história, todas as sociedades foram construídas a partir das diferenças anatômicas entre os sexos, convertendo essa diferença em desigualdade social e política”. (Bedia, 1995p. 55.)

Tanto no Ocidente como no Oriente, a história é a mesma quanto à marginalização da mulher e à construção da “licença natural” de detenção do poder pelo homem e de transmiti-lo aos seus. Para Margareth Rago, a ciência contribuiu muito com essa construção por ser exercida de forma androcêntrica. Nesse sentido, os principais pontos de crítica feminista à ciência incidem em denunciar o seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista. A ciência é construída de um único lugar – o masculino, afirma a pesquisadora.

O saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas incapazes de pensar a diferença. [...] Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-Primeiro-Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam desse modelo de referência. (Rago, 1998, p. 25.)

As teóricas feministas propõem que o sujeito seja considerado resultado das determinações culturais, inserido em complexas relações sociais, sexuais e étnicas, e que a mulher não deve ser pensada como uma essência biológica predeterminada, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos e saberes instituídos. (Rago, 1998.) Para Ruth Berman, “só será possível existirem relações não discriminatórias e não exploradoras dentro das ciências quando relações igualitárias caracterizarem a própria sociedade.” (Berman, 1997, p. 248.)

Em todas as sociedades, mesmo antes de se saber que o mundo é múltiplo, formado por vários e diferentes seres, entre eles os seres humanos, nossa cultura ensina o que é ser “Homem” e ser “mulher”, aquele como superior aos demais.

Mesmo onde se prega a igualdade de todos os seres vivos a questão de gênero foi negligenciada. No Brasil, a questão de gênero esteve ausente dos estudos de religião até depois da década de 1960, quando na Europa e nos Estados Unidos se iniciou a segunda “onda do feminismo”. Na década de 1980, “abordar sociologicamente o tema religião, perguntando pelas mulheres, do ponto de vista da crítica feminista, era como andar sem bússola pelo deserto” (Rosado-Nunes, 2001, p. 80). Maria José Rosado-Nunes argumenta que trabalhar a relação das mulheres com as religiões e das religiões com as mulheres é sempre estar sobre um campo minado.

Dados estatísticos costumam confirmar a observação do senso comum de que as mulheres investem mais em religião do que os homens. Daí se conclui que elas seriam “mais religiosas” do que eles. Tal visão esconde um enorme equívoco que as atuais formas fundamentalistas das religiões, no Ocidente como no Oriente, vem desvendar (Rosado-Nunes, 2005, p. 363.)

Para Maria José, as religiões são um campo historicamente de investimento masculino, pois em todas as sociedades os homens dominam a produção do que é “sagrado”. Uma dominação registrada nos discursos, práticas, normas e regras das instituições.

As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso. (Rosado-Nunes, 2005, p. 363.)

Pode-se considerar, então, que a construção social da religião dividiu os gêneros: as mulheres como “guardiãs do sagrado” e os homens como “dominadores do sagrado”. No entanto, não há como negar que o alicerce das

entidades religiosas são as mulheres, principalmente as das camadas populares em sua devoção “sacrificial” à crença que professam. “Subordinadas” ao líder religioso masculino, elas não medem esforços (sacrifícios) em sua militância religiosa, sendo reconhecidas ou não.

Apesar de alguns estudiosos apresentarem a existência, em algum momento da história humana, de civilizações com sociedade matriarcal, no geral, no transcorrer da história, a mulher foi posicionada à sombra do homem. Sua participação na vida ativa da sociedade, em qualquer esfera, era (em alguns lugares ainda permanece) restrita ao lar, e reprimida além desse espaço.

O militar, o religioso, o político, como as três ordens da Idade Média, constituem três santuários que fogem às mulheres. Núcleo de poder, são centros de decisão real ou ilusória, ao mesmo tempo que símbolos da diferença dos sexos. [...] Os debates relativos a uma representação partidária das mulheres vêm sacudir o conformismo deste fim de século. Na aurora do terceiro milênio, eles talvez desenhem os epicentros da fratura, das frentes de luta e das fronteiras futuras. (Perrot, 1998, p. 117.)

No espaço público, a participação em cerimônia religiosa é sagrada para as mulheres “devotas” por fé, necessidade, comprometimento, contato, afirmação ou inclusão social. No espaço privado do lar vemos que os cuidados com o sagrado – oratórios, santos, oferendas, doações, caridades – são, na maioria das vezes, “obrigação” feminina. Pode ser que tenha nascido daí a distinção do papel religioso feminino e masculino, uma vez que desde cedo, no convívio do lar, os papéis são definidos – cada gênero desde pequeno aprende o que tem de fazer no campo religioso –, um provê o outro, devota.

Estudos apontam que normalmente as mulheres se apegam mais à fé religiosa nos momentos em que “os seus” – filhos, marido, pais – estão ameaçados, ou quando a família corre algum tipo de “perigo”. Já os homens buscam apoio religioso principalmente em momentos de desemprego – a angústia pela saída do palco socioeconômico na condição de provedor e chefe da família. (Machado, 2005, p. 387.) Ou pelo medo de perder tal posição.

Analisando o discurso religioso em sua origem, percebemos uma discrepância entre o que se prega e o que se faz, uma vez que os textos sagrados apregoam que a natureza humana é sagrada, pois resulta de uma determinação “divina”. Jean Holm, na introdução do livro *Mulheres na Religião*, diz que, numa primeira fase da história de várias religiões, a posição da mulher foi superior, a exemplo das mulheres japonesas no período feudal e das hindus no período védico. O Buda (Sakyamuni), atendendo ao pedido de um discípulo, autorizou a criação de uma ordem de monjas, e Jesus incluiu mulheres entre os seguidores. Paulo disse que “não há nem homens nem mulheres, pois todos sois um em Cristo”; Maomé elevou consideravelmente o estatuto das mulheres e o guru Nanak proclamou a igualdade de homens e mulheres. (Holm, 1999.)

Em contraste, José Luiz de Paiva Bello, no artigo “O poder da religião na educação da mulher”, apresenta as seguintes passagens de textos religiosos clássicos:

Alcorão: “Dai aos varões o dobro do que dais às mulheres” (IV:11).

Livro sagrado da Índia, Lei de Manu, para instituições civis e religiosas (Regra nº 148, Livro V): “Durante a infância, uma mulher deve depender de seu pai; durante a juventude, de seu marido; se este morrer, de seus filhos; se não tiver filhos, dos parentes mais próximos do marido e, na sua falta, dos de seu pai; se não tiver parentes paternos, do seu soberano; uma mulher não deverá nunca governar-se ao seu bel-prazer.”

Código bramanista: “Não há na Terra outro Deus para a mulher do que seu marido. A melhor das boas obras que essa pode fazer é agradá-lo: esta deve ser sua única devoção. Quando morrer, deve também morrer.”

Zaratustra: “[a mulher] deve adorar ao homem como à divindade. Nove vezes pela manhã, de pé ante o marido, com os braços cruzados, deve perguntar-lhe: Que desejais, meu senhor, que faça?”

Buda: “A mulher é má. Cada vez que se lhe apresente oportunidade, toda mulher pecará.”

Lutero: “Não há manto nem saia que pior assente à mulher ou donzela que o querer ser sábia.” (Bello, 2001, s.p.)

Para Bello, as religiões colocam a mulher em situação de submissão e os mitos religiosos sexistas foram criados pelas culturas e por trás deles “escondem-

se não só características de comportamento, mas também arquétipos a serem cumpridos". (Bello, 2001, s.p.)

Esses mitos são criados pela própria cultura, seguindo padrões de evolução do pensamento humano. Assim, pode-se entender a criação desses mitos religiosos a partir do sentimento dos teólogos. [...] a imagem que se forma da personalidade feminina é distorcida, criando uma expectativa sobre o papel da mulher que pode não ser a da sua natureza biológica. [...] A religião, neste sentido, pode criar uma expectativa de papéis com relação ao comportamento feminino que já pressupõe a priori uma postura relacionada ao mal, à exceção e ao demoníaco. De qualquer forma, estes dados permitem concluir que o que fica de moral desses mitos é que, submissa ou progressiva, santas ou demoníacas, cuidado com as mulheres! (Bello, 2001, s.p.)

Apesar do avanço nos estudos sobre gênero, a misoginia na religião ainda persiste, pois vai além da esfera religiosa. A pesquisadora norte-americana Grace Halsell (1933–2000) salienta que, enquanto os homens são criados para desafiar o perigo, as mulheres são incentivadas a buscar segurança.

Se uma menina procura o perigo, as pessoas pensam que ela quer ser como um moleque. Até mesmo [o psicanalista austríaco] Alfred Adler [1870–1937] disse que uma menina que sobe em árvores quer imitar os meninos. Nem lhe ocorreu que as meninas podem também achar interessante subir em árvores. Nem percebeu que, ao buscar o perigo assim como os meninos, as garotas podem desenvolver a independência. (Halsell apud Ikeda, 1997, p. 3.)

A imagem do masculino e do feminino que temos em nosso subconsciente não é biológica; foi profundamente influenciada pelas tradições culturais desenvolvidas ao longo do tempo e impregnada profundamente em todos os campos sociais, inclusive nas religiões.

Analisando a vida religiosa brasileira no início da colonização, desde a implantação do catolicismo no Brasil no século XVI até o início do século XX, Maria José Rosado-Nunes argumenta:

O catolicismo no Brasil desenvolveu-se como religião masculina, branca e de caráter marcadamente laical. [...] somente no século XIX as mulheres foram incluídas no projeto de reorganização institucional e de recuperação do poder político, econômico e social da Igreja Católica. (Rosado-Nunes, 2005, pp. 74-75.)

Para a pesquisadora, a incorporação das mulheres ocorreu somente porque a Igreja queria fortalecer o clero e para isso havia a necessidade de acabar com o poder laico masculino.

A necessidade de um público obediente ao clero e seguidor das normas eclesiais conduziu a Igreja a direcionar a sua ação, em particular, para as mulheres. Elas tornaram-se, desde então, o alvo privilegiado da ação institucional. A “clericalização” da Igreja significou também a sua “feminilização”. (Rosado-Nunes, 2005, pp. 74-75.)

Num estudo sobre as mulheres pentecostais, Maria das Dores Machado sugere uma forte associação entre o sacerdócio feminino e o laço matrimonial, uma vez que a maioria das pastoras é casada com homens que ocupam cargos hierárquicos iguais ou superiores em suas denominações.

A mais importante estratégia já identificada nas igrejas que abandonaram a interdição das mulheres nos espaços de poder foi: a revisão da forma de conceder o ministério, que passou a ser um compromisso do casal, e a adoção nos rituais da “pregação de sermões em parcerias”. Atrelar a consagração das mulheres à concepção do ministério do casal foi a fórmula encontrada pelas lideranças de várias denominações para preservar a dependência feminina em relação aos homens. (Machado, 2005, pp. 392-393.)

A pesquisadora acredita haver uma outra interpretação para a pregação conjunta: uma forma de enquadrar a participação das mulheres na direção da comunidade religiosa.

Assim, se por um lado o crescimento das ordenações femininas sugere uma sensibilidade da liderança masculina com os processos de revisão do lugar social das mulheres na sociedade contemporânea, por outro percebe-se resistência à autonomia feminina e, conseqüentemente, dificuldades em implementar uma política mais equilibrada de administração da denominação. (Machado, 2005, pp. 392-393)

A ordenação de mulheres na maioria das instituições religiosas passa pelos mesmos entraves, o que foi chamado de “heresia antifeminista” por Elisa Salemo, em 1926. (Apud Valério, 2005, p. 370.)

Nas pesquisas sobre religião, a proposta metodológica de Rita Gross é que se aplique um olhar andrógino à leitura das fontes androcêntricas existentes. Esse

olhar supõe a inclusão de dados sobre a realidade religiosa das mulheres e sobre as normas culturais referidas a elas, bem como sobre deusas e outras figuras mitológicas femininas. A inclusão de informações sobre a vida religiosa das mulheres não significa apenas um acréscimo ao que já se sabe sobre aquela religião, mas modificar, muitas vezes, o conhecimento que se tem de toda religião. (Rosado-Nunes, 2002, p. 519.)

Para Gross, todas as religiões têm tradições que precisariam ser investigadas pela metodologia feminina. No budismo, a história das mulheres é diferente da história das outras religiões: as mulheres vêm se fortalecendo com o passar dos anos. O Budismo Tibetano, Vajrayana, é o mais recente e inclui uma tradição de sacramento feminino que é essencial à sua prática e tem uma petição contra quem desprezar as mulheres, que desenvolveram essa corrente budista. Nela existe uma ordem oficial que proíbe maltratar as mulheres, sendo essa uma das obrigações específicas para a prática desse budismo. Gross desenvolve duas hipóteses a respeito disso: (1) não seria necessária uma ordem oficial com esse teor se não houvesse discriminação contra as mulheres, e (2) o argumento para justificar a ordem é de que a mulher não deve ser depreciada por causa de sua natureza demonstrada pelo símbolo da sabedoria *Sunyata* (vacuidade), uma tradição budista que remete à sabedoria feminina. (Gross, 2005a, pp. 418-421.)

Poucas foram as mulheres budistas (indianas) que se tornaram conhecidas como professoras do *Dharma*, como resultado dos baixos padrões de educação para as mulheres, do fraco prestígio de que gozam as praticantes, da falta de modelos para as mulheres e da perda da sabedoria feminina na herança do pensamento budista. Pode-se ainda destacar cinco pontos que tornam impossível para as mulheres se tornarem professoras do *Dharma*: 1) declínio da ordem de monjas devido a questões financeiras; 2) preconceito de que as mulheres não se tornariam professoras e por isso não precisavam de muito treinamento nem de certos ensinamentos que as fortalecessem; 3) devido aos itens anteriores, as mulheres não se sentiam atraídas e ser monja, para elas, dava pouco prestígio; 4) as mulheres praticantes não têm um modelo a ser seguido; 5) as experiências ou

pontos de vista femininos e as mulheres – que a duras penas atingiram um nível elevado – estão para sempre perdidos na história, fora dos registros históricos (Groos, 2005a, pp. 415-423). Apesar disso, seus estudos mostram considerável mudança e crescimento das mulheres nas *sangha* (comunidades budistas) no Ocidente.

O budismo mudou muito nos últimos trinta anos. Há um florescente movimento mundial de mulheres budistas e muito progresso foi feito em restabelecer as *sangha* das monjas e em melhorar o treinamento que elas recebem. [...] algo sem precedentes está ocorrendo entre os budistas ocidentais; aproximadamente metade dos professores de *dharma* ocidentais são mulheres. (Gross, 2005a, pp. 423-25.)

A posição social da mulher e a formação da comunidade feminina no budismo japonês

Originariamente, o Budismo de Sakyamuni¹ não era exclusivo para homens. No entanto, ao grupo de monjas coube um status nitidamente inferior ao dos monges. Apesar disso, para a pesquisadora Rita Gross, o fato de o Buda ter deixado as mulheres participarem do monastério é positivo para as mulheres, pois elas foram vistas como espiritualmente capazes.

Com base em um texto páli intitulado *Therigatha* (Confissões das monjas), Hajime Nakamura defende que, durante a existência de Sakyamuni e pouco antes de sua morte, muitas mulheres deixaram a vida secular e passaram a desempenhar um papel ativo na *sangha*.

O surgimento (no budismo) de uma ordem de monjas foi um desenvolvimento surpreendente no mundo da história religiosa. Nenhuma ordem religiosa feminina existia na Europa, no Norte da África, na Ásia Ocidental ou Oriental naquela época. O budismo foi a primeira tradição religiosa a produzir uma. (Nakamura apud Ikeda, 1982, p. 20.)

¹ Denominação dada a Sidharta Gautama após a sua iluminação. “Sakya”, de Sakyamuni, vem da denominação de seu clã e “muni” significa “iluminado”.

Após a morte de Sakyamuni, seus ensinamentos foram transmitidos oralmente, ocorrendo com isso interpretações, explicações, ampliações e distorções diversas, e se iniciou um processo de discriminação da mulher na comunidade budista.

Ao entrar na China, o budismo indiano da escola Mahayana² foi modificado para se adequar às convenções sociais e culturais de inspiração confuciana.

A alta posição no budismo para mulheres e mães também foi modificada nas traduções. Por exemplo, a exigência de “marido sustentar a mulher” tornou-se “marido controlar sua esposa”, enquanto “a esposa conforta o marido” mudou para “a esposa reverencia o marido”. (Stearns, 2007, p. 66.)

A China instituiu o mais complexo patriarcado, como parte da ênfase de Confúcio (551–479 a.C.) na hierarquia e na ordem. O homem na família era como o imperador na sociedade: ele governava. As mulheres eram educadas para ser subservientes e eficientes nas habilidades domésticas. Delas se esperava que servissem ao pai e depois ao marido fielmente, segundo um preceito de inspiração confuciana dos três níveis de obediência. (Stearns, 2007, p. 94.)

O confucionismo reinou absoluto, não só determinando novas condições de inferioridade para as mulheres como aumentando a distância educacional entre os gêneros, à medida que os homens, e apenas poucas mulheres, puderam se beneficiar da proliferação das escolas confucianas e budistas nos séculos XVIII e XIX. (Ibid., p. 95.)

Com essas adaptações, o budismo foi transportado para o Japão por bonzos chineses via Coreia, assimilando, com o tempo, a cultura e os cultos animistas japoneses. Segundo Hans Küng, “quanto mais o budismo se difunde no Japão, tanto mais é japonizado, ao mesmo tempo que a religião xintoísta nativa é “budificada”. Através desse processo é que surge o budismo caracteristicamente japonês. (Küng, 2004, p. 168.)

Essas adaptações marcaram profundamente o papel da mulher no budismo japonês. Nele, para a mulher atingir a iluminação deveria realizar inúmeras

² Divisão inicial do Budismo de Sakyamuni: escola Mahayana (Grande Veículo) e escola Theravada (doutrina dos anciãos). Esta última também conhecida como Hinayana (Pequeno Veículo), denominação dada pelos budistas Mahayana.

práticas,³ muito além das dos homens, no propósito de ter a boa sorte de renascer como homem e somente assim conseguir a salvação. A ideia era de que as mulheres renasceriam na terra pura não como mulheres, mas como homens. Por exemplo: o *Sutra Guirlanda de Flores*, da escola Kegon, declara: “As mulheres são mensageiras do inferno capazes de destruir as sementes do estado de Buda. Aparentam ser *bodhisattvas*, porém, em seu coração, são como demônio *yaksha*”⁴; o *Sutra do Nirvana* afirma: “Todos os rios são invariavelmente inconstantes e perigosos e todas as mulheres são invariavelmente bajuladoras e falsas”; e o *Sutra da Mulher Prateada* diz: “Mesmo que os olhos dos budas das três existências caíssem, nenhuma mulher jamais atingiria o estado de Buda.” (Nitiren, 2004, pp. 193–94.)

Originalmente, no Japão, não há o costume de relegar a mulher a segundo plano. Veio da China, com o confucionismo, a ideia de dar precedência ao sexo masculino em todas as ocasiões. No século VIII, o Yoro Ritsuryo introduz a norma de que o marido pode, por sua conveniência, divorciar-se da mulher. Essa norma – alicerçada na ideia chinesa de obediência tripla, segundo a qual a mulher deve obedecer ao pai antes do casamento, ao marido depois de casada e aos filhos na velhice – produz resultados negativos, durante séculos, na formação social da mulher japonesa. (Yamashiro, 1997, p. 98.)

Alguns historiadores levantam a hipótese de que as mulheres japonesas compartilhavam direitos de prosperidade como os homens e que a descendência era traçada a partir das mães. Essa hipótese pode ter surgido do costume do Japão antigo de, após o casamento, o homem ir morar com a família da noiva (*muko-tori*). Segundo Yamashiro: “As casas, regra geral, passam às filhas com o falecimento dos pais. [...] Os filhos são criados pela família da mulher. O mater poder supera o pátrio na organização social de então.” (Yamashiro, 1997, p. 86.) O que, provavelmente, propiciava a permanência e o aumento dos bens familiares.

³ Os monges tinham 250 preceitos; as mulheres, 348 ou, de acordo com algumas fontes, 500.

⁴ Um dos oito tipos de seres não-humanos. Em alguns sutras são descritos como demônios que atormentam e atacam os seres humanos.

Embora não haja provas, alguns pesquisadores acreditam que o Japão era um matriarcado, com mulheres mantendo considerável poder. Havia diferenças agudas com o patriarcado chinês e, com isso, probabilidade de o contato inspirar considerável mudança. (Stearns, 2007, p. 92.)

Apesar disso, o período Nara (710–794) ficou conhecido na história do Japão como a “era das imperatrizes”, pelo grande número de mulheres que governaram criando um período de paz e de tranquilidade. Em seus 84 anos, cerca de trinta anos ficaram sob o governo das imperatrizes.⁵ Entre elas, a imperatriz Komyo, devota do budismo, além de realizar várias obras de caridade, contribuiu para a construção do templo Todai-ji, conhecido pela gigantesca imagem de Buda (Kihihara, s.d.2; Yamashiro, 1997).

Na antiguidade é frequente a subida de mulheres ao trono. De 593 a 765 contam-se seis soberanas, que receberam igualmente o tratamento de *tennô*, como no caso de imperadores. Depois, somente cerca de um milênio após, em 1629 e 1763, o Japão tem mulheres no trono de *tennô*. (Yamashiro, 1997, p. 38.)

Na era Heian (794–1185), caracterizada pelo afastamento das culturas chinesa e coreana e pelo esplendor cultural propriamente japonês, as mulheres se destacaram na literatura com poesias, como *História de Genji*,⁶ romance que retrata a vida da aristocracia de forma realística, escrito por Murasaki Shikibu; e *Makura no Shoshi* (Crônica de Travesseiro), de Sei Shonagon,⁷ contemporânea de Shikibu, que trata da vida refinada e escandalosa da aristocracia japonesa, e o *Diário de Kagero Nikki* e *Confissões da Senhora Nijo*,⁸ esta com inspiração budista.

⁵ Genmei (707–715), Gensho (715–724) e Koken (749–758), que mais tarde assumiu novamente o poder com o nome de Shotoku (764–770).

⁶ Escrito por volta do ano 1010, é considerado o primeiro romance da literatura japonesa e uma das obras mais importantes do Japão, foi traduzida para vários idiomas e retratada no cinema e no teatro.

⁷ Sei Shonagon foi o nome concedido quando ela passou a trabalhar na corte como *nyobo*, uma espécie de dama de companhia da imperatriz, com aposento próprio. Embora conhecida por seu talento e inteligência, não se sabe o seu verdadeiro nome, o que é comum entre as mulheres dessa época. Mesmo a sua grande rival Murasaki Shikibu, ou mesmo a poetisa Izumi Shikibu, que viveram na mesma época, são conhecidas apenas pela posição social que ocuparam na corte. As mulheres que se destacaram nessa época e que não trabalhavam na corte são conhecidas associadas a seus filhos ou seu pai, como, por exemplo: “Mãe de Fujiwara-no-Michitsuna”, autora de *Kagero nikki* (Diário da vida efêmera), escrito em 974, ou “Filha de Sugawara-no-akasue”, autora de *Sarashina nikki* (Diário de Sarashina), escrito em 1060. (Kirihaika, s.d.2)

⁸ São desconhecidas as autoras de *O Diário de Kagero Nikki* e *Confissões da Senhora Nijo*.

A floração literária se deveu também a oportunidades criadas pelo budismo com a criação da escrita japonesa katakana.⁹ (Sakurai, 2007; Yamashiro, 1997.)

Durante o período em questão, o horizonte de estudo dos intelectuais do sexo masculino era limitado aos clássicos – isto é, aos chineses. Todos escreviam em chinês. Entretanto, a ideografia chinesa era por demais inconveniente para a expressão realística e naturalística do pensamento japonês. Assim, os homens de então não possuíam meios literários adequados para expressar naturalmente o seu pensar e sentir. Entretanto, as mulheres dispunham de um método mais livre, ou seja, as letras fonéticas, para escrever de modo mais simples, mas popular. (Hasegawa apud Yamashiro, 1997, p. 83.)

Segundo Hasegawa, na época a cultura não estava restrita a nenhum dos sexos e tanto homens como mulheres da aristocracia tinham liberdade de estudar a literatura e a religião, entre outros assuntos. Os homens se interessavam pelos clássicos chineses e indianos e as mulheres, além desses, buscavam a literatura popular, como os *monogatari* (narrativas em prosa e verso) e os *shoshi* (crônicas), e criaram obras que se tornaram clássicas.

Por essa razão, às mulheres competia escrever histórias e diários, registrar acontecimentos contemporâneos, tanto públicos como da vida privada. Essa divisão de trabalho era responsável pelo fato de se limitar às mulheres o *kana*. A diferença entre homens e mulheres foi observada durante dois séculos na formação literária dos escritores e poetas de ambos os sexos, até que a literatura japonesa atingiu plena pujança na *História de Genji*, no século XI. (Hasegawa, 1997, p. 84.)

Yamashiro acrescenta a essas proposições de Hasegawa a existência de elevada posição social ocupada pelas mulheres da aristocracia na vida pública do país, uma vez que os aristocratas mais influentes se empenhavam em casar suas filhas com um *tenno* (imperador), indício de que elas recebiam educação refinada à altura da posição em que os pais objetivavam colocá-las.

Mesmo com o budismo japonês fornecendo oportunidades espirituais e organizacionais para algumas mulheres (Stearns, 2007) ao realçar sua capacidade para a iluminação, e dando às monjas o *status* dos monges, começou

⁹ Junto com o hiragana, forma o *kana*, uma simplificação do Kanji desenvolvida pelo monge budista Kukai, o Kobo Daishi.

nesse período um processo gradativo de desvalorização da mulher. Consideradas “impuras”, pouco a pouco elas perderam espaço nas comunidades, a ponto de ser proibidas de frequentar os locais sagrados. Esse processo culminou com a perda de sua posição nas escolas budistas.

Apesar de, com o tempo, a ordem feminina desaparecer da comunidade budista, as mulheres da aristocracia japonesa iniciaram um processo de renúncia ao mundo secular, tornando-se monjas leigas.¹⁰ Mesmo com as limitações que a sociedade lhes impunha, algumas asseguraram relativa autonomia no Japão medieval, assumindo responsabilidades em questões familiares e herdando o direito a propriedades, e outras ficaram conhecidas por fazer doações a templos.

O clero budista foi ativo em levar a religião para as mulheres, ainda que, contraditoriamente, alguns santuários budistas temessem que as mulheres pudessem trazer a profanação. [...] Em raras ocasiões, as mulheres alcançaram alta posição no budismo, chegando a mestres na escola japonesa zen de religião [*sic*] e dirigindo redes de mosteiros. (Yamashiro, 1997, p. 93.)

A era Kamakura (885–1333), governada pelos samurais, caracterizou-se pelo aparecimento e busca de novas escolas religiosas, levando o budismo até o povo. Consequentemente, as mulheres também passaram a ser alvo de conversão por algumas correntes budistas, embora houvesse santuários temerosos de que elas os profanassem. Mesmo sendo o clero ativo no propósito de levar o budismo às mulheres – a ponto de, no século XIII, Mugai Nyodai (1223–1298) dirigir mais de quinze templos e mosteiros Zen e suceder o monge budista que a orientou, uma exceção na história –, no princípio o budismo japonês não foi tão aberto para as mulheres. (Stearns, 2007, p. 93.)

As versões japonesas do budismo ofereciam oportunidades espirituais e sociais para algumas mulheres. Certos líderes budistas destacavam a iluminação pessoal, exaltando a capacidade das mulheres quanto a isso e determinando que elas também tivessem “oportunidade de salvação”. (Stearns, 2007, p. 86.)

¹⁰ Monja leiga: seguidora do budismo que tem a cabeça raspada como uma monja, mas continua a viver como uma pessoa leiga da sociedade. Isso ocorria principalmente com a morte do marido.

No século XI, o *Joel Shikimoku* (Código Joel),¹¹ composto de 51 artigos reguladores das repartições do *bakufu* (sede do governo militar) e dos tribunais, permitiu às mulheres ocuparem posição de vassalo do *bakufu* e herdarem feudos. Apesar de diferir da legislação chinesa, esse Código carregava elementos da cultura popular antiga, dando poder ao chefe da família e diminuindo a posição social da mulher. Isso se agravou no período Tokugawa (1603–1867), com a difusão do confucionismo. Um exemplo foi o livro *Onna-Daigaku* (Grande aprendizado para as mulheres), escrito por Kaibara Ekken (1630–1714) e publicado em 1716, que, com base na ética confuciana implantada no período para oprimir as mulheres, influenciou profundamente a sociedade japonesa sobre a posição social feminina.

A partir da era Muromachi (1333–1573) ocorreu a alteração da forma de casamento e, por extensão, do lugar das mulheres na sociedade. Sua posição estava ligada diretamente ao tipo de casamento que realizavam e muitas delas se casavam para criar ou fortalecer laços político-familiares. Por isso, algumas, principalmente as que viveram em época de guerra, fizeram diferença na história japonesa agindo nos bastidores em favor de seus familiares e de seus interesses próprios. Principalmente as monjas leigas, que se tornaram uma espécie de conselheira familiar.

A mudança de *muko-tori* (marido indo morar na casa da noiva) para *yome-iri* (esposa fazendo parte da família do marido) tirou das mãos do pai o controle sobre sua filha após o casamento. Dessa maneira, a divisão dos bens para a filha deixou de existir, rebaixando cada vez mais a posição socioeconômica da mulher. (Kihihara, s.d.2.)

Em 1873, a instituição das leis de Diretrizes do Sistema Educacional, que obrigaram todos os japoneses, independentemente da condição social ou do sexo, a receber instrução, permitiu a educação escolar às mulheres, possibilitando-lhes

¹¹ Um dos mais importantes códigos de lei, promulgado pelo shogunato de Kamakura para ser aplicado aos vassalos em 1232. Possui 51 artigos e, com adaptações para corresponder à época, permaneceu até 1868. (Cf. Frédéric, 2008, p. 347.)

a ascensão social e maior participação na sociedade, especificamente na área urbana.

“Nenhuma comunidade, nenhuma família terá analfabeto”, declara o preâmbulo do decreto que institui o sistema educacional obrigatório. Colégios e faculdades femininos atendem à educação de nível médio e superior da mulher. Esta, porém, continua a ocupar situação social inferior em relação ao homem. (Yamashiro, 1997, p. 231.)

Isso proporcionou o surgimento das precursoras do movimento feminista, como Hideko Fukuda (1865–1927), Raisho Hiratsuka (1886–1971) e Noe Ito (1895–1923). Logicamente, não era esse o interesse do Estado. A justificativa para a educação feminina era que as “mães deveriam ser educadas para poderem criar adequadamente os ‘filhos da nação’, ajudá-los nas lições e no aprendizado das virtudes patrióticas”. (Sakurai, 2007, p. 142.)

Com a industrialização e o serviço militar, que levaram os homens para longe de casa, o papel atribuído às mulheres tornou-se mais importante, o que desagradou a alguns, pois consideravam que se estava dando “abertura para as meninas”, reforçando a diferença de gênero e adicionando prendas domésticas no currículo escolar das meninas. Segundo Célia Sakurai, na escola o imperador era venerado e ética, virtude, moralidade, poupança e patriotismo eram temas conhecidos das estudantes. Um livro didático de 1930 ensinava que para servir a pátria era preciso ter disciplina diária, colaborar com a ordem na família e ser responsável no trabalho.

A educação secundária e universitária era mais voltada para os rapazes, dando, nessa época [1900], pouquíssimas chances às moças. Para as meninas enfatizava-se uma educação que as tornassem boas esposas e mães sábias. Essa educação prevaleceu até mesmo para as japonesas de classe alta e nas escolas superiores, quando as oportunidades femininas se expandiam para além do estudo primário. (Sakurai, 2007, p. 145.)

A elevação cultural das mulheres fez com que conquistassem, mesmo que de forma restrita, novas oportunidades de trabalho. Em consequência, o relacionamento com os homens foi afetado, configurando uma pressão sobre elas,

a quem ensinavam ser o casamento crucial em sua vida tanto como forma de sobrevivência como de servir à pátria. Nos anos da era Meiji as mulheres foram incentivadas a gerar filhos para o progresso da nação que se formava e, até o fim da Segunda Guerra, como contribuição às Forças Armadas. (Sakurai, 2008, p. 308.)

Também no ideograma japonês se vê essa simbologia do papel feminino. A palavra “nora” é composta pelos ideogramas “mulher” (女) e “casa” (家) = (女家 – *yone*) e “sogra”, pelos ideogramas “casa” (家) e “velho” (古) = (家古 – *shutome*). (Sakurai, 2008, p. 308.) Para Sakurai, “a máxima popular da ‘boa esposa e mãe sábia’ norteava de forma integral a vida das mulheres nos domínios da casa. A autoridade familiar, por outro lado, era do marido, o responsável pela vida fora de casa” (p. 306).

Analisando a vida privada japonesa após a Segunda Guerra Mundial, quando em 1947 os países vencedores apresentaram o artigo da Constituição que dava total igualdade a homens e mulheres perante a Lei, Sakurai questiona: “As mulheres japonesas se sentiam de fato submissas diante do marido e das normas numa sociedade que, até então, tinha como código de referência a obediência aos inúmeros segmentos hierárquicos?”

Num momento em que a segunda onda do movimento feminista ainda não tinha se manifestado, era confortável para as sociedades ocidentais verificar que, do outro lado do mundo, no país derrotado por eles, as mulheres eram completamente submissas e sufocadas pelos homens. [...] Como se os norte-americanos tivessem libertado as mulheres japonesas de séculos de opressão! (Sakurai, 2008, p. 305.)

Esse questionamento se dá devido ao fato de que também as mulheres dos países ocidentais ainda se submetiam ao mando masculino.

A posição em que a sociedade colocou a mulher influenciou diretamente a sua participação nas comunidades budistas, bem como na formação de comunidades de mulheres. A inferioridade a que a mulher foi submetida, inclusive por motivos fisiológicos, com o transcorrer do tempo serviu para justificar o sexismo no budismo.

Com o surgimento das novas religiões budistas (*Shin-shukyo*) no Japão moderno, muitas mulheres fundaram religiões e são elas a maioria dos integrantes. Em levantamento feito por Pereira¹² das doze novas religiões budistas surgidas entre 1802 e 1978, três foram fundadas por mulheres. Para o pesquisador, o fenômeno da liderança carismática das mulheres é merecedor de atenção “num lugar onde é notória a coexistência (por vezes em oposição, por vezes complementar) de uma alta valorização sócio-histórico-simbólica da mulher e de ideologias com orientação machista”. (Pereira, 1992, p. 4.)

Com o que expusemos até agora, no capítulo seguinte buscaremos entender o papel das mulheres no Budismo Nitiren e na Soka Gakkai.

¹² O trabalho de Ronan Alves Pereira abrange o budismo, o xintoísmo e outros movimentos.

CAPÍTULO I

O BUDISMO NITIREN, A SOKA GAKKAI E AS MULHERES

O Budismo de Nitiren surgiu no Japão num período de efervescência religiosa, em meio a um fenômeno que ficou conhecido como “Novo Budismo de Kamakura”. Iniciamos este capítulo descrevendo resumidamente três períodos da história japonesa que marcaram o desenvolvimento do budismo, para depois apresentar a história de vida de Nitiren, a fundação de seu budismo e a criação da comunidade de mulheres. Em seguida apresentamos a organização Soka Gakkai, com foco na filosofia do valor de Tsunessaburo Makiguti, seu fundador, e na filosofia da vida de Jossei Toda. Na continuação historia-se em linhas gerais a expansão mundial da Soka Gakkai sob a liderança de Daisaku Ikeda. Esses dados servirão de pano de fundo para expor os motivos pelos quais se formou a comunidade de mulheres na Soka Gakkai.

I.1 O BUDISMO NO JAPÃO

Três etapas da história do Japão marcaram o desenvolvimento do budismo: o período Asuka (593–710), o Heian (794–1185) e o Kamakura (1185–1333).

Em meados do século VI, o budismo foi introduzido no Japão, vindo da Coreia, por monges chineses. Com o tempo consolidou-se nas classes mais altas e o governo incentivou o seu desenvolvimento fundando templos, recebendo clérigos da China e da Coreia e enviando reverendos japoneses para estudar na China. A cidade de Nara, capital do Japão de 710 a 784, ficou famosa pelos seus vários e imponentes templos e pela gigantesca estátua de bronze do Buda Daibutsu Nyorai (Vairochana) erigida pelo governo em 749.

O período Asuka é considerado uma das eras mais importantes da história do Japão. Nele floresceram obras de arte búdicas de relevante valor artístico, como os templos com imagens de Buda consideradas hoje obras de arte – é o

caso, por exemplo, do templo Horyu-ji, concluído em 607)¹ –, e a nação passou a nortear-se pelas doutrinas confuciana e budista.

A fonte do ensinamento budista para os japoneses era a China, inicialmente intermediada por monges coreanos. Sempre houve pouco interesse na sua origem indiana, diferentemente do que aconteceu no Tibete e em certos países do Sudeste Asiático. (Pereira, s.d., p. 6.)

O budismo levado para o Japão, embora fundamentado no pensamento Mahayana, possuía doutrinas de difícil compreensão e regras complexas de disciplina monásticas. A aristocracia protegia as religiões por acreditar que elas lhe garantiriam a segurança e o bem-estar, assim como ao Estado. No entanto, para a camada popular, tirando a beleza das construções e das imagens, havia pouco no budismo que a atraísse. Segundo Pereira, a popularização do budismo, que demorou vários séculos, envolveu sua “japonização”, principalmente através de sincretismos com o xintoísmo e as crenças populares. (Pereira, s.d., p. 3.)

No período Heian (794–1185), as escolas Tendai² e Verdadeira Palavra³ desfrutavam o apoio do governo, mas preferiram estabelecer suas sedes em retiros no alto das montanhas, tendo ambos os mosteiros desempenhado um papel fundamental nos séculos posteriores como centros de ensino do budismo. O da Tendai serviu de centro de treinamento para muitos dos mais famosos líderes budistas japoneses, incluindo Nitiren. Nos últimos e turbulentos anos desse período, os japoneses acreditavam não existir salvação e que a vida, efêmera, era somente infelicidade. O budismo ensinava que, falecido o Buda Sakyamuni, seus ensinamentos passariam por três períodos de mudança: uma era em que a Lei, ou a doutrina, floresceria (*Shoho*); uma era em que começaria a declinar (*Zoho*), e uma era conhecida como os Últimos Dias da Lei (*Mappo*), quando a doutrina

¹ O templo foi destruído por um incêndio em 670 e reconstruído em 711. Em 1993 o templo Horyu-ji foi considerado Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

² Introduzida no Japão por Saityo (767–822), ou Grande Mestre Dengyo, conhecida como Budismo Tient'ai.

³ Conhecida como Shingon chegou no Japão por intermédio de Kukai (774–835), ou Grande Mestre Kobo. A frase “verdadeira palavra” origina-se do mantra em sânscrito (palavra secreta, fórmula mística) e se acredita tratar-se de palavras pronunciadas pelo Buda Mahavairochana.

decairia até perder o poder de salvação.⁴ Esse cenário social propiciou o fortalecimento da fé no poder salvador do Buda Amida (Buda da Luz Infinita), que vivia num paraíso conhecido por Terra Pura. Como um *bodhisattva*⁵ ele jurou salvar as pessoas que invocassem seu nome e providenciar que, após a morte, renascessem na Terra Pura. Essa prática era muito popular na China, mas só depois do período Heian é que amplamente se difundiu no Japão devido ao entusiasmo que os senhores feudais demonstraram por ela, erigindo magníficos templos com estátuas douradas desse Buda. Ao mesmo tempo, os clérigos lançaram-se em meio às classes populares passando a exercer profunda influência na via espiritual japonesa.

Nos anos finais do período Heian surgiram dois líderes religiosos que estabeleceram uma forma distinta de budismo com devoção ao Buda Amida, conquistando muitos seguidores especialmente na área rural. O primeiro foi Honen (1133–1212), fundador da escola Terra Pura (Jodo). O segundo, Shiran (1173–1262), da escola Verdadeira Terra Pura (Jodo Shin). Ambos receberam treinamento religioso no Monte Hiei.

A popularização e a democratização dos meios de salvação ficaram evidentes na passagem do período Heian para o Kamakura. O primeiro contribuiu com o desenvolvimento de um autêntico budismo japonês e o segundo, com um budismo para o povo (Pereira, s.d.).

No século XII ocorreu um fenômeno novo na história do Japão: um governo militar liderado pelos samurais.⁶ O governo, conhecido como xogunato⁷ de

⁴ Três períodos subsequentes ao falecimento de um buda. No Japão, acreditava-se que os Últimos Dias da Lei haviam começado em 1052.

⁵ Ser de profunda benevolência que aspira à iluminação e conduz práticas altruísticas para atingir seus objetivos. Para isso, retarda sua entrada no nirvana com o propósito de conduzir outros à iluminação.

⁶ No período Heian surgiu uma nova classe de guerreiros-camponeses que passaram a ser conhecidos como samurais ou *bushi* (aquele que serve e segue), que, apoiando os clãs dominantes, pouco a pouco subiram ao poder.

⁷ Shogunato (xogunato): governo militar hereditário *sui generis*, tipicamente nipônico, que caracteriza a época feudal do Japão. São três os shogunatos na história: o de Kamakura (dos Minamoto, logo dominado pelos regentes Hojo), o de Muromachi (dos Ashikaga) e de Edo (dos Tokugawa). (Yamashiro, 1993, p. 71.)

Kamakura (1185–1333), marcou o rompimento com o passado e, ao mesmo tempo, lhe deu continuidade. Durou até a restauração Meiji, ocorrida em 1868.

Nesse período surgiu o Budismo Zen, que basicamente não diferia das outras escolas Mahayana, mas, em contraste com as que enfatizavam o estudo dos sutras e os ensinamentos sagrados ou o poder salvador de um Buda, o Zen estimulava a pessoa a atingir a iluminação da mesma forma que o Buda Sakyamuni, passando horas em meditação na postura lótus. Ao enfatizar a importância da disciplina, do esforço pessoal e da obediência ao mestre, o Zen atraiu os samurais: para atingir a iluminação, eles necessitavam somente de determinação e paciência, o que eram capazes de compreender e realizar facilmente. Yamashiro afirma que “os regentes Tokiyori Hojo e Tokimune Hojo [...] figuram entre os mais entusiastas cultores do Zen. Os templos Zen ainda existentes em Kamakura – Kenchoji e Engakuji – são obras do período de liderança da família Hojo”. (1997, p. 109.)

A popularização do budismo fez surgirem várias seitas que ofereciam a salvação, conhecidas como “Novo Budismo de Kamakura”, amplamente aceitas pelo povo porque pregavam que as pessoas poderiam atingir a iluminação por meio dos próprios esforços. Ao mesmo tempo, essas seitas criticavam as religiões tradicionais, que reagiram buscando fortalecer o apoio da elite dominante, instigando-a a perseguir os novos movimentos.

Os desenvolvimentos de Kamakura marcaram a primeira vez na história japonesa em que o Budismo [sic] capturou a atenção de um amplo contingente de povo comum, e são essas mesmas seitas que hoje afirmam ter a maioria dos templos e adeptos budistas. (Earhart apud Pereira, s.d., p. 7)

O debate doutrinal do Budismo de Kamakura girava em torno da questão de se o adepto conseguiria ou não atingir a iluminação por meio dos próprios esforços, afirma Pereira. As novas religiões formaram uma categoria própria e podem ser divididas em quatro pontos que as caracterizam: 1) Têm forte apelo popular por meio do ensino e da prática simplificados. 2) Constituíram e ainda constituem fonte de muitas religiões que surgiram posteriormente e mantiveram a

tendência de popularização. 3) As seitas de Kamakura e os movimentos dessas derivados são atualmente os maiores do Japão. 4) Estimularam a participação leiga ou deram origem a movimentos de leigos. (Pereira, s.d., p. 8.)

Período de formação das escolas budistas japonesas	
Período histórico	Escola budista estabelecida
Nara (710-794)	Jojitsu, Kusha, Ritsu, Sanron, Hosso, Kegon
Heian (794-1185)	Shingon, Tendai
Kamakura (1185-1333) Muromachi (1333-1568) Momoyama (1568-1600)	Jodo-shu, Rinzai Zen, Soto Zen, (Jodo) Shin-shu, Nitiren
Tokugawa (1600-1868)	Obaku Ken
Meiji (1862-1912) Taisho (1912-1926) Showa (1926-1989)	Reiyukai, Rissho Kosei-kai, Soka Gakkai
Heisei (1989)	Shinnyo-on, Agonshu, Aum Shinrikyo (atualmente denominada Aleph)

Dados extraídos do “Quadro 1 – Sinopse histórica do budismo japonês” (Pereira, s.d, pp. 4-5. (Santos, M.L., 2009)

As escolas Zen, Terra Pura e, posteriormente, Nitiren foram os mais importantes movimentos reformistas budistas da época, presentes até os dias atuais nas raízes de várias das novas religiões japonesas.

I.2 BUDISMO NITIREN

Nitiren viveu no período Kamakura, caracterizado pela efervescência de um budismo popular, podendo ser esse um dos motivos que o levaram a interessar-se em estudá-lo. Oito escolas predominavam: Kusha, Jojitsu, Ritsu, Hosso, Sanron e Kengon, que floresceram no período Nara (710–794); as escolas Tendai e Shingon, que surgiram no período Heian; e as escolas Zen e Nembutsu, que se tornaram populares nesse período.

Segundo Pereira, a centralização das escolas budistas nos rituais tradicionais e a transformação dos bonzos em agentes religiosos, administradores dos templos, contrastam com a doutrina de Nitiren, que incentivou a participação

ativa de leigos. Para ele, esse fato não pode ser menosprezado quando se analisa o processo de modernização do budismo japonês.

I.2.1 A vida de Nitiren

Ao nascer, em 16 de fevereiro de 1222, na vila Kominato, na costa leste da província de Awa, atual Tiba, Nitiren recebeu o nome Zenniti-maro. Filho de uma família de pescadores, aos doze anos foi estudar num templo próximo chamado Seityo-ji, que pertencia à escola Tendai, sob a orientação de Dozembo, sacerdote-chefe local, recebendo instruções não somente sobre as doutrinas da Tendai, mas também sobre as da Verdadeira Palavra e Terra Pura. Deparando com a multiplicidade de escolas budistas e as contradições doutrinárias de acordo com os cânones, acreditava que, dentre os muitos sutras existentes, um devia apresentar a verdade absoluta.

Não somente busco aprender desde a minha infância [...] mas também comecei a orar aos doze anos diante do Grande Bodhisattva Kokuzo para que me tornasse o homem mais sábio de todo o Japão. Existem profundas razões para minha oração; [...] comecei ouvindo as seitas Jodo e Zen, no Monte Koya e em outros templos em Quioto e no interior. Embora tenha estudado as doutrinas de outras seitas, senti dificuldade em esclarecer minhas dúvidas. (Nitiren, 2007, p. 27.)

Aos dezesseis anos, ordenou-se e adotou o nome religioso de Zenshoboren-tyo, conforme a tradição. Algum tempo depois, foi estudar em Kamakura, onde pesquisou os ensinamentos das escolas Terra Pura e Zen. Após três anos, em 1242, partiu para o Monte Hiei, sede da escola Tendai e do budismo em geral, depois foi para o Monte Koya, sede da escola Verdadeira Palavra, e para outros templos importantes da região de Quioto e Nara. Após aproximadamente dez anos de estudos concluiu que o verdadeiro ensino do budismo poderia ser encontrado no

Sutra de Lótus,⁸ considerado por ele a essência da iluminação do Buda Sakyamuni, e que todos os outros sutras conduziam a este.

Em 1253, Nitiren retornou ao templo Seityo e, conforme narra a história, no início da manhã de 28 de abril recitou o *Nam-myoho-rengue-kyo* pela primeira vez, estabelecendo assim a sua escola e mudando o seu nome para Nitiren — *Niti* significa “sol” e *rengue*, “lótus” (Lótus do Sol). No mesmo dia, às 12 horas, expôs sua doutrina no templo na presença de seu mestre e de outros clérigos e aldeões, declarando assim que nenhum ensino anterior ao *Sutra de Lótus* revelava a iluminação do Buda Sakyamuni e que todas as escolas que se baseavam nesses ensinamentos eram desencaminhadoras. Disse também que o *Sutra de Lótus* era supremo e que o *Nam-myoho-rengue-kyo*⁹ era o único ensino capaz de conduzir as pessoas dos Últimos Dias da Lei à iluminação. A reação dos presentes foi de ira e indignação, por acreditarem tratar-se disso de um ataque a suas crenças (Nitiren, 2007).

Para Nitiren, o *Myoho-rengue-kyo* não era somente o título do *Sutra de Lótus* segundo a tradução de Kumarajiva (344–413); era a essência do *Sutra de Lótus*, capaz de conduzir a pessoa à iluminação. Ao recitar o *Nam-myoho-rengue-kyo*, o mortal comum – dominado pela ilusão, imerso em sofrimentos e preso a apegos – ilumina sua vida ao manifestar o estado de Buda,¹⁰ que o faz desprender-se dos apegos, transformar a ilusão em sabedoria e o sofrimento em felicidade.

Myo é simplesmente a misteriosa natureza de nossa vida a cada instante, que a mente não compreende e que não pode ser expressa em palavras. [...] A mente não pode ser considerada algo existente nem inexistente. A vida é de fato uma realidade que transcende tanto as palavras como os conceitos de existência e

⁸ O *Sutra de Lótus*, um sutra Mahayana, considerado o último ensino pregado pelo Buda Sakyamuni, revela a sua iluminação. No Japão, o nome “Sutra de Lótus” frequentemente indica essa tradução de Kumarajiva. Nitiren Daishonin usa constantemente as palavras “Sutra de Lótus” para indicar o *Nam-myoho-rengue-kyo*. (Ikeda, 2002, pp. 8-9)

⁹ Lei suprema ou realidade que permeia todos os fenômenos do universo. Em sânscrito, *Saddharma-pundarika-sutra*, título original do *Sutra de Lótus*, traduzido por Kumarajiva como “Sutra de Lótus da Lei Maravilhosa”.

¹⁰ Para Nitiren, “buda” é uma condição interior de vida que se manifesta com a recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo* diante do *Gohonzon*.

inexistência. [...] No entanto, mostra uma característica de ambas. É a realidade mística do caminho do meio, ou seja, a realidade fundamental. (Nitiren, 2007, p. 33.)



Revista Terceira Civilização, outubro de 2004, edição nº 434, p. 17.

A invocação do *Nam-myoho-renge-kyo* é a essência do Budismo de Nitiren, pois é a “Lei” que abrange todas as demais leis, as matérias e formas de vida existentes no universo.

Myo é o nome dado à natureza mística da vida, e *ho*, as suas manifestações. *Rengue*, que significa flor de lótus, simboliza as maravilhas da Lei Mística. Se compreendermos que nossa própria vida neste momento é *myo*, então também compreendemos que nossa vida em outros momentos é Lei Mística. Essa percepção é a natureza mística de *kyo*, ou sutra. O *Sutra de Lótus* é o rei dos sutras, o caminho direto para a iluminação, pois explica que a entidade de nossa vida, que manifesta tanto o bem como o mal em cada momento, é, na verdade, a entidade da Lei Mística. Se o senhor recitar o *Myoho-renge-kyo* com profunda fé nesse princípio, infalivelmente atingirá o estado de Buda nesta existência. (Nitiren, 2007, p. 33.)

Em seu ensino, Nitiren iguala todas as pessoas numa mesma categoria e prega a salvação para todas, pois têm condições de atingir o estado de Buda na

forma e no ambiente em que vivem. Ele nega o autossacrifício e o isolamento meditativo e instiga as pessoas à prática em meio à realidade diária, acreditando que este mundo é o local para se desfrutar a felicidade.

Estabelecendo-se numa cabana num local chamado Matsubagayatsu, Nitiren iniciou a pregação e denunciou às crenças nas escolas Terra Pura e Zen. Isso despertou a ira não somente dos líderes religiosos dessas escolas, mas das autoridades governamentais que as apoiavam. Sua atitude, que retrata a cultura de sua época, levou-o a ser conhecido na história do Japão como “Buda revolucionário”. Yamashiro afirma que a pregação de Nitiren “caracteriza-se pela masculinidade, violência e pugnacidade” e ele “encarna o espírito guerreiro” o que fez “sua doutrina encontra muitos adeptos entre os samurais de Kanto”. (1997, p. 108.)

Em 1258, Nitiren foi a Jissoji, um templo em Iwamoto, atual Província de Shizuoka, para consultar manuscritos do cânone budista e reunir provas da causa real dos desastres e calamidades — tormentas, enchentes, secas, terremotos, fome e epidemias — que assolavam o Japão desde 1256. Suas conclusões foram registradas no tratado *Rissho Ankoku Ron* (Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação). Além de detalhar os acontecimentos da época, relata o que as escolas budistas e os governantes fizeram para sanar a crise, assim como critica a política utilizada, que considerou ineficaz.

Durante esse tempo, alguns [...] invocam o nome do Buda Amida [...] e outros [...] recitam o sutra que descreve esse Buda da Região Oriental. Alguns [...] reverenciam as maravilhosas palavras desse sutra [*Sutra de Lótus*]. [...] Há aqueles que seguem os ensinamentos esotéricos da escola Verdadeira Palavra [...]. Governantes têm promovido uma política de assistência à população. Apesar de todos esses esforços, eles só se cansam em vão. (Nitiren, 2001a, p. 9.)

Além disso, Nitiren recomenda que os governantes parem de apoiar as escolas budistas Zen e Terra Pura. Ele conclui o tratado dizendo:

O senhor deve reformar rapidamente os dogmas que mantém em seu coração e abraçar o único verdadeiro veículo, a doutrina única [do *Sutra de Lótus*]. Se assim

fizer, o mundo tríplice se tornará a terra do Buda, e como poderia a terra do Buda decair?” (Nitiren, 2001a, p. 60)

A pessoa mais poderosa do país na época era Tokiyori Hojo (1227–1263), um ex-regente do xogunato Kamakura que havia se retirado para Saimyoji, um templo Zen. Em 16 de julho de 1260, Nitiren apresenta a Tokiyori o tratado que atribui a causa das calamidades à calúnia ao correto ensino do budismo e à crença em falsas doutrinas. Além disso, previu invasão estrangeira e rivalidade no interior da corte.

Tenho meditado sozinho sobre esse assunto com indignação em meu coração. [...] Mas os clérigos e monges de hoje são aduladores e desonestos. Eles confundem as pessoas e as desencaminham. O soberano e seus subordinados carecem de compreensão e não conseguem distinguir o certo do errado. (Nitiren, 2001, pp. 11-22).

Pouco mais de um mês após o envio do tratado, a cabana em que Nitiren residia foi atacada por seguidores da Nembutsu, a primeira de uma série de agressões que ficou conhecida como “Perseguição de Matsubagayatsu”. Para os budistas da Soka Gakkai Internacional, o Budismo Nitiren começa e termina com esse tratado.

Tenho ponderado a questão cuidadosamente com os ilimitados recursos de que disponho e pesquisado as escrituras em busca de uma resposta. As pessoas de hoje, todas elas, voltam as costas ao que é certo. Todas, sem exceção, se sujeitam ao mal. É por essa razão que as divindades do bem abandonaram a nação e os sábios foram embora e não retornaram. E em seu lugar vieram os espíritos do mal e os demônios, provocando desastres e calamidade. Não posso deixar de falar disso. Não posso deixar de ficar temeroso. (Nitiren, 2001a, pp. 11-12.)

Devido a sua posição tenaz, Nitiren foi exilado duas vezes nas ilhas de Izu (1261–1263) e Sado (1271–1274) e quase foi decapitado na Perseguição de Tatsunokuti.¹¹

¹¹ O nome da perseguição se refere à localidade em que ela ocorreu.

O momento da decapitação não consumada é considerado um divisor de águas na vida de Nitiren. Relata a história que, quando ele ia ser decapitado, clamou pela proteção dos deuses budistas, surgindo um clarão no céu que cegou e levou a entrar em pânico os soldados que o conduziam, desestimulando-os de seu intento.

Um objeto circular tão brilhante quanto a lua irrompeu no céu da direção Enoshima, cruzando do sudeste para o noroeste, Isso ocorreu pouco antes de clarear, quando ainda estava escuro para distinguir-se o rosto das pessoas; mas o objeto brilhante iluminou todos como o clarão da lua. O carrasco caiu cego no chão. Os soldados entraram em pânico. Alguns saíram correndo, outros pularam de seu cavalo e se ajoelharam no chão, outros se encolheram em sua sela. (Nitiren, 2007, pp, 64-65.)

Assim, até essa ocasião, Nitiren se colocava como Bodhisattva Jogyo, um bodhisattva descrito no *Sutra de Lótus* como líder dos demais. A partir desse fato, conhecido como *Hoshaku Kempon* (deixar o transitório e revelar o verdadeiro), ele se coloca como Buda, emissário do *Sutra de Lótus*, que surge para salvar a humanidade do sofrimento.¹² Nitiren escreveu: “No décimo dia do nono mês do ano passado, entre as horas do rato e do boi [entre 23h e 3h da madrugada], essa pessoa chamada Nitiren foi decapitada. Seu espírito veio para a ilha de Sado” (2005a, p. 168) e “Tatsunokuti, que fica na província de Sagami, foi o local onde Nitiren deu a vida. Pela razão de ter ele morrido lá para proteger o *Sutra de Lótus*, o que esse lugar poderia ser senão a terra do Buda? (2005b, p. 120.)

No fim de sua vida Nitiren foi para o Monte Minobu, seguindo uma tradição que diz que, quando um sábio admoesta por três vezes¹³ uma autoridade e não é levado em consideração, deve retirar-se da localidade.

Estava firmemente determinado que se, após eu ter advertido por três vezes os governantes da nação, eles continuassem ignorando minhas palavras, eu abandonaria a nação. Mantendo essa decisão, deixei Kamakura no décimo segundo dia do quinto mês e vim para o Monte Minobu. (Nitiren, 1999c, p. 776.)
Três meses após o seu retiro, os mongóis iniciam o ataque ao Japão.¹⁴

¹² Algumas escolas consideram que Nitiren é o *bodhisattva* Jogyo, líder dos *bodhisattva*, descrito no *Sutra de Lótus*, e Sakymuni é o único Buda.

¹³ Além do *Rissho Angaku Hon*, Nitiren havia enviado onze cartas para onze autoridades governamentais.

Desde que ouvi que o grande império mongol invadiu esse país, penso lamentavelmente como teria sido se eles tivessem ouvido o que eu, Nitiren, adverti. Não posso conter minhas lágrimas ao imaginar o destino do povo japonês, que será o mesmo de Iki e Tsushima, totalmente destruído. (Nitiren, 2007, p. 88.)

Em carta a um discípulo, Nitiren expressa extremo desapontamento pelo fato de suas advertências — referentes a tragédias, conflitos internos e invasão estrangeira — terem sido ignoradas; estava convicto de que, se consideradas, a nação teria sido poupada de tanto sofrimento.

Já expressei minha opinião sobre isso, mas não foi aceita. Se se tentar tratar uma doença sem conhecer sua causa, isso vai piorar a condição do enfermo. Da mesma maneira, se for permitido aos reverendos da Verdadeira Palavra derrotarem os mongóis com suas orações e maldições, eles somente causarão a derrota militar da nação. Deve-se proibir terminantemente que os reverendos da Verdadeira Palavra ou os de quaisquer outras escolas ofereçam suas orações. (Nitiren, 1999c, p. 774.)

Em 1279, um outro fator muda a vida de Nitiren. Vinte camponeses da província de Atsuhara são detidos e três deles decapitados por seguirem seus ensinamentos. Jinshiro, Yagoro e Yarokuro são considerados os “Três Mártires de Atsuhara”. Ao saber das execuções, Nitiren escreveu: “É extraordinário que eles tenham recitado o *Nam-myoho-rengue-kyo* no momento da execução”. (Nitiren, 2007, p. 95). Motivado por esse acontecimento, Nitiren escreve o *Dai-Gohonzon*,¹⁵ considerado a materialização do propósito de sua existência.

O Buda [Sakyamuni] cumpriu o propósito de seu advento em pouco mais de quarenta anos; o Grande Mestre Tient'ai levou aproximadamente trinta anos, e o Grande Mestre Dengyo, cerca de vinte anos. Tenho falado constantemente das indescritíveis perseguições que eles enfrentaram durante esses anos. Levei 27 anos e todos os senhores sabem muito bem das grandes perseguições que sofri nesse período. (Nitiren, 1999d, p. 996.)

¹⁴ Em 1268, o governante mongol Khublai Khan mandou o primeiro de uma série de emissários ao Japão exigindo que o reconhecessem como líder. As negociações fizeram com que os mongóis tentassem invadir o Japão duas vezes, em 1274 e 1281, e fracassaram. Em 1299, os mongóis assinaram um acordo de paz com o Japão.

¹⁵ Literalmente, “grande mandala”, para diferenciar dos mandalas existentes na época e dos outorgados individualmente a alguns de seus discípulos.

Em 1281, Nitiren, com a saúde abalada e renunciando a própria morte – que ocorreu em 13 de outubro de 1282, aos 60 anos –, nomeou seis bonzos seniores, Nissho, Nitiro, Nikko, Niko, Nityo e Nitiji, e em 13 de outubro redigiu o “Documento de Transferência a Minobu-san”,¹⁶ que diz:

Transfiro os ensinamentos de cinquenta anos do Buda Sakyamuni a Byakuren Ajari Nikko, que deverá se tornar o sumo prelado do Templo Minobu-san Kuon. Os bonzos e seguidores leigos que desconsiderarem esta declaração serão tidos por caluniadores da Lei. (Nitiren, 2007, p. 108.)

Para algumas escolas, somente Nikko continuou o intento de Nitiren e os demais se afastaram do pensamento do Buda, transgredindo seus ensinamentos. Por isso, em 1289, proclamando que o monte Minobu era um local de heresia, Nikko partiu do Templo Kuon levando o *Dai-Gohonzon*, as cartas, os tratados e as cinzas de Nitiren e passando a residir no Templo Dai-bo, no distrito de Fuji. Esse templo foi construído em terras doadas por um discípulo de Nitiren, para corresponder ao desejo do Buda de que o santuário do seu budismo fosse construído no sopé do Monte Fuji. Dessa forma foi fundada a escola Fuji (em referência a sua localização), que mais tarde ficou conhecida como Nitiren Shoshu.

I.2.2 Escola Fuji

A separação dos cinco bonzos seniores foi a primeira divisão da escola Nitiren e, da mesma forma que todas as correntes religiosas, posteriormente essa também se ramificou, dando origem a várias outras. Hoje constam 38 escolas Nitiren no Japão (Pereira, 2001, p. 38). No Brasil estão algumas delas, como: Soka Gakkai, Nitiren Shu, Nitiren Shoshu, Reiyukai e Hommon Butsuryushu.

Em 1943, o governo militar japonês buscou unificar as religiões sob o talismã xintoísta de Amaterasu (Deusa do Sol Nascente)¹⁷, objetivando vencer a

¹⁶ Algumas escolas Nitiren não o reconhecem como legítimo.

¹⁷ Amaterasu, deusa *shinto* do sol, é a ancestral mítica da família real do Japão. Seu nome completo é Amaterasu-o-mi-kami, que significa "Gloriosa Deusa que Brilha no Céu". O sol nascente é o símbolo de Amaterasu que aparece na bandeira nacional japonesa e o povo a saúda todas as manhãs com orações e

guerra. Na Nitiren Shoshu surgiu um grupo de reverendos propensos à unificação com a religião Nitiren-shu.

Nessa época, o Departamento de Religiões do Ministério da Educação estava sendo bitolado [sic] e manobrado pela Sociedade [sic] chamada “Suigyokai”, formada pelos poderes militares e pelo grupo de bonzos partidários do militarismo que estava aderindo à Seita Minobu. (Toda, apud Ikeda, 1975, p. 54.)

Com a derrota na guerra, foi promulgada em 1951 a Lei da Associação Religiosa, o que provocou o surgimento de inúmeros e diversificados tipos de religião.

Nessa época, devido a problemas financeiros que o Templo Taisekiji da Nitiren Shoshu atravessava, cogitou-se torná-lo um lugar turístico. Para evitar isso, os integrantes da Soka Gakkai, sob a liderança de Jossei Toda (1900-1958), na época segundo presidente da Soka Gakkai, passaram a fazer peregrinação ao Taisekiji e, conseqüentemente, doações que o levaram a prosperar.

Em 1972, com a doação de mais de 7 milhões e meio de integrantes da Soka Gakkai, liderados pelo terceiro presidente Daisaku Ikeda (1928), foi construído o Sho Hondo (salão de preleção), em que se consagrou o *Dai-Gohonzon*.

Com o cisma entre a Soka Gakkai e a Nitiren Shoshu em 1990 (de que se tratará no próximo capítulo), os membros da Soka Gakkai foram impedidos de frequentar o templo central e Daisaku Ikeda deixou de ser representante dos adeptos no conselho do templo. Em 2004, o então sumo prelado da Nitiren Shoshu, Nikken Abe, retirou o *Dai-Gohonzon* do Taiseki-ji e, sob protesto dos integrantes da Soka Gakkai, destruiu o Sho Hondo, construindo outro salão de preleção em seu lugar.

Hoje, a Nitiren Shoshu é oficialmente separada da Soka Gakkai, centralizando o seu sacerdócio no 68º sumo prelado, Nitinyo Shonin. A Soka

palmas. Ela é homenageada no dia 17 de julho com procissões de rua por todo o país. Também é celebrada no dia 21 de dezembro, no solstício de inverno, pelo nascimento da luz, quando saiu da caverna e restituiu o calor e a luz ao mundo (ABCJ).

Gakkai continua a propagar os ensinamentos de Nitiren sob a bandeira do movimento paz, cultura e educação.

I.2.3 A fundação da Soka Gakkai e o legado de Makiguti

A Soka Kyoiku Gakkai (Sociedade Educacional de Criação de Valores) é uma organização formada por leigos praticantes do Budismo Nitiren fundada em 1930 pelo educador Tsunessaburo Makiguti (1871–1944), objetivando desenvolver “pessoas de valores” por meio de uma educação humanística. Makiguti havia se convertido ao Budismo Nitiren por intermédio da escola Nitiren Shoshu, dois anos antes, em 1928, e aos poucos seus ideais educacionais se mesclaram com a visão budista. Assim, as pessoas começaram a se reunir em torno dele. Quando as atividades da Soka Kyoiku Gakkai (SKG) foram oficializadas, em 1937, possuía mais de sessenta integrantes.

Os fundadores das novas religiões japonesas geralmente se autoproclamam salvadores, profetas ou “divindades vivas” (*ikigami* ou *ikibotoke*). Entretanto, Makiguchi nem criou um movimento novo a partir dos ensinamentos de Nichiren, nem se atribuía o carisma e a aura divina dos fundadores. A própria data de fundação da Gakkai não celebra uma inspiração ou revelação recebida por seu fundador, mas tão-somente o dia do lançamento do primeiro volume da obra *Sôka Kyôikugaku Taikei* [...]. Seu fundador a concebia como uma organização de leigos budistas com o duplo propósito de contribuir para a reforma do sistema educacional japonês e para a divulgação dos ensinamentos da Nichiren Shôshû, uma religião budista tradicional quase insignificante em termos numéricos entre as várias seitas Nichiren. (Pereira, 2001, p. 103.)

Tsunessaburo Makiguti viveu no período Meiji, em que o Japão passou por grandes transformações em direção à modernidade. Nesse período foi instituído o ensino obrigatório a todas as crianças a partir de seis anos de idade e em 1886 se divulgou o *Kyoiku Chokugo* (Decreto Imperial sobre Educação)¹⁸, que, fixado ao

¹⁸ Assinado em 1890 pelo imperador Meiji, esse decreto, fundamentado na moral confuciana, enfocava a virtude de lealdade, devoção filial e dedicação ao Estado. Foi abolido em 1948.

lado da foto do imperador, passou a ser lido em todas as escolas até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Quando Makiguti iniciou sua carreira acadêmica, o destino do Japão e a finalidade e papel social da educação estavam divididos entre os tradicionalistas e confucionistas e os progressistas. De acordo com os primeiros, a educação deveria formar “bons súditos”; os demais defendiam que, para o bem do futuro do país, a escola deveria formar cidadãos de mente livre. Esse embate foi vencido pelos tradicionalistas defensores do nacionalismo e militarismo (Bullough, 1994, p. 16). Opondo-se aos tradicionalistas e preocupado com o rumo da educação japonesa, Makiguti desenvolveu um sistema educacional que denominou “criação de valor” (*soka*).

Na teoria de Tsunessaburo Makiguti, a essência da natureza humana é a “criação de valor”, pois o ser humano é criativo por natureza. A essência da criatividade do ser humano será vivenciada em seu comportamento se o seu potencial não for reprimido ou destruído. Para Makiguti, “o ser humano não pode criar matéria; no entanto, pode criar valor”¹⁹, e, ao elogiarmos uma pessoa por sua “força de caráter”, estamos reconhecendo nela a suprema capacidade de criar valor. No entanto, diz Makiguti, a questão fundamental é saber para que fim ou interesse a criatividade humana está sendo direcionada. “Criação de valor” para ele significa educar adequadamente as pessoas para que utilizem a criatividade na melhoria da própria vida e em benefício de sua comunidade.

No pensamento de Makiguti, uma pessoa plenamente ativa, feliz e realizada tem sua existência centrada na criação de valores, o que intensifica ao máximo a vida pessoal e a rede de relações de interdependência que constitui a vida comunitária do indivíduo. A educação criadora de valores é aquela que orienta para esse fim. (Makiguti, 1994, p. 23).

¹⁹ Makiguti rejeita o modelo clássico de valores (verdade, bem e beleza) e apresenta a sua classificação de bem, benefício e beleza como elementos constituintes do valor: 1) bem: valor social ligado à existência grupal coletiva; 2) benefício: valores pessoais ligados à existência individual orientada para si mesma; 3) beleza: valores sensoriais ligados a partes isoladas da existência individual. (Makiguti, 1994, p. 94.)

Makiguti definiu “valor” como a relação do sujeito (vida humana) com o objeto (relações cotidianas). O objetivo da vida humana é adquirir e criar valor (bem, benefício e beleza). Para que uma pessoa consiga ter uma vida de valores elevados, precisa desenvolver ao máximo a própria energia vital para não cair numa vida de desvalor. Valores elevados existem numa vida de máximo bem que conduz à felicidade individual e coletiva. Do contrário, uma vida de desvalor cria a infelicidade de si e de outros. Segundo Ikeda, o principal objetivo da educação para a criação de valor desde seu início foi “ajudar cada indivíduo a desenvolver a capacidade de conquistar a sua felicidade pessoal”.(Ikeda, 2004, p. 136.)

Pesquisadores chamam a atenção para a necessidade de não confundir a posição de Makiguti com o sistema de valores de orientação individual que se desenvolveu nas culturas ocidentais, em particular na americana. Para Makiguti, “o indivíduo cuja experiência de aprendizagem leva à apreciação e compreensão do eu e à manutenção da rede de inter-relação do eu com a comunidade procurará desenvolver ao máximo o potencial criativo inerente ao eu, para contribuir com valor para a sustentação daquela comunidade e de seus membros” (Makiguti, 1994, pp. 238-239).

Ao formular a sua teoria de valor, ele rejeitou claramente a ideia de que o “sagrado” deve ter um valor separado e independente da vida social, e proclamou a educação como ferramenta de conscientização do ser humano de uma ordem subjacente e o compromisso de um governo pela lei, em vez de pelo homem, que cria esperança no futuro.

Se o valor religioso é concebido como refúgio sagrado último onde as pessoas são salvas ou libertadas dos sofrimentos da condição humana, não ocupa então, em essência, um lugar na sociedade que corresponde ao valor moral segundo a nossa concepção? Ou, do ponto de vista do indivíduo, um valor de benefício? Além de salvar as pessoas e o mundo, a religião tem algum significado no contexto da sociedade? Não é a salvação ou libertação dos indivíduos um benefício individual, e a do mundo um bem moral? Chamando-se isso de valor divino, ou estado de graça, as palavras expressam a mesma ideia. (Makiguti, 1994, p. 102.)

Enquanto colhia material para a publicação do primeiro volume do livro sobre o seu sistema pedagógico, Makiguti estudou o *Sutra de Lótus* e isso o fez repensar o conceito de religião. Seus pais eram do Budismo Zen e, apesar de ser criado por uma família²⁰ de seguidores de uma escola do *Sutra de Lótus*, ele não possuía crença religiosa. Na juventude, a maioria de seus professores e amigos mais próximos eram cristãos e ele também não se interessou por essa religião. Adulto, morando em Tóquio, as amargas experiências²¹ pelas quais passou o levaram à busca espiritual. Estudou o confucionismo, praticou a meditação Zen e o cristianismo, aprendeu métodos de respiração e outros ensinamentos. No entanto, em nenhuma dessas conseguiu encontrar argumentos que superassem ou se harmonizassem com o seu conhecimento científico e filosófico.

Em 1935, Makiguti descreveu a sua visão da compatibilidade da cosmovisão do *Sutra de Lótus* com as suas próprias ideias, assim como a sua própria experiência de mudança interior por meio da prática budista:

Quando encontrei o *Sutra de Lótus*, fiquei espantado ao descobrir que esse ensino em nada contrariava os princípios científicos e filosóficos que constituem a base da vida cotidiana das pessoas, e que diferia fundamentalmente de todas as práticas religiosas e morais que tinha estudado até então. Movido por essa descoberta, vivenciei uma série de fenômenos inexplicáveis em minha vida diária, que coincidiam precisamente com os ensinamentos do *Sutra de Lótus*. Quando finalmente fiz a firme determinação de adotar essa fé, fui capaz de confirmar, na realidade da vida diária, a veracidade das palavras de Nitiren Daishonin: “Quando o céu está claro, tudo é iluminado. Da mesma forma, quando se conhece o *Sutra de Lótus*, compreende-se o significado de todos os assuntos mundanos.” E, com uma alegria que não consigo expressar em palavras, senti minha vida, de quase sessenta anos, completamente revigorada. O sentimento de insegurança, como se estivesse Tateando no escuro, foi totalmente dissipado; a tendência de pensar em abandonar tudo desapareceu; meu senso de propósito na vida ampliou-se e superei todos os meus medos; fui possuído pelo desejo irresistível e ousado de reformular a educação nacional tão rapidamente que era humanamente impossível. (Makiguti, 1935.)

²⁰ Tsunessaburo Makiguti foi registrado como Tyoshiti Watanabe e aos três anos de idade foi abandonado pelo pai e, posteriormente, pela mãe, sendo criado pelos tios, de quem adotou o sobrenome. O nome Makiguti adotou em 1893. Aos catorze ou quinze anos foi morar com outro tio para poder estudar e trabalhar.

²¹ De oito filhos, cinco morreram: em 1924, o segundo filho, Zenji, aos 23 anos; em 1928, o quarto, Tyoshi, aos dezenove; em 1929, o primogênito, aos 31; e em 1932, a filha Kimi, aos 14.

É provável que o capítulo “Meios”²², o segundo do *Sutra de Lótus*, tenha influenciado profundamente Makiguti. Nele constam os “meios habilidosos” que o Buda Sakyamuni utilizou para conduzir as pessoas à iluminação.

“Meios” são um método educacional ou técnica para conduzir as pessoas ao estado de Buda. O espírito do *Sutra de Lótus* é fazer com que o enorme potencial de cada ser humano floresça completamente, e é com esse objetivo que o Buda usa os meios. Os meios são um método para educar as pessoas num sentido mais amplo. (Ikeda, 2004, p. 135.)

Makiguti elaborou um gráfico de seu método educacional em termos de abrir, mostrar, despertar e induzir a entrar, incorporando o método do Buda para conduzir as pessoas à iluminação pelo seu próprio método educacional (Ibid. p. 136).

No capítulo “Meios”, consta:

Os budas, os Honrados pelo Mundo, desejam **abrir** o portal para a sabedoria a todos os seres vivos e permitir-lhes que atinjam a pureza. É por isso que eles aparecem no mundo. Eles desejam **mostrar** às pessoas a sabedoria do Buda e por isso aparecem no mundo. Eles desejam fazer com que os seres vivos **despertem** para a sabedoria do Buda e por isso aparecem no mundo. Eles desejam **persuadir** os seres vivos a **entrarem** [grifo nosso] no caminho da sabedoria do Buda e por isso eles aparecem no mundo. (Ikeda, 2004, p. 133.)

Num artigo intitulado “Hokkekyo no Soka Kyoiku” (O *Sutra de Lótus* e a educação para a criação de valor), Makiguti escreveu:

Minha maior honra e alegria é poder declarar que o âmago da filosofia da educação para a criação de valor encontra-se na essência do *Sutra de Lótus*. Minha convicção é tanta que posso declarar sem equívoco, não apenas para o Japão mas também para o mundo, que nenhuma reforma educacional verdadeira será possível a menos que se baseie no ensino do *Sutra de Lótus*. (Ikeda, 2004, p. 151.)

Inicialmente, Makiguti procurou promover as atividades da Soka Kyoiku Gakkai baseado em suas ideias educacionais de “criação de valor”, que para ele

²² Em sânscrito é *upaya kaushalya*. Upaya significa “aproximar-se” ou “meio de aproximar-se”, e *kaushalya*, “superioridade” ou “habilidade”. O capítulo “Meios” (*Hoben*) que todas as pessoas são budas, ou têm a natureza de Buda, e Sakyamuni busca um meio de fazê-las despertar para isso.

tinha muito em comum com os ensinamentos de Nitiren, e a visão do Buda sobre a reforma social era compatível com a sua forma de pensar. Ele encontrou no Budismo Nitiren os meios pelos quais conseguiria concretizar os ideais que havia buscado por toda a vida. Alguns aspectos desse budismo tinham sido especialmente importantes para ele, incluindo a ênfase no envolvimento social e na transformação da sociedade, pela mudança na forma como os indivíduos conduziam suas vidas.

A princípio Makiguti acreditou na educação como o principal veículo para essa transformação, mas ao longo dos dez anos seguintes à sua conversão ao budismo concluiu que a prática budista era o meio mais eficaz de realizar uma mudança positiva na vida das pessoas.

Por isso, com o tempo, a organização passou a abarcar pessoas de todas as classes sociais e sua finalidade se ampliou para a reforma da sociedade. As atividades centravam-se em reuniões com poucos membros, nas residências deles, denominadas “Reunião para a confirmação experimental da vida do bem maior”, que ficaram conhecidas como “reuniões de palestras”. Periodicamente havia reuniões em grande escala em locais públicos.

Nesse período, a divindade do imperador foi colocada acima de tudo pelas autoridades militares japonesas. No entanto, Makiguti continuou a manifestar a sua fé na essência criadora das pessoas e na sua capacidade de pensar por si próprias – uma perspectiva democrática que se tornou cada vez mais marginalizada quando o Japão ficou sob o controle militar que despojou o povo da liberdade de consciência e da liberdade religiosa.

Com a iminente derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, as autoridades ressuscitaram o mito da deusa Amaterasu (Tensho Daijin, em japonês). Acreditava-se que as tempestades que impediram a invasão mongol, conhecidas como *kamikaze* (vento divino), em 1274 e 1281, eram frutos da intervenção divina. Por isso buscou-se a adoração em massa à deusa, para que interviesse novamente enviando o *kamikaze*, com vistas à vitória na guerra. Assim, em 1943 foi proposta a unificação das religiões Nitiren em torno da deusa.

Cresceram os esforços para controlar o pensamento e a crença da população e Makiguti foi considerado “criminoso ideológico”, ficando sob a vigilância da Polícia Especial japonesa, criada para reprimir a liberdade de expressão. Passou a ser comum a presença da polícia nas reuniões da SKG de que Makiguti participava e, quando criticava o militarismo, ele era interrompido.

Em 1942, a revista *Kati Sozo* (Criação de Valor), da SKG, interrompeu a sua publicação por ordem das autoridades de segurança nacional. Apesar disso, Makiguti escreveu um artigo que foi incluído no relatório da 4ª Convenção da Soka Kyoiku Gakkai, datado de agosto de 1942, denunciando os “crimes da classe governante ignorante da religião”:

Eles acham que a fé religiosa é melhor do que a ausência dela e, uma vez que um indivíduo a possui, não importa que tipo de fé seja. Quantos mais objetos de fé, melhor é, concluem, e arbitrariamente adoram uma miríade de deuses e budas, achando que isso trará algum tipo de estabilidade e paz à sua vida. Por outro lado, insistem em que uma pessoa não deve dar muita importância a qualquer objeto de fé em particular. [...] Eis como as autoridades fazem restritas interpretações do conceito de liberdade religiosa e abusam delas. Declaram que todos devem ter uma profunda fé, mas não em qualquer simples escola ou seita, justificando sua própria ignorância da religião. Esquecem-se do fato de que ocupam um papel importante numa sociedade e não são nem mesmo capazes de guiar seus próprios familiares que estão sofrendo de angústia mental e de confusão como consequência de tais contradições. (Makiguti apud Ikeda, 1995a, p. 3.)

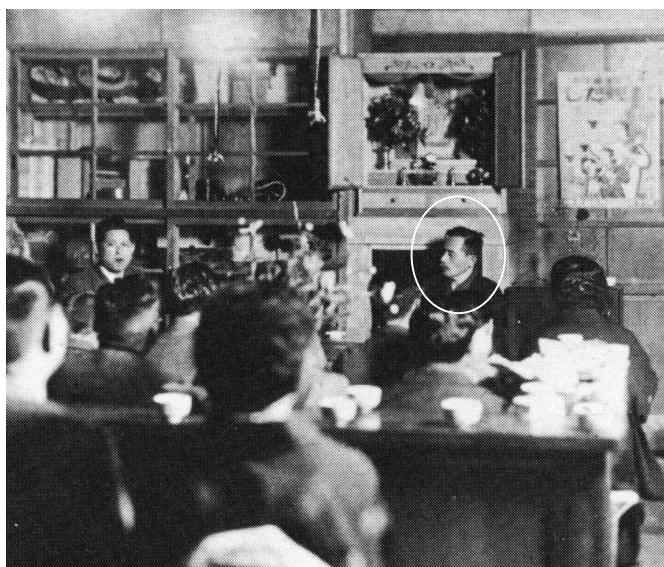


Foto 1 - Makiguti em uma reunião da SGK em Ikebukuro, Tóquio, 1942.

Várias escolas Nitiren passaram a apoiar o militarismo, sendo um desses incentivadores um ex-reverendo da Nitiren-shu, Chigaku Tanaka (1861–1939),²³ proponente do *Nitirensbugi* (Movimento Nitirenista). Apesar de contemporâneo de Tanaka, Makiguti era contra o militarismo. Sua leitura das escrituras era de que, para Nitiren, o Estado deveria servir à verdade e não ao contrário disso (Sato, 2001). Ele se opôs à ideia de dar tratamento especial a um deus ou imperador somente por causa da posição social que ocupavam. Sobre esse ponto, Makiguti escreveu:

À medida que o homem avança no processo de aquisição de conhecimento, os elementos emocionais subjetivos dão lugar a considerações mais racionais. Quanto maior a noção de uma ordem subjacente, mais distante fica a figura carismática. A conscientização esclarece que aquela pessoa a quem reverenciamos é um ser humano comum. Naquele instante, como uma luz forte, o foco da consciência que impulsiona o ser se desloca, das pessoas ligadas à perda e ao ganho individuais, para a ordem natural e as leis sociais, que não favorecem ou discriminam ninguém. (Makiguti, 1994, p. 104.)

Durante a guerra Makiguti foi ainda mais longe ao queimar o amuleto de Kotajingu²⁴ distribuído a cada família, chamando a essa ação "expurgar a difamação ao budismo". Também proibiu os educadores de seu grupo de discussão, a Soka Kyoiku Gakkai, de visitar o santuário xintoísta (Sato, 2001).

Em junho de 1943, os líderes da Gakkai receberam ordens para ir ao Templo Principal [Taisekiji da Nitiren Shoshu]. O reverendo Jikkai Watanabe, em nome da Nitiren Shoshu, sugeriu que os membros da Soka Gakkai recebessem o talismã xintoísta de qualquer forma e que seguissem as normas militares provisoriamente. Essa sugestão foi feita com dois sumos prelados, o atual e o aposentado, como testemunhas. [...] o presidente Makiguti rejeitou resolutamente a ideia de aceitar o talismã xintoísta e deixou o Templo Principal. (Toda, 1951, p. 88.)

²³ Considerado pai do nitirenismo, Chikaku Tanaka fez uma leitura própria e exacerbada do nacionalismo de Nitiren e o misturou ao xintoísmo defendido pelo Estado. Empreendeu uma cruzada para a reforma religiosa e aceitou a figura sagrada do imperador, trabalhando para defender essa ideia. Em 1914, fundou a Kokushu-kai (Pilar da Sociedade Nacional), um grupo nacionalista preocupado com questões morais e espirituais muito influente no Japão de sua época, que repercutiu até hoje (Sato, 2000).

²⁴ Um dos santuários de Ise denominado *naiku* (santuário interno), onde se venera a deusa Amaterasu. Nele é conservado o espelho sagrado.

Makiguti solicitou ao templo central da Nitiren Shoshu aderir ao seu protesto contra a imposição do governo. No entanto, pressionados a aceitar o plano de unificação, os reverendos não atenderam a seu apelo. Eles estavam mais preocupados com a divisão interna provocada por um grupo de bonzos simpáticos à unificação com a Nitiren-shu. Sem o apoio do templo central, o protesto de Makiguti não foi bem-sucedido; ao contrário, ficou isolado e as perseguições se voltaram para a Soka Gakkai.

O que eu lamento não é o fato de uma religião ser arruinada, mas o de que a nossa nação perecerá. Temo que o Buda [Nitiren] esteja certamente triste acerca dessa situação. Não seria esta a época de advertir toda a nação? Não compreendo o que o Templo Principal teme. (Makiguti apud Toda, 1951, p. 88.)

Em 6 de julho de 1943, Makiguti (presidente), Jossei Toda (diretor-geral) e mais dezenove líderes centrais da SKG foram presos, acusados de violar a Lei de Preservação da Paz²⁵. Com exceção de Makiguti e Toda,²⁶ pouco a pouco os líderes foram abandonando a Soka Gakkai em troca da liberdade.

Para Makiguti, o Japão tinha potencial para ser a terra iluminada do Buda, numa dimensão diferente da classe governante. Baseado em suas crenças e não como uma oposição política, ele era contra a noção de um Estado imperial em um contexto internacional. Entretanto, para as autoridades que tentavam fazer do imperador um “deus vivo” visando à unidade nacional, Makiguti apresentou-se como uma ameaça perigosa, uma pessoa que poderia desmontar o mito nacional no seu nível mais fundamental (Sato, 2001).

Segundo as escrituras, Sakyamuni disse: “Obedeçam à lei, não aos homens.” Esse é o maior ensinamento que o budismo tem a oferecer para o progresso da humanidade, pois indica a saída da dependência para a verdadeira liberdade, da obediência à figura de poder carismático para a integração com a ordem universal. (Makiguti, 1994, p. 103.)

²⁵ A Lei de Preservação da Paz de 1925 foi um dos principais instrumentos legais usados para suprimir todas as formas de dissidência. O Estatuto das Organizações Religiosas de 1940 consolidou, sob a liderança xintoísta, todas as organizações religiosas no Japão.

²⁶ Segundo o pesquisador Satoshi Ikeda, Shuhei Yajima também permaneceu resolutamente com a SKG. (Apud Bethel, 1994, p. 100.)

A preocupação das autoridades militares tinha uma razão. Makiguti era bem conhecido no meio acadêmico e social. Além de professor e diretor de ensino fundamental, havia publicado vários artigos sobre geografia em jornais locais e dois livros importantes, *Jinsei Chirigaku* (Geografia da Vida Humana), em 1903, e *Kyodoka Kenkyu* (Estudo do Folclore), em 1912. Participou de um grupo de estudo de tradições populares (*kyodoka*), tema pelo qual tinha grande interesse – com personalidades como o fundador de estudos folclóricos japoneses Kunio Yanagida (1875–1962) –, e de 1910 a 1913 trabalhou para o Ministério da Educação editando textos sobre geografia para livros didáticos. Além disso, algumas influentes personalidades da sociedade japonesa defendiam e apoiavam suas ideias e propostas de reforma educacional. (Bethel, 1994; Sato, 2001.)

Após a publicação do primeiro volume de *Soka Kyoikugaku Taikei* (Teoria educacional criadora de valores), em 1930, Makiguti teve a oportunidade de proferir conferências e apresentar suas ideias em vários locais. Ele esperava ser reconhecido e provocar debates sobre a sua proposta. Seus esforços, no entanto, esbarraram no silêncio. Foi sumariamente ignorado pela elite intelectual, que controlava as questões educacionais da sociedade. (Bethel, 1994, p. 29.)

Segundo Dayle M. Bethel, é provável que a rejeição às ideias de Makiguti pela elite acadêmica se devia ao fato de que ele não tinha formação universitária.

As idéias de Makiguti ainda poderiam ter tido eco, não fosse o concomitante crescimento da militarização do país. [...] algumas pessoas muito respeitadas e influentes da sociedade japonesa tomaram o partido de sua causa [...] como Tsuyoshi Inukai, primeiro-ministro do Japão [...]; Magoichi Tsuwara, ministro do Comércio e Indústria; e Itamu Takagi, professor de medicina da Universidade Imperial de Tóquio [onde Makiguti, em 1931, apresentou sua proposta educacional]. É muito provável que, com esse apoio, suas propostas de mudança radical da educação japonesa tivessem uma certa audiência no devido tempo. (Bethel, 1994, p. 29.)

Segundo Bethel, essa situação modificou-se com a crescente militarização do país e, principalmente, após o assassinato – numa tentativa de golpe de estado por jovens militares –, em 1932, do primeiro-ministro Tsuyoshi Inukai. "No novo regimemilitar não havia lugar para as ideias e convicções representadas por

Makiguti, que, a partir de então, foi afastado da atividade educacional”. (Bethel, 1994, p. 29).

Esses dados nos mostram que a perseguição a Makiguti e, por extensão, à Soka Gakkai foi mais política do que religiosa.

No período que Makiguti passou na prisão, a situação japonesa se agravou e bombardeios a Tóquio e a outras grandes cidades se tornaram diários. Assim, as rações alimentares para civis ficaram cada vez mais escassas e certamente as porções para os presos foram muito reduzidas.

Mais de um ano após a prisão, em 18 de novembro de 1944, Makiguti morreu de desnutrição, aos 73 anos, na enfermaria da Casa de Detenção de Tóquio.

Todo o processo que envolveu a prisão dos líderes da Soka Gakkai é considerado por seus integrantes o momento do *Hoshaku Kempon* (deixar o transitório e revelar o verdadeiro) da Soka Gakkai – uma referência à Perseguição de Tatsunokuti sofrida por Nitiren em 1271. A partir desses fatos, a organização passaria a cumprir o propósito de sua existência, a promoção do *Kossen-rufu*²⁷ com base nos ensinamentos de Nitiren.

I.2.3.1 Reconstrução da Soka Gakkai no pós-guerra

Jossei Toda foi libertado da prisão em junho de 1945 e declarou, ao ver a destruição do Japão: “Quero acabar com a miséria [do coração humano] da face da Terra”. Com essa frase em mente, começou a reconstruir a SKG.²⁸ Como parte dessa reconstrução, em 21 de março de 1946, tirou a palavra “kyoiku” (educacional) do nome da Soka Gakkai (Sociedade de Criação de Valores), visando a desenvolver pessoas de valores humanísticos em todos os campos da

²⁷ Literalmente, *Kossen* significa ensinar a filosofia budista a todas as pessoas, e *rufu*, fazer o budismo ser conhecido e praticado. Na Soka Gakkai normalmente se utiliza o termo como “paz mundial”.

²⁸ No dia seguinte à libertação da prisão, Toda visitou o templo central da Nitiren Shoshu e dialogou com o reverendo Horigomi, que batalhou para defender a Nitiren Shoshu na época da guerra, reatando a ligação das entidades.

sociedade e não somente no campo educacional, e realizou a primeira reunião de líderes com a participação de dez pessoas. Na ocasião, dividindo os membros da Soka Gakkai por sexo e idade, formalizou as divisões e apresentou seus respectivos responsáveis. Nesse mesmo ano retomou a publicação da revista *Kati Sozo* (Criação de valor) em forma de panfleto mimeografado, que, lançadas dezesseis edições, se transformou na revista impressa *Daibyakurengue*.²⁹

Em 8 de janeiro de 1945, um ano e meio após ser preso, disseram-me que o sr. Makiguti havia falecido. Quando retornei à minha cela, não pude conter minhas lágrimas. [...] Enquanto estava sendo interrogado, fui informado de que a maioria de nossos companheiros havia abandonado a prática. Lamentei profundamente a fraca fé deles, mas, ao mesmo tempo, experimentei a alegria da gratidão ao *Dai-Gohonzon* das profundezas de meu coração. Decidi dedicar toda a minha vida ao Buda Original Nitiren Daishonin. (Toda, 1998, p. 16.)

Na prisão, lendo o *Sutra de Lótus*, Toda chegou à compreensão de que “Buda” é “vida”.³⁰ Antes dessa conclusão, caracterizada na Soka Gakkai como momento da “iluminação” de Toda, ele deparou com um trecho do *Sutra Muryogui* (Sutra dos Infinitos Significados), introdutório do *Sutra de Lótus*, contendo 34 negativas, que a princípio lhe foram incompreensíveis.³¹

O *Sutra Muryogui* começa com os seguintes versos:

Seu corpo não existe nem não inexistente,
Não foi causado nem condicionado, nem sou eu nem o outro,
Não é quadrado nem redondo, não é curto nem longo,
Não aparece nem desaparece, não nasceu nem foi extinto,
Não foi criado nem surgiu, não foi produzido nem feito,
Não está sentado nem deitado, não está andando nem está parado,
Não se move nem gira, não é ocioso nem imóvel,
Não avança nem recua, não está em segurança nem em perigo,
Não é certo nem errado, não ganha nem perde,
Não é aquele nem este, não parte nem chega,
Não é azul nem amarelo, não é vermelho nem branco,

²⁹ Revista de estudo mensal da Soka Gakkai que está hoje (maio de 2009) em sua edição de número 712.

³⁰ O fato de, por várias vezes, o *Sutra de Lótus* ter sido levado para Toda na prisão e ele o ter devolvido faz-nos questionar a profundidade de sua compreensão do budismo até então. Provavelmente, o sentimento milenar de mestre e discípulo, ou de *sempai* (veterano) e *shorai* (novato), que é tão caro à cultura japonesa ainda nos dias atuais, foi o maior motivo de ele ter seguido Makiguti até a prisão.

³¹ Segundo consta, o *Sutra de Lótus* lido por Jossei Toda era escrito em chinês clássico sem notas explicativas.

Não é escarlate nem púrpura nem qualquer outro tipo de cor.
(Ikeda, 2007, p. 33; Watson, 2009, p. 7.)

Meditando sobre essas negações, Toda questionou pontos vitais para todo budista: “O que é um Buda?”; “O que significa atingir o estado de Buda?”. E procurou respostas por meio da “sabedoria do Buda” recitando *Nam-myoho-rengue-kyo*. Em determinado momento, após muito meditar, veio-lhe à mente a palavra “vida”. Esse é considerado o momento de seu despertar, de sua iluminação (Ikeda, 2007). Com base na percepção de que “Buda é vida”, ele afirmava que a fé religiosa está intimamente ligada à vida cotidiana, não sendo formada por teorias abstratas e vazias. Para ele, o budismo pulsa na vida daqueles que tomam medidas concretas acreditando no potencial humano, e as pessoas estão habilitadas a se desenvolver por meio da interação com as outras. Essa abordagem está de acordo com o espírito da prática altruística (*keta*)³² e esclarece o significado de propagação – o partilhar ativo e benevolente dos ensinamentos do Budismo Nitiren com os outros.

A lição de Toda quase nunca se referia à “filosofia de valor”. Em vez disso, revelava desde o início a “filosofia da vida”. Era uma grandiosa “filosofia de Shiki-shin-funi”, isto é, “Harmonia da Matéria e do Espírito”. Pregava com entusiasmo a vida nas três existências, citando uma variedade de exemplos, e dedicava todo o esforço em fazer compreender a Eternidade da Vida. (Ikeda, 1987, p. 274.)

A “filosofia da vida” de Toda pregava a unicidade da mente e do corpo (*Shiki-shin-funi*) pelas três existências da vida – passado, presente e futuro, que simbolizam a eternidade da vida num ciclo contínuo de nascimento e morte –, sendo esse o âmago do Budismo Nitiren e o princípio último de sua revelação. Para Toda, a “filosofia de valor” de Makiguti era um sistema lógico que conduzia ao Budismo Nitiren, ou seja, era uma introdução à prática do *Myoho-rengue-kyo*.

Em 3 de maio de 1951, Toda assumiu a segunda presidência da organização. Ao reconstruir a Soka Gakkai, ele desenvolveu uma abordagem inovadora para o budismo, muitas vezes contrastando com as normas das escolas

³² *Jugyo-keta*: duas formas de prática budista, “individual e altruística”.

budistas tradicionais japonesas. Para ele, uma vez que Buda é vida, a fé religiosa e a prática deveriam ser aplicadas diretamente aos problemas reais da vida diária.

No budismo japonês tradicional a tendência é o clero monopolizar as escrituras e questões doutrinárias. Os crentes leigos normalmente assumem um papel passivo, delegando a prática budista, como a recitação dos sutras, para os sacerdotes. Sob a liderança de Toda, a Soka Gakkai buscou ir além da recitação do *Nam-myoho-เร็งue-kyo*, recitando também os principais capítulos do *Sutra de Lótus* – 2º capítulo, “Revelação da Vida Eterna do Buda”, e 16ª capítulo, “Meios”³³ – em um formato padronizado que pode ser praticado por qualquer pessoa (*Gongyo*).

Como resultado, os leigos foram habilitados a realizar cerimônias budistas, que anteriormente eram consideradas exclusivas dos reverendos. Toda também tomou a iniciativa de publicar, em 1951, uma coleção de escritos de Nitiren (*Gosho Zenshu*).³⁴

Naquela época, a Nitiren Shoshu ainda não havia editado uma coletânea completa das escrituras e os membros da Soka Gakkai estudavam o budismo por meio de publicações de outras escolas Nitiren.³⁵ Além disso, Toda promoveu reuniões de estudo e exames para motivar o ensino e desenvolver a fé dos membros com o objetivo de fomentar a compreensão de que “a prática da fé é a própria vida diária”, ou seja, a ligação da prática budista com a vida cotidiana, visando a motivá-los a contribuir para a promoção da mudança social. Na essência do pensamento de Toda estava o conceito de “revolução humana”.

A religião não é um conjunto de conceitos abstratos; a verdadeira religião é algo que pode ser vivido e deve ser demonstrado na vida. Compartilhar os ensinamentos de

³³ No capítulo “Meios” (*Hoben*), Sakyamuni declara que todos os budas surgem unicamente para despertar em todas as pessoas a sabedoria do Buda, ajudá-las a percebê-la e capacitá-las a atingir o estado de Buda. No capítulo “Revelação da Vida Eterna do Buda” (*Juryo*), Sakyamuni expõe sua iluminação original no distante passado. Seu título completo é *Nyorai Juryo*. Juntos, os capítulos são considerados sustentáculos de todo o *Sutra de Lótus*.

³⁴ Publicado em comemoração ao 700º aniversário do estabelecimento do Budismo Nitiren, de acordo com pesquisas desenvolvidas pelo reverendo Hori Nitiro Shonin (1867–1957).

³⁵ Quando Toda propôs que a Nitiren Shoshu publicasse a coletânea, a ideia não foi aceita, mas o templo central autorizou a Soka Gakkai a lançá-la.

Nitiren com outras pessoas e realizar o *Gongyo* todos os dias são meios de aprimorar a nossa vida. [...] É importante fazer de nossas interações com os outros o fundamento de nossa vida. (Toda apud Ikeda, 2003, p. 3.)

Acredita-se que o termo “revolução humana” tenha sido empregado pela primeira vez por um reitor da Universidade de Tóquio, Shigueru Nambara, logo após a Segunda Guerra Mundial. Para Nambara, o mais importante para os japoneses não era a mudança do sistema político, mas a transformação deles próprios, para que pudessem se adaptar e apoiar o regime em vigor. Ao deparar com o conceito, Toda tomou emprestado o termo de Nambara e lhe deu novo significado, dizendo que “revolução humana” tinha o mesmo sentido e objetivo do budismo (Huyghe, 1980, pp. 156-57).

Segundo Toda, “revolução humana” é um processo de transformação pessoal que permite a cada indivíduo alcançar uma vida de felicidade absoluta.³⁶ Graças à interdependência de todos os seres vivos, a “revolução humana” de uma única pessoa afetará positivamente a própria vida e, depois, o destino de toda a humanidade. Conforme escreveu Ikeda, “a grandiosa ‘revolução humana’ de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade” (1987, p. 9).

Toda percebeu que sua determinação e ação poderiam influenciar e transformar a sociedade. Sua firme resolução passou a ser uma fonte de coragem e esperança para muitas pessoas no pós-guerra e o alicerce para o desenvolvimento da Soka Gakkai como uma organização comprometida com as atividades da sociedade. A prática budista estabelecida por ele foi extremamente eficaz e inovadora, contrastando fortemente com a abordagem centrada no clero das escolas tradicionais, que estabelece valores a partir de uma posição destacada do mundo secular. “A revolução humana ocorre a partir do momento

³⁶ Jossei Toda classificava a felicidade em duas categorias, absoluta e relativa. A felicidade absoluta se caracteriza por uma vida elevada que não é influenciada pelos oito ventos (prosperidade, declínio, desgraça, honra, elogio, censura, sofrimento e prazer). A felicidade relativa é a que se manifesta quando satisfazemos um desejo imediato. A prática budista visa a conquistar a felicidade absoluta.

em que uma pessoa passa a visualizar além de seu mundo restrito, rotineiro e comum, e se esforça para realizar algo mais grandioso, profundo e abrangente.” (Ikeda, 2005a, p. 166.)

Assim, as pessoas marginalizadas da sociedade perceberam que na Soka Gakkai poderiam receber o apoio de que necessitavam. Prova disso foi o grande número de conversões realizadas na década de 1950, testemunhadas pela frase com que ela ficou conhecida na época: “uma organização de pobres e doentes”. Algumas pessoas até mesmo se afastaram da Soka Gakkai temendo ser enquadradas nessa categoria pela sociedade. No entanto, Jossei Toda declarou firmemente que o foco principal de uma verdadeira religião deve ser ajudar os pobres e doentes.

Tornar-nos felizes não é nada. Isso é fácil. A essência da fé, no entanto, é ajudar os outros a se tornarem felizes. [...] Morrerei somente após ter realizado tudo o que tenho a fazer. E o que tenho a fazer? Ajudar os pobres, doentes e sofredores. É por essa razão que proclamo em bom tom a validade do Budismo de Daishonin. (Toda apud Ikeda, 2000, p. 3.)

Toda estava convicto de que o Budismo Nitiren é a resposta para o sofrimento da população. Sua resolução fervorosa de transformar a sociedade por meio dessa prática inicialmente acarretou transtornos devido ao proselitismo exarcebado. Nessa época, o conceito *chakubuku* foi aplicado conforme constava nas escrituras, desconsiderando a mudança da época.³⁷ Na exposição das teorias de Nitiren, fazer o *chakubuku* implicava refutar o apego aos “ensinos errôneos” (heréticos), conduzindo a pessoa ao “correto ensino” (*Myoho-rengue-kyo*).

Quando a nação está impregnada de pessoas más e tolas, o *Shoju* deve ser empregado, conforme descrito no capítulo “Práticas Pacíficas”. No entanto, quando surgem pessoas de visão perversa que caluniam a Lei, o *Chakubuku* deve ser empregado, conforme descrito no capítulo “Bodhisattva Jamais Desprezar”. [...] No entanto, nos Últimos Dias da Lei, tanto o *Shoju* como o *Chakubuku* devem ser usados. A razão disso é que existem dois tipos de nações, aquela que é passivamente maléfica e aquela que se empenha ativamente em destruir a Lei.

³⁷ Em contraste com o método de propagação *chakubuku* usa-se o *shoju*, em que as pessoas são conduzidas gradativamente a aceitar a fé, de acordo com suas condições e sem refutar seu apego a ideias diferentes.

Devemos considerar cuidadosamente a que categoria o Japão atual pertence. (Nitiren 4, pp. 214-215.)

Quando alguém resolvia ingressar na Soka Gakkai, tinha de se livrar de todos os artigos relacionados às outras religiões, incluindo as tabuletas com os nomes dos ancestrais familiares, fato que enfurecia os membros da família que não se convertiam. Às vezes, os próprios membros da Soka Gakkai removiam esses artigos de acordo com o desejo do converso. Observando os conflitos em que tal prática resultava, Toda orientou no sentido de que deveriam esperar que os futuros conversos, por si próprios, decidissem remover os objetos relativos a outras religiões antes de receber um *Gohonzon*. No entanto, essa forma de proselitismo inicial contribuiu para criar má reputação da Soka Gakkai entre muitos japoneses, o que posteriormente influenciou a sua propagação no Brasil.

Podemos analisar essa forma de desenvolver as atividades da Soka Gakkai proposta no início por Toda como resultante de sua inexperiência no campo religioso. Antes de ser preso, Jossei Toda era um homem de negócios. Além de professor, possuía várias empresas, que faliram no período em que ficou encarcerado. É provável que ele tenha aplicado seu conhecimento empresarial na estrutura e nas atividades da Soka Gakkai, a exemplo das denominações dos cargos que utilizou.

Em agosto de 1952, Toda registrou a organização como associação leiga religiosa. Nesse mesmo ano, uma desavença do clero da Nitiren Shoshu com líderes da Soka Gakkai resultou no afastamento de Jossei Toda da condição de representante geral dos adeptos no templo central da Nitiren Shoshu, que o proibiu até mesmo de visitar o local.³⁸

Apesar de ser vista com maus olhos pela sociedade como um grupo de pobres e doentes, a Soka Gakkai apoiou em 1956 três candidatos que

³⁸ Um reverendo da Nitiren Shoshu que aderiu à ideia da unificação das religiões e publicou a revista *Sekai no Nichiren* (Nitiren no Mundo) retornou às atividades de clérigo no templo principal Taissekiji, o que revoltou os integrantes da Soka Gakkai, por acreditarem ser esse um dos fatores da perseguição à Soka Gakkai e da prisão de Makiguti, que o levou à morte (Ikeda, s.d., pp. 81-110).

conquistaram cadeiras nas eleições para a Câmara Alta. Isso surpreendeu os políticos da época, que começaram a considerá-la uma ameaça.³⁹

O motivo que levou a Soka Gakkai a lançar candidatos para as eleições foi fundamentado no tratado de Nitiren “Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação”, Sua intenção era assegurar a concretização de um governo que tivesse como base uma filosofia de paz, trazendo assim essa paz ao país e segurança e felicidade às pessoas. Todos os governos devem ter um propósito básico que lhes possibilite criar políticas concretas. Sem uma sólida filosofia, o governo corrompe-se e torna-se preocupado unicamente com interesses mesquinhos (Ikeda, 2000, p. 3).

Rissho significa estabelecer a verdade, isto é, indica a propagação do verdadeiro ensino budista. Em outras palavras, indica o ato de conscientizar as pessoas sobre o significado da vida e o respeito pelos seres humanos, estabelecendo esses fundamentos como princípios básicos da sociedade humana. E seu objetivo é o *Ankoku*, a pacificação da Terra (ou do país), que indica a paz e prosperidade social. (Ikeda, 1994, p. 156.)

A utilização desse tratado para fundamentar o envolvimento político da Soka Gakkai parte da premissa de que o ponto fundamental para Nitiren eram as pessoas, o povo. No *Rissho Angoku Ron*, Nitiren utilizou três ideogramas para expressar a ideia de “nação” ou “país”, os quais possuem uma característica em comum – um quadrado –, e a diferença encontra-se no pictograma ao centro. Das 71 vezes que esse ideograma foi utilizado por Nitiren em sua tese, 56, cerca de 80%, são do tipo *tami* (povo). O que indica a importância que Nitiren dava ao povo quando se referia ao país ou à nação (Ikeda, 1994, pp. 163-64).

³⁹ Em 1955, a Soka Gakkai elegeu um deputado em Tóquio, o mais votado de seu distrito. Em 1959, elegeu quatro deputados distritais. Com o aumento de parlamentares eleitos pela Soka Gakkai, foi criada a Aliança Política Komei (APK) como setor do Departamento de Política da Coordenadoria Cultural da Soka Gakkai. Em 1964, esse departamento foi extinto na Soka Gakkai e criado no Partido Político Komei (Partido do Governo Transparente), desvinculado dela.

Ideogramas utilizados por Nitiren no <i>Rissho Angoku Ron</i>		
口	玉 = <i>gyoku</i> -> rei, realeza	国 = <i>kuni</i> -> país, nação
	民 = <i>tami</i> -> povo	あ = (ideograma criado por Nitiren)
	或 = <i>waku</i> -> limite, fronteira	國 = <i>koku</i> -> país, nação

(Santos, M.L., 2009)

Devido ao contexto político japonês e por ter como base de suas atividades os ensinamentos de Nitiren, a Soka Gakkai se viu na obrigação de enveredar pelo campo político como forma de proteger o povo dos abusos do poder, seguindo o exposto por Nitiren no *Rissho Angoku*.

Essa decisão teve seu preço. Ao entrar no espaço da política, a Soka Gakkai tornou-se um alvo. Em 1957 ocorreu um fato que ficou conhecido como “Incidente de Osaka”, ocasião em que Daisaku Ikeda, então responsável pela secretaria dos jovens, foi preso, acusado de violar a lei eleitoral. Esse assunto voltará a ser tratado logo abaixo.

O Incidente de Osaka foi certamente uma reação do sistema político ao compromisso da Soka Gakkai de promover mudanças nos campos político e governamental. As autoridades queriam evitar a todo custo que a Soka Gakkai adentrasse a esfera política. (Ikeda, 2000, p. 3.)

Apesar dos contratempos enfrentados nos sete anos em que liderou a Soka Gakkai, Jossei Toda buscou estabelecer as bases da organização no Japão a partir da sua “filosofia de vida”, até falecer em 2 de abril de 1958. Na ocasião a Soka Gakkai possuía mais de 750 mil famílias⁴⁰ associadas.

I.2.3.2 Daisaku Ikeda e a expansão mundial da Soka Gakkai

Nascido em 1928, Daisaku Ikeda viveu a infância e a juventude na era Showa (1926–1989), em que o Japão passava pela “Grande Recessão” (1929), e conviveu com as guerras na Manchúria (1932) e na China (1937). Estava com dezessete anos quando a Segunda Guerra Mundial terminou e não serviu na

⁴⁰ Cada família corresponde a um lar, onde tem o *Gohonzon* consagrado.

guerra somente por ter a saúde debilitada. Em 1947, quando o Japão estava controlado pelas forças de ocupação e a sociedade se achava desestruturada devido à perda dos valores até então cultivados, Ikeda se converteu ao Budismo Nitiren após encontrar-se com Jossei Toda numa reunião de estudo da Soka Gakkai. Ele conta que se converteu ao budismo por ter acreditado em Jossei Toda, fazendo-o seu mestre e abraçando seu legado.

Em 1951, Ikeda começou a trabalhar na empresa de Toda, a Nihon Shogakan, e se tornou seu braço direito tanto nela quanto na Soka Gakkai. Em 1956 foi designado responsável pela região de Kansai e, no ano seguinte, uma eleição para o Senado culminou com o Incidente de Osaka – quando, por iniciativa própria, integrantes da Soka Gakkai infringiram a lei eleitoral, gerando um escândalo que levou à derrota o candidato da Gakkai e levou Ikeda, responsável pela coordenação da campanha, à prisão. A acusação de que ele havia sido mandante da compra de votos foi comprovada injusta quatro anos depois, em 1962.

Sobre esse momento Ikeda disse que, apesar de os catorze dias na prisão terem sido difíceis, não se comparavam com o que Tsunessaburo Makiguti e Jossei Toda passaram, e por isso ele não podia reclamar. Disse ainda que o angustiante era saber que a polícia pretendia convocar Toda para um interrogatório, o que certamente ele não aguentaria por causa de sua saúde debilitada.

Após um longo julgamento, fui declarado inocente – um veredicto que era mais do que esperado por mim, pois não havia cometido nada de errado. Tendo o juiz proferido a decisão, o promotor-chefe me disse: “O veredicto era o que eu esperava. Não me surpreendeu.” Como promotor, isso era algo que ele não deveria admitir e demonstra como pode ser temerário o poder da autoridade. (Ikeda, 2008, p. 108.)

Dois anos passados da morte de Toda, em maio de 1960, Daisaku Ikeda foi empossado como terceiro presidente da organização e em outubro do mesmo ano viajou para o exterior no propósito de estruturar a organização nos países onde existiam praticantes do Budismo Nitiren. Chegou aqui no dia 19 e no dia 20,

fundou a Nitiren Shoshu do Brasil (NSB), predecessora da Associação Brasil-SGI (BSGI). Na ocasião ainda respondia à acusação de violar as leis eleitorais, um dos fatores que explicam o sentimento dos integrantes da BSGI de corresponder à dedicação de Ikeda, o que veremos no capítulo II.

Sob a liderança de Ikeda – colocando em prática a teoria da “criação de valor”, o conceito de “revolução humana” e a “filosofia de vida” de Toda –, a Soka Gakkai obteve um grande desenvolvimento que impulsionou a criação, em 1975, da Soka Gakkai Internacional (SGI), tendo em vista unir as organizações Soka presentes em vários países sob uma única bandeira (ver Apêndice 1). Hoje a SGI está presente em 192 países e territórios e possui mais de 12 milhões de integrantes de diferentes faixas etárias, etnias e níveis sociais e culturais, o que lhe proporciona atuar em diferentes áreas além de possuir um sistema educacional – “Sistema Soka”, desenvolvido por Ikeda –, com base na filosofia de “criação de valor” de Makiguti.

Nas três décadas iniciais da organização foram criadas dez entidades culturais/educacionais no Japão e a mesma quantidade dessas foi criada nos anos 1990–2001, a maioria fora do Japão.

Todas as instituições são atuantes, a exemplo da Universidade Soka do Japão, que promove intercâmbio cultural e acadêmico com mais de cem universidades de todo o mundo e tem cinco institutos de pesquisa: Instituto de Estudos Asiáticos, Instituto Informação e Ciências, Instituto de Economia Aplicada, Instituto de Estudos para a Paz e Instituto para o Estudo Comparativo das Culturas. A Universidade Soka da América e a Universidade de Harvard desenvolvem um programa conjunto com o Centro de Pesquisas da Bacia do Pacífico, que concede bolsas de estudos de pós-doutorado para pesquisadores de políticas públicas na costa do Pacífico.

As atividades da Soka Gakkai na área da educação e cultura concretizam os ideais pedagógicos de “criação de valores” de Makiguti, que deu origem à organização. O movimento pela paz responde aos ideais do Buda Nitiren na construção de uma sociedade humanística. Apesar de separar educação e cultura

de paz, o seu movimento é sustentado por esse tripé e paz, cultura e educação têm o mesmo peso, visando à “criação de valor” por meio dos ensinamentos de Nitiren.

“Filosofia do valor” e “filosofia da vida”, duas visões revolucionárias de prática religiosa, têm servido de base para a expansão do Budismo Nitiren e são uma poderosa força motriz do envolvimento da Soka Gakkai nos problemas sociais, ao mesmo tempo que incentivam um grande número de pessoas a enveredar por conta própria na revolução humana individual e como agentes transformadores da sociedade em que vivem.

I.3 GÊNERO NO BUDISMO NITIREN

1.3.1 Empatia do Buda Nitiren com as mulheres

O Japão teve forte influência da China em todos os aspectos, mas principalmente na cultura, com interferência direta na vida da mulher japonesa. Apesar disso, o budismo japonês forneceu oportunidades espirituais e organizacionais para algumas mulheres (Stearns, 2007) ao realçar a sua capacidade para a iluminação.

Nos períodos anteriores ao Heian (794–1185), as monjas tinham o mesmo *status* que os monges. No entanto, nesse período se iniciou um processo gradativo de desvalorização da mulher. Consideradas “impuras”, elas pouco a pouco perderam espaço nas comunidades a ponto de ser proibidas de frequentar os locais sagrados, culminando esse processo com a perda de sua posição nas escolas budistas.

O desenvolvimento de novas escolas budistas no período Kamakura deu outro relevo ao papel exercido pelas mulheres, o que é evidente na comunidade de Nitiren, na qual as mulheres constituíram uma significativa parcela de integrantes e receberam muitas de suas cartas. Como estudioso do budismo, Nitiren estava plenamente ciente da misoginia das escolas tradicionais budistas, visto que também por isso as criticou abertamente.

Os sutras primitivos sustentavam que as mulheres eram condenadas aos cinco obstáculos⁴¹, explanados nos cânones budistas, e a três obediências, encontradas nos escritos não-budistas – obediência ao pai, ao marido e ao filho.

Nitiren escreveu que, quando lia os sutras, não sentia o mínimo desejo de renascer como mulher, pois eles a condenam como mensageira do inferno, a descrevem como grande serpente, a comparam às árvores tortas e deformadas e a apresentam como pessoa que destruiu as sementes da iluminação.

As escrituras budistas não são as únicas que expõem tais conceitos; as escrituras não-budistas também desprezam as mulheres. Jung Ch'i-ch'i,^[42] por exemplo, canta em louvor aos três prazeres, dos quais um é o de não ter nascido mulher. É amplamente aceita a crença de que o desastre se originou das três mulheres.^[43] Somente o *Sutra de Lótus* ensina que a mulher que abraça esse sutra não somente supera todas as outras mulheres, mas também todos os homens (Nitiren, 1999a, pp. 463-464).

Em vários sutras da escola Hinayana, que foram pregados por Sakyamuni antes do *Sutra de Lótus*, é negado às mulheres atingir o estado de Buda. Nos sutras Mahayana, exceto o *Sutra de Lótus*, as mulheres podem atingir o estado de Buda após mudar de forma. Tinha-se a ideia de que as mulheres primeiro necessitavam realizar diferentes práticas, muito além das dos homens, para ter a boa sorte de nascer homem; somente assim conseguiriam atingir a condição de Buda. Para isso, algumas escolas ministravam orações ao feto para que nascesse do sexo masculino, conforme observa Nitiren: “Desde o ano passado, professores da Shingon de Kamakura executaram os rituais para transformar feto fêmea em macho..., em vão”. (Nitiren, 1951a, p. 1.268.)

⁴¹ Limitações que impediam as mulheres de se tornar um Brahma, um Shakra, um rei demônio, um rei girador da roda ou um Buda.

⁴² Jung Ch'i-ch'i (770–403 a.C.). De acordo com Lieh Tzu, ele revelou a Confúcio que havia obtido três alegrias neste mundo: ter nascido ser humano, ter nascido homem e ter conseguido desfrutar uma longa existência.

⁴³ Mo Hsi, Ta Chi e Pao Ssu, que eram consideradas na China exemplos clássicos de mulheres maléficas. Elas foram, respectivamente, as favoritas do rei Chieh da dinastia Hsia, do rei Chou da dinastia Yin e do rei Yu da dinastia Chou, e teriam desviado esses homens de suas funções governamentais.

Com base na passagem do *Sutra de Lótus* que descreve a iluminação das mulheres e de outros seres, representados pela filha do rei dragão, o Budismo de Nitiren prega a completa igualdade dos sexos. Ele escreveu: “Não deve haver discriminação entre as (pessoas) que propagam os cinco caracteres⁴⁴ do *Sutra de Lótus* durante os Últimos Dias da Lei.” (Nitiren, 2006, p. 252.)

Quando ela [a filha do rei dragão] alcançou a iluminação, isso não significou que a iluminação foi exclusiva para ela. Esse fato revela a verdade de que todas as mulheres atingirão o estado de Buda. [...] Esse não é o tipo de iluminação imediata que está fundamentada na doutrina dos três mil mundos num único momento da vida. Dessa forma, essa iluminação ou renascimento na terra pura é apenas teoria, não uma realidade. A filha do rei dragão é “um modelo que representa todos os demais”. Quando a filha do rei dragão atingiu a iluminação, abriu esse caminho para todas as mulheres das eras posteriores. (Nitiren, 2005, p. 166.)

Apresentando passagens como essas, o Buda Nitiren adverte que todos os seres vivos, homens ou mulheres, têm o estado de Buda e, portanto, conseguem atingir a iluminação. Ele vai buscar no *Sutra de Lótus* a confirmação de sua posição e questiona: “Não são todos os praticantes do *Sutra de Lótus*, tanto homens como mulheres, budas?” (Nitiren, 1951, p. 813.)

Esse posicionamento de Nitiren em defesa das mulheres fez com que atraísse inúmeras delas para sua ordem, tais como Nitiguen-nyo, Nitimyo e Senniti-ama, que ele considerava modelos de discípulas. Demonstra-lhes grande respeito, dando às mais devotas a denominação de *shonin* (sábua). Em carta a Nitimyo, escreveu:

Mesmo que alguém pudesse encontrar uma pessoa capaz de cruzar o oceano com o Monte Sumeru na cabeça, jamais encontraria alguém como a senhora. Mesmo que alguém conhecesse uma pessoa capaz de cozinhar areia e transformá-la em arroz cozido, jamais encontraria uma mulher como a senhora. Esteja certa de que o Buda Sakyamuni, o Buda Muitos Tesouros, os budas das dez direções, que são emanações de Sakyamuni, grandes bodhisattvas tais como Práticas Superiores e Práticas Ilimitadas, Brahma, Shakra, os quatro reis celestiais e outras divindades vão protegê-la, assim como a sombra acompanha o corpo. A senhora é a primeira devota do *Sutra de Lótus* entre as mulheres do Japão. Por essa razão, seguindo o

⁴⁴ Referência à frase *Myoho-rengue-kyo*.

exemplo do Bodhisattva Jamais Desprezar, concedo-lhe o nome budista de Sábua Nitimyo. (Nitiren, 1999b, p. 325.)

Pesquisas da Universidade de Minobu apontam que, dos 443 escritos de Nitiren, 90 são endereçados às mulheres. Dos 124 mandalas (*Gohonzon*) escritos por Nitiren para seus discípulos mais devotos na fé, 19 foram concedidos a bonzos leigos, 47 a leigos e 59 não tiveram identificados os destinatários. Dos 47 mandalas conferidos a leigos, 15, ou cerca de 30%, foram concedidos às mulheres. Para os pesquisadores, esses dados fornecem evidências de que Nitiren se dedicou ativamente a ensinar o budismo para as mulheres (Kurihara, 2003).

Conforme levantamento que fizemos, das 406 cartas e tratados de Nitiren publicados pela Soka Gakkai, 83 foram endereçadas a mulheres em resposta às recebidas por eles sobre questões da vida diária e do budismo (ver Apêndice 2).

Nossa pesquisa apontou a existência de uma rede de relacionamento parental entre as discípulas de Nitiren. Várias de suas cartas foram endereçadas à Monja leiga de Ueno, mãe de um de seus maiores discípulos, Nanjo Tokimitsu. Outras foram dedicadas à esposa de Omossu, à irmã mais velha de Nanjo Tokimitsu, a Myoiti, parente de Nissho, um dos seis discípulos seniores, e à avó de Jibu-bo Nitii.

Mesmo quando enfrentava severas perseguições, Nitiren respondia para suas seguidoras, conforme o quadro abaixo:

Perseguição sofrida por Nitiren (por ano)		Cartas enviadas por década
Perseguição	Década	
Matsubagayatsu (1260)	1260	05
Exílio em Izu (1261-1263)		
Komatsubara (1264)		
Tatsunoku (1271)	1270	50
Exílio em Sado (1271-1274)		
(Doença e morte)	1280	20

(Santos, M.L., 2009)

Toshie Kurihara divide as mulheres da ordem de Nitiren em dois grupos: (1) as que viviam amplamente integradas na sociedade, incluindo mulheres casadas, e (2) as monjas leigas. E distingue dois pontos na doutrina de Nitiren que atraíram as mulheres: (1) sua afirmação categórica da capacidade feminina para atingir a iluminação e sua certeza de que elas tinham direito à salvação; (2) sua advertência sobre que prática oferecia a iluminação e a salvação na sociedade daquele tempo.

Além disso, Nitiren ia na contramão de conceitos misóginos de sua época. Um dos pontos que reforçavam a ideia de que mulheres não podiam atingir a iluminação estava relacionado à impureza do sangue, predominante desde a antiguidade, fortalecido em meados do período Heian e reforçado na Idade Média japonesa. A impureza do sangue foi associada diretamente à mulher por motivos fisiológicos, devido à menstruação e ao parto. Com o tempo, o gênero feminino foi considerado impuro.

Não conseguimos detectar em que período o *Sutra da Menstruação* chegou ao Japão. Acredita-se ter sido introduzido pelos sacerdotes chineses Funei e Shogen, em meados do período Kamakura ou no período Muramachi,⁴⁵ e várias versões se tornaram popular na modernidade. Esse sutra diz que o sangue derramado pelas mulheres no parto e no período menstrual profana o deus da terra, e o sangue que sai de suas roupas quando são lavadas nos lagos e rios polui não somente a água, mas o chá servido aos sábios/deuses. Por esse pecado, as mulheres sofreriam a retribuição cármica de cair num lago de sangue após a morte. Porém, para alguns pesquisadores, as mulheres não foram desprezadas como impuras por sua associação à poluição do sangue menstrual. Na semântica da religião, diz Kurihara, as mulheres foram associadas à impureza ritual. O sangue como poluição foi usado para justificar a depreciação e a exclusão das mulheres (Kurihara, 2003; Monoko, 1983).

⁴⁵ O período Muramachi iniciou-se em 1333; como Nitiren menciona o *Sutra da Menstruação* em uma de suas cartas, desconsideramos o período Muramachi e trabalhamos com a possibilidade de que a introdução do sutra tenha ocorrido no período Kamakura.

Pode-se perceber em que medida essa ideia impregnava a mente das mulheres no período Kamakura lendo a pergunta feita a Nitiren por uma discípula:

A senhora também escreveu em sua carta que três vezes ao dia se curva em reverência aos sete caracteres do *Daimoku* [...] nos períodos menstruais, abstém-se de ler o sutra. [...] Pergunta também quantos dias após o término de seu período deveria aguardar antes de retomar a recitação do sutra. (Nitiren, 2001b, pp. 181-182.)

Em resposta, Nitiren escreveu:

Esse é um assunto que diz respeito a todas as mulheres e sobre o qual elas sempre questionam. Em épocas passadas também encontramos muitas pessoas que tratavam dessa questão referente às mulheres. Mas, como os ensinamentos sagrados expostos pelo Buda ao longo de sua existência não se referiam a esse ponto, ninguém foi capaz de oferecer uma clara prova textual na qual pudesse basear uma resposta. Em meus próprios estudos dos ensinamentos sagrados [...] jamais encontrei alguma passagem nos sutras ou nos tratados que falasse de proibições relacionadas à menstruação. (Nitiren, 2001b, p. 182.)

Completando, ele diz que, quando Sakyamuni vivia, muitas mulheres em plena juventude se tornaram monjas e se devotaram aos seus ensinamentos, “mas elas nunca foram afastadas em razão do ciclo menstrual”. Sendo assim, diz Nitiren: “A menstruação não representa nenhum tipo de impureza vinda de uma fonte externa. É simplesmente uma característica do sexo feminino, um fenômeno relacionado à perpetuação da semente do nascimento e da morte.” (Nitiren, 2001b, p.183.)

Analisando essa passagem, Kurihara diz que era natural às seguidoras de Nitiren estarem sujeitas ao “mecanismo da violência” e à busca de conselhos do Buda sobre como lidar com isso por meio da fé.

A resposta de Nitiren oferece um panorama às sensibilidades empíricas e práticas que ele adota com relação às questões diárias, uma metodologia progressiva impressionante numa época em que o mundo todo testemunhava a discriminação de sexo. (Kurihara., 2003.)

Embora Nitiren considerasse as mulheres em essência iguais aos homens, muitas de suas ideias refletem a época em que viveu. Percebe-se isso, por

exemplo, na frase: “As mulheres apoiam os outros e assim fazem com que os outros as apoiem.” (1999e, p. 501.)

Se, isoladamente, extrairmos de seus escritos afirmações de que a mulher deve obedecer e depender de seu marido, em frases como: “Quando desenhamos figuras na superfície da água, elas logo desaparecem. O mesmo acontece com as mulheres, pois inconstância é seu caráter básico” (Nitiren, 2004, p. 195) e nesta: “O caractere para mulher significa ‘depende’. A glicínia depende do pinheiro e uma mulher depende de um homem” (Nitiren, 1999a, p. 464), podemos distorcer o pensamento de Nitiren, afirma Kurihara. “Embora Nitiren descreva as mulheres como dependentes dos homens, tais comentários são mais provavelmente reflexos das circunstâncias sociais em que o povo vivia no período Kamakura do que sexistas noções de preconceito”. (Kurihara, 2003, p. 108.)

Alguns homens se utilizam de trechos isolados como esses para enquadrar as mulheres num papel de submissão. A passagem abaixo geralmente é utilizada para demonstrar que Nitiren discriminava as mulheres, mas, para Toshie Kiriara, conforme a mesma carta demonstra em outras partes, ele descreve a visão dos sutras sobre as mulheres, com exceção do *Sutra de Lótus*.

Os caracteres que representam o homem e a mulher diferem completamente um do outro. O fogo é quente, a água é fria. Os pescadores são habilidosos em fisgar peixes e os caçadores são exímios em capturar cervos. Um sutra afirma que as mulheres têm grande tendência para a inveja, mas jamais ouvi falar que elas compreendessem o budismo. A mente da mulher é comparada à brisa refrescante; é mais fácil conseguir capturar o vento do que compreender a mente de uma mulher. A mente dela é como escrever na água; o que foi registrado desaparece num instante. A mulher é como um mentiroso; algumas vezes, as palavras do mentiroso são verdadeiras, outras, falsas. A mente da mulher é como o rio, pois todo rio desvia de seu curso. (Nitiren, 2006b, p. 79.)

Toshie Kurihara adverte que a visão de Nitiren sobre o papel da mulher como esposa e mãe está de acordo com a posição ocupada por elas no contexto social em que viveu. No entanto, o que deve ser levado em consideração é que as ideias de Nitiren sobre a igualdade de homens e mulheres partem de sua

afirmação de as mulheres poderem atingir a iluminação, ou estado de Buda, como são e na presente existência.

Alguns de seus escritos descrevem as mulheres como uma presença submissa e parecem distinguir rigidamente a natureza e os papéis dos homens e das mulheres. Entretanto, a análise das diferenças entre os sexos não deve ser confundida como sexista, pois Nitiren viveu numa época em que o papel principal das mulheres limitava-se ao de esposa e mãe. Pela razão de seus conselhos se direcionarem, de forma pragmática, para a solução das necessidades específicas e dos problemas da realidade diária dessas mulheres, eles obedeciam à estrutura das restrições sociais de sua época. Assim, é evidente que alguns aspectos das orientações de Nitiren já não são relevantes numa época diferente daquela em que ele viveu. (Kurihara, 2003, p. 108.)

A afirmação de Nitiren de que as mulheres podiam atingir a iluminação desafiou padrões sociais e religiosos tradicionais, pondo em risco estruturas político-religiosas estabelecidas. Sua atitude inflexível com relação às suas crenças, as afirmações contundentes na contramão de seu tempo e a quebra de padrões estabelecidos tiveram resultados evidentes no transcorrer de sua existência, com exílios e perseguições, muitas destas perpetradas por mulheres, esposas dos poderosos senhores feudais adeptos e protetores das escolas budistas tradicionais.

Apesar disso, as mulheres de todo o Japão, desconhecendo a ignorância de sua própria mente, acreditam que Nitiren, que pode salvá-las, é seu inimigo, e aceitam erroneamente como bons amigos e mestres os reverendos da Nembutsu, da Zen, da Preceitos e da Verdadeira Palavra, que, na verdade, são inimigos mortais. E, por considerarem Nitiren, que está tentando salvá-las, como seu inimigo mortal, todas elas se reúnem para caluniá-lo ao governador da nação. [...] Eu, Nitiren, fiz um juramento e declarei: “Não sou, absolutamente, culpado de nada. E, mesmo que estivesse enganado, o fato é que fiz um juramento de salvar todas as mulheres no Japão. [...] O que estou dizendo está em completo acordo com o *Sutra de Lótus*. (Nitiren, 1999e, p. 932.)

Kurihara indica dois pontos que moveram Nitiren a defender a iluminação das mulheres: (1) a empatia com os menos favorecidos socialmente, que se devia à sua origem humilde de filho de pescador, pois sempre se considerou uma

pessoa da classe *chandala*;⁴⁶ (2) o peso dos preconceitos existentes nos sutras, que recaía sobre as mulheres.

Embora, em todos os outros sutras, com exceção do *Sutra de Lótus*, as mulheres do Japão sejam condenadas como incapazes de atingir o estado de Buda, enquanto o *Lótus* garantir a sua iluminação, que razão há para elas ficarem deprimidas? [...] Como descobri que somente o *Sutra de Lótus* revela que as mulheres podem atingir o estado de Buda e que somente o *Lótus* é o sutra da verdadeira recompensa para retribuir o amor de nossa mãe, com o propósito de resgatar a dívida que tenho para com minha mãe, jurei capacitar todas as mulheres a recitarem o *Daimoku* desse sutra. (Nitiren, 1999e, p. 931.)

O Budismo de Nitiren, segundo Kurihara, não conseguiu influenciar e inspirar a população e os formadores de opinião para mudarem a visão misógina no Japão durante a sua existência. Isso só começou a mudar após a Segunda Guerra Mundial.

Com o passar do tempo, o sexismo, apoiado por várias outras influências, finalmente se estabeleceu como um componente do meio social e cultural japonês. Somente depois de surgirem grupos religiosos fundamentados no *Sutra de Lótus*, no período pós-Segunda Guerra Mundial, é que o ensinamento de Nitiren, que garantia às mulheres a capacidade da salvação espiritual, foi restaurado e promovido no Japão. (Kurihara, 2003.)

Conforme dissemos anteriormente, a Constituição Japonesa (*Nihon Koku Kempo*) de 1947 assegurou a liberdade religiosa e a igualdade de homens e mulheres perante a Lei. Mas, sabemos disso, uma Lei não muda a mentalidade cultural das pessoas de uma hora para outra. Ela abre novas oportunidades para mudanças efetivas que serão construídas ao longo do tempo.

1.3.2 As mulheres na Soka Gakkai

Não se sabe ao certo como era a estrutura da Soka Gakkai em seus primeiros anos de fundação sob a liderança de Makiguti, mas várias mulheres fizeram parte dela desde o começo. Segundo a pesquisadora Atsuko Usui, em

⁴⁶ Classe social dos intocáveis, que era inferior à mais baixa das quatro classes da Índia antiga.

1940 a Divisão das Mulheres estava organizada como resultado da estruturação da Soka Kyoiku Gakkai junto com a divisão juvenil e um grupo de estudantes do ensino fundamental. Sob a direção de Makiguti e Toda eram realizadas palestras com temas como “A missão da Divisão das Mulheres” ou “Propagação e o dia-a-dia das mulheres”. Dessas palestras, muitas enfatizavam a teoria pedagógica de Makiguti e a educação era ponto central da SKG. Por isso, não surpreende que muitas mulheres que a compunham fossem educadoras (Usui, 2000, pp. 154-55).

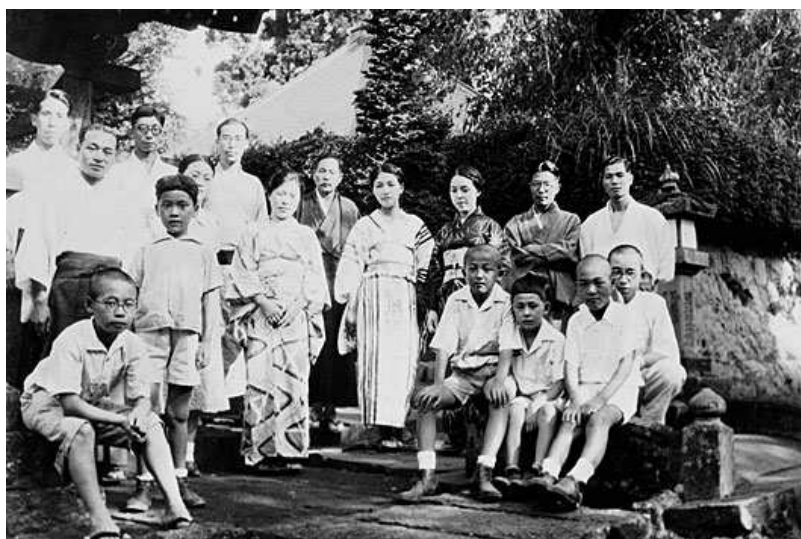


Foto 2 - Makiguti (no centro, entre as duas mulheres) com participantes do terceiro curso de aprimoramento de Soka Kyoiku Gakkai, em Shizuoka (julho, 1938). Entre doze adultos, oito homens e quatro mulheres.

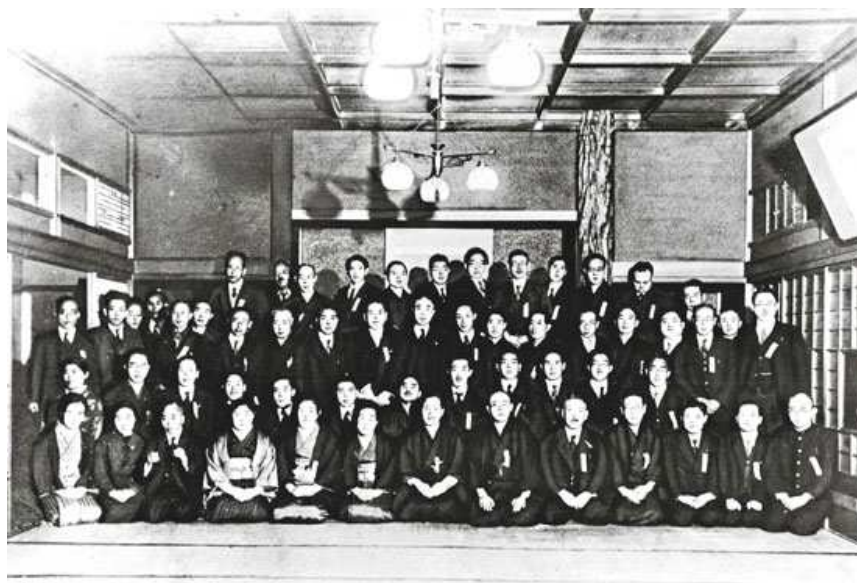


Foto 3 - Primeira reunião geral da Soka Kyoiku Taikei. Na primeira fila, algumas mulheres, certamente esposas de alguns dos integrantes. (Japão, 1939.)

Durante a guerra a SKG quase foi destruída e no processo de sua reestruturação por Jossei Toda nove departamentos foram formados,⁴⁷ incluindo o das mulheres.

A formação do grupo de mulheres foi motivada, pois, segundo Toda, quando ocorreu a prisão dos líderes centrais da Soka Gakkai, em 1943, os que abandonaram a organização foram influenciados por suas esposas, as primeiras a deixá-la.

Vinte e um líderes da Soka Gakkai foram presos somente porque se recusaram a adorar a Deusa do Sol. Naquela época, muitos seguidores estavam amedrontados e confusos e os reverendos do Templo Principal foram também arremessados ao caos. Posteriormente, quando ouvi isso, senti-me envergonhado por eles. O presidente Makiguti, eu próprio e nossos companheiros fomos proibidos de visitar o Templo Principal e todo o Japão criticou nossas famílias como inimigas da nação. Foi como aconteceu, foram dias muito estranhos. (Toda, 1951, p. 2.)



Foto 4 - Makiguti (primeira fileira, no centro) com membros da SGK em Fukuoka, Kyushu. Nesta foto de 1941 estão onze adultos, quatro homens e sete mulheres.

⁴⁷ Os departamentos formados são: dos Jovens e Crianças, da Saúde e Bem-estar, de Assuntos Gerais, de Estudo, de Informação, de Planejamento, de Finanças e de Organização.

O fato de serem consideradas “inimigas da nação” em época de guerra fez com que as famílias, principalmente as mulheres, repensassem seu posicionamento diante da perseguição política sofrida pela SGK, conforme depoimento de Jossei Toda:

O que levou os dirigentes a abandonarem a Gakkai enquanto estive preso foi a falta de fé das mulheres. Elas não tinham a base de *kyogaku* [estudo do budismo]. Soube que a esposa de um dirigente, ao visitá-lo na prisão, mostrou-lhe a palma da mão em que escrevera: “Por favor, diga que abandonará a prática e saia logo da prisão.” (*Daibyakurengue*, 2009, p. 32.)

Essa experiência fez com que Toda concluísse que, devido ao fato de os homens terem o costume de ouvir as recomendações de suas esposas, a fé delas era fundamental para a expansão do budismo. “O *Kossen-rufu* será realizado pelas mãos das mulheres” (p. 33) – por isso Toda buscou fortalecer primeiramente a ala feminina da organização. Ele dizia: “As mulheres precisam ser firmes.”

Somado a isso, o peso da guerra afetou diretamente as mulheres e as que pertenciam à Soka Gakkai foram as primeiras, entre os membros, a buscar o apoio de Toda, levando-o a estruturar um grupo feminino de auxílio mútuo. Assim, em 20 de julho de 1946 foi realizada uma reunião do Departamento de Mulheres,⁴⁸ formado por mulheres adultas e/ou casadas.

A atitude de Toda com relação à Divisão Feminina era de que “uma filosofia ou prática religiosa somente criará fortes raízes em meio ao povo se conquistar primeiramente o coração das mulheres e for aceita por elas”. Ele havia criado a convicção devido à amarga experiência de testemunhar o abandono de todos os outros diretores da organização pelo fato de suas esposas passarem a desacreditar da Soka Kyoiku Gakkai quando Makiguti e ele próprio foram encarcerados durante a guerra. (Machacek, 2000, p. 157.)

Cinco anos depois, em abril de 1951, foi realizado o primeiro encontro de líderes de capítulo do Departamento de Mulheres. E, quando da posse de Jossei Toda como segundo presidente da Soka Gakkai, ocorrida em 3 de maio de 1951,

⁴⁸ A denominação “Divisão das Senhoras” é uma tradução literal do termo *fujimbu*, que foi adotado pela BSGI até 2000, quando ocorreu a atualização dos termos e Divisão das Senhoras passou a ser Divisão Feminina (ver II.3.6).

Yasu Kashiwabara recebeu a função, junto com seis homens, de diretora da Soka Gakkai (ver I.3.2.1) e Yasu Suguihara foi a primeira responsável pela ala feminina da organização.



Foto 5 - Em primeiro plano, várias mulheres participam do Exame de Budismo. Jossei Toda está ao fundo. (Japão, dez. 1952.)

Com a posse de Toda, homens e mulheres, jovens e velhos se dedicaram seriamente a propagar as atividades; no entanto, a energia e o entusiasmo das mulheres eram consideráveis e seu empenho era frequentemente destacado em artigos publicados no jornal *Seikyo Shimbun* e na revista *Daibyakurengue* da época (Usui, 2000, p. 157). “A concepção da “transformação do carma” proposta pela Soka Gakkai era de especial relevância para aquelas mulheres. Tal motivação deu sentido e esperança a suas vidas, revelando novas possibilidades e dando poder sobre a própria vida” (p. 158).

“Carma” significa “ação”, é formado ao falar, ao pensar e ao agir. Essas ações cotidianas são registradas na vida da pessoa como energia positiva ou energia negativa. Quanto menor a energia positiva, maior o sofrimento, pois a

pessoa é regida pela ilusão e apegos caracterizam os baixos estados de vida,⁴⁹ o que proporciona formação e conseqüente manifestação do “carma negativo”. Quanto maior a energia positiva, menor o sofrimento, manifestando o “carma positivo”.

Numa carta, Nitiren escreveu que, se uma pessoa deixa de expiar seu pesado carma passado na presente existência, uma vez que o carma ultrapassa a questão da vida e da morte, ela experimentará os sofrimentos de inferno no futuro. Mas, se a pessoa enfrentar grandes obstáculos nesta vida por causa do *Sutra de Lótus*, os sofrimentos do inferno se desvanecerão instantaneamente, como o orvalho sob os raios de sol. (Nitiren, 2005, p. 127.)

As orientações de Jossei Toda sobre a “filosofia da vida” e a revolução humana conclamavam todas as mulheres a superarem o “carma negativo” abrindo um novo horizonte para o futuro, enfrentando as circunstâncias com firme determinação e convicção na natureza de Buda inerente à vida.

O fato de Toda sempre falar das “mulheres como a força motriz da Soka Gakkai” e “da concretização do *Kossen-rufu* por meio dos esforços das mulheres” em seus discursos pode ter ocorrido porque ele percebeu o papel vital das mulheres, as quais eram a base de apoio para todas as atividades da Gakkai, na concretização do *Kossen-rufu*. (Machacek, 2000, p. 157.)

A possibilidade de quebrar as algemas do sofrimento fez surgir a esperança nessas mulheres, pois elas não dependiam de ninguém para ser felizes, nem mesmo dos homens (marido), conforme sempre lhes foi ensinado (ver p. 21). Com o transcorrer do tempo, as mulheres da Soka Gakkai formaram a divisão mais forte de sua estrutura e a que assegura o seu desenvolvimento em todos os países. Disso trataremos no próximo capítulo,

⁴⁹ Dez estados de vida: Inferno. Fome, Animalidade, Ira, Tranquilidade, Erudição, Absorção, Bodhisattva e estado de Buda. Os seis primeiros estados são considerados os “seis maus caminhos”, pois são estados em que a pessoa é arrastada pelas influências externas, não conseguindo controlar as circunstâncias de sua vida. Os quatro estados seguintes formam os “quatro nobres caminhos”, pois são condições alcançadas pelos esforços desenvolvidos pelas próprias pessoas. Esses estados não são estáticos: manifestam-se constante e alternadamente de acordo com as situações que se apresentam à pessoa. Somente o estado de Buda não passa por esse ciclo; ele se manifesta apenas com a recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo* ao *Gohonzon*. Todos os seres vivos possuem os dez estados na vida, incluindo as plantas e os animais, como também os seres insensíveis da natureza: as rochas, as pedras, a água, a terra etc.

I.3.2.1 Yasu Kashiwabara: primeira mulher na liderança da Soka Gakkai

Não se pode falar de mulheres na Soka Gakkai sem apresentar a história e o pensamento de Yasu Kashiwabara, considerada, em 2000, “um tesouro vivo da Soka Gakkai” (Seager, 2000).

Yasu Kashiwabara ocupou funções importantes na Soka Gakkai e na Divisão Feminina e foi um dos ícones de sua expansão pelo mundo. Nos anos de 1950, foi eleita para a Câmara Alta na Dieta, na primeira campanha empreendida pela Soka Gakkai no campo político.⁵⁰ Em 1960, quando Daisaku Ikeda empreendeu sua primeira visita ao exterior, Kashiwabara compôs a comitiva tendo em vista incentivar as imigrantes nos países visitados.

Na época em que seis membros da organização se candidataram às eleições da Câmara Alta de 1956, Kashiwabara obteve o maior número de votos na candidatura para o distrito eleitoral de Tóquio. Na época em que a Aliança Política Komei foi fundada, em 1961, Kashiwabara, a única representante feminina dentre os dezoito membros do partido do corpo executivo central, foi nomeada diretora do departamento feminino do Komeito. (Machacek, 2000, p. 163.)

Formada pela Faculdade Feminina de Professores de Saitama, Yasu Kashiwabara⁵¹ começou a carreira como professora de ensino fundamental na escola em que Makiguti era diretor e entrou para a Soka Gakkai em 1940. No início, embora tentasse evitar qualquer discussão sobre religião, ela foi uma das primeiras a se reunir com Jossei Toda após a sua saída da prisão. Auxiliava Toda na leitura dos escritos de Nitiren Daishonin por ocasião das reuniões de estudo do budismo e buscou reunir os membros dispersos de Tóquio. Consta que “antes de fevereiro de 1946, os membros da Soka Gakkai começaram a aparecer um por um, incluindo as senhoras Yasu Kashiwabara, Miyo Izumi, os senhores Shirei Yajima, Koji Harashima, Takashi Koizumi e Takehisa Tsuji”. (*Daibyakurengue*, 1993, p.90.)

⁵⁰ Kashiwabara não foi a única mulher a se candidatar nessa época. Houve outra componente da Divisão Feminina que se tornou membro da assembleia municipal.

⁵¹ Texto desenvolvido com base no artigo “The Role of Women”, de Atsuko Usui (Usui, 2000, pp.163-165).

Considerada um dos pilares da reconstrução da Soka Gakkai, atuando como um de seus seis diretores e como professora do Departamento de Estudo do Budismo, ajudou na estruturação da Divisão Feminina incentivando as mulheres a se desprenderem do jugo masculino.



Foto 6 - Yasu Kashiwabara, ao lado de Daisaku Ikeda, antes de visitar ao Brasil. (Estados Unidos, out. 1960)

O artigo “As mulheres devem usar os homens como almofadas de chão”,⁵² publicado em 1954, objetivou, provavelmente, levar as mulheres a uma reflexão sobre suas atitudes perante a vida. Indignada com o fato de as mulheres continuarem submissas ao domínio masculino e não terem conquistado posição social, Yasu enfatizou a necessidade de que elas se tornassem autoconfiantes e fossem capazes de exercer as mesmas funções dos homens em todas as esferas da atividade social. Em uma reunião, ela declarou: “Temos a expectativa de que muitas mulheres se tornem professoras, presidentes de companhias e políticas”, o que foi aplaudido estrondosamente pelas mulheres. Sob a liderança de Yasu

⁵² Uma expressão que significa que, em vez de ser usada pelo marido, a mulher deve fazê-lo trabalhar para sustentá-la. (Usui, 2000, pp.163-164.)

Kashiwabara, a Divisão Feminina abriu um campo de responsabilidades e solidificou a sua força inerente. (Usui, 2000, pp.163-164.)

Em 2000, Yasu Kashiwabara passou a atuar como vice-presidente do Conselho Diretivo da Soka Gakkai e continuou na mais alta posição da Divisão Feminina até falecer, em 2006.



Foto 7 - Yasu Kashiwabara integrante a comitiva de Daisaku Ikeda (de chapéu) em sua primeira viagem ao exterior. (Aeroporto de Midway, Chicago, out. 1960)

CAPÍTULO II

DIVISÃO FEMININA DA SOKA GAKKAI

Neste capítulo apresentamos o contexto histórico e os motivos que levaram à estruturação da Divisão Feminina na Soka Gakkai no Japão após a Segunda Guerra Mundial e sua transplantação para o Brasil, em 1960. Apresentamos também o contexto histórico brasileiro, as ações iniciais das integrantes da Divisão Feminina do Brasil, a conversão de brasileiras sem ascendência oriental, a estrutura e o posicionamento da divisão perante os demais setores da BSGI e sua trajetória até 2009, quando finalizamos nossa pesquisa.

II.1 AS MULHERES NA SOKA GAKKAI

II.1.2 A necessidade da fundação da Divisão Feminina

Após a Segunda Guerra Mundial, muitas das participantes da Soka Gakkai eram mulheres viúvas ou com parentes vítimas da guerra e desaparecidos. Elas buscaram apoio em Toda e, nos anos seguintes à guerra, “continuavam a viver e a lutar corajosa e perseverantemente” para “recuperar o povo de um país derrotado”; “devem ter passado por momentos difíceis” e “sua fé se tornava quase um desafio”. (Ikeda, 1980, p. 64.)

Para superar o sofrimento de ver seu marido com a esperança perdida na fisionomia, desafiavam o *chakubuku*. Quando percebiam que a reserva do arroz já se esgotava, corriam desesperadamente para o *chakubuku*. Carregavam o recém-nascido nas costas, levavam as crianças pelas mãos, e desse modo visitavam os amigos e os conhecidos orando o *Daimoku*¹. (Ikeda, 1980, p. 65.)

Por essa razão, Toda visualizou a formação de um grupo de mulheres de apoio mútuo atuantes pela paz por acreditar que são elas as que mais sofrem em momentos de guerra e conflitos sociais. Assim, em 10 de junho de 1951, reuniu 52 mulheres, responsáveis pelo Departamento de Mulheres, sob a liderança de Yasu

¹ Literalmente, significa “título”. Na Soka Gakkai se refere ao mantra *Nam-myoho-rengue-kyo*, a Lei que rege o universo.

Kashiwabara, e fundou a Comissão da Divisão das Senhoras. Nesse dia, Toda disse que, vendo o aspecto das atividades e o progresso da Soka Gakkai,

Parece que a marcha feminina está um passo à frente da marcha masculina. [...] a Gakkai deu um novo avanço na sua marcha, devemos fortalecer mais a organização. Para isso, torna-se indispensável a força de todas as que aqui se juntaram hoje. (Ikeda, 1980, p. 66.)

Ele desejou que as presentes despertassem para o fato de que “as senhoras que abraçam a Lei Mística são as mulheres mais respeitáveis do mundo” (Ikeda, 1991c, p. 34) e compôs um poema que é a base de conduta e atuação da Divisão Feminina até os dias de hoje em todas as organizações da Soka Gakkai Internacional (SGI):

São flores de lírios
Branças e perfumadas
Que aqui se reuniram;
São corações sublimes,
Num elo de amizade...



Ilustração 1 –
Logomarca da
Divisão Feminina
(DF/BSGI)

O encontro, posteriormente, passou a ser considerado a 1ª Conferência da Divisão das Senhoras, e essa divisão foi a primeira a estruturar-se após a posse de Toda como segundo presidente da Soka Gakkai. Passado apenas um mês foi a vez da Divisão dos Rapazes (homens jovens), no dia 11 de julho, e da Divisão das Moças (mulheres jovens solteiras e sem filhos), no dia 19. A Divisão dos Adultos, composta por homens adultos, foi fundada quinze anos após, em 1966, por Daisaku Ikeda.



Foto 1: Integrantes da Divisão Feminina e Daisaku Ikeda, um ano após ser empossado como presidente da Soka Gakkai. (Japão, dez/1962)

Em 1975, presente em diferentes partes do mundo, Ikeda fundou a Soka Gakkai Internacional (SGI) e se tornou seu presidente. A partir de então, a denominação Soka Gakkai passou a representar a organização japonesa e a Soka Gakkai Internacional a representar as organizações nos demais países,² com cada uma delas levando o nome do país em que está inserida, seguido ou precedido da sigla SGI, a exemplo do Brasil, onde a organização é conhecida como BSGI.

II.1.3 Estabelecimento do “Dia da Divisão Feminina” e sua expansão pelo mundo

Em 1976, nas comemorações dos 25 anos da 1ª Conferência da Divisão das Senhoras, Ikeda propôs que o dia 10 de junho fosse considerado “Dia da Divisão Senhoras” em todas as organizações da Soka Gakkai. Três anos depois, em 24 de maio de 1979, como reflexo do segundo³ cisma da Soka Gakkai com a Nitiren Shoshu, Ikeda foi obrigado a passar a presidência da Soka Gakkai a Hirojo Hojo e se tornou presidente honorário.⁴ Sobre esse dia, ele escreveu:

² Atualmente, o diretor-geral da SGI é Yoshitaka Oba e a coordenadora da DF da SGI é Kayoko Asano.

³ O primeiro foi em 1951, quando Jossei Toda foi retirado da função de representante-geral dos adeptos da Nitiren Shoshu (ver I.2.3).

⁴ Com o falecimento de Hojo, em 1981, Einossuke Akiya assumiu a quinta presidência da Soka Gakkai. Em 2007, Minoru Harada foi empossado como sexto presidente.

Jamais hei de esquecer
Esse remoto e triste dia.
A escuridão persiste
E eu caminho sozinho.
(Ikeda, 2003a, p. 30.)

Em 3 de maio do mesmo ano, na celebração da conclusão dos sete sinos,⁵ ocorrida no Ginásio de Esportes da Universidade Soka, Ikeda foi proibido de se manifestar e, posicionados no palco, os dirigentes da Soka Gakkai, “pessoas que se referiam a mim como ‘Ikeda Sensei’ com toda a naturalidade nas reuniões poucos dias antes, não mencionavam uma única palavra sobre mim. Era como se temessem represália por parte do clero”. (Ikeda, 2003a, p. 31.)

Em 8 de outubro de 1979, a Diretoria Administrativa da Nitiren Shoshu expediu um comunicado, baseado nas preleções do sumo prelado Nikken Abe, discorrendo sobre a atitude básica do clero e da Soka Gakkai. Quanto ao clero, o comunicado dizia que as diretrizes estabelecidas pelo anterior sumo prelado (Nittatsu Shonin) não diferiam das do atual (Nikken Abe) e os reverendos deveriam fundamentar-se em seu juramento de “acima buscar a iluminação e abaixo doutrinar as pessoas”, ter benevolência e unir-se ao sumo prelado cooperando com a harmonia entre clérigos e adeptos. Para a Soka Gakkai, foi solicitado explicar plenamente os artigos de 30 de junho e 7 de setembro para que todos os membros “possam compreender e convencer-se plenamente de seu conteúdo e significado”. Para tanto, deveria “reconhecer claramente os erros do passado com relação à doutrina da Nitiren Shoshu, refletir e agir sinceramente pela remissão dos pecados por ter feito orientações nesse sentido” e, por fim, não esquecer o juramento de jamais cometer novamente o mesmo erro. (NSB, 1980, pp. 96-97.)

Os artigos a que aludia a Nitiren Shoshu destacam: (1) exageros nas orientações proferidas em 1977 referentes ao clero, a templos e a reverendos; (2) interpretação errada dos Três Tesouros (do Buda, da Lei e do Sacerdote) e

⁵ Sete períodos de sete anos que marcam o desenvolvimento da organização desde a sua fundação.

conscientização de ser a Soka Gakkai uma entidade de leigos da Nitiren Shoshu; (3) premissa, no estudo do budismo, de que a legítima corrente do Budismo Nitiren existe na Nitiren Shoshu; (4) importância das formalidades religiosas da Nitiren Shoshu na prática da fé para a conservação eterna da legitimidade do Budismo de Nitiren; (5) questões relacionadas ao *Gohonzon*.

Lendo os artigos e as explicações, concluímos que o que motivou a retirada de Ikeda está no seguinte ponto:

No contexto das orientações do passado, houve dirigentes que davam realce à pessoa do presidente [Ikeda] empregando termos que, conforme a doutrina, somente podem ser aplicados para o Buda Original Nitiren Daishonin ou Nikko Shonin. Termos como “Grande Mestre” (Daí-Doshi), “Mestre da Eternidade” (Kuon-no-Shi), “Kimyo” (devotar a vida), “As Virtudes de Soberano, Mestre e Pais”, ou a expressão “Revolução Humana é o Goshô da atualidade”, foram empregados de forma errada e não devem ser utilizados. (NSB, 1980, p. 98.)

Foram as mulheres que apoiaram Ikeda nesse momento conflituoso da Soka Gakkai. Uma integrante da Divisão Feminina que participou da reunião comentou:

Por que os dirigentes não tiveram a coragem de declarar orgulhosamente que o fenomenal desenvolvimento do *Kossen-rufu* se deveu totalmente ao presidente Ikeda? (TC, 2000, p. 31.)

Sobre esse dia, Ikeda escreveu:

Logo que deixei o ginásio e caminhava pelo corredor externo que dava para outro prédio, um grupo de membros da Divisão das Senhoras correu em minha direção. Jamais esquecerei esse encontro, que está profundamente gravado em meu coração. (TC, 2000, p. 31.)



Foto 2: Daisaku Ikeda ao lado de sua esposa, Kaneko (de frente), e integrantes da Divisão Feminina. (Japão, 1979)

Esse posicionamento da Divisão Feminina se refletiu na canção “Kyo mo kenki de” (Mais um dia feliz), interpretada pela primeira vez, em 31 de agosto de 1988, pelo coral Lírio Branco, na Reunião de Dirigentes da Divisão Feminina realizada no antigo Auditório da Universidade do Japão. Nessa reunião, em que foi apresentada a nova coordenadora da divisão, Ikeda manifestou a expectativa de que “haja glória na atuante Divisão das Senhoras” e “haja louros em seu avanço”, expressando o desejo de “fazer tudo o que estiver ao meu alcance por vocês” (*Daisambumei*, 2003, pp. 32-33). Traduzida para vários idiomas, essa é a canção da Divisão Feminina em toda a SGI (ver Apêndice 3).

A letra retrata o dia-a-dia das mães Soka, que se inicia ao raiar do dia e se encerra sob o céu estrelado, com a decisão de lutar ainda mais no dia seguinte. Nela está contida também a sincera gratidão ao mestre que lhes ensinou o mais nobre caminho da vida. Não havia precedentes da citação da palavra “sensei” nas canções da Gakkai. “Acredito que era a manifestação do sincero brado originado nas profundezas do coração de todas”, comentou uma das pessoas que colaboraram na composição da música. (TC, 2000, p. 31.)

A referência à palavra “sensei” (mestre) na canção retrata justamente a disposição dessas mulheres, pois usar a expressão “Ikeda Sensei” (Mestre Ikeda) foi uma das restrições impostas na época.

Na década de 1990, comemorando o cinquentenário da Divisão Feminina, realizou-se uma reunião no Auditório Soka da Amizade Internacional e Ikeda

declarou que “o movimento empreendido por 5,5 milhões de ‘mães do *Kossen-rufu*’ é o mais empolgante na história do Budismo de Nitiren Daishonin” (Ikeda, 1991a, p. 1) e considerou a Divisão Feminina da SGI “a maior organização de mulheres do mundo, contribuindo significativamente para a felicidade da humanidade”. Na mensagem que enviou à convenção comemorativa da data, ele, então em viagem à Europa, escreveu:

Em todos os países da Europa pude observar um grandioso desenvolvimento de todos na prática da fé e também verifiquei que quem tem sustentado esse desenvolvimento em cada país é a Divisão Feminina. (Ikeda, 1991b:1.)

Considerando que hoje a SGI tem 12 milhões de integrantes espalhados por 192 países e territórios e que, em 1990, eram 5,5 milhões os integrantes da Divisão Feminina – a que mais cresce na organização –, supomos que mais da metade da SGI, hoje, é formada por mulheres. Tendo em conta que são 9 milhões de famílias integrantes da SGI e supondo que em cada família exista uma participante da Divisão Feminina, conclui-se que 9 milhões de mulheres atuam no proselitismo e nas promoções culturais, sociais e educacionais da instituição, conforme se pode ver no Apêndice 8.

II.1.4 “Século das Mulheres” – as expectativas de Daisaku Ikeda para a Divisão Feminina

O jornal *Japan Times*, de 13 de julho de 2006, publicou um artigo de Daisaku Ikeda, com o título “Direitos iguais para as mulheres”, em que ele discorre sobre a sabedoria e a capacidade feminina para o desenvolvimento de toda organização ou sociedade. Diz que as mulheres “parecem *experts* em propor soluções flexíveis para problemas complexos” (Ikeda, 2006a, p. 6) e que ambos os sexos “devem trabalhar juntos numa relação de respeito mútuo” para que possam fazer surgir uma era em que todas as pessoas sejam valorizadas por sua humanidade. “Esta será uma era em que apreciaremos a rica diversidade humana em sua plenitude” (Ikeda, 2006a, p. 7).

Para que a Divisão Feminina possa desenvolver-se conforme essas expectativas Daisaku Ikeda constantemente a incentiva. Dos 214 discursos que publicou no jornal *Brasil Seikyo* de 2001 a 2008, 193, 90%, continham referência à Divisão Feminina. Além disso, todos os anos ele envia mensagem felicitando-a pela passagem de seu aniversário, em que louva as mulheres por seus esforços na propagação do budismo (ver Apêndice 4). Para Ikeda, o atual estágio de desenvolvimento da organização se deve ao empenho das mulheres: “São particularmente nossos membros da Divisão Feminina que estão propagando o *Kossen-rufu* com devoção incansável, orando sincero *Daimoku* e conversando com as pessoas sobre o nosso movimento” (Ikeda, 2005, p. 3).

Dentre os membros, os mais dignos de louvor são os membros da Divisão Feminina. Apesar de as mulheres Soka serem tão ocupadas, estão sempre na liderança – na apresentação do budismo para outras pessoas, na expansão do número de leitores do *Seikyo Shimbun* e na promoção da amizade na comunidade onde moram. Elas estão se empenhando incansavelmente em todas essas áreas e estão vencendo. [...] Sempre valorizei em primeiro lugar as esmeradas integrantes da Divisão Feminina. (Ikeda, 2007a, p. 3.)

O posicionamento do Buda Nitiren (ver I.3.1) e de Ikeda em relação às mulheres de alguma forma faz com que elas se sintam confortáveis na Soka Gakkai. Apesar disso, Ikeda constantemente adverte a ala masculina da organização sobre a importância de respeitar as mulheres, o que deve ser um indício da existência de discriminação contra a mulher em algum setor da Soka Gakkai, conforme se pode verificar nas duas frases abaixo.

Espero que nossos membros da Divisão Sênior e da Divisão Masculina de Jovens sempre tratem os membros da Divisão Feminina e da Divisão Feminina de Jovens com o máximo respeito. (Ikeda, 2005, p. 3.)

É de particular importância que os líderes do sexo masculino valorizem e respeitem as mulheres e que tenham consideração por suas admiráveis contribuições para o *Kossen-rufu*. Jamais devemos tratar as mulheres com superioridade nem discriminá-las. (Ikeda, 2004a, p. 4.)

Tendo como base a frase de Nitiren: “Não deve haver nenhuma discriminação entre aqueles que propagam os cinco caracteres do *Myoho-rengue-kyo*, sejam eles homens ou mulheres” (Nitiren, 2006, p. 245), Ikeda diz insistir sempre em que “as mulheres têm papel importante na mudança de uma era de guerra e violência para uma era de paz e coexistência harmoniosa” (Ikeda, 2005, p. 173). Com esse posicionamento, há cerca de trinta anos ele considera o século XXI o “Século das Mulheres”.

Estou convicto de que, no século XXI, as mulheres podem, trabalhando com os homens, manifestar plenamente suas forças e suas características. De fato, sem os esforços em cooperação dos sexos, a perspectiva para a humanidade é sombria. (Ikeda, 2006, p. 245,)

Para Ikeda, deve-se aprender a equilibrar o feminino e o masculino, fator importante para se tornar um indivíduo maduro e realizado. Ele afirma que, dependendo da época e do lugar, certas qualidades serão buscadas nos homens e nas mulheres de acordo com os padrões sociais vigentes – e, quanto mais as pessoas tentarem se adequar a esses estereótipos, mais as suas outras características interiores serão reprimidas. O ideal, segundo ele, é que homens e mulheres se empenhem para aprender uns com os outros aprimorando o caráter, o que considera uma “parceria dos sexos”.

É um fato que as imagens de “masculinidade” e “feminilidade” que temos em nosso consciente foram profundamente influenciadas pelas tradições culturais desenvolvidas em longos períodos de tempo. E a influência dessas tradições está completamente impregnada em todos os aspectos do ethos social, inclusive na linguagem, na religião, nos sistemas de organização, na educação e na erudição. Portanto, parece-me que o que importa não é estabelecer um modelo particular de comportamento para homens e mulheres, mas que as pessoas façam em primeiro lugar tenazes esforços para viver como seres humanos decentes, e permitir aos outros que façam o mesmo. (Ikeda, 1997, p. 4.)

Não obstante o posicionamento de Ikeda nesse aspecto, e não obstante os integrantes da BSGI o considerarem mestre, sendo o espírito de “mestre e discípulo” um dos pontos fundamentais da Soka Gakkai, não se consegue superar a barreira do androcentrismo, o que veremos a seguir.

II.2 MULHERES SOKA NO MOVIMENTO IMIGRATÓRIO

Em 1960, quando Daisaku Ikeda viajou para estruturar a Soka Gakkai fora do Japão, deparou com diferentes realidades mas com o mesmo sujeito – as mulheres Soka imigrantes-infelizes-insatisfeitas desejosas de retornar ao Japão. Nos Estados Unidos, ele encontrou as “noivas de guerra”, japonesas que haviam se casado com soldados americanos por ocasião da ocupação japonesa, e no Brasil encontrou as esposas dos colonos. Para entender as circunstâncias de vida dessas pessoas, temos de retroceder no tempo e apresentar alguns fatos ligados diretamente à colônia japonesa nos anos que antecederam a estruturação da Divisão Feminina no Brasil.

As primeiras imigrantes japonesas chegaram ao Brasil em 1908, no famoso navio *Kassato Maru*, como agricultoras com contratos temporários fugindo da situação econômica precária pela qual passava o Japão, decorrente da implantação da nova Constituição na Era Meiji. Vinham com suas famílias ou como agregadas, objetivando compor o número de mão-de-obra exigido pelas autoridades. Dificuldade de adaptação, falta de conhecimento do idioma, diferenças culturais e sociais foram alguns dos problemas que enfrentaram no país.

Os imigrantes têm a tendência de juntar-se, visando à proteção individual e do grupo; assim, as japonesas começaram a viver em colônias que mantinham os seus costumes, cultura e língua, na suposição de que logo retornariam ao Japão. Esse pensamento impediu ou dificultou muito que aprendessem o português e se adaptassem aos costumes brasileiros.

O esforço da colônia japonesa em se manter coesa em torno de seus valores culturais foi interpretado como prova de que os “súditos de Makoto” formavam um corpo estranho no organismo nacional. (Takeuchi, 2008, p. 85.)

Segundo Marcia Takeuchi, entre o final do século XIX e a década de 1940 um discurso antinipônico percorria a elite brasileira – o “perigo amarelo” – e isso ao longo dos anos foi se fortalecendo e abrangendo o campo da política.

Acreditava-se que os japoneses pretendiam construir um posto avançado do Império do Sol em terras brasileiras.

Miguel Couto declara ser inegável existirem amarelos, brancos e pretos, sendo que cada um deles estava adaptado ao seu próprio meio. No entender de Couto, a principal diferença entre as raças não estava na cor da pele, mas na mente, na mentalidade, nos costumes e na sua religião. A entrada indiscriminada de imigrantes amarelos, além de trazer graves consequências para a formação da nacionalidade brasileira, produziria quistos étnicos, perigosos para a integridade do país. (Takeuchi, 2008, p. 87.)

Na década de 1940 – “anos de trevas” para a comunidade japonesa – ocorreu a Segunda Guerra Mundial e o Brasil, aliado dos Estados Unidos, viu no Japão um inimigo. As japonesas que aqui viviam logo começaram a sofrer as consequências: os bens de suas famílias foram confiscados, alguns dos homens foram presos, foi proibido falar o idioma e receber impresso japonês. A Secretaria de Segurança Pública de São Paulo enviou advertências e ordem de despejo aos moradores japoneses da rua Conde de Sarzedas, onde viviam cerca de quatrocentas famílias dessa nacionalidade, e ao mesmo tempo decretou o congelamento dos seus bens para ressarcir os danos causados pelo ataque inimigo. Isso trouxe sérios problemas às famílias e à comunidade, ocasionando o fechamento de empresas e organizações. O congelamento de bens perdurou até 1950.

A ordem de despejo foi cumprida com uma violência vingativa. Policiais prendiam um japonês apenas por ele ser japonês. Os japoneses eram conduzidos à força, só com a roupa do corpo, para a estação ferroviária de Santos, trancados como mercadorias em vagões fechados com cadeados e transportados aos campos de concentração em São Paulo, entre o choro de mulheres, gemidos de idosos e gritos dos agentes de polícia. (Toyama, 2009, p. 250.)

Com o fim da guerra, surgiram dois grupos antagônicos na colônia, o Kashigumi (grupo dos vitoriosos), vinculado à associação Shindo Renmei (Caminho dos Súditos), e o Makegumi (grupo derrotista). O primeiro não admitia que o Japão tivesse perdido a guerra, e fazia isso de forma tão veemente, que

chegou a atentar contra a vida dos que diziam que perdeu. Esses fatos fizeram com que a colônia se fechasse ainda mais em si mesma e atraísse a suspeita sobre todos os japoneses, homens e mulheres, e seus descendentes. Mesmo anos depois da guerra a comunidade japonesa viveu mergulhada na confusão “vitoristas *versus* derrotistas”.

Dos anos 1930 até o início de 1950, período denominado “hibernação das religiões” japonesas, foram cumpridas as recomendações do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão aos patrícios que emigraram para o Brasil, de acordo com as quais eles

devem ter sempre em mente que a grande maioria dos brasileiros é católica, devendo os cultos do budismo ou xintoísmo, religiões estranhas para os brasileiros, ser realizados da maneira mais discreta possível, deixando-se de lado construções de templos budistas ou xintoístas que podem dar muito na vista. Considero essas medidas mais inteligentes para o desenvolvimento futuro de nosso povo. (Noda apud SBCJ, 1992, p. 564.)

Nos anos 1950 mudanças importantes ocorreram na sociedade brasileira, provocando, a partir da segunda metade da década, a “ressurreição religiosa dos japoneses e seus descendentes” (SBCJ, 1992a, p. 575). Essa, gradativamente, estendeu-se aos brasileiros e fincou raízes no solo daqui.

A ressurreição das religiões japonesas, verificada a partir dos anos 50, foi de início um fenômeno surgido entre os japoneses e seus descendentes; mas, no período compreendido entre as décadas de 60-70 [sic], elas ultrapassaram os limites étnicos, isto é, dos japoneses, e passaram a penetrar amplamente no meio brasileiro, de não-descendentes de japoneses. (SBCJ, 1992a, p. 561.)

A partir de 1950 deixou de existir o “perigo amarelo” e a colônia ganhou visibilidade. De 1952 a 1959, mais de 30 mil imigrantes japoneses chegaram ao Brasil, quase 30% mais que nas décadas de 1960 e 1970 juntas.

Muitos nipo-brasileiros tentaram combater os estereótipos negativos fundindo as comemorações dos quatrocentos anos de fundação de São Paulo com as dos cinquenta anos da imigração japonesa, em 1958. Um enorme “Pavilhão Japonês” foi

construído no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, tendo sido inaugurado em 18 de junho de 1958. (Lesser, 2008, p. 44.)

As imigrantes da Soka Gakkai viviam nessa confusão nipo-brasileira quando Ikeda chegou ao Brasil na madrugada de 19 de outubro de 1960, e a maioria que foi receber a comitiva – integrando esta veio Yasu Kashiwabara – no Aeroporto de Congonhas era de homens. Agricultores que moravam longe da capital paulista, eles vieram deixando as mulheres em casa a cuidar dos filhos. Somada a isso estava a precária condição financeira em que viviam, o que os impedia de assumir gastos com viagem. Segundo um depoimento, nessa ocasião estiveram presentes no aeroporto três a cinco mulheres que viviam na cidade de São Paulo. Uma delas relatou:

O motivo que vim para o Brasil, além do financeiro, era que não gostava da organização japonesa [Soka Gakkai], vim fugindo da organização. No entanto, chegando aqui em 1958 senti-me completamente só, uma profunda solidão. Quando vi no jornal *São Paulo Shimbun* um anúncio de uma reunião da Soka Gakkai, fiquei muito feliz e comecei a participar. Nunca mais parei. (Depoimento da imigrante F, 79 anos, entrevista realizada em 30 de outubro de 2008.)

II.3 DIVISÃO FEMININA NO BRASIL

II.3.1 Períodos que marcaram a história da BSGI

Da mesma forma que Pereira (2001) divide as fases de desenvolvimento da BSGI em cinco partes, demarcamos cinco períodos de crescimento da organização brasileira. No entanto, diferentemente de Pereira, essa divisão tem como critério as visitas de Ikeda ao Brasil, pois percebemos que cada visita motivou as integrantes a se empenharem visando a corresponder ao “mestre” e impulsionando a um maior desenvolvimento a BSGI.

O primeiro período – *Estruturação da BSGI (1950–1960)* – é marcado pela chegada dos primeiros integrantes da Soka Gakkai e pela primeira visita de Ikeda ao Brasil, que ocasionou a estruturação da BSGI (1960).

No segundo período – *Chegada da primeira coordenadora da Divisão Feminina e a conversão de brasileiras (1960–1970)* – ocorreram a oficialização da BSGI (1962), a chegada da primeira coordenadora da Divisão Feminina, o início da conversão de brasileiras sem ascendência oriental (1965) e a segunda visita de Ikeda ao Brasil (1966), que impulsionou as conversões realizadas nos anos seguintes.

O terceiro período – *Mudança da coordenação da Divisão Feminina e a entrada de nikkei em sua liderança (1974–1983)* – é marcado pela não-permissão da entrada de Ikeda no Brasil.

No quarto período – *Duas visitas de Ikeda e falecimento de Silvia Saito (1983–1993)* – ocorreram a terceira (1984) e a quarta (1993) visitas de Ikeda ao Brasil, o cisma da Nitiren Shoshu com a Soka Gakkai (1991) e o falecimento de líderes centrais da BSGI, resultando numa reorganização com a primeira mudança de sua liderança central após mais de trinta anos.

O quinto período – *Mudanças estruturais e a consolidação da BSGI como modelo de organização (1994-2008)* – é marcado pela busca de maior penetração da BSGI na sociedade brasileira e sua afirmação como modelo para as demais organizações da SGI, a construção dos novos prédios da sede central (2003) e do centro cultural da BSGI, a reinauguração da Sede da Divisão Feminina e a mudança de seu presidente (2009).

A seguir, apresentam-se em detalhe os fatos que marcaram cada período.

II.3.1.1 Estruturação da BSGI (1950–1960)

As atividades da BSGI foram iniciadas na década de 1950 pelos imigrantes japoneses que haviam se convertido ao Budismo Nitiren nos últimos anos no Japão, onde muitos exerceram funções de liderança. Essas pessoas passaram a atuar nas colônias em que viviam, ensinando o budismo aos conhecidos, parentes e amigos. Os meios precários de comunicação e os locais distantes em que

residiam as poucas famílias praticantes dificultavam a propagação. Mesmo não existindo uma organização estruturada, havia cerca de cem famílias e na cidade de São Paulo eram realizadas periodicamente reuniões de palestra por iniciativa de alguns praticantes que anunciavam no jornal *São Paulo Shimbun*, convocando os integrantes da Soka Gakkai para reuniões em locais e horários determinados.

Apesar dos esforços, nessas condições o Budismo Nitiren estava fadado a fechar-se na colônia japonesa. Mas o quadro mudou em 1960, quando um membro da cidade de São Paulo recebeu uma das várias cartas enviadas pela sede da Soka Gakkai do Japão comunicando da visita de Ikeda e comitiva. Ele fez contato com seus conhecidos e resolveram reunir o maior número de integrantes da Soka Gakkai no Estado. Para tanto, colocaram um anúncio no mesmo jornal comunicando a visita e uma reunião a ser realizada no dia 20 de outubro. Nesse cenário é que Ikeda visitou o Brasil e oficializou a Nitiren Shoshu do Brasil, predecessora da Associação Brasil-SGI.



Foto 3: Yasu Kashiwabara ao lado de Daisaku Ikeda. (Brasil, out. 1960.)

A BSGI foi estruturada nos moldes da organização japonesa e transplantou a sua formatação interna. De início houve a formação da Divisão das Senhoras, da Divisão dos Rapazes e da Divisão das Moças. Mesmo tendo homens adultos e sendo referenciada nos impressos e discursos, a Divisão dos Adultos foi

oficializada apenas em 1982.⁶ Até essa data, a posição dos homens adultos era somente de responsáveis pela organização e pelas demais divisões.

Pereira argumenta que os nomes das divisões já caracterizam o formato patriarcal da BSGI, “uma vez que os integrantes homens adultos receberam a denominação de Divisão dos Adultos” (Pereira, 2001, p. 301). Essa observação nos remete ao pensamento japonês sobre a posição social da mulher – a tripla obediência ao pai, ao marido e aos filhos.

De fato, na medida em que o termo “adultos” tornou-se sinônimo de “homens adultos”, pode-se inferir que o termo “senhora” pode ser entendido como “não-adultas”, ou, caso possam ser consideradas “adultas”, as mulheres não desfrutariam, no entanto, plena e socialmente, de sua maturidade. Por isso, estariam um degrau social abaixo dos homens e sob a proteção deles. (Pereira, 2001, p. 301.)

Inicialmente sob a liderança dos homens adultos, um grupo tímido de mulheres da BSGI começou a se reunir, principalmente aos domingos, para orar, estudar o budismo lendo os impressos que vinham do Japão e se incentivar mutuamente diante da dura realidade da vida de imigrante. Conforme recordação de Riyoko Uno, 71 anos, filha de imigrante, que entrou para a BSGI em 1964:

Recordo que eram formados grupos de quatro ou cinco pessoas que saíam de São Paulo para cidades do interior e adjacências. Muitas vezes, essas pessoas iam às casas dos conhecidos indicados pelos praticantes da região só para fazer um convite a elas. (TC, 2005, p. 15.)

As reuniões eram realizadas em japonês nas pequenas casas, muitas dessas de madeira, onde as imigrantes residiam. Os oratórios, em que se consagrava o *Gohonzon*, colocado no melhor local da residência, eram quase sempre caixotes de maçã, para quem vivia no interior, primorosamente preparados pelas mulheres da família para esse fim. Os que viviam na cidade de São Paulo, como não tinham condições de adquirir oratório, consagravam o

⁶ A Divisão Sênior foi formada no Japão em 1966 por Daisaku Ikeda.

Gohonzon sobre um lenço ou em caixa de camisa. Vejamos o depoimento do imigrante Eichi Sago, 70 anos, no Brasil desde 1960:

Às vezes, devido à distância e ao transporte precário da época, conseguíamos visitar apenas uma família no sábado e outra no domingo, encerrando assim nosso fim de semana. Outras vezes, não encontrávamos a família em casa, pois, devido à distância, viu-se obrigada a se mudar. (TC, 2005, p. 15.)

Com a industrialização do Brasil na década de 1960, muitas empresas japonesas se instalaram no país. Assim, integrantes da Soka Gakkai do Japão vieram para o Brasil a trabalho, entre eles Roberto Saito, que se tornaria o primeiro presidente da BSGI. Muitos desses trabalhadores eram casados e vinham com a família, e a organização começou a se fortalecer. No entanto, esses imigrantes tinham no máximo quatro anos de conversão.

Em 1960, 45 empresas japonesas operavam no Brasil. Em 1971, esse número havia saltado para 113, e em 1976, para 537. Na década de 1970 o Japão se situava como o terceiro maior investidor direto no Brasil, com um total de quase 2,9 bilhões de dólares. (Lesser, 2008, p. 48.)

Os japoneses tinham devoção integral ao trabalho; por isso, podemos presumir que a marcha de propagação do budismo foi desenvolvida principalmente pelas mulheres. O comprometimento com dois princípios básicos do Budismo Nitiren, carma e *Bodhisattva* da Terra, define o engajamento delas, que, conforme relato oral, ao passarem por dificuldades, principalmente a financeira, dispunham-se a orar, e o marido, a trabalhar ainda mais. Vejamos depoimento de Nelson K. Watanabe, 53 anos, filho de imigrante, que entrou para a BSGI em 1968:

No início somente as mulheres seguiram a prática com o desejo de amenizar a desarmonia familiar, mas, com o tempo, todos passaram a acompanhar e participar das atividades. (TC, 2004, p. 45.)

De acordo com o Budismo Nitiren, o carma é formado por todas as ações exercidas cotidianamente, as quais ficam registradas na vida em forma de energia negativa (gerando sofrimento) e energia positiva (gerando felicidade). *Bodhisattva*

é uma condição de vida inerente a todas as pessoas que se caracteriza pela dedicação ao outro em detrimento da própria situação. Esse conceito faz parte do princípio dos Dez Estados de Vida – Inferno, Fome, Animalidade, Ira, Tranquilidade, Alegria, Erudição, Absorção, *Bodhisattva* e estado de Buda. Todas as pessoas, praticantes ou não do budismo, possuem os Dez Estados de Vida, que se alternam mediante as condições externas que se apresentam (ver Seção 3.2, Capítulo I). No entanto, os que recitam o *Nam-myoho-rengue-kyo* são considerados *Bodhisattvas* da Terra – pessoas que nasceram com a missão de propagar o budismo nesta época, chamada de era de *Mappo* (ver Seção 1, Capítulo I), considerada a pior das eras, cheia de conflitos e sofrimentos gerados pelos três venenos, da ira, da avareza e da estupidez –, conforme ensinamentos de Nitiren Daishonin: “Se tiver a mesma mente que Nitiren, com certeza o senhor deve ser um *Bodhisattva* da Terra. [...] Se não fossem *Bodhisattvas* da Terra, eles não seriam capazes de recitar o *Daimoku* [*Nam-myoho-rengue-kyo*].” (Nitiren, 2006, p. 252.)

A pessoa que desperta para a missão é “mensageira do Buda” e conduz a própria vida sem ficar à mercê do carma negativo. Nitiren diz: “O ‘mensageiro’, em nossa época, refere-se aos *Bodhisattvas* da Terra, que aparecerão no começo dos Últimos Dias.” (1981, p. 83.)

Por isso, carma e missão são as duas faces de uma mesma moeda. Com base nesses ensinamentos e em outras passagens das escrituras de Nitiren Daishonin, Ikeda observou na reunião de estruturação da BSGI:

Talvez os senhores estejam pensando que vieram para o Brasil por mero acaso, cada um devido aos seus motivos particulares. No entanto, não é exatamente isso. Os senhores nasceram como *Bodhisattvas* da Terra para realizar o *Kossen-rufu* do Brasil, para conduzir as pessoas deste país à felicidade e para construir aqui a terra da eterna paz e tranquilidade. Ou melhor, os senhores foram convocados pelo Buda Original Nitiren Daishonin para cumprir essa tarefa. Quando os senhores tomarem consciência de sua sublime missão como nobres *Bodhisattvas* da Terra e viverem em prol do *Kossen-rufu*, o sol do infinito passado latente no interior dos senhores irradiará seus raios para transformar as causas negativas do passado como o evaporar do orvalho e abrirá diante de seus olhos um sereno curso de vida repleto de felicidade e jubilosas alegrias. (Ikeda, 1994, p. 198.)

Segundo depoimentos, as pessoas que se reuniram naquela ocasião viram surgir a esperança que havia muito tinham perdido pela dura condição de imigrante que via seu sonho de retornar ao Japão esvaecer dia após dia. Algumas das imigrantes, viúvas, na ocasião trabalhavam na plantação ou em outros serviços de baixa renda para sustentar os filhos. Muitas tinham pouca instrução tanto em japonês quanto em português. Casaram-se jovens e vieram para o Brasil, outras vieram por meio de casamento arranjado pelos parentes e amigos (*miai*). Seu desejo de retornar ao Japão, sem perspectiva de realização, fazia com que sua vida fosse ainda mais miserável. Um relato da época retrata bem a condição de algumas mulheres imigrantes:

A família daquela senhora viera para o Brasil como imigrante contratada para trabalhar na agricultura. Entretanto, ao perder o marido, que provia a principal fonte de renda da família, ela não poderia mais continuar na fazenda e não tinha como sustentar seus filhos pequenos. Quando pensava no suicídio, teve a oportunidade de ouvir sobre o budismo por intermédio de um membro da Gakkai que morava na mesma colônia. (Ikeda, 1994, p. 196.)

Ao ouvir o relato de sua vida na reunião de estruturação da BSGI, Ikeda apresentou-lhe conceitos básicos do budismo, dizendo da “nobre missão” que tinha e que somente ela poderia concretizar. As mulheres presentes, e por extensão todas as imigrantes da BSGI, não eram simplesmente pobres-mulheres-infelizes desejosas de retornar ao Japão, mas pessoas de nobre missão em solo brasileiro – as *Bodhisattvas* da Terra. Vejamos o depoimento de Ryoko Uno:

Ele [Ikeda] nos ensinou como transformar a nossa condição de vida e obter um grande desenvolvimento na organização. Esse é um tesouro que trago comigo até hoje. (TC, 2005, p. 16.)

Foram essas mulheres que iniciaram a propagação do budismo no Brasil. Da mesma forma que essas imigrantes são consideradas *Bodhisattvas* da Terra, no Brasil também existem pessoas com essa missão, mas que ainda não despertaram para isso. A missão dessas mulheres foi justamente, e é até hoje, despertar os *Bodhisattvas*. Esses e outros ensinamentos amenizaram os sofrimentos das mulheres do início da BSGI.

Diferentemente da visão de alguns pesquisadores, que afirmam a pretensão dos japoneses (por meio da religião) de ser os salvadores dos brasileiros, acreditamos que o conceito de *Bodhisattva* da Terra não carrega essa simbologia. No Budismo de Nitiren a existência não se limita à presente, sendo possível à pessoa renascer em qualquer parte do universo. Então, falar da missão dos imigrantes está associado à visão budista da interligação das três existências da vida – passado, presente e futuro – e a missão que perpassa por ela. Ser *Bodhisattva* da Terra não está associado à nacionalidade, mas à missão de propagar o Budismo Nitiren.

Para cumprir essa “missão de *Bodhisattva*”, relatos orais narram a história de mulheres que saíam de casa aos domingos pela manhã para visitar uma família, carregando o *bento* (lanche) e um pedaço de papel com o endereço e algumas palavras escritas em português, e retornavam somente ao anoitecer. Ou de outras que andavam quilômetros a pé para converter, ensinar o budismo e incentivar a continuidade da prática a uma única pessoa. Vejamos o que diz a senhora E., 78 anos, que está no Brasil desde 1960 e entrou para a BSGI em 1962, sobre as atividades que empreendia na Divisão Feminina:

Para poder participar de todas as atividades, trabalhei de uma a duas horas mais todos os dias para adiantar o serviço. Com o tempo surgiu o primeiro benefício. O meu marido mudou de emprego e como consequência a renda melhorou. Deixei de trabalhar, criando assim condição de participar em todas as atividades a qualquer momento. A alegria foi tão grande que procurei fazer amizade com as vizinhas japonesas no intuito de fazer o *chakubuku*, propagação do budismo.⁷

Após ser responsável de bloco e em seguida de comunidade, a senhora E. viajou sozinha de ônibus pela primeira vez desde que chegou ao Brasil, para a cidade de Londrina, para fazer uma atividade da BSGI, num percurso que durou dezesseis horas e a fez se sentir “insegura e desamparada”.

⁷ Depoimento feito numa reunião comemorativa do “Dia da BSGI” em outubro de 2008 e cedido pela autora para utilização neste trabalho.

Lá havia um membro da Divisão Masculina de Jovens, um da Divisão Feminina de Jovens e um da Divisão Sênior, o sr. O. Fizemos *chakubuku* de “paraquedista”, pois ainda não havia local para reunião. E retornei. Quando ia para o interior fazer atividade, partia de ônibus na noite de sexta-feira e, encerrando as atividades no domingo, chegava na manhã de segunda-feira e o meu marido ia direito para o serviço.

A organização tinha como objetivo realizar dez conversões (*chakubuku*) por bloco e trinta por comunidade, e, para poder concretizar, diz a senhora E. que oravam e andavam muito todos os dias. Como não tinha telefone nem carro para entrar em contato com os integrantes de sua organização, levava um dia para fazer uma visita.

Guardo com profunda emoção a lembrança de quando concretizamos três *chakubuku* [em descendentes de japoneses] numa noite só, pulei de alegria. Como responsável, cuidei dos membros que, na maioria, 95%, eram agricultores, e por isso moravam longe de São Paulo; ia nas cidades de Santa Catarina e Londrina, em Registro, Cotia, Ibiúna, Sorocaba, São Roque, Santo Amaro, Itapeverica. Eles geralmente moravam distante da estrada uns 3 quilômetros, ou até mesmo mais de 10 quilômetros. Lembro que para chegar no local da reunião, no caminho escuro, eu suava de medo até nas noites frias. Morei no Ipiranga e quando terminava a atividade, na volta, chegava à meia-noite no ponto de ônibus na Praça João Mendes. Era a única mulher que ali se encontrava. Realmente, na alegria, na tristeza e no momento difícil, às vezes a tentação de querer abandonar a prática batia no meu coração. Nesse momento eu reunia as forças para poder recitar o *Daimoku* de sinceridade e seriedade e, assim, vim lutando até hoje.

Ao relatarem esses episódios, até com certa nostalgia, não há mágoa nem lamentação em suas vozes, pois elas se orgulham de ter empreendido essa “luta” e ajudado a assentar as bases da BSGI atual. Consideram que o status conquistado hoje é resultado desse engajamento. Elas constituíram um grupo de mulheres de convicção que passaram pelo que Ikeda denomina *experiência pessoal* com a “cura” de sua enfermidade (Ikeda, 1996, p. 98). Algumas dessas mulheres, hoje na faixa etária dos 70 e 80 anos, se reúnem mensalmente em pequenos grupos e realizam encontros sobre o budismo em japonês.

II.3.1.2 Conversão de brasileiras e chegada da primeira coordenadora da Divisão Feminina (1960–1970)

Em 1960, chegou ao Brasil um grande número de japoneses “ocidentalizados” devido a sete anos de ocupação americana no Japão. No entanto, esse “novo japonês”, como ficou conhecido na colônia, entra em conflito com o “velho japonês”, que, nos anos em que viveu no Brasil, permaneceu preso a tradições trazidas na bagagem, as quais não faziam mais sentido para a nova geração.

Provavelmente, isso também ocorreu na BSGI, uma vez que não há registro das primeiras pessoas que lideraram a organização antes de 1960.⁸ Soubemos, por meio de uma informante, que dirigentes da organização japonesa haviam vindo ao Brasil antes de 1960, fato que não conseguimos confirmar. Porém, não conseguiram motivar os “companheiros” conforme fez Ikeda.

Quem mais foi motivado por Ikeda foram as integrantes da Divisão Feminina, não somente na década de 1960, mas também nos demais anos em que ele esteve no Brasil.

Desse período até a década de 1970, a BSGI teve um *boom* de desenvolvimento. Em sua estruturação, as pessoas destacadas como coordenadoras da organização eram todas japonesas que iniciaram um trabalho de visitar mais 250 pessoas, que participaram da reunião de fundação e que residiam em Itatiba, Atibaia, Indaiatuba, Piedade, Vargem Grande, Apiaí, Praia Grande, Arujá, Mogi das Cruzes, Suzano, entre muitas localidades no Estado de São Paulo e em outros estados. Sobre essa época, Ryoko Uno diz:

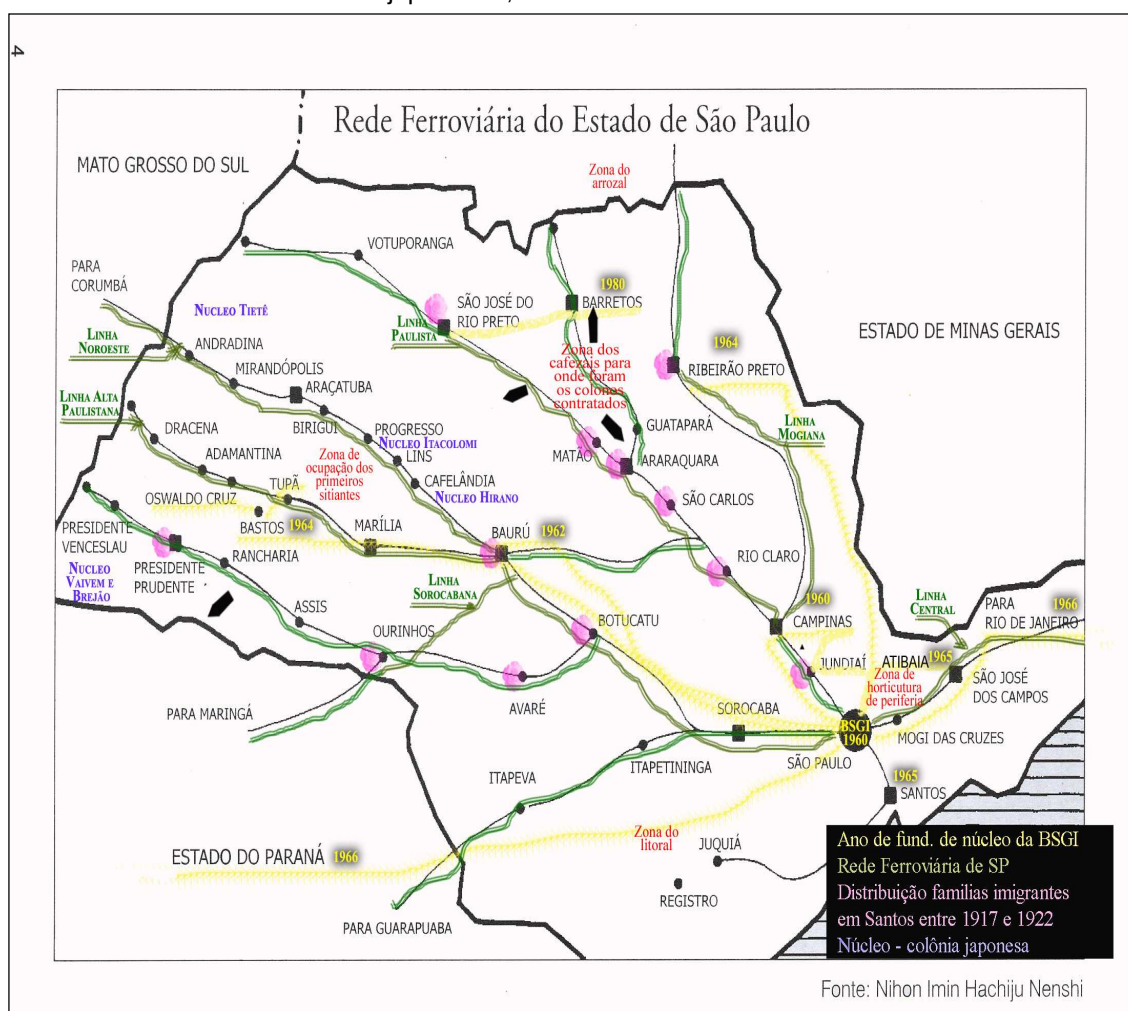
A maioria dos membros era muito pobre, vivia no interior e trabalhava como empregado rural. Lutando praticamente apenas para sobreviver, eram carentes em todos os aspectos. Entre as 250 pessoas que estiveram presentes na fundação do Distrito Brasil, formado por três comunidades, ninguém falava o português e apenas meia dúzia moravam na cidade de São Paulo. (TC, 2005, p. 15.)

⁸ Na revista *BSGI Graphic*, 5ª edição, de 1984, consta que em 1959 se realizou a primeira reunião de palestra no Brasil e que Futao Inoue foi o primeiro chefe do Distrito Brasil. Soubemos que na década de 1990, quando ocorreu a separação da Nitiren Shoshu, Inoue abandonou a BSGI.

Essas visitas foram facilitadas pela rede ferroviária de São Paulo, que, construída para o transporte de café, está associada diretamente aos locais onde as colônias japonesas foram instaladas (ver Ilustração 1).

É inegável que a EFC [Estrada de Ferro Central] desempenhou um papel preponderante na história da Nitiren Shoshu nas áreas adjacentes àquela linha. Também no Capítulo Geral Central o trem é o meio de transporte preferido. É de trem que eles andam para o *chakubuku*. Ora, sendo assim, o trem da Central carrega a felicidade. (*Brasil Seikyo*, edição nº 133, de 11 de outubro de 1969, p. 8.)

Ilustração 1 Mapa da Rede Ferroviária de São Paulo, indicando as colônias japonesas, os núcleos da BSGI e as linhas ferroviárias.



(Santos, M.L., 2009) – Mapa: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Acrescentamos no mapa as colônias e os núcleos da BSGI e destacamos a localização da linha ferroviária. Dados colhidos da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, do Museu do Imigrante e da revista *Terceira Civilização*.

Uma das estratégias utilizadas pelas imigrantes visando ao crescimento da organização foi, em primeiro lugar, a conversão ao budismo das filhas e dos filhos de imigrantes convertidos, jovens *nissei* (segunda geração), por eles transitarem nos dois mundos, japonês e brasileiro – apesar de a maioria dominar somente o português –, para que se tornassem “ponte cultural” entre os mundos em que viviam. Sobre esse ponto, Kensuke Kamata, 71 anos, no Brasil desde 1964, relata:

Admiro e respeito muito os nisseis que se empenharam para aprender a língua japonesa e traduzir as matérias de estudo da filosofia budista de forma adequada aos brasileiros, com muita paciência e perseverança. É curioso lembrar que, quando participei das atividades da organização no Brasil, me senti como se estivesse no Japão. (TC, 2005, pp. 15-16.)

Um desses jovens foi Nobuyuki (Carlos) Uno (1935–1997), convertido em 1963, dois anos depois de seus pais. Era muito procurado pelos brasileiros por seu jeito descontraído de ser; por isso, se empenhou sozinho para aprender o japonês a fim de estudar o budismo e as orientações publicadas no jornal *Seikyo Shimbun* da Soka Gakkai. Posteriormente, tornou-se o tradutor oficial da BSGI e idealizou o jornal *Brasil Seikyo*; em 1994 foi nomeado primeiro vice-presidente da BSGI.

Em 1965, Etsuko Saito (1937–1995), com dez anos de conversão ao budismo, chegou ao Brasil para assumir a coordenação da Divisão das Senhoras da América do Sul.

Em janeiro de 1965, ao receber o cargo de chefe da Divisão das Senhoras da América do Sul, parti para o Brasil portando o *Joju-Gohonzon* da Sede da América do Sul, juntamente com meus dois filhos e uma bagagem de quatro malas. Assim desembarquei em São Paulo, onde meu marido havia sido enviado a serviço da empresa. Aqui chegando, iniciei as atividades visitando os companheiros que viviam a 30 e 40 quilômetros da minha casa, seguindo apenas o recurso de um pedaço de papel com algumas palavras escritas em português. Houve uma ocasião em que perdi o último trem e voltei para casa andando a noite inteira pelos trilhos. [...] As dificuldades dos tempos iniciais são hoje alegres recordações. As cartas que eu enviava para o Japão para consultar sobre vários assuntos demoravam no mínimo vinte dias até chegarem as respostas. (Saito, E., 1989, p. 7.)

Nessa posição ela ajudou a assentar as bases das organizações do Peru, Bolívia, Uruguai e Paraguai, para onde sempre viajava para participar de atividade da Soka Gakkai e incentivar os membros locais. O ex-presidente da BSGI, Eduardo Taguchi, diz o seguinte sobre Etsuko:

Há 28 anos chegou ao Brasil [Etsuko Saito] tendo em mãos o *Joju-Gohonzon* da Sede Geral da América do Sul e desbravando os caminhos do *Kossen-rufu* do Brasil, que até então inexistia. (Taguchi, 1993, p. 2.)

O fato de Etsuko Saito chegar “tendo nas mãos o *Joju-Gohonzon*” é de suma relevância. Porque o *Joju-Gohonzon* é considerado especial pelos integrantes da Soka Gakkai e carrega a simbologia de ser “outorgado para a realização do *Kossen-rufu* da América do Sul”. Hoje ele está consagrado numa sala especialmente construída para tal finalidade no centro cultural da BSGI, em São Paulo.

Fiquei realmente impressionado. Logo que ela chegou do Japão com nossos dois filhos pequenos, Eiichi e Midori, participava de duas a três reuniões por dia, não parava um momento sequer. (Saito, R., 1998, p. 5.)

Nesse ano começaram a se converter brasileiras sem ascendência oriental, o que levou a BSGI a atingir 5 mil famílias integrantes, impulsionando o lançamento do boletim interno *Nova Era*, predecessor do jornal *Brasil Seikyo*, em maio.

No ano seguinte, 1966, com 10 mil famílias, já eram realizadas reuniões somente em português e se teve a preocupação de mudar as denominações das organizações e dos cargos para o português, por haver líderes da organização sem ascendência japonesa.

No dia 17, às 19 horas, no local acima citado será realizada reunião de altos dirigentes brasileiros e nisseis para melhor coordenar as suas atividades e os mesmos [sic] serão efetuados somente em português. (Comunicado publicado no jornal *Brasil Seikyo*, edição nº 14, de 1º de maio de 1966, p. 4.)

Também nesse ano Daisaku Ikeda visitou o Brasil pela segunda vez e adquiriu o imóvel onde seria instalada a Sede da Soka Gakkai da América do Sul (onde hoje é a Sede da Divisão Feminina). Nessa ocasião, houve ampliação da organização de um distrito geral para três e a formação de sete novos distritos em Brasília e Itatiba.

Na ocasião, a Soka Gakkai era vista como uma organização perigosa pelo governo militar, o que fez com que os movimentos de Ikeda fossem acompanhados pela polícia do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) em São Paulo.

No dia 12 de março, a *Kyodo Press* divulgou um artigo reportando a situação da Gakkai e suas atividades em vários países da América do Sul e também a visita do presidente Yamamoto [pseudônimo de Ikeda] ao Brasil. O artigo destacava que o governo militar e o Dops não haviam descartado a ideia de que a Soka Gakkai seria uma organização política com fachada de instituição religiosa, declarando que a polícia enviara ao consulado japonês um questionário de 42 perguntas solicitando esclarecimentos a respeito da Soka Gakkai. Além disso, afirmava que a Gakkai era vista com cautela em vários países da América do Sul diante do boato de que em cinco ou seis anos o Partido Komeito tomaria o poder no Japão e restabeleceria a política de extrema direita como na época do militarismo. Esse artigo foi reproduzido em alguns jornais do Japão no dia 14 de março. (Ikeda, 2006b, pp. 30-31.)

Em São Paulo, tanto no Teatro Municipal, onde foi realizado um festival, quanto no Ginásio do Pacaembu, onde ocorreu uma reunião geral, houve forte presença da polícia e quando um policial foi questionado a respeito disso alegou: “Mantemos a segurança para o bom andamento do evento. Dizem que o presidente Yamamoto é homem importante e tem a pretensão de dominar o mundo”. (Ikeda, 2006b, p. 32.)

Num dos documentos da Secretaria de Estado da Segurança Pública do Paraná, datado de 27 de setembro de 1966, consta que a “seita Soka Gakkai” caracteriza-se pela “militância extremista” e que a definição de sua ideologia é controversa, pois, “enquanto algumas de suas publicações nos Estados Unidos da América negam inspiração comunista, outras indicam que a organização tem admiração pelo comunismo chinês e russo”.

Num dossiê do Dops existente no Arquivo Público do Estado de São Paulo, a Soka Gakkai é enquadrada como “organização terrorista japonesa” e confirma-se a “linha comunista da cúpula existente no Japão”, mediante investigações realizadas no período 1966–1974. O sentimento dos integrantes da BSGI de cumprir a missão como *Bodhisattva* da Terra realizando *chakubuku* foi interpretado como “aliciamento” e “militância extremista” e o empenho de Ikeda em reatar as relações sino-japonesas virou tática da “guerra fria”. Já a sua visita à China (em maio e dezembro de 1974) e à antiga União Soviética (em setembro de 1974) foi caracterizada como “admiração pelo comunismo”.

Indignadas com esses fatos, as integrantes da Divisão Feminina objetivaram corresponder às expectativas de Ikeda. Quem mais se indignou com a situação foi Etsuko Saito.

Setsuko [pseudônimo de Etsuko] estava indignada com a vigilância policial que seguia os passos de Shin-iti desde a sua chegada ao Brasil. Ela queria até gritar para os policiais, questionando a razão de persegui-lo como se fosse um malfeitor, uma vez que viera ao Brasil com o único propósito de abrir o caminho para a felicidade. Ela dirigia essa revolta também para si mesma por não ter realizado um trabalho de divulgação da correta imagem da Gakkai na sociedade brasileira. Lamentava a falta de capacidade, culpando a si mesma. Sentia ao mesmo tempo profunda gratidão ao presidente Yamamoto por seu empenho em atender à imprensa numa dura entrevista para mudar a visão deturpada em relação à Gakkai. (Ikeda, 2006b, p. 46.)

Consta no romance *Nova Revolução Humana* que Etsuko Saito, com os incentivos de Ikeda, na ocasião determinou transformar a situação, pois foi “acesa a chama do *Kossen-rufu* no coração de Setsuko” e essa “pequena chama se propagou pelos recantos do Brasil como um forte vendaval, levando esse espírito para o coração de todos os membros”. (Ikeda, 2006b p. 48.)

“Mudarei sem falta o Brasil. Será, no mundo inteiro, o país que mais reconhecerá e louvará a Gakkai e o presidente Yamamoto [pseudônimo de Ikeda].” Com esse objetivo, ela [Etsuko] devotou-se totalmente às atividades, visitando casa por casa os membros da Divisão Feminina para transmitir seu sentimento e gerar uma grande onda de recitação do *Daimoku* e propagação do budismo. Ela não mediu esforços. (Ikeda, 2006, pp. 52-53.)

Mesmo sem falar corretamente o português, ela não media esforços e com o endereço escrito num pedaço de papel perguntava como chegar ao seu destino percorrendo dezenas de quilômetros todos os dias, de ônibus ou de trem, para encorajar as companheiras.

Apesar das dificuldades, ela persistiu em sua decisão. Esse esforço acendeu gradativamente no coração de suas companheiras a chama de se devotarem à felicidade dos membros do Brasil compartilhando com ela a mesma decisão. [...] Assim, a propagação do budismo ampliou-se por todos os recantos do país e surgiram as sedes regionais de Londrina e do Rio de Janeiro. (Ikeda, 2006, p. 53.)

Sob a sua liderança, a Divisão Feminina realizava reuniões durante a semana, à tarde, e visitas familiares de dia, pois a maioria das pessoas procuradas não trabalhava. Orientavam-se as mulheres no sentido de que se dedicassem à prática acumulando boa sorte para que o marido de cada uma visitada desenvolvesse condições de sustentá-la e aos filhos.

O grande desenvolvimento da BSGI ocorreu em 1968, com a entrada maciça de brasileiras sem ascendência oriental na organização impulsionada pela liderança carismática de Silvia Saito.

No auge da campanha de expansão, nos anos de 1967 e 1968, os números de concessão mensal de *Gohonzon* registraram cerca de 3.400, chegando a quase 3.900 num único mês. (Depoimento do imigrante Eichi Sago, 70 anos, no Brasil desde 1960, publicado na revista *Terceira Civilização*, 398, outubro de 2001, p. 7.)

Nesse ano foi realizada a primeira reunião da Divisão Feminina em português.



Foto 4: Participantes da primeira reunião da DF em português, 1968.
Etsuko Saito, em pé, ao centro.

Na reportagem sobre essa inédita reunião em português consta o depoimento de uma integrante que transcrevemos abaixo conforme consta no jornal *Brasil Seikyo*:

Sebastiana Tikutantoin contou a grande dificuldade que veio passando por não ser alfabetizada, e maior ainda na ocasião das orientações por não ler o *Brasil Seikyo*. Mas, após ver Hombu Fujimbutio sacrificando-se em falar o português, sentiu-se [sic] profundamente a responsabilidade como Tikutantoin e decidiu desde já, com 66 anos de idade, iniciar o estudo dos primeiros alfabetos. (*Brasil Seikyo*, edição nº 50, de 13 de janeiro de 1968, p. 1.)

O título da reportagem é: “Tornemos o pilar da família”, uma referência à seguinte diretriz de Daisaku Ikeda para as mulheres: “Uma mãe que não consegue praticar *shinjin* [fé] firmemente só porque está ocupada educando o filho, nem pode progredir como mulher e nem consegue educar devidamente o filho. Tal atitude afetará seu esposo fazendo-o inativo ao trabalho. Assim, a mãe deve se tornar o pilar na família” (ibid.). O termo *tikutantoin* significa responsável por comunidade e *hombufujimbutyo*, literalmente, é “responsável pela sede das senhoras”, no sentido de “responsável pela Divisão das Senhoras da Sede da América do Sul”, que era a denominação da sede da BSGI na época, pois

abrangia a Argentina e o Peru. Isso nos mostra a profunda influência japonesa reinante no início da organização, bem como a aceitação das brasileiras.

Além dessa reunião, foram realizadas a “1ª Assembleia da Divisão das Senhoras” em junho e, no mês seguinte, a “reunião de dirigentes” dessa divisão, que contou com a participação de trezentas pessoas. Nas “reuniões de dirigentes”, como as líderes centrais da Divisão Feminina tinham dificuldade de se expressar em português, eram os homens jovens *nissei* que tinham a função de orientar sobre a prática do budismo ao final da reunião. Numa delas, o jovem S. disse que o extraordinário sucesso da campanha de conversão do mês de julho “deve-se aos esforços das brasileiras” e solicitou que nos meses seguintes isso se repetisse.

Em maio de 1969, a BSGI atingiu 3.470 conversões, em junho, 5.693, e em novembro, 4.711, fechando o ano com cerca de 14 mil novos convertidos. Na reunião de partida para o ano de 1970, reuniram-se no Ginásio do Ibirapuera mais de 20 mil pessoas de várias partes do Brasil. Para o imigrante Eiichi Sago:

Certamente, a base do *Kossen-rufu* do Brasil foi criada nos anos 60, devido à luta dos pioneiros que não mediram esforços para tornar o país “modelo do *Kossen-rufu* mundial”. (TC, 2001, p. 7.)

Conforme se vê no quadro abaixo, as organizações estruturadas nas décadas de 1960 e 1970 ficavam em locais onde os imigrantes japoneses se instalaram ou próximos a esses, o que facilitou a conversão, demonstrando para onde os imigrantes japoneses da Soka Gakkai se dirigiram. Nos anos seguintes, pode-se detectar a direção da migração dos integrantes da BSGI.

Tabela 1 Ano de estruturação e estruturadores dos núcleos da BSGI nos estados

Estado	Ano	Estruturadores
São Paulo	1960	Imigrantes
Rio de Janeiro	1961	Migrante japonês de SP
Bahia	1963	Imigrantes
Paraná / R.G. do Sul	1966	Imigrantes
Amazônia, Pará	1969	Imigrantes
Maranhão	1970	
Roraima	1971	Imigrantes
Sergipe / Pernambuco	1972	Imigrantes
Minas Gerais	1973	
Distrito Federal, Goiás	1975	Imigrante
S. Catarina/ M.G. do Sul / Espírito Santo	1977	Santa Catarina – migrante japonês de SP / migrante.japonês
R. G. do Norte, Ceará	1978	Imigrantes
Paraíba	1982	
Mato Grosso, Alagoas	1985	Imigrante
Rondônia, Acre	1986	
Amapá	1986	Migrante japonês de Belém/Natal
Piauí	1989	
Tocantins	2001	Migrante brasileiro sem ascendência jap.

Os dados desta tabela foram extraídos de várias edições da revista de estudo da BSGI *Terceira Civilização*. Em alguns casos há divergência de datas de edição para edição. As datas de estruturação são diferentes em cada cidade dentro do Estado, por isso optamos pela mais antiga e pela data de estruturação do núcleo da BSGI, mesmo sabendo da existência de imigrantes praticantes em décadas anteriores. (Santos, M.L., 2009)

Os esforços da Divisão Feminina junto a estratégias de divulgação desenvolvidas pela BSGI – enviando as bandas Ongakutai e Kotekitai a participar de vários eventos sociais, em particular dos desfiles cívicos – tiveram resultados em 1972, quando a Câmara Municipal de São Paulo concedeu a Medalha Anchieta à BSGI pelas contribuições sociais prestadas. Em 1975, a BSGI realizou um festival comemorativo dos quinze anos de Brasília, no Ginásio de Esportes Presidente Médici. Saíram de São Paulo 139 ônibus, conduzindo a Brasília os 4.700 figurantes.

Segundo relatos orais, no início, como não sabiam falar corretamente o português, as imigrantes da Divisão Feminina partiam para as visitas familiares, uma das atividades fundantes da BSGI, com algumas palavras sobre o budismo, escritas em português, que buscavam decorar. O diálogo era simples, entrecortado por palavras em japonês, preenchido com a disposição de sentar-se

ao lado da visitada e recitar por horas o *Nam-myoho-rengue-kyo*, ou ficar ensinando pacientemente a leitura e a pronúncia correta do Sutra, liturgia budista em caracteres romanos. Questionada sobre se conseguia entender o português, uma imigrante, no alto de seus mais de 70 anos, disse: “A gente cata as palavrinhas”. Sobre essa época, recorda Kensuke Kamata, 71 anos, no Brasil desde 1964:

Ao lembrar dessa época, sinto uma grande admiração pelos brasileiros por seus esforços e sua garra em meio àquela “rigorosidade japonesa”. Talvez por não conhecer outra forma de agir, os veteranos aplicavam a mesma rigorosidade e costumes japoneses aos membros brasileiros. (TC, 2005, p. 16.)

Entretanto, foram poucas as brasileiras da primeira geração de convertidos que conseguiram aguentar a “rigorosidade japonesa” e deram continuidade à prática budista até os dias de hoje. Essa posição das imigrantes pode ser explicada por sua formação familiar e social. Conforme o quadro abaixo, a maioria das líderes da Divisão Feminina na época nasceu e cresceu no período Showa (1926–1989) do expansionismo, da guerra e da ocupação em que a posição da mulher centrava na família e na obediência tripla.

Essa mentalidade japonesa formou a base da Divisão Feminina da BSGI, pois quem estruturou e dirigiu a divisão em seus primórdios foram mulheres nascidas em 1920 e 1930 (ver Tabela 2).

Tabela 2

Década de nascimento, conversão e chegada ao Brasil de 20 mulheres que lideraram a Divisão Feminina na BSGI			
Década	Nascimento	Conversão	Chegada Brasil
1920	01		
1930	08		
1940	08		
1950	03	06	04
1960		13	08
1970		01	08

Das 20 mulheres, 9 são japonesas, 11 descendentes e 1 brasileira sem ascendência. (Santos, M.L., 2009)

De um lado, suas integrantes acreditam ter sido benéfica a mentalidade japonesa, pois criou um forte alicerce religioso; por outro lado, os costumes japoneses foram implantados – ora aceitos, ora não – na cultura brasileira, e muitos desses foram assimilados pelas brasileiras como princípios budistas. Vejamos o que diz Silvia Maria de Sousa Shinjo, 48 anos, que entrou para a BSGI em 1969:

Posso afirmar, com toda a convicção, que foi exatamente a rigorosidade da organização nos tempos iniciais que me forjou e fez com que eu permanecesse firme até hoje. (TC, 2005, p. 20.)

Apresentamos a seguir o depoimento de A., 55 anos, moradora da zona leste de São Paulo, sem ascendência japonesa, que se converteu ao Budismo Nitiren em 1969.

Quem teve o primeiro contato com o *Nam-myoho-rengue-kyo* foi minha mãe. O sr. Ivan era corretor de imóveis e vinha todo mês receber as mensalidades de um terreno que meu pai havia comprado. Foi ele quem falou do budismo para minha mãe, que ficou surpresa porque, segundo ela, era o que vinha buscando fazia tempo. A aceitação de nossa família foi boa, não houve rejeição por nenhum de nós, no caso, meu pai, minha mãe e eu. A família de meu pai, por ser muito católica, não gostou muito, mas com o tempo viram as mudanças em nossa vida e acabaram aceitando, mas, infelizmente, os parentes por parte do meu pai não são praticantes; aliás, alguns que são, soube há pouco tempo pelo Orkut. Porém, da parte de minha mãe, um dos irmãos recebeu o *Gohonzon* na mesma época que nós, e tenho primos e primas que são praticantes ativos há mais de vinte anos. (Enviado por e-mail em 23 de outubro de 2007.)

Sobre as atividades realizadas na época, A. diz:

As reuniões, no início, eram longe. Muitas vezes, para participar em uma atividade, tínhamos que ir até São Miguel Paulista, Penha. Íamos a pé e, quando pegávamos ônibus, era no horário de pico, eles vinham superlotados.

Então, A. relata sua condição de vida transformada pela dedicação às atividades da BSGI:

Não tinha dinheiro, os sapatos tinham furos, não tinha guarda-chuva, e quando ia entregar o BS [*Brasil Seikyo*] entrávamos na casa da pessoa e enquanto conversávamos caía aquela chuva, aí, misticamente, a chuva parava, abria o sol e

continuávamos a entregar o BS. Graças a essa luta foi que conseguimos transformar e hoje temos carro, um monte de sapatos, moramos em uma boa casa, temos saúde e muito boa sorte, muita força para lutar. Hoje, a luta, eu costumo dizer que é mamão com açúcar, porque é tudo pertinho, dá pra ir a pé tranquilamente. Na época, a aceitação do budismo era maior por parte das mulheres, e os homens participavam também, eu diria 60% de mulheres.

Abaixo, o depoimento de Maria da Silva Gatto, 90 anos, moradora na região sudeste de São Paulo, sem ascendência japonesa, que se converteu ao Budismo Nitiren em 1972. Inicialmente, conta o motivo de sua conversão: a doença do marido.

“Não dê um pontapé na sorte.” Essas foram as palavras de um feirante – Jorge Ikebuti – ao escrever num pedaço de papel para mim o mantra budista *Nam-myoho-rengue-kyo* numa feira de São Paulo. A tristeza e o sofrimento eram visíveis em meu rosto. Meu marido, Alcides, sofria de uma doença grave nos rins. Eu buscava uma resposta em várias religiões, sentia-me confusa e descrente de tudo. [...] Aquele papel para mim representava apenas mais uma tentativa frustrada. Ikebuti foi incisivo: “Não dê um pontapé na sorte!” E me convidou para uma reunião de palestra. Aceitei o convite! [...] Para minha surpresa, ao chegar em casa Alcides estava assobiando. Fazia tempo que eu não o via daquele jeito. Ele me perguntou se eu tinha ido à reunião do budismo. “Deve continuar, parece bom!” Depois desse dia nossa vida se transformou totalmente. Recitando o *Nam-myoho-rengue-kyo*, fomos coroados com muitos benefícios e transformações. [...] Minha tristeza se transformou em grande alegria! Era muito bom estar cercada de pessoas sempre alegres, otimistas, corajosas... A saúde de meu marido começou a melhorar a cada dia. Alcides voltou a ser alegre e brincalhão. Os médicos ficaram estupefatos! Um mês depois, lá estava eu na reunião de palestra contando a todos a minha vitória.

Depois a sra. Maria conta dos benefícios atribuídos à prática budista e sua determinação de propagá-la como forma de gratidão:

Quando iniciamos a prática budista, havia no bairro apenas quatro famílias de associados da BSGI. Eu falava do budismo para quem encontrasse, tamanhas eram a minha felicidade e gratidão! Em dois anos, o número de pessoas aumentou tanto que foi fundada a Comunidade Anchieta, na qual exerci a função de responsável da DF de comunidade. [...] Trinta e três pessoas ingressaram na BSGI graças a essa gratidão que tenho pelo budismo, ao presidente da SGI, Daisaku Ikeda, por ter trazido o Budismo Nitiren ao Brasil a custo da própria vida. Cumpro hoje o meu juramento! (*Brasil Seikyo*, 4.10.2008, ed. 1958, p. A10.)

A sra. Maria começou a propagar o budismo em sua rede de relacionamento, conforme ocorre com a maioria das mulheres convertidas na BSGI. Nelson e Sueli Andrade, de Itajaí, Santa Catarina, na mesma edição do jornal *Brasil Seikyo* depõem como foram convertidos por Maria. Nelson diz que “ela me batizou no catolicismo quando nasci em 1955 e justamente ela me ensinou o budismo em 1984”. Ivete Rodrigues da Silva, de São José, São Paulo, também convertida por Maria, diz que sempre foi incentivada por ela e que “esse incentivo se transformou na base de nossa prática”. Por fim, Alaíde Bertolino da Silva, da capital de São Paulo, que ingressou na BSGI em 1976, diz: “Eu tinha acabado de ficar viúva quando a sra. Maria Gatto me falou sobre o budismo. Incansavelmente e com muita rigorosidade, ela me mostrava que eu poderia superar a perda dele, a situação financeira difícil com dois filhos para criar... Realmente, fui ultrapassando uma a uma as dificuldades, estudando o budismo, participando das reuniões na casa dela.” (*Brasil Seikyo*, 4.10.2008, ed. 1958, p. A10.)

II.3.1.3 Mudança da coordenação e entrada de *nikkei* na liderança da Divisão Feminina (1974–1984)

A chegada de novos imigrantes e o empenho na conversão ocasionaram, entre 1960 e 1980, mais de 40 mil conversões, com uma entrada maciça de brasileiras sem ascendência oriental na BSGI (ver Gráfico na p. 47). A mola propulsora para a ampla propagação foi um momento considerado o mais infeliz de sua história: a não permissão da entrada de Ikeda no Brasil em 1974.

Assim que a sede da Soka Gakkai no Japão confirmou a visita de Ikeda ao Brasil no final de 1973, a organização brasileira programou um festival cultural a ser realizado nos dias 16 e 17 de março do ano seguinte, no Palácio das Convenções do Anhembi, e os preparativos começaram no final desse ano. No entanto, o festival foi realizado sem a presença de Ikeda, que, no dia 12, teve de cancelar a viagem por não conseguir o visto de entrada em território brasileiro.

Sobre essa época, Rosemary Gomes, 58 anos, sem ascendência japonesa, que entrou para a BSGI em 1974, relata:

A partir desse acontecimento, todos decidiram mudar a situação. [...] A primeira grande oportunidade logo surgiu. Fomos convidados a realizar o Festival Cultural Esportivo em comemoração dos 15 anos da cidade de Brasília; [...] seria a grande chance de apresentar a Soka Gakkai para todo o Brasil. [...] uma caravana de 137 ônibus, [...] cinco mil figurantes, [...] realizado em 20 de abril de 1975. (TC, 2005, pp. 15-16.)

Podemos enumerar alguns fatos que contribuíram para a negação de visto de entrada no Brasil a Daisaku Ikeda:

- 1) Prisão de Tsunessaburo Makiguti e Jossei Toda pelo governo militar em 1943 (Japão).
- 2) Entrada da Soka Gakkai na política em 1956 (Japão).
- 3) Prisão de Daisaku Ikeda em 1957.
- 4) Criação da Aliança Política Komei em 1964 (Japão).
- 5) Enquadramento da Soka Gakkai como uma organização perigosa no Departamento de Ordem Política e Social (Dops) (1966).
- 6) Visitas de Ikeda à China e Rússia em 1974.
- 7) Informações distorcidas trazidas por imigrantes japoneses contrários à Soka Gakkai.⁹

Nesse ano, Etsuko Saito obteve a cidadania brasileira e adotou o nome de Sílvia. Sobre essa época, ela contou:

Os companheiros suportaram a amarga tristeza com toda a força e se levantaram para vencer a todo custo com fé e união. É agora que devemos cultivar a força de bom cidadão, de pessoa exemplar, capaz de prestar a sua contribuição pelo bem-estar da sociedade. (Saito, E., 1989, p. 7.)

⁹ Essas informações eram desde conversão forçada, tendo como premissa o movimento de conversão realizado na década de 1950 (ver I.2.3), até o envolvimento político.

Na mensagem enviada para a ocasião, Ikeda enfatiza: “Realizem com alegria e coragem o *Kossen-rufu* da querida terra brasileira, que possui um ilimitado potencial para um futuro promissor”, e consola: “Eu irei infalivelmente ao Brasil. Estarei com vocês em breve” Simbolicamente, o dia 16, “Dia da relação de mestre e discípulo”,¹⁰ foi para os jovens brasileiros, descendentes em sua maioria, presentes no festival, “uma grande cerimônia de herdar realmente o movimento pelo *Kossen-rufu* do Brasil, levantando-se firmemente para a realização deste ideal” (Ikeda, 2006b, p. 61).

Roberto Saito, presidente da BSGI na época e esposo de Sílvia, em artigo publicado na revista *Terceira Civilização*, de outubro de 2000, disse que o cancelamento da visita foi “o grande momento de transformação da BSGI”, e a Divisão Feminina “lançou uma grande campanha de *Daimoku* para criar condições de receber o presidente Ikeda no Brasil. [...] Sílvia empenhou-se ainda mais no desafio do *Daimoku*. Então, assim como ela própria determinou, após uma longa espera de dezoito anos, o presidente Ikeda pisou novamente em terras brasileiras, agora como um convidado do governo brasileiro.”

Nos anos seguintes, embalada pela canção “Juntos com *Sensei*”, que em parte diz:

Chamemos, vamos chamar
Sensei perto de nós,
Construamos o amanhã
Juntos com *Sensei*,
(Texto na íntegra no Apêndice 3.)

a BSGI buscou penetrar na sociedade brasileira e mudar a visão que se tinha da organização, participando de eventos como os quinze anos da cidade de Brasília e de desfiles cívicos com suas bandas Ongakutai (masculina) e Kotekitai (feminina).

Veremos agora o depoimento de D., 47 anos, sem ascendência japonesa, que se converteu ao Budismo Nitiren em 1973, demonstrando certo saudosismo:

¹⁰ No dia 16 de março de 1958, 16 mil jovens se reuniram sob a liderança de Jossei Toda, que faleceu no mês seguinte, em 2 de abril. Por isso, esse é considerado o “dia do juramento do discípulo” e o “dia da relação de mestre e discípulo”, em que Jossei Toda passou o “bastão do *Kossen-rufu*” aos jovens, em particular a Ikeda.

Minha família se converteu ao budismo no ano de 1973. Nessa época, as reuniões não eram separadas por localidade e muitas pessoas que participavam eram de bairros distantes, e mesmo assim existia uma assiduidade no comparecimento. Havia um companheirismo maior e muita benevolência entre dirigentes e membros, inclusive um grande respeito para com os dirigentes, desde comunidade, distrito e assim por diante. (Enviado por e-mail em 7 de janeiro de 2008.)

Em agosto de 1976 foram criados os primeiros grupos horizontais da Divisão Feminina: o Grupo Young Mrs., em 16 de fevereiro, formado por senhoras com idade entre 18 e 35 anos e com filhos ainda pequenos, visando à criação de jovens com valores humanísticos; e o Grupo Working Mrs., que posteriormente foi chamado de Working Women, formado por profissionais, subdividido em cinco setores: (1) Setor Educacional e Advocacia; (2) Setor do Funcionalismo Público; (3) Setor de Proprietárias; (4) Setor de Escriturarias e Comercial; (5) Setor Hospitalar. Conforme esses setores, podemos ter ideia das profissões exercidas pelas integrantes da Divisão Feminina na época: professoras, advogadas, funcionárias públicas, comerciantes, enfermeiras e, segundo depoimentos, um grande número de empregadas domésticas.

No final da década de 1979 houve a segunda cisão da Nitiren Shoshu e a Soka Gakkai – ocasião em que Daisaku Ikeda foi obrigado a deixar a presidência da Soka Gakkai devido a problemas envolvendo clero e adeptos (ver Seção 2.4, Capítulo I). Em meio a isso, no Brasil surgiu um grupo de pessoas, liderado pelo reverendo prior do templo brasileiro, que se posicionou contra o sumo prelado recém-empossado Nikken Abe, por não aceitar sua indicação. Apesar da situação no Japão, a BSGI defendeu o sumo prelado. Isso ocasionou o rompimento desse prior com a Nitiren Shoshu e a Soka Gakkai, levando alguns membros a abandonar a organização, com o que nasceu o grupo Shoshin-kai. A Divisão Feminina teve de administrar esse conflito, pois algumas mulheres abandonaram a organização e outras tiveram parentes (pais, filhos, marido) que se afastaram, gerando assim conflitos familiares.

II.3.1.4 Duas visitas de Ikeda e falecimento de Sílvia Saito (1984–1993)

A crise econômica enfrentada pelo Brasil nos anos 1980 e as mudanças ocorridas na organização fizeram com que as reuniões da Divisão Feminina à tarde fossem extintas, pois a maioria de suas integrantes entrou para o mercado de trabalho. As japonesas já não eram as dirigentes centrais da divisão, apesar de influenciarem nas decisões, e em vários níveis da organização as funções passaram a ser exercidas por nipo-brasileiras de primeira e segunda geração (*nissei* e *sansei*). A crise econômica levou também a outra mudança na Divisão Feminina. Muitas mulheres *nissei* foram trabalhar no Japão e as brasileiras assumiram a lacuna causada pelo fenômeno *dekassegui*. Em algumas organizações nas quais a maioria das integrantes era imigrante houve um êxodo muito grande, obrigando a junção de comunidades. Hoje, cerca de oitenta integrantes da Divisão Feminina da BSGI moram no Japão.

Em 1984, com a presença de Daisaku Ikeda, foi realizado o 10º Festival Cultural Esportivo da SGI no Brasil, ocasião que seus membros consideram a comprovação de um sonho, traduzido na música-tema do festival “Saudação à *Sensei*”, escrito por Antônio Mascarenhas, que em parte diz:

Sensei, o nosso sonho está realizado
Com vossa presença no Brasil.
Por isso agradecemos, de todo coração
E alegres, nós mostramos a nossa gratidão
(Texto na íntegra no Apêndice 3.)

Numa reunião liderada por Ikeda em fevereiro desse ano, a coordenação da Divisão Feminina passou para a imigrante Helena Mieko Taguchi (1939) e Sílvia Saito foi empossada como chefe-geral, ocasião em que foi criada uma secretaria da divisão com integrantes *nissei* e *sansei*, algumas com nível superior de escolaridade e ex-integrantes da Divisão Feminina de Jovens.

Do ponto de vista dos grupos budistas tradicionais, sinais de abandono crescente da religião são alarmantes, não só por causa da perda da herança cultural japonesa, mas também quanto ao êxodo de membros que, devido a uma boa educação,

competência linguística e *status* social, estariam bem preparados para desempenhar um papel de mediadores culturais. (Usarski, 2002, p. 19.)

Trazer a nova geração para o palco das atividades, pessoas que pouco carregavam da cultura japonesa, abriu uma ampla perspectiva de crescimento não somente para a Divisão Feminina como para a própria BSGI.

Na reestruturação foram criados a Divisão dos Jovens e os departamentos Educacional, Científico, Jurídico, Social e Artístico, iniciando assim uma nova fase de desenvolvimento na BSGI.

Em 1985, com as comemorações do Jubileu de Prata da organização brasileira, Ikeda denominou-a “Modelo do *Kossen-rufu* Mundial”. Para os integrantes da BSGI, a denominação “modelo” foi “um grande incentivo”, pois passaram a se dedicar “com o sentimento de ser realmente modelo”, o que fez fortalecer o sentimento de “jamais ser derrotado” (*Terceira Civilização*, edição nº 446, outubro de 2005, p. 19.). Isso levou a focar o desenvolvimento dos jovens e da comunidade. Desse modo, dois anos depois, foi criada a organização de comunidade – nível básico da estrutura da BSGI composto por pessoas que residem próximas –, numa época em que houve abrandamento da “rigoriedade japonesa”, motivada, segundo depoimentos, por um discurso de Ikeda que enfatizava a mudança da era de *hard power* para *soft power*. Reflexo ou motivação disso foi a grande conversão de brasileiras sem ascendência oriental na década de 1980. Vejamos o que diz Sílvia Maria de Sousa Shinjo, 48 anos, que entrou para a BSGI em 1969:

Apesar da mudança da rigorosidade para a automotivação, jamais se perdeu o foco de forjar as pessoas com base nas escrituras de Nitiren Daishonin. Mudamos então de uma época de rigorosidade para uma rigorosidade benevolente. (TC, 2005, p. 17.)

Na década de 1990 ocorreu a mudança na denominação das divisões e a Divisão das Senhoras passou a ser Divisão Feminina. Para Pereira, ao mudar a denominação a organização não altera muito a sua situação, primeiramente

porque a estrutura organizacional por sexo e idade continua a mesma. Em segundo lugar, porque “sênior” pode ser sinônimo de veterano, ancião, pessoa mais experiente, ao passo que, por detrás da novidade da denominação “Divisão Feminina”, é possível encontrar uma perpetuação do lado romântico e submisso das mulheres. (Pereira, 2001, pp. 301-302.)

Apesar da “inovação”, a BSGI enfrentou uma crise com a terceira cisão com o clero da Nitiren Shoshu, que, em 1992, aplicou o *Hamon* (literalmente, quebrar o portão/ensino).¹¹ Diferentemente do ocorrido em 1952 e 1979, dessa vez houve uma separação total, que provocou a saída de várias mulheres da BSGI, por diversos motivos, como a inexistência, a partir de então, de clero na Soka Gakkai e as desavenças com dirigentes.

Em 1993, em sua quarta visita ao Brasil, Ikeda indicou o dia 27 de fevereiro – aniversário de sua esposa Kaneko Ikeda –, como o “Dia da DF da BSGI” e, em abril, Sílvia Saito faleceu, abalando a estrutura da Divisão Feminina e da própria BSGI.

II.3.1.5 Mudanças estruturais e consolidação da BSGI como modelo de organização (1994–2008)

Nos anos a partir de 1993, uma nova reestruturação foi necessária com o falecimento de líderes centrais da organização brasileira: Sílvia Saito (em 1993) e Carlos Uno (em 1997). Para sustentar o impacto do falecimento de Sílvia, a liderança da Divisão Feminina passou para Marina Kiyoko Nakajima (1949-2007), filha de imigrantes japoneses convertida em 1970, que exercia a função de chefe da secretaria da Divisão Feminina desde 1989 e traduzia os discursos de Sílvia; e Helena passou a exercer a função de chefe-geral da Divisão Feminina. A entrada de uma *nissei* (segunda geração) jovem, que pouco carregava da cultura japonesa na liderança da Divisão Feminina, abriu um leque de opções de desenvolvimento para a BSGI ao impulsionar a Divisão Feminina com atividades culturais, eventos sociais, aprimoramento profissional e elevação do nível cultural. Os incentivos

¹¹ Com esse ato, a Soka Gakkai foi expulsa da Nitiren Shoshu. A BSGI utilizou o termo “excomunhão” para explicar a seus adeptos o significado do ato.

tornaram-se mais brandos e os discursos mais articulados e próximos, por não existir a barreira do idioma. Pensando no futuro, Marina começou a colocar na secretaria da Divisão Feminina as líderes centrais formadas da Divisão Feminina de Jovens e criou a Aliança das Mulheres para a Paz, composta por líderes e vice-líderes centrais formadas entre as jovens, no processo que Ikeda chama de “criação de jovens de grande valor”. Além disso, criou o Comitê das Mulheres para a Paz, formado por profissionais de diversas áreas, e o Departamento de Comunicação, composto pelos setores de línguas estrangeiras, jornalismo, informática e relações públicas.

Na década de 1990, a Divisão Feminina passou a comemorar o Dia Internacional da Mulher com a 1ª Conferência de Mulheres “O triunfo da mulher no século XXI” (1998), a 2ª Conferência de Mulheres “Século XXI, século das mulheres: edificando as bases de uma era de paz”, com a participação de Beth Vargas, então coordenadora do Programa Universidade Solidária (1999), e o evento “Mulheres líderes de comprovação” (2000). Em agosto de 1999 promoveu, juntamente com a Divisão Feminina de Jovens, uma palestra com a participação de Ruth Cardoso, na época presidenta do Conselho Programa Comunidade Solidária. Em outubro desse mesmo ano realizou a 1ª Conferência das Mulheres Latino-americanas da SGI.

Retirada da função em 2000, Marina passa a coordenadora-geral da Divisão Feminina e vice-presidente-adjunta. Suas sucessoras não deram continuidade a esse processo, o que consequentemente prejudicaria, num futuro imediato, tanto a Divisão Feminina quanto a BSGI.

No ano 2000, encerrando um ciclo de sete sinos, a BSGI completou quarenta anos. Para comemorar a data, em outubro, foi realizada a “Convenção dos Cem Mil”. O objetivo de reunir 100 mil membros e convidados foi ultrapassado em 60%, sendo mulheres mais da metade dos participantes. Kiyoko Kuniy Aguirre (1951), *nissei*, convertida em 1968, assumiu a coordenação da Divisão Feminina nesse ano.

Visando a essa convenção, a Divisão Feminina realizou, em junho, um festival de relatos de comprovação denominado “Era das mulheres, cinquenta anos de coragem e vitórias”, contando com a participação de 50 mil membros e convidadas nas reuniões realizadas na base da organização e 1.141 membros de dezenove Estados na reunião na sede da BSGI, em São Paulo, e ao mesmo tempo deu partida para o quinquentenário da Divisão Feminina, que seria realizado no ano seguinte, início do segundo ciclo de sete sinos, que se encerrará em 2064.

Nos primeiros anos da década de 2000, como a grande maioria das integrantes da Divisão Feminina havia entrado para o mercado de trabalho, foram extintos os seus primeiros grupos, o Young Mrs. e o Working Women.

Em 2004, a liderança da Divisão Feminina passou para Jeny Sannomiya Ikeda (1956), mestiça de brasileira e *nissei*, convertida em 1968.

Nas últimas décadas não ocorreram grandes inovações nas atividades da Divisão Feminina, uma vez que o enfoque foram a família e a divulgação do jornal *Brasil Seikyo*.¹² Hoje existe uma imigrante vice-presidenta na BSGI, esposa do ex-presidente, e três vice-presidentes-adjuntas – uma imigrante, uma *nissei* e uma brasileira –, que acumulam funções na Divisão Feminina, e duas comunidades são lideradas por mulheres.

Em maio deste ano de 2009,¹³ Sueli Soyano Ogawa (1961), convertida em 1965, passou para a liderança da Divisão Feminina e as três vice-presidentes deixaram de nela exercer função.

II.3.2 BSGI em números

O crescimento numérico da BSGI foi ascendente de 1960 até a década de 1990, depois estagnou. Devemos levar em consideração o cisma com a Nitiren

¹² Na Divisão Feminina existe o Departamento de Divulgação dos Impressos (DDI).

¹³ Julio Kosaka (1943), *nissei*, foi empossado presidente da BSGI. Eduardo Taguchi se tornou presidente do Conselho de Orientação. Outras mudanças na BSGI ocorreram nesse período, mas, na urgência do prazo para fechar a pesquisa, acrescentamos estritamente as que foi possível obter.

Shoshu – iniciado em 1990, reflete-se até os dias de hoje –, causando o afastamento de algumas de suas integrantes. Observemos os gráficos abaixo:

Gráfico 1 Quantidade de famílias da BSGI por década/ano

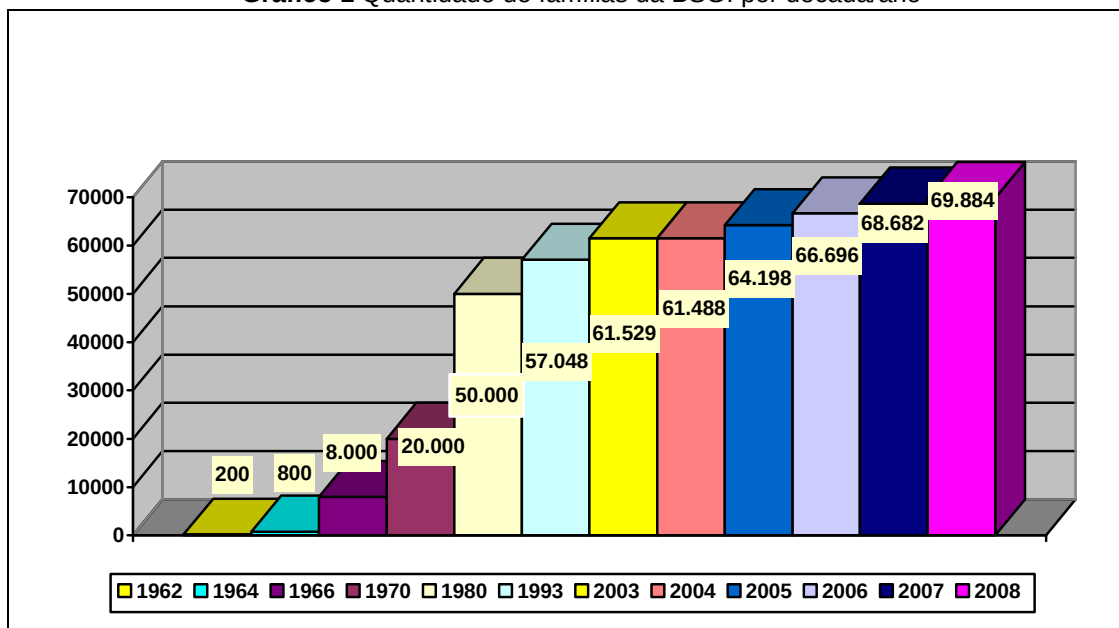


Gráfico desenvolvido com base em informações cedidas pela entidade e levantamentos que fizemos no jornal *Brasil Seikyo* e revistas *Terceira Civilização* e *NSB Graphic*; nesta última, ed. 5, consta que em 1980 havia pouco mais de 40 mil famílias. (Santos, M.L., 2009)

Gráfico 2 Quantidade de famílias convertidas por ano/década

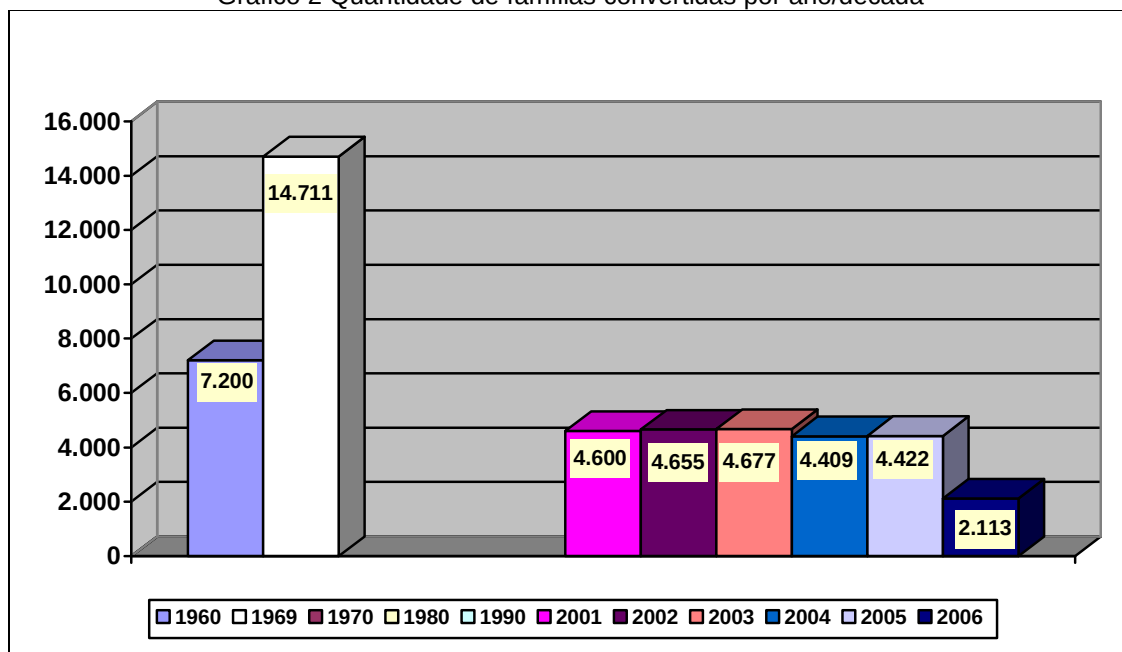
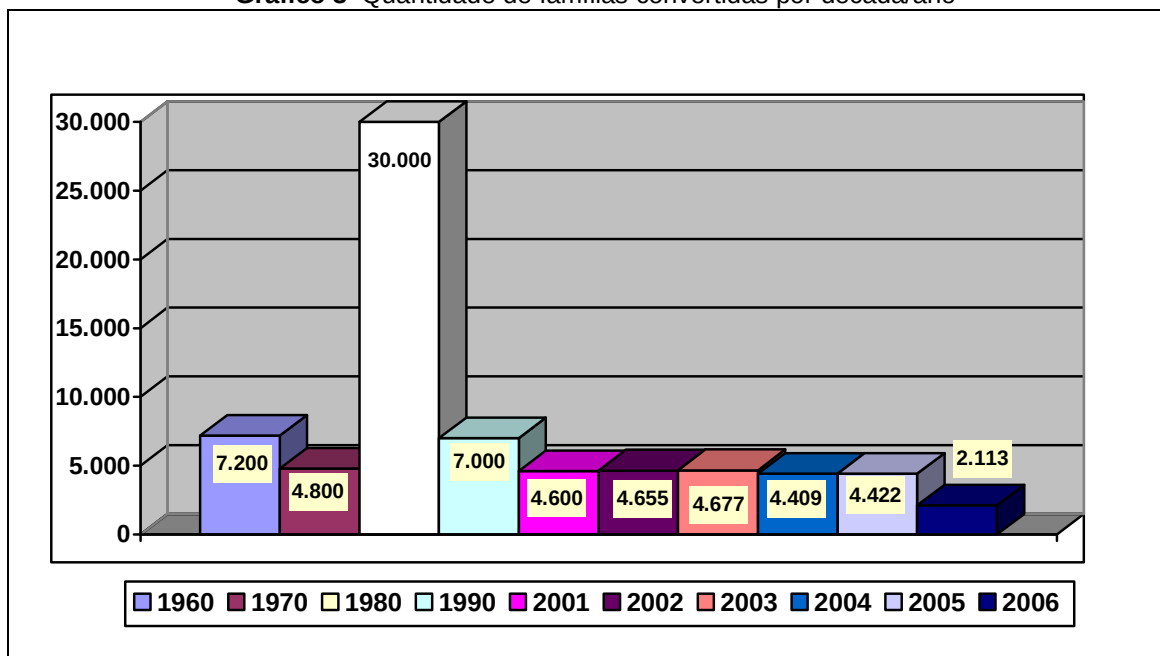


Gráfico desenvolvido com base em informações cedidas pela entidade e levantamento que fizemos no jornal *Brasil Seikyo*. Na década de 1960 colhemos duas informações no jornal *Brasil Seikyo* sobre a quantidade de conversões. Uma dizia que em 1960 foram feitas 7.200 conversões. Outra, que em dezembro de 1969 se haviam convertido 13.874 (sendo 3.470 em maio, 5.693 em junho e 4.711 em novembro). Não conseguimos dados sobre as conversões de 1970 a 1990. Os dados de 2006 são parciais. (Santos, M.L., 2009)

Os dados que conseguimos colher no jornal *Brasil Seikyo* e revista *Terceira Civilização* referentes à quantidade de famílias não conferem com a quantidade de conversões. Na década de 1960, a quantidade de famílias era de 8 mil e, em 1970, de 20 mil (Gráfico 1). Se a BSGI congregava 8 mil famílias em 1960 e realizou 7.200 conversões (Gráfico 2), em 1970 teria 15.200 famílias e não 20 mil, conforme consta. A diferença, provavelmente, refere-se às conversões realizadas nos anos 1970, que, supomos, tenham sido 4.800, e a migração de japoneses. Por outro lado, se trabalharmos com a possibilidade de que em 1969 haviam se convertido 13.874 – conforme uma segunda informação –, para chegar a 20 mil em 1970 foram realizadas 6.326 conversões.

Com base nesses dados e no Gráfico 1, projetamos a quantidade de conversões nas três primeiras décadas utilizando como possibilidade a conversão de 7.200 em 1960 (Gráfico 3).

Gráfico 3 Quantidade de famílias convertidas por década/ano



Dados de 1960 colhidos do jornal *Brasil Seikyo*. Os dados de 1970 resultam da diferença da quantidade de famílias entre 1970 e 1980, constante no Gráfico 1.

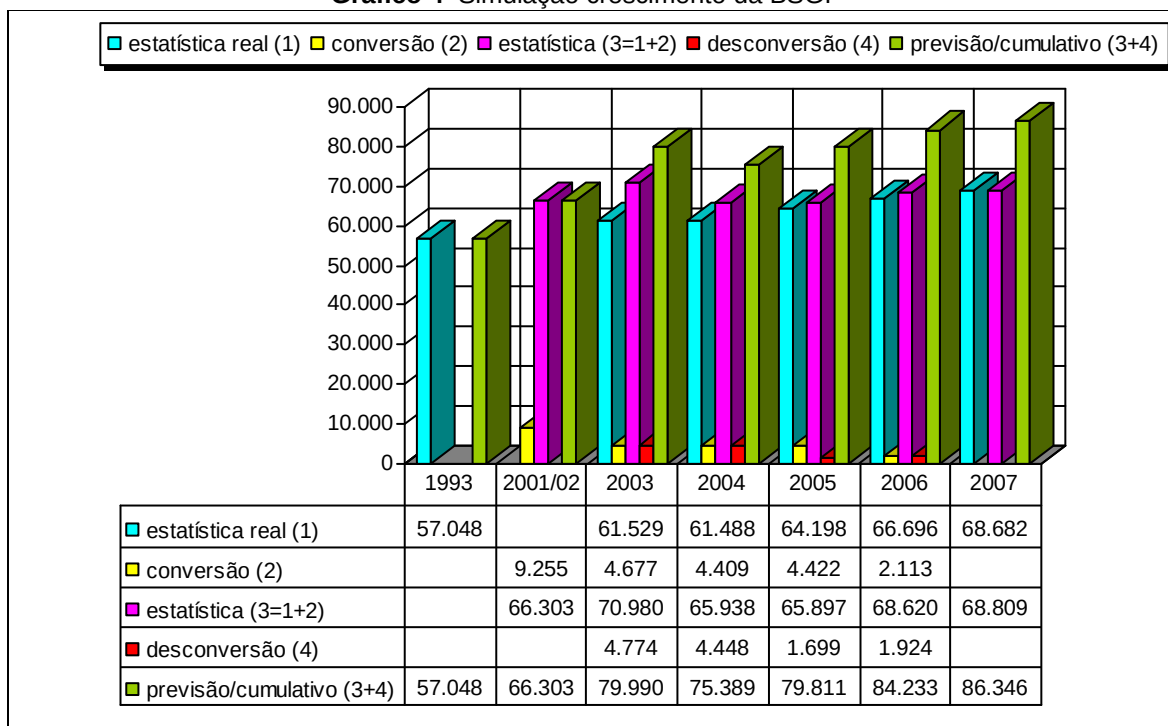
Observando o resultado de conversão nos primeiros anos do século XXI, fica uma questão: existe limite para o crescimento das religiões japonesas no Brasil?

Com relação à BSGI, nossa hipótese é de que, na mesma proporção em que há a entrada de novas famílias, há baixa¹⁴ em seu quadro estatístico por falecimento, junção de famílias (casamento), afastamento,¹⁵ desaparecimento (quando a pessoa muda e não comunica o novo endereço), retorno à religião de origem e mudança de religião. Então, resolvemos projetar como seria a atual situação da BSGI caso não houvesse a desconversão.

¹⁴ A baixa da família na estatística somente ocorre quando há a devolução do *Gohonzon*.

¹⁵ Pessoas que abandonaram a BSGI mas continuam em seu quadro de famílias, pois não devolveram o *Gohonzon*.

Gráfico 4 Simulação crescimento da BSGI



Estatística real (1) refere-se ao número atual de famílias. Conversão (2), quantidade de convertidos por ano. Estatística simulada (3) corresponde à soma da estatística atual (1) e conversão (2). Desconversão – projeção do abandono subtraindo a estatística atual (1) da estatística simulada (3). Previsão/cumulativo é o resultado da soma da estatística projetada (3) e o abandono (4). (Santos, M.L., 2009)

Com base nessa projeção, hoje o número de famílias seria de cerca de 90 mil. Presumindo a existência de dois membros em uma família, o número de integrantes chegaria a 180 mil, 55 mil pessoas a mais que o quadro atual.

II.4 O LUGAR DA DIVISÃO FEMININA NA ESTRUTURA DA BSGI

Hoje a BSGI possui mais de 128 mil membros, sendo mais de 85% sem ascendência oriental, distribuídos em cinco divisões: Divisão Sênior (DS), Divisão Feminina (DF), Divisão Feminina de Jovens (DFJ), Divisão Masculina de Jovens (DMJ) e Divisão dos Estudantes (DE) – mista, formada pela Divisão do Futuro (6 a 9 anos), Divisão da Esperança (10 a 13 anos) e Divisão dos Herdeiros (14 a 17 anos).¹⁶

¹⁶ Na Divisão dos Estudantes existe a Divisão dos Universitários masculina e feminina formada por jovens de 18 anos para cima, nem sempre universitários.

Tabela 3 As divisões da BSGI segundo a idade e as condições de pertencimento

	DF	DS	Divisão dos Jovens		
			DFJ	DMJ	DE
Quantid.	59.483	23.577	13.984	19.421	12.283
Idade	15 acima	35 acima	15 a 35 anos	15 a 40 anos	6 a 17 anos
Situação	Com ou sem filhos, casada, solteira, separada, divorciada, amasiada.	Com ou sem filhos, casado, separado, divorciado, amasiado.	Sem filhos, solteira.	Com ou sem filhos, solteiro, casado, separado, divorciado, amasiado.	Div. Futuro 6 a 9 anos Div. Esperança 10 a 13 anos Div. Herdeiros* 14 a 17 anos

*Jovens dos 14 a 17 anos pertencem tanto à DE Herdeiros quanto à DFJ ou DMJ. No entanto, as mulheres nessa idade que têm filhos ou se casam passam para a DF, o que não ocorre com os homens. (Santos, M.L., 2009)

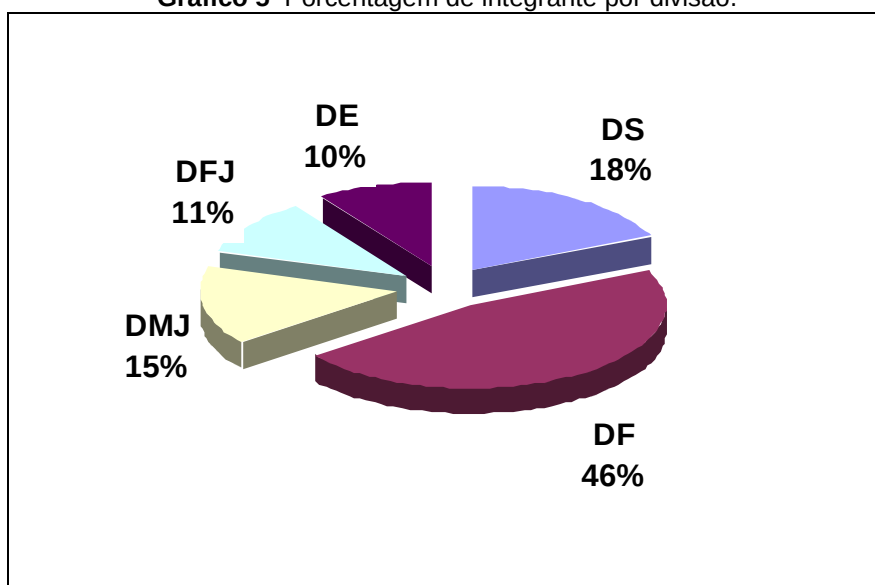
Conforme tabela acima, o lugar da mulher na estrutura da BSGI é delineado. Os critérios para os homens jovens são amplamente diferentes dos criados para as mulheres jovens. Esses jovens são os que comporão as divisões Feminina e Sênior, reproduzindo as diferenças sexuais no interior da organização. A mulher jovem, ao casar, amasiar ou ser mãe solteira, é transferida imediatamente para a Divisão Feminina, o que não ocorre com os homens jovens. Esses somente passam para a Divisão Sênior ao atingir o limite de idade, que também é superior à idade máxima estipulada para as mulheres jovens.

Como uma organização patriarcal, as atividades da BSGI são centralizadas nos líderes da Divisão Sênior. Mesmo a Divisão Feminina, que engloba 47% do total de integrantes – somando a Divisão Feminina e a Divisão Feminina de Jovens –, tem mais de 57% de mulheres contra 33% de homens (ver Gráfico 1), excluindo as crianças menores de 13 anos – sua diretoria executiva é composta integralmente por homens adultos.

Na escala estrutural, em primeiro lugar vem a Divisão Sênior, seguida da Divisão Feminina, da Divisão Masculina de Jovens, da Divisão Feminina de

Jovens e, por último, da Divisão dos Estudantes.¹⁷ Nas reuniões, principalmente de líderes, essa é a sequência normal dos discursos, além de o homem adulto iniciar, liderando a oração, e encerrar a reunião. Mesmo quando a reunião é somente da Divisão Feminina, quando há algum líder masculino da BSGI é ele quem lidera a oração e tem a última palavra.

Gráfico 5 Porcentagem de integrante por divisão.



Dados cedidos pela entidade. (Santos, M.L., 2009)

Normalmente, o titular do *Gohonzon* é a primeira pessoa que se converteu ao budismo na família. Devido à estrutura patriarcal da BSGI, soubemos de casos de a mulher se converter primeiro, mas, na hora de receber o *Gohonzon*, o marido foi colocado como titular. Isso devido à concepção de o homem ser o “ pilar da família”. A estatística de famílias da BSGI corresponde a cada *Gohonzon* concedido.¹⁸

¹⁷ Apesar dessa estruturação, os jovens recebem total atenção e apoio dos adultos e são considerados herdeiros do “espírito Soka” em todos os níveis da BSGI.

¹⁸ No Japão, a maioria das Novas Religiões conta seus membros por família, em vez de por indivíduo. (Pereira, 1992, p. 29.)

Tabela 4 Titular do Gohonzon

Titulares		%
Mulher	34.936	69,3%
Homens	15.481	30,7%

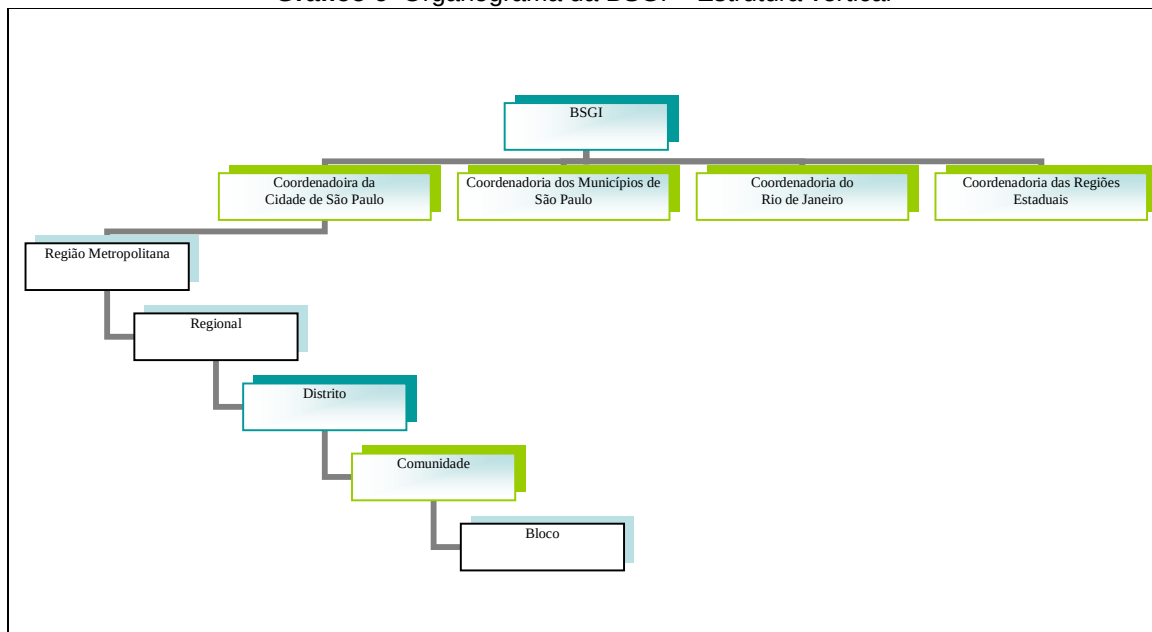
Dados cedidos pela entidade.

Conforme a tabela acima, a Divisão Feminina não é somente a maior divisão da BSGI, como é a que agrega a maior quantidade de famílias. Qualquer diminuição no quadro de integrantes da Divisão Feminina atinge diretamente a BSGI. Isso confirma que o atual estágio de desenvolvimento da organização se deve e é assegurado pelas mulheres.

II.4.1 Estrutura vertical

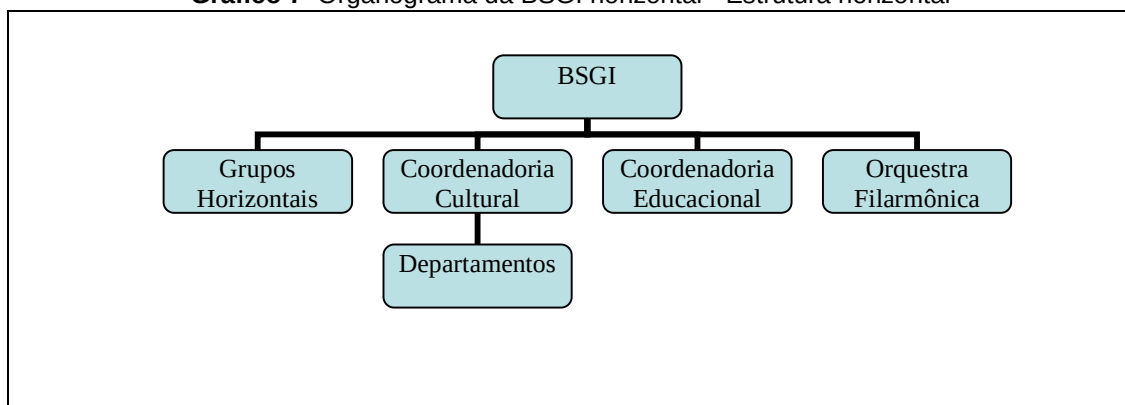
A estrutura vertical da BSGI é em forma piramidal (bloco, comunidade, distrito, regional/área, região metropolitana/estadual, subcoordenadoria, coordenadoria e BSGI), com uma coordenadora da Divisão Feminina em cada um dos níveis “subordinada” ao nível superior, e segue a mesma formatação em toda a BSGI. Existe também a estrutura horizontal, formada pelos grupos musicais, departamentos e coordenadorias (ver Gráficos 6 e 7).

Gráfico 6 Organograma da BSGI – Estrutura vertical



(Santos, M.L., 2009)

Gráfico 7 Organograma da BSGI horizontal - Estrutura horizontal



(Santos, M.L., 2009)

A Divisão Feminina possui mais de 20 mil líderes distribuídas em diferentes níveis da organização em todo o Brasil, o que perfaz 49% do total da liderança da BSGI, distribuídas conforme tabela abaixo:

Tabela 5 Quantidade de líderes da DF da BSGI por setor

Nível organização	Quant. líderes	%
BSGI	35	31%
Coordenadoria	14	50%
Subcoordenadoria	102	36%
Região Metropolitana/Estadual	516	38%
Área	434	42%
Regional	599	40%
Distrito	2.415	41%
Comunidade	6.105	46%
Bloco	9.999	57%
Total	20.219	49%

Dados cedidos pela entidade.

Apesar de, nas coordenadorias, 50% da liderança ser da Divisão Feminina, neste nível da organização existem muitas vice-coordenadoras, consultoras e conselheiras – geralmente, japonesas e veteranas da organização, o que justifica a quantidade. Das 38 coordenadoras de São Paulo, do Rio e dos demais Estados, 25 possuem ascendência japonesa (Tabela 7). A diferença da quantidade de coordenadoras citada aqui e na Tabela 6 é justificada, pois as responsáveis pelas coordenadorias são vice-coordenadoras da Divisão Feminina da BSGI, e na estatística da entidade o que prevalece é a posição mais elevada.

Tabela 6 Quantidade de líderes DF por coordenadoria

Coordenadoria	Descendente		Não descendente		Total	%
São Paulo	16	42%	03	2,63	19	50%
Rio de Janeiro	01	2,63	09	23,6%	10	26,3%
Regiões estaduais	08	21%	01	2,63	09	23,6
Total	25	65,7	13	34%	38	100

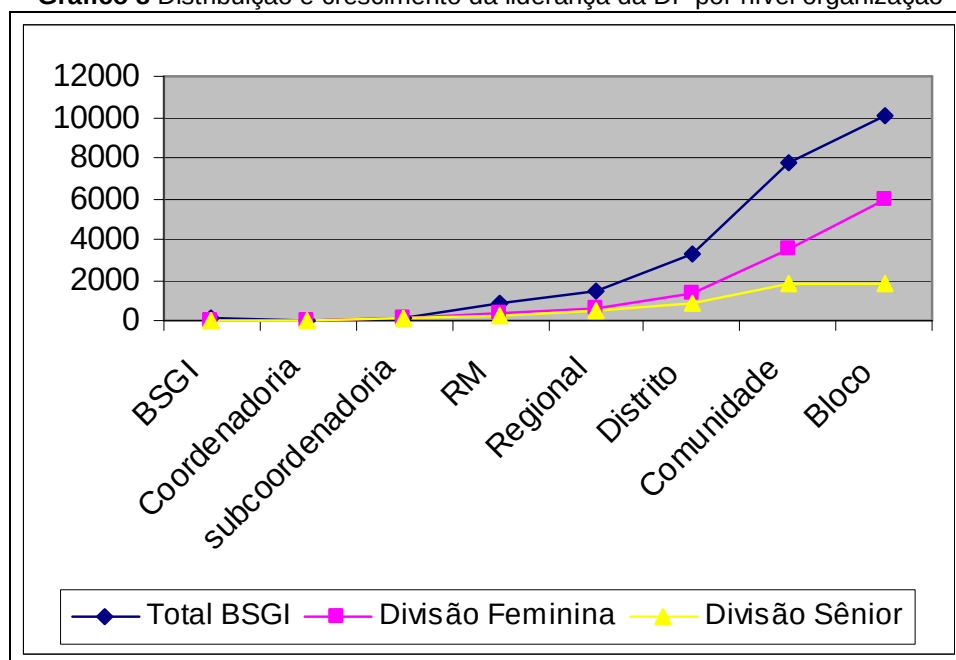
Dados cedidos pela entidade.

Notemos que a quantidade de descendentes que lideram as coordenadorias – um nível que executa e direciona as atividades, que são lançadas pela BSGI para as organizações abaixo – é formada por mais de 65% de descendentes de japoneses. Além disso, as que lideram as regiões estaduais residem em São Paulo. A capital paulista congrega 28 das líderes das coordenadorias; dessas, 24 (63%) são descendentes e estão na faixa etária de 45 a 60 anos, ou seja,

nasceram nas décadas de 1950 e início de 1960 e se converteram nas duas primeiras décadas da organização brasileira, entre 1968 e 1975, quando a influência japonesa era muito marcante. A Coordenadoria do Rio de Janeiro (CRJ) é a que possui maior quantidade de líderes sem ascendência japonesa, 23% do total, por ser uma organização “independente”, no sentido de conduzir suas atividades, e devido ao fato de a colônia japonesa ser menor nesse Estado. Até o início desta década os líderes centrais, homens, da CRJ haviam sido transferidos de São Paulo; hoje, quem lidera esse núcleo são brasileiros sem ascendência.

Conforme cresce a organização de base, distrito, comunidade e bloco, o número de sua liderança também aumenta e a Divisão Feminina acompanha esse aumento (Gráfico 8).

Gráfico 8 Distribuição e crescimento da liderança da DF por nível organização



Dados cedidos pela entidade. (Lourdes,M.L., 2009)

No bloco, a liderança das mulheres é visível. No entanto, elas não recebem a função de responsáveis de bloco; essa função é destinada à Divisão Sênior. Elas são responsáveis pela Divisão Feminina de Bloco apesar de liderarem o bloco, pois, conforme o gráfico acima, podemos perceber que não existe a

liderança masculina em todos os blocos, dado que não há crescimento da Divisão Sênior nesse núcleo.

II.5 ESTRUTURA INTERNA DA DIVISÃO FEMININA

II.5.1 Perfil da Divisão Feminina

A Divisão Feminina é formada por mulheres na faixa etária de 40 a 50 anos, que possuem ensino fundamental (Tabela 8) e são casadas (Gráfico 9). Quanto ao estado civil, a diferença entre as casadas e as “não casadas”¹⁹ é de 12%, ver Gráfico 9.

Tabela 7 Escolaridade da Divisão Feminina

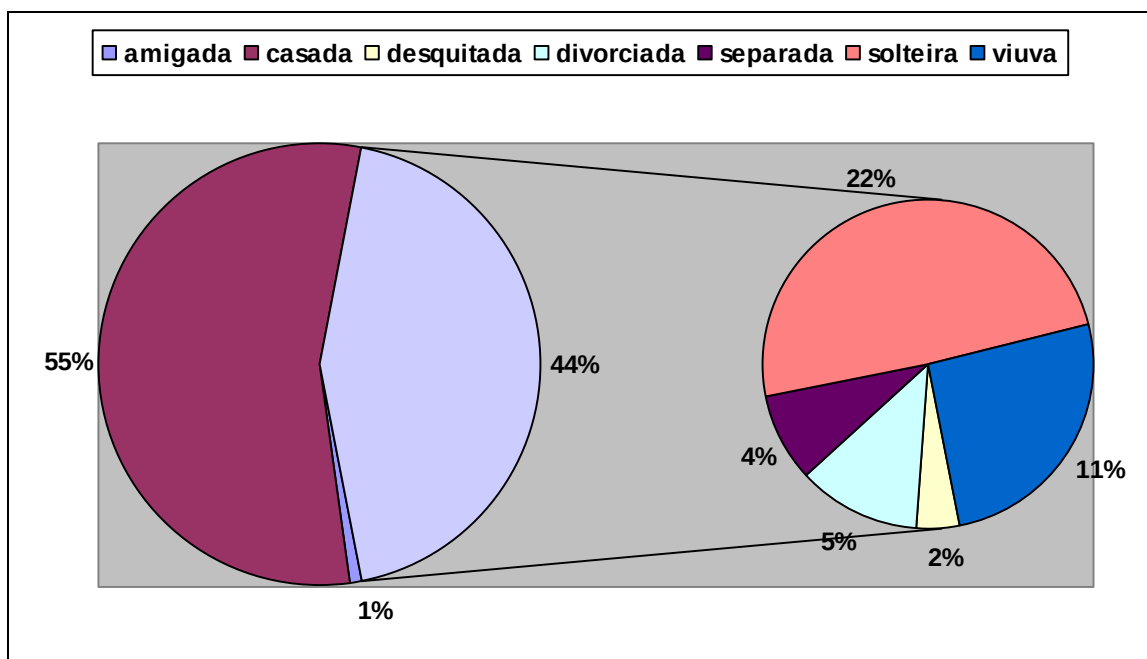
Escolaridade	Quantidade	%
Ensino Fundamental	14.977	29,7%
Ensino Médio	12.924	25,6%
Superior	6.653	13,1%
Pós-graduanda	221	0,43%
Doutoras	37	0,07%
Não informado	15.605	30,9%
Total	50.417	100%

Fonte: Dados cedido pela entidade.

O ideal de família nuclear perpassa a Divisão Feminina e atribuímos isso ao formato patriarcal da organização. No entanto, com base nos levantamentos, podemos supor que a própria constituição da Divisão Feminina propicia esse pensar, uma vez que 56% das mulheres são casadas e viúvas, 22% são separadas, desquitadas e divorciadas e 22% são solteiras (incluindo mães solteiras).

¹⁹ Abrange solteiras, desquitadas, separadas e divorciadas.

Gráfico 9 Estado civil das integrantes da Divisão Feminina



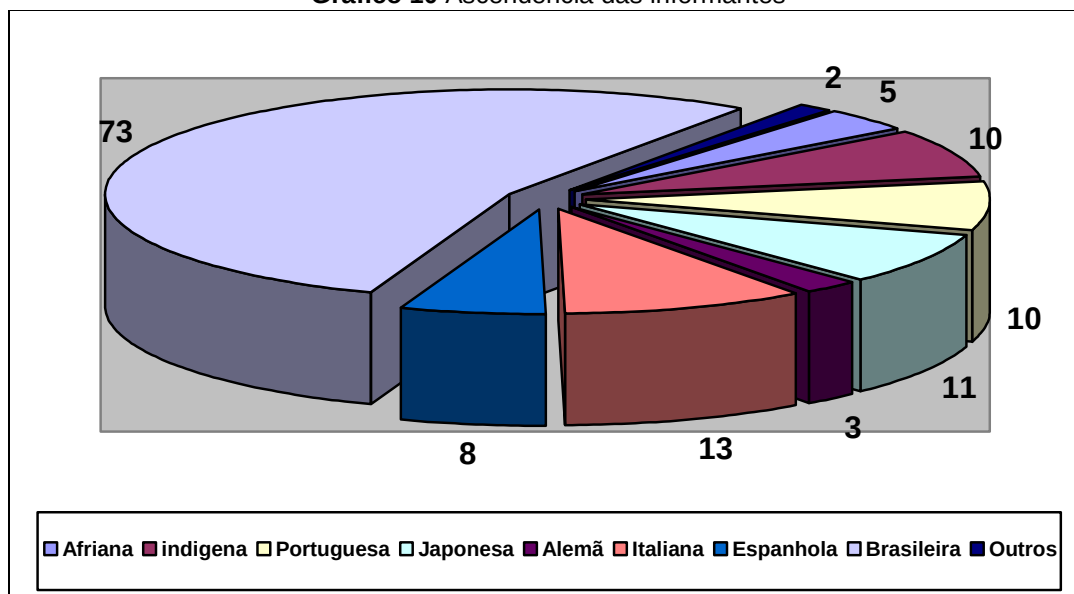
Dados cedidos pela entidade. (Santos, M.L., 2009)

II.5.1.2 Censo realizado pela Divisão Feminina em 1998

A Divisão Feminina realizou um censo com dados colhidos entre setembro e dezembro de 1998. Dele participaram mais de 31 mil mulheres, 46% do total das integrantes da Divisão Feminina da BSGI, sendo 61% da Grande São Paulo, 15% do Rio de Janeiro e 24% dos outros municípios de São Paulo e de outros Estados, dentre essas 1.057 não-atuantes, ou seja, não estavam praticando nem participando das reuniões. Os dados do censo são apresentados em forma de gráfico na sequência.

Quanto à ascendência, 73% das informantes disseram ser brasileiras, 11% japonesas, 10% indígenas e 5% africanas (Gráfico 10). Observando a entidade e os seus impressos, supomos que a porcentagem de ascendência africana é bem maior.

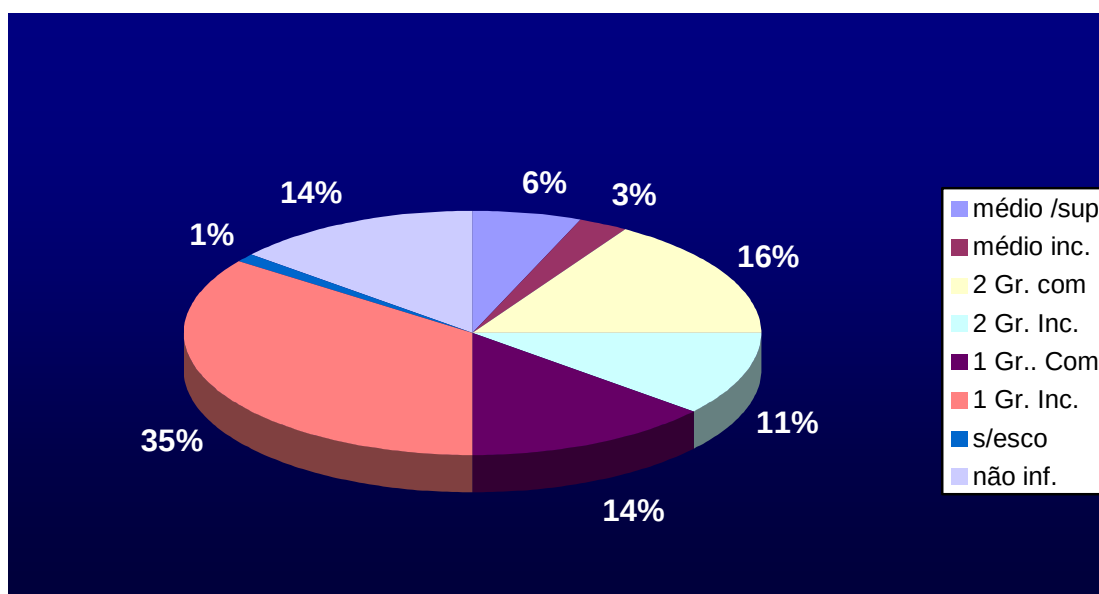
Gráfico 10 Ascendência das informantes



(Santos, M.L., 2009)

Quanto à questão da escolaridade, o censo apontou que a maioria das pesquisadas possui apenas o primeiro grau do ensino fundamental, 35% do total; 6% possuem grau médio e acima e 1% não têm escolaridade.

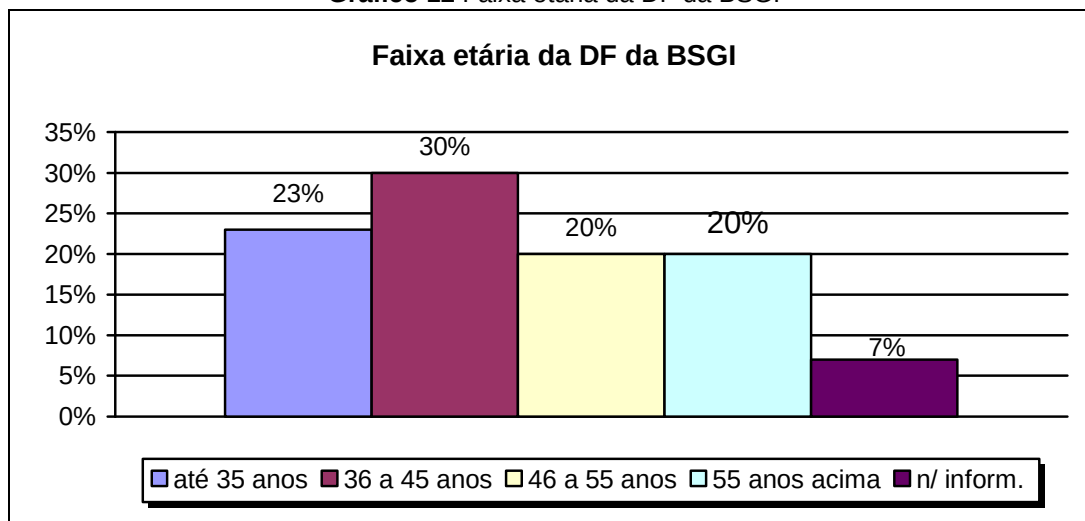
Gráfico 11 Escolaridade da DF da BSGI



(Santos, M.L., 2009)

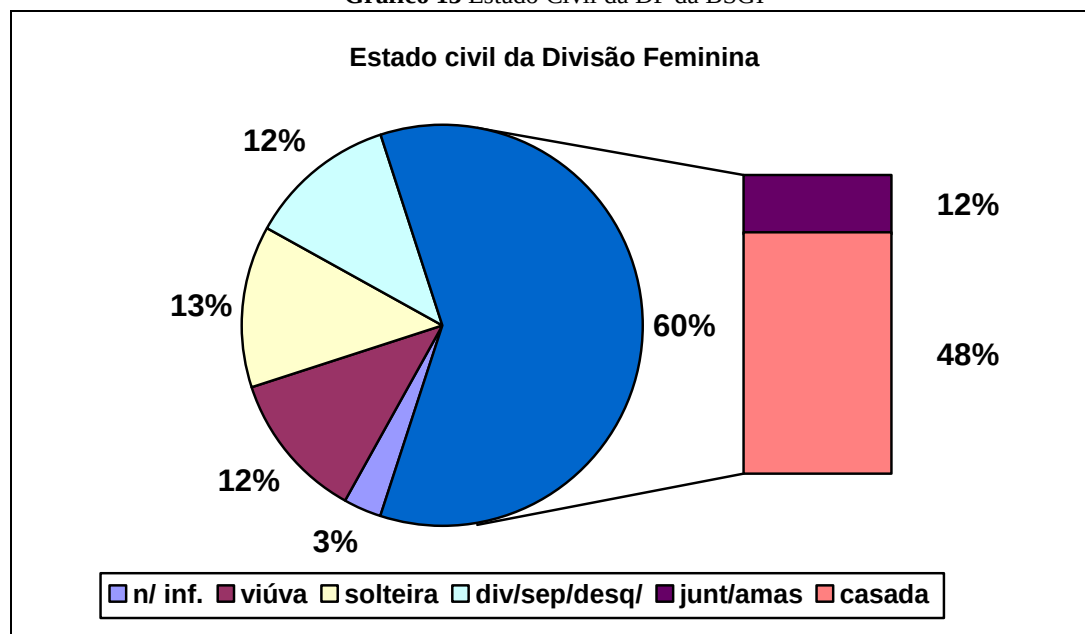
A faixa etária das informantes está entre 35 e 45 anos, sendo que 23% das pesquisadas possuem menos de 35 anos e 20%, mais de 55 anos (Gráfico 12). Dessas, 60% são casadas/juntadas; e 37%, não (Gráfico 13).

Gráfico 12 Faixa etária da DF da BSGI



(Santos, M.L., 2009)

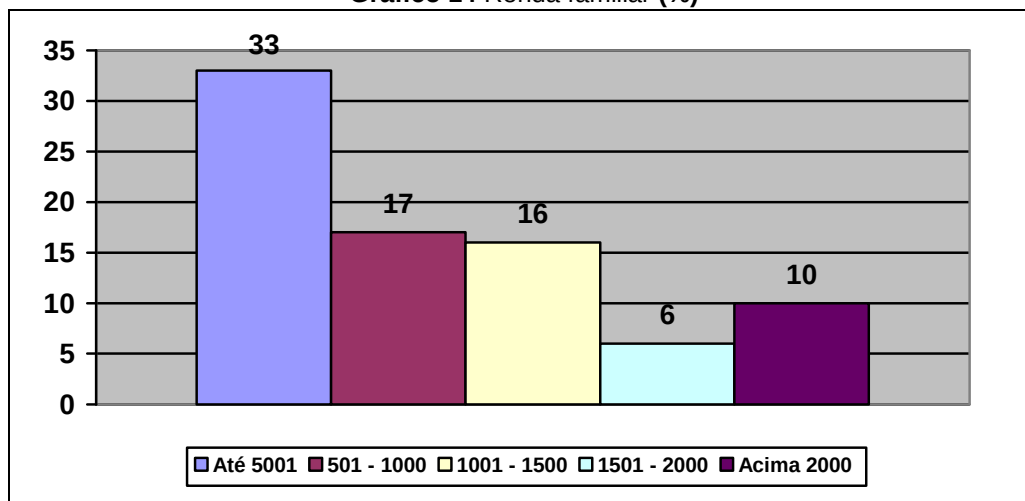
Gráfico 13 Estado Civil da DF da BSGI



(Santos, M.L., 2009)

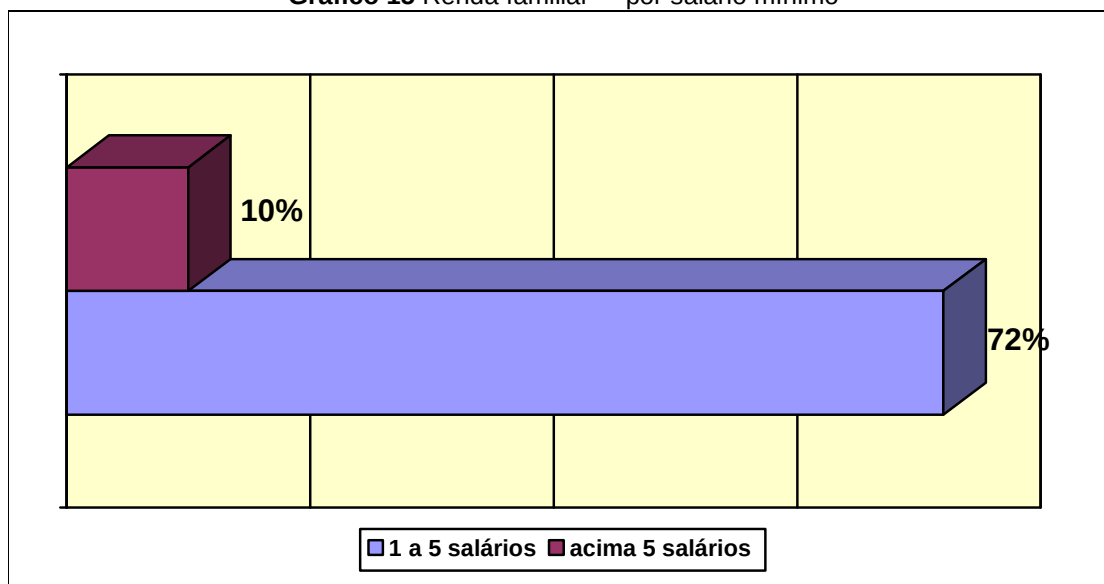
Apesar de a maioria das informantes, 33%, ter renda familiar de até R\$ 500,00 e de apenas 10% terem renda acima de R\$ 2.000,00 (Gráficos 14 e 15), 61% têm imóvel próprio e 20% vivem em imóvel alugado (Gráfico 16).

Gráfico 14 Renda familiar (%)



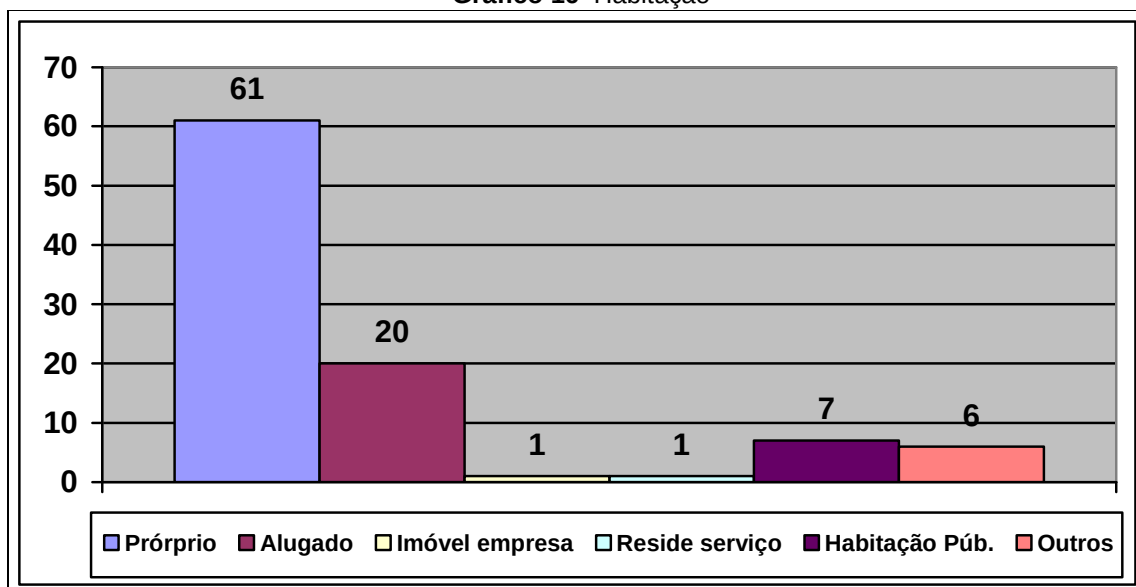
(Santos, M.L., 2009)

Gráfico 15 Renda familiar – por salário mínimo



(Santos, M.L., 2009)

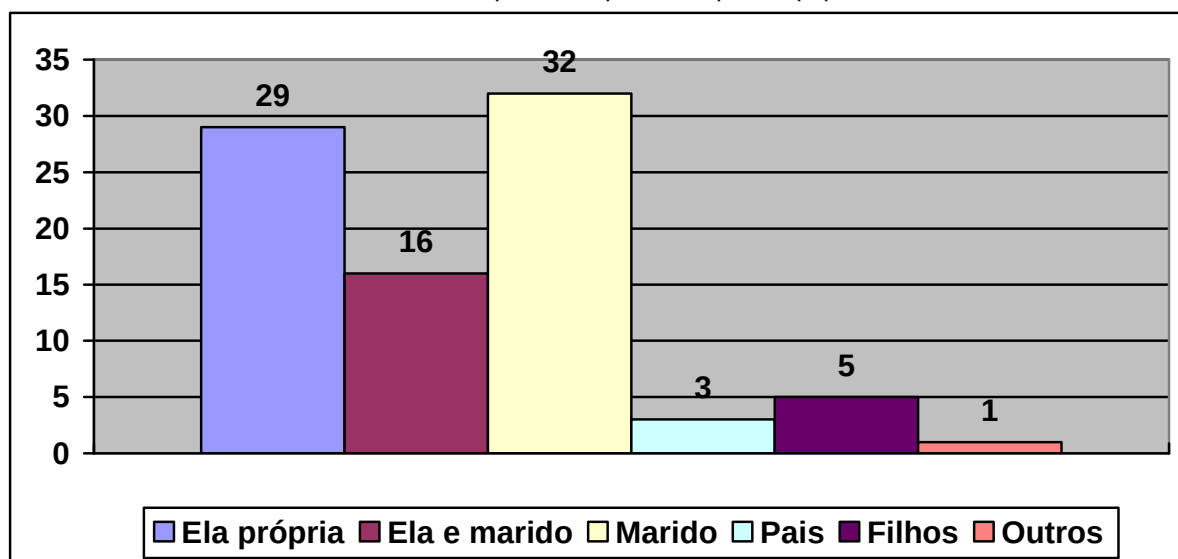
Gráfico 16 Habitação



(Santos, M.L., 2009)

O levantamento sobre quem arca com a maior parte das despesas familiares aponta para o marido, 32%; em segundo lugar, para a mulher, 29%, e, em terceiro, 16%, as despesas são divididas (Gráfico 17).

Gráfico 17 Responsável pelas despesas (%)



(Santos, M.L., 2009)

II.5.1.3 Censo/1998 versus dados/2009

Para efeito de análise, comparamos os dados de 2009 com os do Censo realizado pela DF em 1998 e percebemos que ocorreu uma mudança na Divisão Feminina nos últimos vinte anos. Mas consideramos a possibilidade de erros nas informações do censo, por ter ele abrangido menos da metade das integrantes.

Tabela 8 Comparativo entre Censo/98 x BSGI/09

	1998	2009	Diferença
Escolaridade			
Fundamental	76%	29%	47%
Médio/ Superior	9%	38%	29%
Estado Civil			
“Casada”	60%	51%	9%
“Não casada”	40%	44%	4%

1998 – Censo da Divisão Feminina.

2009 – dados cedidos pela entidade. (MLSantos)

A mudança mais significativa foi na escolaridade. Enquanto, em 1998, 76% declararam ter estudado até o ensino fundamental, essa porcentagem caiu nos dados fornecidos em 2009 para 29%; ao mesmo tempo, a porcentagem dos ensinos médio e superior aumentou. O mesmo percebemos com as nossas informantes. Das 48 que responderam ao questionário, 24 têm formação superior, 15 o ensino médio e 8 o ensino fundamental.

Supomos que essa mudança ocorreu porque as mulheres foram motivadas a buscar crescimento educacional em respostas aos eventos culturais e sociais que a Divisão Feminina promoveu a partir de 1998. Supomos também que o resultado do censo pode ter impulsionado a Divisão Feminina a ampliar o leque de suas atividades.

II.5.2 Estrutura horizontal da Divisão Feminina

A estrutura horizontal (grupos horizontais e departamentos) também é igual em toda a BSGI (Gráfico 7), apesar de cada divisão possuir grupos e departamentos específicos conforme a sua necessidade. Quanto à estrutura vertical da Divisão Feminina, ela segue a estrutura da BSGI, com coordenadoras e responsáveis em cada um dos níveis: bloco, comunidade, distrito, regional/área, região metropolitana/estadual, subcoordenadoria, coordenadoria e BSGI (ver Gráfico 6).

A Divisão Feminina possui dez grupos horizontais (Tabela 10) e os grupos Coração e Zenshin (Avanço), o Comitê das Mulheres para a Paz e a Aliança das Mulheres para a Paz, os dois últimos já citados na página 123, que visam à criação de pessoas com valores humanísticos em diferentes áreas de atuação. A escolha para pertencer ao grupo horizontal é individual, desde que a pessoa atenda aos critérios de cada grupo. Os grupos Zenshin e Coração seguem critérios diferenciados.

Os grupos horizontais são centralizados na BSGI. Como a sede se localiza em São Paulo, a maioria das integrantes dos grupos é dessa cidade. No entanto, em outros municípios e estados são criados subnúcleos ligados ao central com a mesma denominação e critérios. Periodicamente, esses grupos se reúnem em São Paulo. Além disso, todos os níveis da organização podem criar os seus grupos, com outras denominações, independentes do central.

Tabela 9 Grupos Horizontais da Divisão Feminina

Denominação	Fund.	Quant.	Id. máx.	Tema
Coral Lírio / Grupo Girassol*	1966	80 (SP)	45 anos	Música do coração em harmonia com a vida
Grupo Mamorukai (manutenção)	1977	503 (SP)	60 anos	Sendo observada ou não, florescerei
Grupo Tayo (cozinheiras)	1984	90 (SP)		Seja o sol do lar
Grupo Diamante (Trad. Japonês)	1986	15 (SP)		Fortaleça sua fé dia após dia e mês após mês. Se enfraquecer mesmo um pouco, demônios aproveitar-se-ão.**
Flores do Campestre	1991			
Grupo Fukuchi (Dança)	1995	70 (SP)	45 anos	Rainhas que bailam no palco da vida comprovando a boa sorte e sabedoria.
Grupo Taro (Ornamentação)	1995			Adornar com sinceridade e dedicação o palácio do <i>Kossen-rufu</i> e com brilhante espírito tocar o coração das pessoas.
Grupo Pérola (coord. eventos)	1995	69 (SP)	45 anos	Grupo Pérola de coragem, sabedoria e ação.
Grupo Sumire (Transporte)	1996	40 (SP)	50 anos	Eternas rainhas da felicidade, a mais feliz do mundo e a mais próxima do coração do mestre.
Línguas estrangeiras	2007	20 (SP)	55 anos	Rainhas da felicidade em ação, unindo os povos num diálogo de coração a coração.

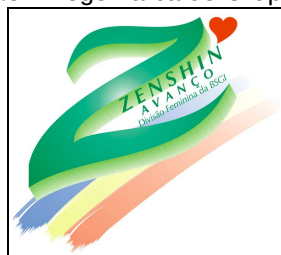
(Santos, M.L., 2009) * Grupo Girassol (conjunto musical) foi acoplado ao Coral Lírio em 1992.

** Frase da escritura de Nitiren Daishonin.

O Grupo Coração foi criado na Divisão Feminina em 1986 com a denominação de “Pequeno Grupo” e tinha como objetivo realizar reuniões de estudos com no mínimo seis mulheres. Quando mudou a denominação para “Grupo Coração”, as reuniões foram direcionadas para o bloco sob a liderança da responsável de bloco, com reuniões mensais, as quais hoje são semestrais.

O Grupo Zenshin foi criado em 2005 e se subdivide em Academia e Grupo Zenshin.

Ilustração 2 Logomarca do Grupo Zenshin



(DF/BSGI)

Tabela 10 Estrutura do Grupo Zenshin

	Grupo Zenshin	Academia Zenshin
Lema	Eterna Rainha da Felicidade – a mais feliz do mundo e a mais próxima do coração do Mestre!	Avançar é a nossa missão.
Objetivo	- Aprimorar o espírito Soka. - Aprofundar o Espírito de Mestre e Discípulo. - Tornar-se a força promotora do avanço do <i>Kossen-rufu</i>.	- Aprimorar o espírito Soka para corresponder aos ideais do Mestre na família, na sociedade e na organização. - Criação de grandes valores humanos visando ao futuro da organização e da Divisão Feminina.
Diretriz	- Acolher com todo o carinho as Doutoradas da Felicidade (DFJ) que se tornaram Rainhas da Felicidade. - Sintonizar com os objetivos e diretrizes da DF. - Tornar esta uma DF que atua com coragem e alegria, obtendo resultados positivos na organização e na vida particular.	- Vivendo nosso eterno juramento de diariamente fortalecermos o nosso espírito de luta conjunta com o Mestre, atuaremos dignamente como Eternas Rainhas da Felicidade, trilhando um curso de vida com o espírito de jamais ser derrotadas! - Lutando em prol da felicidade das pessoas, avançaremos em 1º lugar em nossa revolução humana e iluminaremos ao nosso redor e a sociedade atual com a brilhante luz da esperança e coragem. - Abrindo os portais de uma nova história e unidas de coração a coração, bradaremos sempre pela justiça, combatendo a maldade e, com sincero espírito de procura, crescendo como reais valores humanos, tendo sempre em mente que avançar é a nossa missão!
Perfil das Integrantes	Todas as formadas da DFJ a partir de 2000, independentemente da idade.	45 anos (membros até responsável de comunidade).

(Santos, M.L., 2009)

Além de pertencer aos grupos citados acima, muitas mulheres integram a Coordenadoria Cultural – composta pelos departamentos Artístico, Cientistas, Executivos, Comunicação, Juristas, Orquestra – e a Coordenadoria Educacional, fundadas em 1984. Dos seis departamentos, somente o Científico é liderado por mulher. A Coordenadoria Educacional nasceu do Departamento Educacional, formado por educadores, e é liderada por mulheres desde a sua origem, sendo elas a maioria nesta coordenadoria.

II.6 PROCESSO DE ADEÇÃO E ENGAJAMENTO

Nos ensinamentos de Nitiren, existem duas formas de conversão: *chakubuku* e *shoju*. *Chakubuku* é um método em que o praticante expõe o budismo refutando o apego de outra pessoa a ensinamentos errôneos e, dessa maneira, conduzindo-a ao correto ensino. *Chakubuku* também significa o ato de vencer a maldade da própria mente e manifestar o bem. Para as budistas Nitiren, a maldade indica a escuridão fundamental ou ignorância, e o bem, a natureza de Buda ou a natureza da iluminação. A autorreforma torna-se possível por meio da fé no correto ensino.

O termo *chakubuku* é usado em contraste com *shoju*, que significa conduzir outra pessoa gradativamente ao correto ensino conforme a sua capacidade. Esses dois métodos aparecem no *Sutra Shrimala*, em “Grande Concentração e Discernimento”, entre outras obras. Foram cunhados numa época em que o debate religioso era constante e uma forma natural de mostrar a superioridade de um ensino sobre outro.

As integrantes da BSGI inverteram o significado dos conceitos *shoju* e *chakubuku* e o método de conversão *chakubuku* passou a se referir a “conduzir outra pessoa gradativamente ao correto ensino conforme a sua capacidade”. Na BSGI não se usa o termo *shoju*. Por isso, quando nos referimos a *chakubuku*, estamos utilizando a forma usual da BSGI.

O processo de adesão à Divisão Feminina se inicia com a conversão ao Budismo Nitiren, que passa por duas etapas. Primeiro, a interessada começa a frequentar as reuniões semanais e a reunião de palestra na comunidade e no bloco, acompanhada de quem a está apresentando ao budismo. Além disso, periodicamente, em todos os níveis da organização, são realizadas reuniões para convidadas e novos membros (*chakubukuzadankai*). Depois de no mínimo seis meses, havendo interesse da iniciante (*chakubuku*), começa o processo de conversão; para isso, uma das exigências é saber realizar a liturgia da Soka Gakkai (*Gongyo*).

Decidida à adesão, a iniciante passa por duas entrevistas com os líderes centrais de distrito e regional, acompanhada da apresentadora e dos líderes de comunidade.²⁰ Antes, porém, os líderes de comunidade e distrito, sempre junto com quem está apresentando, visitam a residência da iniciante para verificar principalmente a anuência dos familiares à conversão e o local onde será instalado o oratório. Normalmente, mesmo sendo mulher a se converter, esse processo é centralizado na Divisão Sênior.

Além da aquisição do oratório, a convertida deve assinar o “Requerimento de Conversão” e o “Requerimento do *Gohonzon*”, que contém as normas da BSGI. No Requerimento de Conversão constam três itens básicos (juramentos) para as convertidas: (1) Proteger e manter o *Gohonzon* por toda a vida. (2) Empenhar-se na fé, prática e estudo, conforme os ensinamentos de Nitiren Daishonin. (3) Seguir e respeitar as normas e orientações da BSGI e nunca agir em desonra de seu nome. No final, consta: “Declaro que a presente solicitação tem o pleno consentimento de meus familiares”, com assinatura e indicação do grau de parentesco. No caso da conversão do marido, a esposa deve autorizar; se a conversão é da esposa, o marido deve autorizar; e se o interessado for menor de 16 anos, os pais ou responsáveis legais devem autorizar. Isso se dá pela preocupação que a BSGI tem em relação à família, sendo que a prática budista deve servir, em primeiro lugar, para a harmonia familiar, a primeira das cinco diretrizes eternas da SGI.²¹ Na Requisição de Conversão constam os objetivos básicos da BSGI e os direitos e deveres dos membros. Essa primeira etapa é chamada de prática provisória.

Não havendo nenhum empecilho, inicia-se a segunda etapa marcando o dia para a cerimônia de conversão, que consiste no recebimento do *Gohonzon*, realizada na sede regional, no centro cultural ou na Sede Social Josho.

²⁰ A participação varia de acordo com a situação familiar da convertida. Se for um casal, participam líderes da DF e DS; se forem mãe e filhos, participam DF, DS e DJ. A participação também está condicionada à situação familiar e ao espaço do local onde será a consagração.

²¹ (1) Prática da fé para a harmonia da família; (2) prática da fé para a felicidade individual; (3) prática da fé para vencer as dificuldades; (4) prática da fé para manter a boa saúde e conquistar a longevidade; e (5) prática da fé para alcançar a vitória infalível.

A segunda etapa se inicia após a cerimônia de conversão. Ao receber o *Gohonzon*, normalmente no mesmo dia, a apresentadora e alguns líderes de comunidade, bloco ou distrito dirigem-se à residência da recém-convertida e realizam a cerimônia de consagração do *Gohonzon* no oratório previamente preparado para a ocasião.



Foto 5 Modelo de oratório mais usado na BSGI. No início da prática é mais frequente a utilização de oratório simples, que é fixado na parede. Havendo condições financeiras, a maioria dos integrantes da BSGI opta pelo modelo acima.

Como integrante da BSGI, a convertida passa a figurar no quadro de associados como mais uma família e membro da Divisão Feminina, podendo assim realizar doações, participar de grupos horizontais e departamentos e do exame de budismo. Com o passar dos anos, sua atuação pode conduzi-la a receber funções, começando como responsável da organização de base: bloco, passando para comunidade, distrito e assim por diante, podendo liderar a Divisão Feminina em todos os níveis da organização.

Considerada um porto seguro para as suas integrantes, a Divisão Feminina as acolhe quando elas deparam com algum impasse na vida, num profundo relacionamento mútuo. Essa ligação muitas vezes ultrapassa a familiar, principalmente nas comunidades.

A maioria das mulheres que integram a BSGI busca no Budismo Nitiren respostas para crises pessoais. Inicialmente, essa busca se inicia em sua religião de origem; não encontrando respostas, passam a transitar nesse vasto mercado

de ofertas religiosas da sociedade moderna. Desencantadas com a sua religião de origem e ramificações, deixam de lado investimentos de anos e trilham caminhos diferentes do tradicional – neste caso, o budismo. Analisando os motivos de conversão e o engajamento na Divisão Feminina, percebemos que a maioria se converte quando enfrenta algum problema de ordem financeira, familiar, de saúde e de relacionamento, que não conseguem solucionar. Outras buscam no budismo consolo espiritual para questões fundamentais de vida e morte e para o preenchimento de um vazio espiritual. Algumas querem satisfazer desejos pessoais impostos pela sociedade e encontrar uma crença que explique o mundo de forma coerente com a razão e a ciência e que responda às questões da sociedade secularizada.

Conforme um censo realizado pela Divisão Feminina da BSGI em 1998, 44% das pesquisadas se converteram por se sentir insatisfeitas com a prática de outras religiões, 41% por motivo de relacionamento pessoal, 36% por problemas financeiros e 30% por motivo de doença. O censo também apresenta o que mais as atraiu na BSGI ao se converterem.

Tabela 11 Principais atrativos da Soka Gakkai no início da prática

Situação	%
Poder mudar o destino	60
Obtenção de benefícios	48
Admiração pelo presidente Ikeda	40
Boas-vindas/calor humano dos membros	24
Caráter dos membros / Soka Gakkai c/ org.	17
Satisfação intelectual / ausência de dogmas	11

Dados extraídos do censo da DF/1998.

Normalmente, a conversão ao budismo se dá com a mudança da rede de relacionamento social (casamento, amizade, namoro, vizinhança, escola). O engajamento nas atividades da organização se deve à busca pela transformação da vida proposta pelo budismo, ao senso de missão como “mensageira do Buda” e à assimilação do espírito de mestre e discípulo, ponto básico da Soka Gakkai. Como uma família (família Soka), a Divisão Feminina representa a mãe, a Divisão

dos Jovens, os filhos, e a Divisão Sênior, os pais. Estes últimos, enquanto “pais da família Soka”, devem proteger as mulheres e os jovens. No entanto, muitas vezes a “proteção” mascara o sentimento de “superioridade” e exige “submissão”.

A Divisão Feminina dá às mulheres um sentimento de pertença e de valorização, impulsionando-as a um maior desenvolvimento como cidadãs. No entanto, há também as que não dão continuidade à prática do budismo apesar de se converterem e se dedicarem por meses ou até mesmo anos. Por isso, um trabalho realizado continuamente pela Divisão Feminina é o de criar condições para que a integrante se identifique com o grupo e não se afaste dele, criando lemas como “Kokoro to Kokoro” (de coração a coração), “DF: A mais feliz do mundo e mais próxima do mestre”. Isso faz com que a adepta crie uma identidade e permaneça no grupo. É o que se pode observar em um estudo de caso realizado por Antonio da Costa Ciampa,²² que analisou uma integrante da Divisão Feminina antes e depois da conversão. Diz ele que a transformação da identidade possuída antes da conversão vai se concretizando *nas e pelas* relações sociais em que está se engajando, e a “materialidade dessas relações sociais faz com que a nova identidade não seja uma ficção, uma abstração imaginária” (Ciampa, 1987, p. 109). Em sua análise, a organização apresenta um mundo organizado e cada integrante tem seu lugar nesse mundo, e ela passa a fazer parte de uma rede institucional e hierarquizada de valores que se traduz pelas orientações que os diferentes níveis hierárquicos fornecem.

Mesmo sendo o Brasil um país com ampla oferta religiosa e a maioria das integrantes da Divisão Feminina provir de diferentes religiões, principalmente da cristã, a BSGI não aceita a dupla pertença. Isso leva a dois caminhos: a iniciar do zero a aprendizagem religiosa ou ao desencantamento. No primeiro caso, ao assimilar os novos conceitos budistas, a recém-convertida passa por um processo de reorganização psicológica e social. A mudança de fé provoca uma mudança comportamental afirmada e incentivada pela nova rede de relacionamento, o que

²² Antonio da Costa Ciampa é doutor em Psicologia Social.

reforça a disposição da convertida de permanecer no grupo. Esse esforço é recompensado pelas mudanças interior e familiar que ela passa a experimentar, atribuindo-as à “nova” fé. Isso reforça a sua dedicação ao grupo, o que leva ao fortalecimento dos laços internos na BSGI e ao enfraquecimento dos laços externos. No segundo caso, ocorrendo o desencantamento, há a desistência da prática budista e o retorno à sua religião de origem, ou a tramitação em outras religiões de matriz oriental. Existe também o que podemos chamar de “semidesistência”, ou seja, mesmo se afastando da BSGI, ela continua praticando o Budismo Nitiren e integrando seu quadro estatístico como “não-atuante”. Hoje, quase 4 mil mulheres estão nessa categoria. Abaixo apresentamos os principais motivos do afastamento da prática tendo como base um censo realizado pela Divisão Feminina em 1998.

Tabela 12 Principais motivos de não estar praticando

Motivo	%
Dificuldade de realizar a prática	31
Descrença	19
Problemas de relacionamento	11
Impedimento da família	6
Doença	3
Outros	30
Total	100

Dados extraídos do Censo DF/1998.

Uma vez dentro da BSGI, o novo membro da Divisão Feminina passa pelo processo de reorganização do passado e interiorização de novos conceitos – a negação do *self* anterior e a aceitação do novo *self*. Para isso, ela percorre, pelo que consideramos, cinco etapas:

- 1) conversão;
- 2) interiorização dos conceitos budistas;
- 3) aplicação dos conceitos na vida diária;
- 4) aceitação ou negação dependendo dos resultados obtidos;
- 5) transmissão.

Até o item quatro, todas passam pelo mesmo processo; o item transmissão dependerá da aceitação ou não da nova fé, que implica uma ruptura ainda mais profunda com a tradição religiosa de origem e sua cosmovisão se apresenta sob novas lentes. Sem essa mudança não se consegue a transmissão. Além da ruptura com a religião de origem, a convertida enfrenta o choque cultural que pode, em muitos casos, levá-la ao abandono da prática budista ou ao desligamento da organização. Essas tensões no interior da BSGI são “superadas” pela intervenção das “mediadoras culturais” (Usarski, 2002)²³, as que fazem a ponte entre as duas culturas. No início esse papel foi exercido pelas descendentes de primeira e segunda geração de imigrantes; hoje, são as brasileiras de primeira e segunda geração de convertidas, a maioria sem ascendência oriental, com mais de trinta anos de prática budista na BSGI.

II.7 AUTORRECONHECIMENTO DA DIVISÃO FEMININA

Segundo Heleieth Saffioti, entre as mulheres socializadas na ordem patriarcal de gênero, que atribui quase sempre qualidades positivas aos homens e negativas às mulheres, a maioria não questiona sua inferioridade social, havendo, também, inúmeras mulheres machistas.

E o sexismo não é somente uma ideologia; reflete também uma estrutura de poder, cuja distribuição é desigual, em detrimento das mulheres; [...] o sexismo prejudica homens, mulheres e suas relações (Saffioti, 2004, p. 35).

Para ela, as mulheres são “amputadas” no desenvolvimento da razão e uso do poder e são “socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores”, ao contrário dos homens, que são “estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelam força e coragem” (Saffioti, 2004, p. 35).

Percebemos na Divisão Feminina a “amputação” e “socialização”, resultado da junção das culturas brasileira e japonesa. O sentimento androcêntrico, mesmo

²³ “Devido a uma boa educação, competência linguística e *status* social, estariam bem preparados para desempenhar um papel de mediadores culturais. (Usarski, 2002, p. 19)

que inconscientemente, perpassa Divisão Feminina da BSGI, o que podemos perceber no discurso de sua liderança desde o início de suas atividades até os dias atuais, conforme citamos anteriormente. As mulheres devem realizar uma firme “prática da fé”, que corresponde às orações diárias e atuação nas atividades da BSGI, assim adquirindo boa sorte suficiente para não precisar trabalhar e poder dedicar-se somente ao *Kossen-rufu* – deixando o trabalho para o chefe da família, o homem. A mulher deve ser a “rainha do lar”. No discurso da BSGI, a Divisão Sênior é “ pilar do *Kossen-rufu*”, enquanto a Divisão Feminina é “mãe do *Kossen-rufu*”. O padrão de família nuclear é também constante no discurso da Divisão Feminina, completamente fora da realidade da grande maioria que está na base da organização.

A “socialização”, conforme Saffioti, representa um posicionamento da Divisão Feminina e, ao mesmo tempo, uma imposição da estrutura patriarcal da BSGI, numa representação da construção simbólico-cultural nipo-brasileira do *ser* mulher, fazendo com que essa representação se faça em torno das mulheres, com pouca influência nas decisões centrais da organização.

A Divisão dos Adultos (homens) mantém o papel simbólico de chefes, assumindo a função de oficiantes e ocupando os principais cargos de chefia, denunciando traços socioculturais do Japão. (Pereira, 2002, p. 300.)

Como “rainha do lar”, a mulher é a pessoa que apazigua, acalenta, aquece, compreende e está sempre pronta para ajudar e proteger os seus. Isso acarreta conflitos e tensões internas, muitas vezes levando ao afastamento da prática budista por não haver adaptação aos “costumes japoneses”. Apesar de a BSGI ter um crescimento contínuo, ele é lento, sendo um dos fatores disso a falta de plena aculturação e de espaços efetivos, em sua liderança central, para as mulheres.

CAPÍTULO III

UMA INTERPRETAÇÃO: A DIVISÃO FEMININA DA BSGI

Neste capítulo, analisamos a resposta de 48 questionários, dos mais de cem que enviamos, com perguntas semiabertas, cujo objetivo foi captar o pensamento das mulheres sobre a BSGI e a Divisão Feminina.

III.1 BSGI DO PONTO DE VISTA DAS MULHERES

III.1.1 Perfil das informantes

As mulheres que responderam ao questionário possuem o seguinte perfil: faixa etária de 40 a 60 anos, solteiras e casadas, formadas nos ensinos médio e superior, a renda mensal de um a dez salários mínimos e estão na BSGI há mais de 15 anos. A princípio, elas têm como origem religiosa o catolicismo (44%) e o Budismo de Nitiren na Soka Gakkai (50%) — muitas delas colocaram-se como budistas Nitiren porque os pais se converteram quando eram crianças e outras não tinham religião até se converterem —, fazendo parte da segunda geração de integrantes da BSGI.

Tabela 1 Perfil das informantes

Idade	20 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	Acima 60 anos	
	02	08	24	13	01	
Nacionalidade	Brasileira	Japonesa				
	47	01				
Escolaridade	Fund.1	Médio	Superior			
	08	16	24			
Estado civil	Solteira	Casada	Viúva	Amasiada	Sep./Divorc.	
	12	27	02	02	05	
Renda mensal (sal. mínimo)	1-5	5-10	10-15	Acima 15	n/r	
	24	10	05	05	04	
Tempo na BSGI (anos)	0 a 5 anos	5 a 10 anos	10 a 15 anos	25 a 30 anos	Acima 30 anos	
	03	04	04	05	16	
Função BSGI	Bloco	Comum.	Distrito	Regional	Reg. Metr.	Acima
	09	15	07	04	08	02
Grau estudo BSGI	Admissão	1º Grau	2º Grau	Médio	Superior	Profes.
	05	—	09	09	23	02
Religião Origem	Católica	Budista	Afro	Outras		
	25	21	01	01		

Das 48 informantes, 28 disseram que todos da família são integrantes da BSGI, e cinco disseram que somente os filhos e a mãe praticam (Tabela 2).

Tabela 2 Praticantes na família

Praticantes família	Cas./amas.	solteira	viúva	Separ./divorc.	Total	%
Todos	17	07	02	02	28	58%
Somente Marido	01	–	–	–	01	2%
Somente Filhos	02	01	–	02	05	10, %
Marido e filhos	04	–	–	–	04	8%
Somente mãe	03	02	–	–	05	10%
Outros (primos, tios)	–	02	–	01	03	6%
Não resp.	02				02	4%
Total	29	12	02	05	48	100

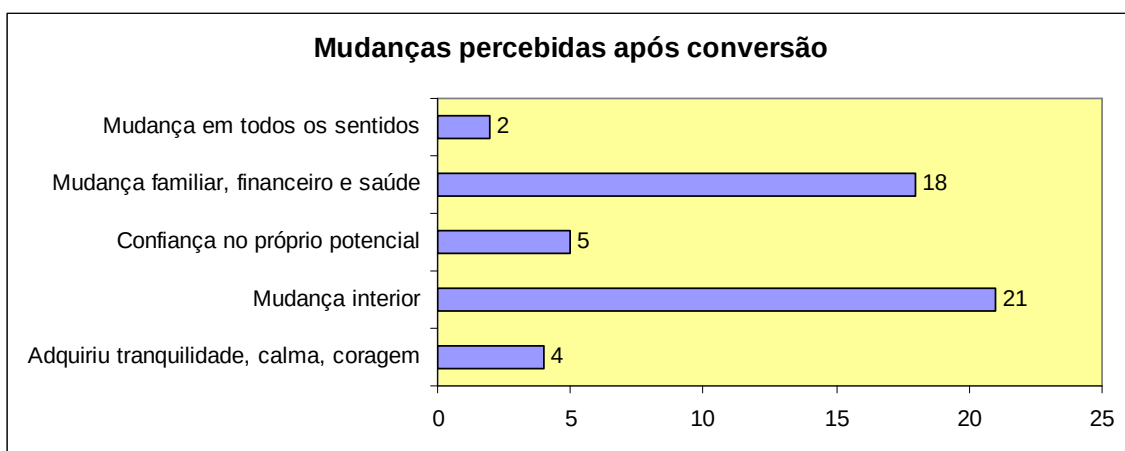
III.1.2 Conversão e engajamento

As informantes conheceram o budismo por intermédio de sua rede de relacionamento familiar e social: amiga, vizinha da família, irmão, pais, família do ex-marido, colega. E se converteram pelos seguintes motivos:

1. Budismo combinava com modo de ser.
2. Problemas de saúde.
3. Pobreza extrema, doença, calor humano da organização, e a pessoa do presidente Ikeda.
4. Vida difícil em todos os sentidos, saúde, harmonia familiar e financeiro.
5. Forte depressão.
6. Necessidade de encontrar uma religião que explicasse os fenômenos da vida.
7. Em virtude da mudança no comportamento e saúde da mãe.
8. Sempre praticou com a família.

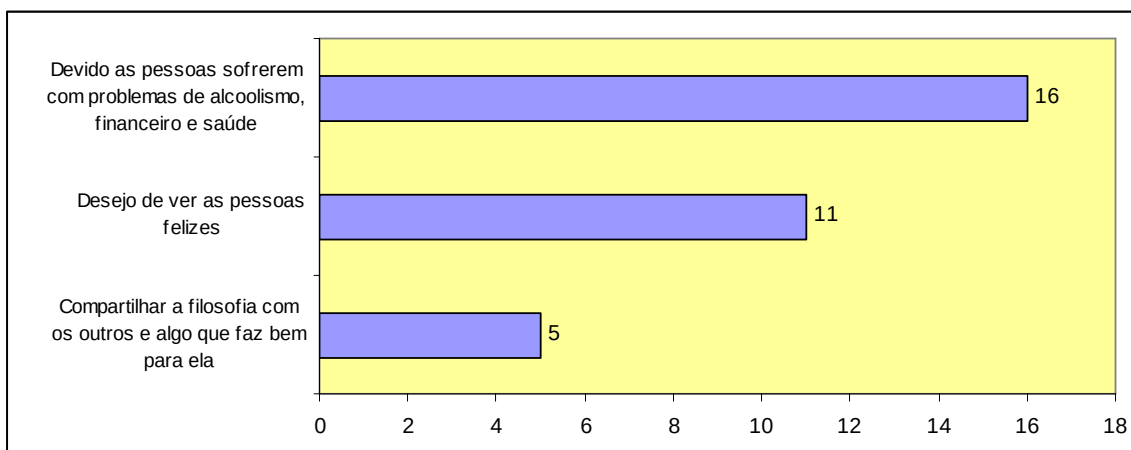
Após a conversão, as informantes perceberam transformações em suas vidas e, em sua maioria, deram destaque à mudança interior. Ver gráfico a seguir.

Gráfico 1



A maioria das informantes apresenta o budismo para seu círculo de amizades e já converteu várias pessoas. O motivo mais destacado pelo qual realizam a conversão é a empatia com o sofrimento das pessoas por sofrer com problemas familiares de alcoolismo, financeiro e de saúde.

Gráfico 2



Todas as respondentes são atuantes na organização e a maioria despende de duas a três horas diárias para as orações e de cinco horas ou mais semanais nas atividades (Tabelas 3 e 4). A responsabilidade em cumprir as atividades programadas e a oportunidade de fazer algo em prol das pessoas é o que as impulsionam, fazendo-as se sentirem realizadas (ver Gráfico 3).

Tabela 3 Horas despendidas por dia com orações

Tempo	Orações
Menos 30 min	01
30 min a 1 hora	17
2 a 3 horas	30

Tabela 4 Horas despendidas por semana em atividades da BSGI

Tempo	Atividades
1 a 2 horas	04
3 a 4 horas	13
5 horas ou mais	28
Não resp.	03

Gráfico 3



Cinco horas semanais de participação em atividades correspondem a cerca de três reuniões por semana, pois cada reunião tem a duração de 1h30. Normalmente, há uma reunião por comunidade/bloco por semana. Se a pessoa possui função como responsável pela comunidade, ela participa de reuniões realizadas nas comunidades e nos blocos. Como cada comunidade tem de dois a três blocos, a média de participação é de três vezes na semana, além das reuniões que ocorrem nos demais níveis organizacionais e nos fins de semana, bem como as visitas de incentivos que realizam. Além disso, muitas ainda

participam de grupos horizontais. Possivelmente, essa dedicação às atividades deve dificultar a vida daquelas cujos familiares não praticam, principalmente quando as têm filhos e marido.

Ao classificar sua participação nas atividades da BSGI, a maioria considera “boa”. As que classificaram a atuação “boa” e “regular” alegaram que poderiam se dedicar bem mais, e as que consideraram “excelentes” alegaram “dedicar-se à felicidade das pessoas e aproveitar todas as oportunidades para fazer a revolução humana e adquirir boa sorte para a família”.

Tabela 5 Participação nas atividades da BSGI

Classificação	Quantidade	%
Excelente	8	16%
Boa	31	64%
Regular	8	16%
Não resp.	1	2%

Com base nessas respostas, apresentamos agora o que elas pensam sobre a BSGI.

III.1,3 A visão sobre a BSGI

Todas as informantes concordaram haver forte influência japonesa na BSGI. As que acreditam que a influência é negativa, apesar de enaltecerem características atribuídas aos japoneses, colocaram:

Informante A, sem ascendência japonesa:

— Sim. Há alguns valores que são saudáveis, como a persistência, porém há outros que interferem de forma negativa nas características do povo brasileiro.

Informante B, com ascendência japonesa:

— Sim. Algumas posturas do comportamento feminino japonês ser enaltecidas, como a subserviência, (negativo), e a delicadeza (positivo). Sim como parâmetro para reflexão.

Informante H, sem ascendência japonesa:

— Sim. No vocabulário, nos costumes, ambientação dos locais de atividade budista. Acredito que não ajude no crescimento.

A informante C disse haver influência uma vez que os líderes são descendentes de japoneses, considerando “natural que inconscientemente também adotem a conduta japonesa” vindo de forma negativa apenas a influência machista.

Informante C, com ascendência japonesa:

— É fato o poder da influência da cultura japonesa na BSGI, uma vez que a maior parte dos líderes atuais ainda é descendente de japoneses e é natural que inconscientemente também adote os padrões de conduta japoneses. Não vejo de modo positivo apenas a influência machista japonesa no crescimento da BSGI. No mais, vejo positivamente os ícones de disciplina, tenacidade e honradez que principia a cultura nipônica e acredito que isso influenciou positivamente a BSGI.

A informante F., além de afirmar a influência japonesa, destaca sua experiência pessoal do pré-julgamento “ser colocado como orientação” e que esse comportamento continua nos descendentes de japoneses na entidade. Para ela, isso não ajuda na organização e está em desacordo com as diretrizes de Daisaku Ikeda.

Informante F, sem ascendência japonesa:

— Sim, há influência. Há alguns valores que são saudáveis, como a persistência, porém há outros que interferem de forma negativa nas características do povo brasileiro. Principalmente quando coloca em risco a autoestima de uma pessoa que já está fragilizada por algum sofrimento. E também o pré-julgamento contido no que eles chamam “orientações”. Isto é uma experiência pessoal vivida por mim. E a tonalidade da conversa não mudou. Observo este comportamento diariamente dos descendentes de japoneses: a via de mão única continua a perdurar. Isto não ajuda no crescimento das pessoas de uma organização e vai na contramão das palavras do presidente Ikeda para prezar uma única pessoa, valorizá-la, fazê-la sentir que ela é única e que tem um potencial infinito de transformação de vida contida nela. Observo que atualmente as visitas são feitas de forma mecânica, sem a intenção de ouvir os membros, considerando-os como instrumentos do desejo das lideranças em fazer discurso, e pior, julgando-os.

As que acreditam que a influência japonesa é positiva para organização disseram:

Informante I, sem ascendência japonesa:

— Sim. Um pouco da cultura, da disciplina dos japoneses. Ajuda e muito.

Informante D, sem ascendência japonesa.

— Sim, acredito a disciplina, no comprometimento, o que colabora de forma positiva para o crescimento individual.

Informante G, sem ascendência japonesa.

— Sim. Expressões gerais, tipo afirmação (*hai!*). De certa forma, sim.

Existiu também outra forma de ver a influência japonesa na BSGI sem avaliar a questão de ser positiva ou negativa, mas demonstrando não ser benéfica, conforme a seguir:

Informante E, com ascendência japonesa:

— Sim. O mais óbvio são os vários nomes e denominações que muitos tendem a manter na forma japonesa, como “hai”, “zadankai”, “Kossen-rufu”, e muitas vezes as pessoas usam de modo tão natural que se esquecem de explicar para os/as convidados/as de reuniões, e estes/as acabam saindo confusos. Em meu crescimento isso não parece influenciar, mas às vezes é estranho, pois já ouvi dizerem: “essa religião japonesa”, quando deveria ser, por exemplo, “essa religião humanista”, porque é assim que vejo seus princípios, que são universais.

Com base nas respostas anteriores, sentimos necessidade de submetê-las a um novo questionário com questões mais específicas sobre as mulheres e a BSGI. Aplicamos esse questionário a 12 mulheres das que responderam ao questionário anterior. Primeiro caracterizaram a BSGI como uma organização democrática e patriarcal, conforme tabela a seguir.

Tabela 6 A BSGI é uma organização

Democrática	6
Patriarcal	6
Matriarcal	1
Autoritária	2

Apesar de a maioria que escolheu “democrática”, não explicar, as demais justificaram suas escolhas da seguinte forma:

Patriarcal

Informante A: A própria estrutura organizacional da BSGI ainda é patriarcal, sendo os responsáveis das divisões sempre do sexo masculino.

Informante B: A cultura japonesa é altamente machista, parece que se somou ao machismo do brasileiro.

Informante C: Muito embora haja todo um discurso do valor do papel da mulher, esta ainda não tem poder de decisão.

Democrática

Informante C: Por ser uma organização que respeita e aceita a individualidade dos seus associados.

Informante D: Ela possui uma mistura de democrática com patriarcal, pelo fato de utilizar a democracia dentro dos direitos de cada um, porém seu comando é liderado e centralizado nos homens, isso fica bem claro no seu formato.

Quando questionadas sobre a discriminação da mulher na BSGI, pode-se perceber a visão da organização entre democrática e patriarcal.

Entre as informantes, cinco já se sentiram discriminadas, sete já presenciaram discriminação da mulher na BSGI e sete responderam negativo nas duas opções. Com relação às respostas sobre quando ocorreu a discriminação, percebemos que muitas vezes ela não é explícita (Tabela 7).

Tabela 7 Discriminação da mulher

Sentiu-se discriminada		Presenciou discriminação	
Sim	Não	Sim	Não
5	4	7	3
Quando		Quando	
É difícil responder, pois o que sinto é um pouco de distância, mas isso para mim não significa discriminação e sim regras da organização e/ou empresa.		Algumas mulheres foram passadas para a DF contrariadas [...] Penso que isso deveria ser decidido pela própria pessoa e não por outros.	
A Divisão Sênior chamar-se "Sênior" e não apenas "Divisão Masculina". O cargo da DS é responsável pelas quatro divisões.		Quando pertencia à Divisão Feminina de Jovens, o trabalho burocrático ficava sempre conosco.	
Diretamente, não, ou talvez isso não me afete tanto para comentar.		No dia a dia, de acordo com a resposta da questão anterior.	
Em algumas situações, em que homens têm precedência sobre as mulheres.		Veladamente.	
Em algumas ocasiões, senti que não era ouvida por ser mulher.		Já vi situações em que homens trataram mulheres de maneira "velada" como inferiores ou incapazes.	

Sobre o mesmo assunto, o preconceito contra as mulheres separadas e as mães solteiras foi constatado em duas respostas.

Informante A:

— Sim. Por ser mãe solteira.

Informante B:

— Sim. O fato de ser separada sempre foi o motivo alegado para não atribuírem uma responsabilidade na organização local.

III.1.4 Grau de satisfação

Quando pedimos para apresentar o grau de satisfação com a BSGI, a maioria disse sentir-se plenamente satisfeita e agradecida pelas oportunidades oferecidas pela organização. A avaliação ficou entre 8 e 10 pontos, e 59% deu pontuação 10 (Tabela 8).

Tabela 8 Satisfação com a BSGI

Pontuação	Satisfação
1 (Ruim)	—
2	—
3	01
4	—
5	—
6	—
7	03
8	08
9	05
10 (Ótimo)	29

Os motivos alegados para a pontuação 10 versam desde serem todas “voluntárias que estão fazendo o melhor de si” até a BSGI enquanto entidade que auxilia no desenvolvimento pessoal e “organização que o presidente Ikeda tanto elogia”.

M., 44 anos, descendente de japoneses.

— Contanto que são todos voluntários e dedicam-se a essa causa do *Kossen-rufu*, creio que todos estão fazendo o melhor de si. Apenas talvez as atividades estivessem mais bem direcionadas de acordo com a realidade, principalmente, da DF, que hoje, em sua a maioria trabalha.

M., 45 anos, sem ascendência.

— A BSGI é uma grandiosa organização que constantemente nos proporciona condições de termos ações para que possamos melhorar como pessoa, auxiliar outras pessoas a ter coragem.

M., 54 anos, descendente de japoneses.

— Estou satisfeita, porque esta é a organização que o presidente Ikeda tanto elogia, então procuro não julgar, e, quando algo não me agrada, procuro sempre conversar com alguém para entender o porquê das coisas.

E., 48 anos, sem ascendência.

— Porque na BSGI pude crescer como ser humano. Tive a boa sorte de ingressar criança e forjar a minha personalidade e crescer focada em valores humanos, então sou eternamente grata por fazer parte dessa organização.

As que deram nota 9 acreditam que, apesar de ser uma ótima organização, alguns pontos precisam ser melhorados.

I., 52 anos, sem ascendência.

— É boa, mas precisa melhorar, principalmente nos cargos que não correspondem aos anseios dos membros e nada se pode fazer. Tudo fica como está... Até que um dia a coisa mude.

N., 46 anos, sem ascendência.

— 9. Porque ainda é preciso afinar, buscar diminuir as lacunas entre o discurso e a prática.

Conforme a insatisfação, a pontuação diminuiu. Vejamos as argumentações das que deram notas abaixo de 9. Nesse ponto, também a insatisfação está ligada ao relacionamento humano.

C., 37 anos, sem ascendência.

— Ainda encontro em alguns dirigentes e participantes da BSGI condutas que, a meu ver, não são adequadas a um praticante.

S., 43 anos, sem ascendência.

— Porque sinto que há privilégios dentro da BSGI, há panelinhas em todas as divisões, ou seja, existem dirigentes que nem cumprimentam a gente. Tem dirigentes da DF que só participam em algumas localidades. Há anos no cargo, eles sequer planejam conhecer todas as comunidades.

R., 46 anos, sem ascendência.

— Precisa mudar muita coisa dentro da organização, mais prática, menos teoria.

Quando questionadas se mudariam algo na BSGI (Gráfico 4, adiante), 24 empreenderiam mudanças. Destas, apenas S. referiu-se falta de poder da mulher na entidade:

S., 44 anos, ascendente de japoneses.

— Sugeriria que as mulheres tivessem mais poder de decisão, que ocupassem liderança de eventos e reuniões.

Duas referiram-se às mulheres dentro da estrutura organizacional:

M., 60 anos, descendente de japoneses.

— Unificaria a Divisão Feminina e a Divisão Feminina de Jovens para Divisão das Mulheres.

R., 36 anos, sem ascendência.

— A comparação da prática entre o Brasil e o Japão. O critério usado quanto à mudança de divisão: DMJ para DS e DFJ para DF.

A maioria referiu-se aos assuntos de relacionamento humano nos diferentes níveis da organização, como a informante G., que abordou a questão da hierarquia influenciada pela cultura japonesa.

G., 46 anos, sem ascendência.

— Estrutura hierarquizada sendo presa a convenções japonesas. Deveria ocorrer votação livre para presidente etc.

Dezesseis disseram que mudariam a estrutura e as atividades da organização, tais como fluxo de informação, qualidade das reuniões e diminuição da distância entre a cúpula e a base, conforme a seguir.

D., 45 anos, sem ascendência.

— Eu adotaria um dia da semana para cada tipo de atividade, para melhorar a qualidade das atividades; mobilizando as pessoas a participar, pelo menos uma vez na semana, em suas respectivas organizações.

M., 58 anos, descendente de japoneses.

— Não ficar muito em quantidade (números) e sim em muitos incentivos nas reuniões.

S., 43 anos, sem ascendência.

— As regras de aprimoramento no Japão, pois defendo que os níveis de comunidade e de bloco deveriam participar da seleção. Se nesses níveis dentro da

organização é que está a importância da Gakkai, por que então são excluídos desse processo?

M. 54 anos, descendente de japoneses.

— Menos formalidade. Porque, às vezes, a formalidade não deixa que as pessoas se aproximem.

H. e L. abordaram a questão do fluxo de informações deficiente. O mesmo se pode perceber na fala de I., que eliminaria as funções intermediárias entre a base da organização e a cúpula, facilitando a comunicação.

H., 39 anos, descendente de japoneses.

— Criaria mecanismos de comunicação direta entre os núcleos comunitários com a direção, agilizando, assim, diagnósticos das reais necessidades dos associados.

L., 48 anos, descendente de japoneses.

— Tornaria mais ágil eficaz o fluxo de informação. Aparentemente, a direção central não lança as atividades a serem desenvolvidas pela base com plena ciência do que se passa nesse nível.

I., 52 anos, sem ascendência.

— Tiraria cargo de distrito e acima, até sub. Ficariam as comunidades e os blocos diretamente ligados às coordenadorias.

Para M., o problema são a quantidade e a diversidade de atividades nas divisões e grupos horizontais, que prejudicam as reuniões realizadas no bloco e na comunidade.

M., 44 anos, descendente de japoneses.

— Diminuiria a diversidade de grupos e atividades/divisão, dando maior foco para o bloco e a comunidade. Talvez a luta conjunta das divisões fortalecesse mais as organizações, que hoje se encontram, em muitos locais, enfraquecidas, porque os líderes são responsáveis por muitas coisas e acabam por não dar conta de tudo.

A preocupação com a organização da base também foi observado nas palavras de S.

S., 38 anos, sem ascendência.

— Solicitaria para os veteranos acompanhar de perto os blocos, as comunidades e os distritos, por serem o alicerce da BSGI. Eles têm muita experiência, porém precisam ser evidenciados, assim como uma família dedica e orienta seus integrantes.

Para R., a mudança seria na transferência dos homens jovens para a Divisão Sênior. F. mudaria as orações que fazem mentalmente priorizando a revolução humana.

R., 54 anos, sem ascendência.

— DMJ continuaria na Divisão dos Jovens depois de casado.

F., 43 anos, sem ascendência.

— Mudaria as seis orações da página 22. Colocaria que fosse feita oração sobre a revolução humana em primeiro lugar antes do carma negativo e realização dos objetivos.

Para muitas delas, outras a mudanças seriam na atitude dos líderes, não especificaram em quais níveis da estrutura. L. N. N. referiu-se à confusão entre cargo e poder.

L., 60 anos, sem ascendência.

— Em minha opinião, a BSGI de alguns anos para cá tem uma via de mão única. São muitas ordens, instruções, muitas bocas ativas e poucos ouvidos abertos.

N., 46 anos, sem ascendência.

— Modificaria a visão sobre a consolidação da hierarquia das funções de responsabilidade. E o formato de algumas reuniões. Muitas pessoas encaram a função de responsabilidade não como meio para autoaprimoramento, mas como *status* e poder. O formato de algumas reuniões, porque reiteram e legitimam essa visão de *status* e poder.

N., descendente de japoneses.

— Se pudesse, atitude (arrogante e prepotente de alguns líderes).

Para R. M. L., o problema é a desqualificação dos líderes no exercício da função.

R., 46 anos, sem ascendência.

— Muitas coisas. Implantaria um *ombudsman*, existem muitos dirigentes sem condições de exercer um cargo, seria uma forma de qualificar bons dirigentes.

M., 58 anos, sem ascendência.

— Revisão de critérios para nomeação de dirigentes e de treinamento para líderes no que dizem respeito a postura e liderança. Mais incentivos e menos cobranças de resultados.

L., 50 anos, descendente de japoneses.

— Excesso de reuniões sem produtividade. A visão de “alguns” dirigentes é meio ultrapassada.

A preocupação de N. é a participação voluntária dos líderes na comunidade.

N., 40 anos, ascendente japoneses.

— A atitude dos dirigentes. Seria interessante que todos pudessem estar mais juntos das comunidades e não apenas quando são solicitados.

M. foi mais enfática em suas insatisfações, colocando três pontos em que efetuariam mudanças, todos relacionados à questão de liderança.

M., 47 anos, descendente de japoneses.

- 1. O tempo ou prazo de duração num determinado cargo. Deveria haver maior revezamento de líderes e num espaço menor de tempo.
- 2. Também deveríamos erradicar o conceito impregnado nas pessoas de que cargo é poder. Basta, para isso, pararmos de “bajular” os líderes centrais nas atividades das divisões ou mesmo nas grandes atividades promovidas em todos os níveis organizacionais. É horrível quando o apresentador(a) apresenta o líder ou a líder, como “agora vamos ouvir a poderosa Fulana de Tal”, é deprimente.
- 3. Os líderes da Divisão dos Jovens jamais poderiam ser nomeados para cargos altos quando transferidos para a Divisão Sênior ou para a Divisão Feminina. Eles deveriam assumir a primeira função de Hantyo (DS) e Hantan (DF) e ir galgando, paulatinamente, e por merecimento por meio de

comprovação de atuação na função para outros cargos, sempre seguindo a linhagem normal, sem pular cargos.

Entre as casadas, existem aquelas em que o marido não compartilha da prática budista, isso pode gerar conflitos, a exemplo da informante S., que mudaria os horários das reuniões de domingo.

S., 42 anos, sem ascendência.

— Que os domingos à tarde fossem dedicados à família. Porque, como no meu exemplo, meu marido não pratica e ele quer que fiquemos juntos aos domingos à tarde.

Dentre as informantes, 14 responderam que nada mudariam na BSGI, entre elas, cinco fizeram as seguintes argumentações:

E., 48 anos, sem ascendência.

— Não mudaria; se a organização vem evoluindo a largos passos é porque está correta.

C., 52 anos, descendente de japoneses.

— Jamais mudaria algo na BSGI e sim em mim mesma.

M., 45 anos, descendente de japoneses.

— Acredito que hoje, na BSGI, estamos passando por uma fase de transição: temos pessoas na liderança da organização que estão constantemente ajustando as atividades, diretrizes para atender às condições dos membros. Particularmente, no momento, só tenho a agradecer.

C., 37 anos, sem ascendência.

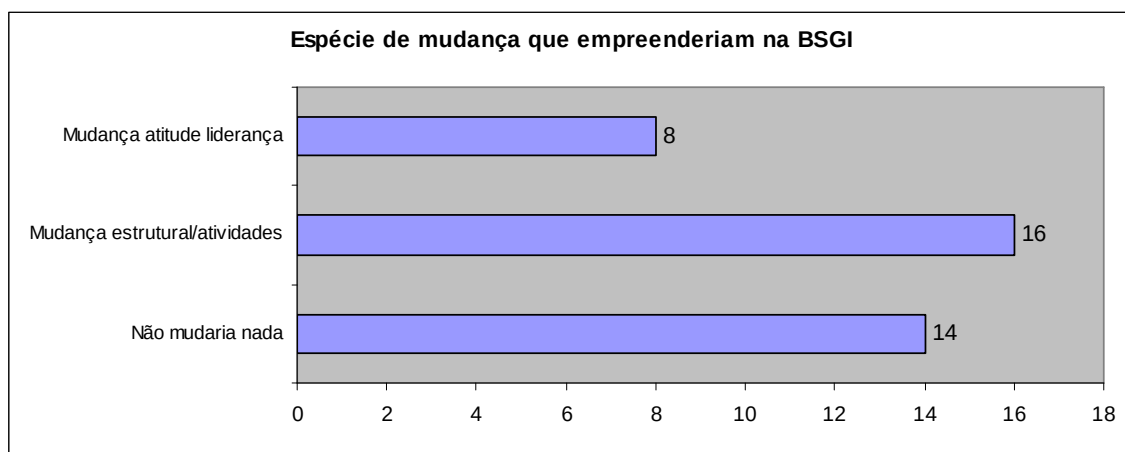
— Como é uma organização de seres humanos, já encontrei algumas falhas, porém aprendi que essas falhas são benéficas para nosso crescimento. Não mudaria nada.

A., 53 anos, sem ascendência.

— Na BSGI, nada mudaria. É tudo organizado. Mudaria nos blocos e na comunidade. Acho que temos de conscientizar as pessoas de suas responsabilidades e pelo bom exemplo na sociedade.

Resumimos abaixo (Gráfico 4) as espécies de mudanças que as informantes empreenderiam na BSGI.

Gráfico 4



Agora, veremos o grau de satisfação das respondentes com relação às atividades nos diferentes níveis da organização.

A média ficou assim: pontuação 7, para comunidade/bloco e distrito; pontuação 8, para regional e região metropolitana; e pontuação 10, para subcoordenadoria, coordenadoria e BSGI.

Tabela 9 Grau de satisfação com as atividades nos diferentes níveis da BSGI

Grau	Com./bloco	Distr.	Reg.	R. Metr.	Subc.	Coord.	BSGI	Total	%
1 (ruim)	–	–	–	01	01	–	–	02	0,006
2	–	01	01	–	–	–	–	02	0,006
3	–	01	01	–	–	1	1	04	1,36
4	01	01	01	01	02	1	1	08	2,73
5	05	05	05	03	02	3	1	24	8,19
6	04	08	01	01	03	1	–	18	6,14
7	15	15	09	04	04	3	3	53	18,08
8	09	06	11	15	09	10	4	64	21,84
9	04	02	05	05	07	5	8	36	12,28
10 (ótimo)	09	06	08	08	10	17	24	82	27,98
Total	47	45	44	38	38	41	42	293	100%

Nessa tabela, a quantidade das que deram pontuação 10 para a BSGI difere daquela das anteriores: são cinco pessoas a menos, passando de 59% para 48,9% das informantes.

III.1.5 Como percebem as mulheres e motivo da desconversão

No primeiro questionário, perguntamos às respondentes se uma mulher pode ser presidente da BSGI e liderar a comunidade. Todas afirmaram que sim. Porém, quanto a liderar a comunidade, apesar de dizer que uma mulher pode exercer essa função, na justificativa, M. colocou:

M., 47 anos, descendente de japoneses.

— Na medida do possível, no momento atual, seria melhor a existência de líder da DS [Divisão Sênior], mas inexistindo a figura dele, não vejo problemas em nomear uma mulher como líder de comunidade.

Nas conversas informais com integrantes da BSGI, notamos que é muito claro, para alguns, a possibilidade de uma mulher ser presidente da organização. Todavia, quando questionamos se uma mulher pode ser responsável pela comunidade, as pessoas param para pensar e até dizem, automaticamente, que não. Supomos que isso ocorra em razão de a palavra japonesa, *tikubutyō* (*tiku* significa comunidade e *tyō*, líder), que designa responsável pela comunidade, ser masculina e sempre ter sido usada por homem, e a palavra *tikutān*, que se refere a responsável pela Divisão Feminina de comunidade, ser feminina e ter sido utilizada por mulher.¹ Apesar de que, na BSGI, presidente é chamado *rijityō*,² uma palavra também masculina. No entanto, não existe a palavra “rijitan”. A única diferença entre as funções é a posição que é colocada na estrutura: uma está na base e a outra no topo da pirâmide.

No segundo questionário, das 12 integrantes da Divisão Feminina, dez (destas, uma não respondeu e a outra disse não conhecer) admitiram conhecer mulheres que se afastaram da BSGI e os motivos alegados foram:

1. Sentiu-se ofendida pela forma como foi tratada por alguns dirigentes.

¹ No Japão, esse termo está em desuso há cerca de dez anos. Hoje, eles utilizam “Tiku learder”.

² *Rijityō* significa diretor geral e *kaityō*, presidente. Na BSGI, utiliza-se o termo *rijityō* com o significado de presidente.

2. Relacionamento não satisfatório.
3. Falta do exercício do estudo do budismo.
4. Problemas com o marido.
5. Conflitos de relacionamento com outros membros/dirigentes.
6. Não se sentir preparada para entender a prática budista e problemas de relacionamento com responsáveis acima.
7. Budismo é uma filosofia difícil de se praticar, pois tanto a felicidade quanto a infelicidade são de responsabilidade de cada pessoa.
8. Devido a problemas de relacionamento na organização com líderes.

Gostaríamos de destacar duas respostas:

Informante A:

— Não há motivo concreto, ela simplesmente alegou que não concordava com a postura de determinados membros da BSGI e se afastou completamente. O curioso é que foi líder, quando pertencia à DFJ, e hoje impede que seus filhos venham a participar das atividades.

Informante B:

— Soube por ela própria, durante uma conversa informal, que, após ter “feito um pedido” e orado, nada aconteceu. Além disso, seu marido não aprovava sua prática budista, sem fundamentos concretos, e isso a incomodava. Uma terceira explicação que ela deu foi que, quando disse isso aos dirigentes, a reação de desaprovação deles a desagradou, mas a esse argumento ela também não conseguiu dar um motivo claro.

Como pudemos observar, sete alegações têm como centro da questão o relacionamento humano, principalmente com as lideranças de todos os níveis de sua estrutura.

Para entendemos melhor os motivos do afastamento, buscamos por ex-integrantes da BSGI, contudo, somente conseguimos contatar duas delas.

A primeira entrevista foi com M., 54 anos, que se converteu em 1989 e abandonou a prática budista em 1992, retornando ao catolicismo:

— Sempre fui muito religiosa. No começo eu gostava de participar [na BSGI], mas dentro de mim sentia que não era o que eu queria. Converti-me junto com meus irmãos e participei do festival de 1990, no Paineel. Vendo que as coisas que os dirigentes falavam não eram realidades, pois eles falavam mais não faziam. [Pedimos para dar um exemplo.] Numa reunião, havia gente que nunca tinha participado e houve o tempo para o diálogo, comecei a falar de minha prática e uma dirigente me cortou. Outra coisa, quando íamos aos ensaios, nas escolas [onde eram realizados os ensaios] havia as capelas e os membros ficavam desfazendo dos santos. Isso me doía. Praticava para agradar aos meus familiares, *mas não era o que eu queria para mim. Fazia o Gongyo e o Daimoku em frente ao Gohonzon* e não sabia o que estava falando. Quando vou à igreja e oro por uma hora, do Pai Nosso entendo tudo. Até que cheguei num limite e parei de praticar. Também via minha mãe sozinha fazendo as orações e indo à igreja. Antes, eles [os dirigentes] não vinham me visitar; depois, muitas pessoas vieram me visitar. Eles tentaram por medo em mim, dizendo que a maldade iria me pegar. Mas não acreditei. Depois fui trabalhar na igreja como catequista. Fiz isso por sete anos até 2004 quando fiquei doente. Sabe, o primeiro passeio que fiz, depois que saí do budismo, foi a Aparecida do Norte, tinha saudade de ir a locais assim, religiosos.

No caso de M., 53 anos, além do desagrado com os dirigentes, o fator de maior relevância que a levou à desconversão do budismo foi sua forte ligação com o cristianismo. Por outro lado, apesar de ela não ter-se referido, sua saída da BSGI coincide com a cisão com a Nitiren Shoshu, quando, na organização, deixou de existir a figura clerical.

A segunda entrevista foi com H., que se converteu em 1990 e se afastou da BSGI em 2004. Ela, no entanto, ainda continua com o *Gohonzon*. Inicialmente, H. nos conta sua visão sobre o budismo e sua prática. Além de atuar na base da organização, devido à sua profissão, colaborava nos eventos realizados pela Divisão Feminina na BSGI. Particularmente, ela citou o apoio que deu quando Ruth Cardoso palestrou num desses eventos.

— Entendo o budismo como uma filosofia de vida. O que aprendi, o que eu mudei, assim, não tenho queixa de nada disso. Tenho com a organização. Sempre fui uma pessoa que fazia muito *Daimoku*, todos sabem. Éramos um grupo de amigas independente do budismo. Fazia muito *Daimoku*, passava noites fazendo *Daimoku*. Na época, eu não era nem casada.

H. explica também como a sua comunidade se desenvolveu após tornar-se responsável de bloco pela Divisão Feminina e promover reuniões em sua casa.

— E a Comunidade L. era uma comunidade em decadência. Ela se levantou, a ponto de ficar gente do lado de fora, na garagem, ouvindo as palestras, enfim, vinham para as reuniões. E aí começou a ser tudo aqui em casa. Era Grupo Coração, *Daimoku*, reunião de palestra – tudo era aqui em casa. Durante uns dez anos, tudo foi aqui. Acho que isso que incomodou muita gente e começou aquela fofoca. Por que tudo é na casa da H., porque ela é rica, porque não sei o quê. Não tem nada disso... Como dizia a Sra. T., eu me preocupava com o bem estar das pessoas. Então, quando as pessoas chegavam, a casa tava pronta, tinha lanchinho pronto, tinha tudo. Eu me incomodava com isso. E não, assim... muitas casas que a gente ia, de pessoas da comunidade, que ainda ia preparar a casa na hora que a gente chegava. Então aqui era tudo muito impecável. Adorava a Sra. T., nossa... eu e ela era uma coisa.

Em seguida, H. expõe a origem de sua insatisfação, que não foi com a doutrina budista e sim com a estrutura da organização e atitudes de líderes.

— Mas depois foi a organização. Isso... é aquela coisa, você não pode fazer isso. Vamos supor, eu conhecia a M., a D., conhecia diversos dirigentes e quando fazia reunião aqui em casa... Uma que eu nunca tinha acertado cargo. Queriam me dar cargos e eu nunca quis. Um dia, de tanto falarem, aceitei para ser assim, de bloco. Então, eu convidava as pessoas para virem fazer reunião aqui em casa, aí saía uma guerra. Era um “pau danado” na organização, o pessoal só faltava se matar porque eu tinha convidado um dirigente da BSGI. Não podia. Primeiro, eu tinha de comunicar outro, comunidade, para chegar no distrito e não sei o que mais. Para mim, era mais fácil passar a mão no telefone e ligar e falar: “Você vem aqui?” e vinham. Então, meu propósito, na época, era que na casa não coubesse tanta gente durante as reuniões.

Os fatos descritos anteriormente foram desgostando H., que se coloca como uma pessoa inovadora que buscou levar para as reuniões de seu bloco assuntos diversos, não relacionados somente à religião, o que provocou insatisfação em algumas pessoas.

— Muitas coisas foram me desagradando. Até que comecei a colocar novos assuntos, novos temas dentro da comunidade. Primeiro, eu sempre fui meio revolucionária... Tudo o que eu falava era motivo para criar encrenca. Eu dizia que não havia necessidade de fazer aquele *Gongyo* inteiro; para que fazer o *Gongyo* todo. Então, eu fazia a primeira e a última parte. Nossa, todo mundo caía de “pau”. Passou um tempo, aquilo lá... Era só para fazer mesmo a primeira e a última parte... Tudo o que aconteceu, eu sei que dentro da minha visão talvez eu estivesse à frente e nem todo mundo acompanharia aquela minha atualidade. Mas eu queria colocar coisas novas. Alimentação, enfim.

H. conta, detalhando os acontecimentos, que o estopim para ela optar pelo afastamento ocorreu em uma reunião em sua casa. A atitude de uma líder a decepcionou profundamente.

— Culminou foi com isso. Eu trouxe um amigo, que não era da BSGI, à reunião. Conheço muita gente que não é da BSGI, mas todos eram simpatizantes, porque todos vinham aqui fazer *Daimoku*. E essas pessoas nunca mais vieram fazer *Daimoku*. Ele começou a explicar sobre alimentação, sobre camarão, que come toda a sujeira do fundo do mar, quanto tempo demora no organismo para desintoxicar. Falou sobre leite, carne, enfim, ele é um professor, ele dá curso sobre alimentação. Não estou envolvendo questão de religião nenhuma. Acho que é uma coisa interessante para as pessoas. A S., na época, nunca me esqueço, senta ali atrás numa poltrona perto do bar [indicou o lugar], ela simplesmente ofendeu a pessoa, foi agressiva. A reunião acabou. Assim... “Que não comer camarão... camarão é gostoso e não sei o que... E vamos acabar com essa reunião” [reproduzindo a fala de S.]. Tudo o que ele falava... Ficou um clima... Ficou uma coisa tão horrível. Porque só podia convidar dirigente da BSGI, quer dizer, pessoas que fossem budistas para dar palestra.

E acho que não é por aí. Não enxergo assim. Então, quero ser livre, ter o direito de ouvir o que eu quiser. Se vou aceitar ou não para minha vida é outra coisa, mas quero ser livre. E aí... Uma série de coisas foi me incomodando e, naquele dia, falei para S., a partir de hoje, nunca me esqueço, foi a última reunião de dezembro, do Grupo Coração. Falei, “a partir de hoje, saio da organização. Entrego meu cargo e saio da organização. Não faço mais parte”. Cancelei [assinatura] a revista, o jornal, cancelei tudo e nunca mais participei. Isso foi em dezembro de 1999. Mas continuei com o oratório na sala e fazendo *Daimoku* até 2004, até abril de 2004. Em abril, enrolei o *Gohonzon*³ e tirei o oratório.

A partir desse dia, H. se tornou um membro afastado da Divisão Feminina. Conta que, posteriormente, vários fatores foram lhe aborrecendo até que a atitude de uma amiga, também membro da BSGI, resultou em sua decisão de desconsagrar o *Gohonzon* e parar de fazer *Daimoku*.

— Um membro da comunidade, que era uma de minhas melhores amigas, tinha ido a uma reunião na Conselheiro Furtado, e estava brigando com a mãe porque a mãe não queria ir à reunião, pois não entendia nada do que estavam falando. E ela agredia muito a mãe e queria obrigá-la a ir e eu não concordo com isso. Ela veio aqui, eu operada, na sala, porque fiquei três meses e meio aqui, na sala, operada, minha mãe estava aqui e ela chegou contando e aí falei que não, que ela

³ *Gohonzon* é um pergaminho e, ao ser desconsagrado, retirado do oratório, enrolado e colocado em um envelope de proteção, pode ser guardado onde convir à pessoa ou ser devolvido à BSGI. Como objeto sagrado para os Budistas Nitiren, é orientado que seja devolvido à sede central da BSGI. Após, é enviado à sede japonesa.

não podia fazer isso. Só o fato de ela ser budista, ela tinha de ter total compreensão e não obrigar a mãe a fazer aquilo. Cada um tem o seu tempo, tem a sua evolução, não é assim. Ora, ela me xingou, mais me xingou... aqui.. [indica um local da cozinha onde estávamos] eu encostada aqui, com a mão assim [imita o gesto segurando a barriga], de camisola... Ela falou assim, você é uma péssima influência, você não é boa para ser amiga nem minha nem de ninguém, é uma peste. Acabou..., detonou-me. Minha mãe ficou assim [mostra expressão de abismada], ficamos assim... Bom, ela saiu daqui, eu fiquei arrasada, liguei para S. [não é a mesma que citada anteriormente] e falei, “olha S. está acontecendo isso, isso, isso”. A S. veio aqui, a M. veio aqui em casa. Eu falei, a partir de hoje, vou tirar o *Gohonzon*. Naquela noite, não dormi, não dormi. Lembro-me de que eram três horas da manhã, eu na sala, olhando para o *Gohonzon*, levantei e enrolei-o. Falei, “não quero mais...” Não acho certo uma coisa desta, sabe... e vinha aqui, me xingavam na porta... ora foi tanta coisa... é meu carma mesmo aguentar essas coisas... não tenho de me aborrecer com isso. Foi por isso que saí.

Por fim, H. coloca seu desejo de ser livre e participar de qualquer religião sem se comprometer com nenhuma, inclusive fazer *Daimoku* quando lhe convier.

— Quero ser livre. Quero ir ao espiritismo, eu vou, escuto palestras. Já fui na Renascer, ouvi, acho... Quer dizer, pra mim, não serve, mas quero ser livre. Quero poder ir, ouvir e tirar as minhas conclusões e não alguém ditando que eu tenho de fazer isso, que não tenho; que posso fazer isso, que não posso fazer aquilo. Não aceito. Então foi por isso, mas mesmo assim é... Não encaro o budismo como uma religião, não, que acho que, para mim, é uma filosofia, é outra história, é outro departamento. Os ensinamentos são maravilhosos, tenho todo o respeito do mundo, mas não quero mais ser obrigada a nada. Faço, assim. Se eu resolver fazer *Daimoku*, faço, ou faço quieta ou faço dirigindo. Mas não... Acredito que todas as religiões são boas, o que não são, são as pessoas.... Hoje em dia, não tenho religião nenhuma. Falo que tenho todas e não tenho nenhuma. Mas respeito a todas.

Nos dois depoimentos, as informantes desconverteram-se entre 1989 e 2004, períodos tumultuosos pelos quais passava a BSGI. Os fatos que envolveram o desligamento de H. podem ser reflexos da insegurança da liderança que enfrentava o desligamento da Nitiren Shoshu. E a investida dos que abandonaram a organização, conhecidos como Hokkekyo ou “Danto”, que iniciaram um movimento denominado “reconversão”, no sentido de levar os membros da Soka Gakkai ao correto caminho do Budismo Nitiren, que acreditavam estar na Nitiren Shoshu.

Percebemos que as mulheres se preocupam principalmente com a organização de base, na comunidade. Isso pode ser justificado devido à maioria das informantes, 50%, exercer essa função na Divisão Feminina e sentir direta e diariamente os problemas e sofrimentos enfrentados pelos integrantes da BSGI, seja no interior da organização, seja no dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da época de Nitiren Daishonin até nossos dias, a situação da mulher no budismo mudou consideravelmente. Essas mudanças ocorreram porque as “mulheres estão muito mais alinhadas com os ensinamentos budistas fundamentais do que as práticas sexistas e machistas tradicionais” e as “inspirações e a motivação para essas mudanças é resultante da segunda onda do feminismo, o qual mudou tudo em nossas vidas para melhor e para sempre” (Gross, 2005, p. 422).

As mulheres da BSGI há quase cinco décadas empenham-se na propagação do Budismo Nitiren em solo brasileiro. São mulheres comuns que, entre o trabalho, o cuidar dos seus filhos e os afazeres domésticos, separam um tempo para se dedicar ao outro, sentindo-se orgulhosas de participar do movimento Soka pela paz. O conforto espiritual que os ensinamentos de Nitiren proporcionam às mulheres e a expectativa e a confiança que Daisaku Ikeda deposita nelas por meio de suas orientações são os principais fatores que as fazem transpor a “ordem patriarcal” da estrutura.

A Divisão Feminina da BSGI nasceu pelas mãos das japonesas e foi sendo criada pelas brasileiras com e sem ascendência japonesa à medida que a BSGI foi se estruturando. Em seus primórdios, assimilou muito da cultura japonesa. E isso se reflete até nos dias de hoje nas denominações dos grupos, nas canções, nos enfeites e nas lembrancinhas entregues nas reuniões. Trata-se de atividades que são realizadas quase diariamente em alguma parte deste Brasil. A influência da cultura japonesa não ficou apenas nesses pontos, mas também em sua estrutura e na atitude de homens, e de algumas mulheres, na forma de percebê-la.

Como uma construção cultural, a “inferioridade” feminina se apresenta, mesmo que de forma velada, em muitas atitudes internas ao grupo e na sua própria hierarquia estrutural.

Acreditamos que a influência recebida pela BSGI seja da cultura japonesa, e não da cultura religiosa japonesa, pois, apesar de a estrutura da Soka Gakkai ser semelhante em todos os países, somente no Brasil ela é réplica do Japão. Na SGI, existem países em que organização é dirigida por mulheres, como na Venezuela, cuja diretora-geral é Lydia Salas; na Eslovênia, Jasmina Una Tumpej; e, em Camarões, Claire Dikongué.

Problema de hierarquia

Conforme os depoimentos colhidos por meio de questionários, as mulheres da BSGI valorizam, acima de tudo, sua participação no movimento Soka, cientes do papel fundamental que exercem como força motriz em seu desenvolvimento. Apoiadas por Ikeda, que sempre diz à ala masculina para respeitar as mulheres, essa valorização sobrepõe à desvalorização que, em alguns momentos, se torna presente.

Engajado numa sociedade machista e conhecedor da cultura de vários países, Ikeda tem ciência das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no interior da organização. Como resultado, adverte os homens e acolhe as mulheres. Isso se pode perceber em um dos direcionamentos que deu à BSGI quando esteve no Brasil em 1993:

Quero louvar altamente a sublime Divisão Feminina que nos construiu o atual *Kossen-rufu* do Rio de Janeiro. Eu ouvi um provérbio brasileiro que contém certo humor: “Dizem que o homem é forte e a mulher fraca. Porém, quem comanda tudo é a mulher”. Mesmo na nossa organização, o avanço do *Kossen-rufu* resulta da força da Divisão das Senhoras. Este é um fato comum em todo o mundo. Por esta razão, solicito aos cavalheiros que prezem sinceramente a Divisão das Senhoras. (Ikeda, 1993, p. 18)

Para a Divisão Feminina, ele trouxe uma passagem dos escritos de Nitiren:

“A mulher que abraça o rei leão chamado Sutra de Lótus jamais temerá os ferozes animais do mundo do Inferno, Fome e Animalidade.” Os membros da Divisão das Senhoras que abraçam o “rei leão” são as pessoas mais fortes e mais respeitáveis

deste mundo. Portanto, com esta forte convicção, espero que avancem tranquilamente sem se atemorizar, haja o que houver. (Ikeda, 1993, p. 18)

De todas as dificuldades enfrentadas pela Divisão Feminina, a que esteve presente em quase todos os depoimentos descritos no Capítulo III foram as normas hierárquicas. Os problemas com a liderança ressaltados várias vezes por nossas informantes representam uma questão importante para a Divisão Feminina e, por extensão, para a BSGI, pela tensão que provoca no interior do grupo.

A ênfase na hierarquia é uma tradição japonesa — que remonta ao xogunato Tokugawa e sobreviveu até os dias de hoje — e ultrapassou as fronteiras do Japão com as imigrantes. “Uma ordem social fixa e hierarquizada, capaz de impedir dissensão e conflitos. [...] foram definidas fronteiras rígidas entre as camadas sociais que vigoravam do nascimento até a morte dos indivíduos” (Sakurai, 2008, p. 111).

As normas de obediência às hierarquias, ao serem transplantadas para o Brasil nas funções da estrutura da BSGI, foram interpretadas de forma incorreta e a função passou a significar “poder”, principalmente após a década de 1970. Isso não quer dizer que a entrada de brasileiros sem ascendência causou essa transformação, mas, sim, que a estrutura inicial da organização não foi adaptada à cultura brasileira. Hoje, colhem-se os frutos dessa não adaptação. Certamente, nem todos os líderes da entidade têm essa visão e muitos reconhecem a função como responsabilidade, seguindo o direcionamento da BSGI.

Na BSGI todos os membros são iguais, independentemente de posição ou cargo. Contudo, uma organização formada por milhares de pessoas precisa ter uma hierarquia. Os cargos na nossa organização não indicam honra, mas responsabilidade. Alguém que ocupa um cargo na organização é respeitado não por sua posição, mas devido à responsabilidade que cumpre. Por isso, os dirigentes devem tomar a responsabilidade de orientar perfeitamente os membros no sentido de aperfeiçoarem cada vez mais a prática da fé. Devem também fazer maiores esforços, estudar com mais afinco e sempre estar um passo à frente dos demais membros. (Guia Pático, 2009, p. 129)

A maioria das mulheres que está na base estrutural da BSGI é brasileira sem ascendência japonesa, convertida ao budismo a partir da década de 1980. Em contrapartida, os que compõem as funções de liderança nas estâncias superiores (subcoordenadoria e acima) são japoneses, descendentes de japoneses e brasileiros sem ascendência convertidos nas duas primeiras décadas após a fundação da BSGI — os quais assimilaram a forma de pensar dos japoneses devido a vários fatores, um deles a proximidade que existia, uma vez que a organização era pequena. Isso ser constatado no depoimento de D. sem ascendência japonesa, convertida em 1973, ao destacar que existia nessa época o “respeito com os dirigentes”.

Observamos que a diferença cultural entre os japoneses e os brasileiros preocupa Ikeda. Num outro discurso proferido em 1993, na Conferência Executiva da BSGI, em São Paulo, ele abordou o assunto:

Sérgio Buarque de Holanda, renomado escritor brasileiro [...] disse o seguinte ao comparar a personalidade dos brasileiros e dos japoneses: “É importante notar que os brasileiros adotam uma forma de comportamento exatamente oposta à postura dos japoneses”. A “postura dos japoneses” a qual Sérgio Buarque de Holanda se refere aqui é uma atitude ofensiva e formal que se espalha em todas as esferas da atividade social, tornando-se um ritual cerimonioso. “No Brasil”, diz Holanda, “o rigor da formalidade perdeu sua força e se humanizou”. (Ikeda, 1993, p. 68)

Apesar de parabenizar os membros da BSGI por “seus esforços para edificarem esta maravilhosa organização e por harmonizarem as contrastantes características brasileira e japonesa de uma forma tão magnífica”, Ikeda colocou suas expectativas de que “os senhores venham sempre nutrir sinceramente a humanidade exemplar do povo brasileiro — sua **franqueza**, sua **flexibilidade** e sua **alegria** [grifo nosso]” (Ikeda, 1993, p. 68), características não atribuídas aos japoneses. Ao final, ele lembra aos líderes: “Os dirigentes não devem ser motivo de preocupação aos membros ou desanimá-los. Um verdadeiro líder faz o possível para que cada membro possa mostrar suas habilidades com energia e vigor” (Ikeda, 1993, p. 68).

A forma hierárquica da conduta japonesa privilegia os considerados superiores e menosprezam os inferiores. As mulheres, posicionadas como “inferior” ao homem têm de se submeter ao julgo masculino. Retomando novamente a Heleieth Saffioti, “socializadas na ordem patriarcal de gênero”, a Divisão Feminina não questiona a sua posição e as integrantes “são induzidas a desenvolver comportamentos dóceis e apaziguadores”. São as “mães do *Kossen-rufu*”. Por outro lado, a Divisão Feminina possibilita a inclusão social.

Valendo-se de Bourdieu, há o argumento de que o poder simbólico, invisível, da religião constrói a realidade estabelecendo uma ordem, um sentido na trajetória das pessoas como meio de inclusão social (Pereira, J. C., 2004).

“Não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de sua realidade empírica, historicamente situada e datada”. (Bourdieu apud Pereira, J. C., 2004, p. 2)

Parafraseando Pereira, em nossa pesquisa mergulhamos na particularidade, muitas vezes oculta, do universo religioso das mulheres da BSGI, que tiveram melhor convívio social depois de sua inclusão na comunidade religiosa.

Revolução humana: da marginalização à “rainha”

Uma de nossas questões iniciais mereceu reflexão em todo o transcorrer da pesquisa: o que move as mulheres a se dedicarem ao movimento Soka, e a propagação do Budismo Nitiren sentindo-se orgulhosa do que faz?

A busca da religião evidencia uma busca de afirmação da identidade e de significado para a vida social. A religião contribui para dar sentido à existência num mundo marcado pelo processo de *desencantamento*, fruto da secularização que dissolve o pensamento mágico. (Pereira J. C., 2004, p. 4)

As integrantes da BSGI, ao se converterem ao Budismo Nitiren, têm a esperança de transformar seus sofrimentos e insatisfações, de se encontrar e de encontrar um lugar neste mundo. À medida que o tempo passa, a luz da

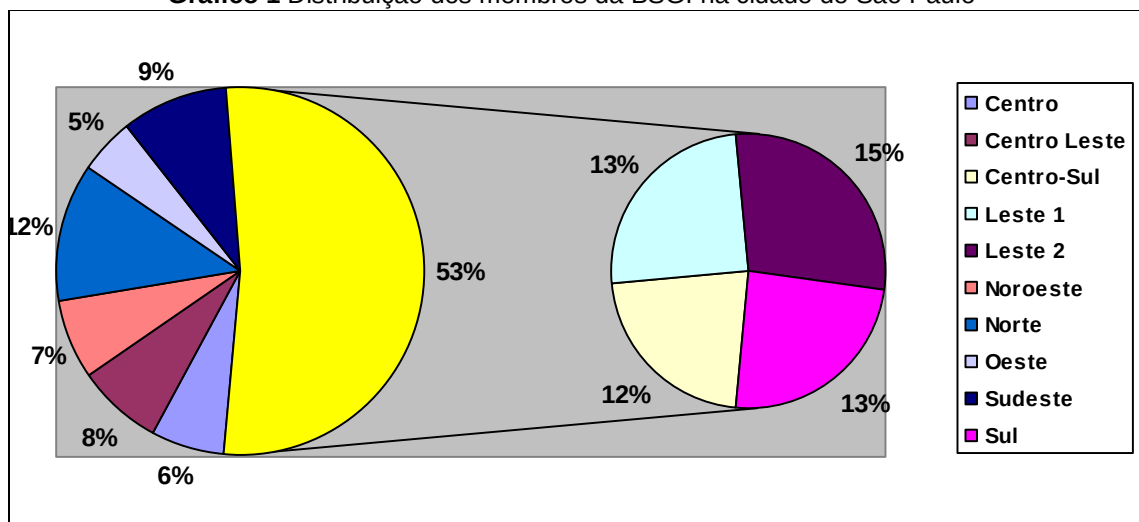
esperança inicial se fortalece ou diminui. Fortalecendo, elas continuam na prática budista; diminuindo, vão em busca de novos caminhos, acalentando novas esperanças.

Nas situações em que a vida mais parece ameaçada, que são os momentos de doença, tragédia, desemprego que contribui para a exclusão social, a busca ou o apelo religioso torna-se mais forte. Com a prática religiosa, ou a experiência do sagrado, as coisas ou situações que compõem a sociedade e a vida humana, tornam-se mais plena de significado simbólico. (Pereira, J. C., 2004, p. 4)

Muitas das convertidas ao Budismo Nitiren haviam perdido toda a esperança, mas a orientação de que o destino está nas mãos delas fez a diferença em suas vidas. Percebemos isso nas respostas das respondentes e nos diálogos informais com as integrantes da Divisão Feminina. A maioria se converteu por algum tipo de sofrimento seja físico, social ou emocional, além de viver em condições familiares e sociais difíceis.

Condição social precária, pudemos detectar na Coordenadoria da Cidade de São Paulo, maior da BSGI, que possui 36 mil integrantes distribuídos em dez subcoordenadorias: Centro, Centro-Leste, Centro-Sul, Leste 1, Leste 2, Noroeste, Norte, Oeste, Sudeste e Sul. Apesar de procurar formar as subcoordenadorias englobando as subprefeituras da cidade, a BSGI privilegiou não a proximidade, mas a facilidade de acesso dos integrantes aos locais de reunião, por exemplo, à sede regional (ver mapa a seguir). A maioria das famílias da CCSP, 52,9%, vive na periferia das Zonas Leste e Sul, regiões onde, segundo Seade, a renda média da população está entre um e meio e três salários mínimos, e os responsáveis pelos domicílios, cerca de 30% mulheres, têm ensino fundamental incompleto e idade entre 39 e 50 anos.

Gráfico 1 Distribuição dos membros da BSGI na cidade de São Paulo



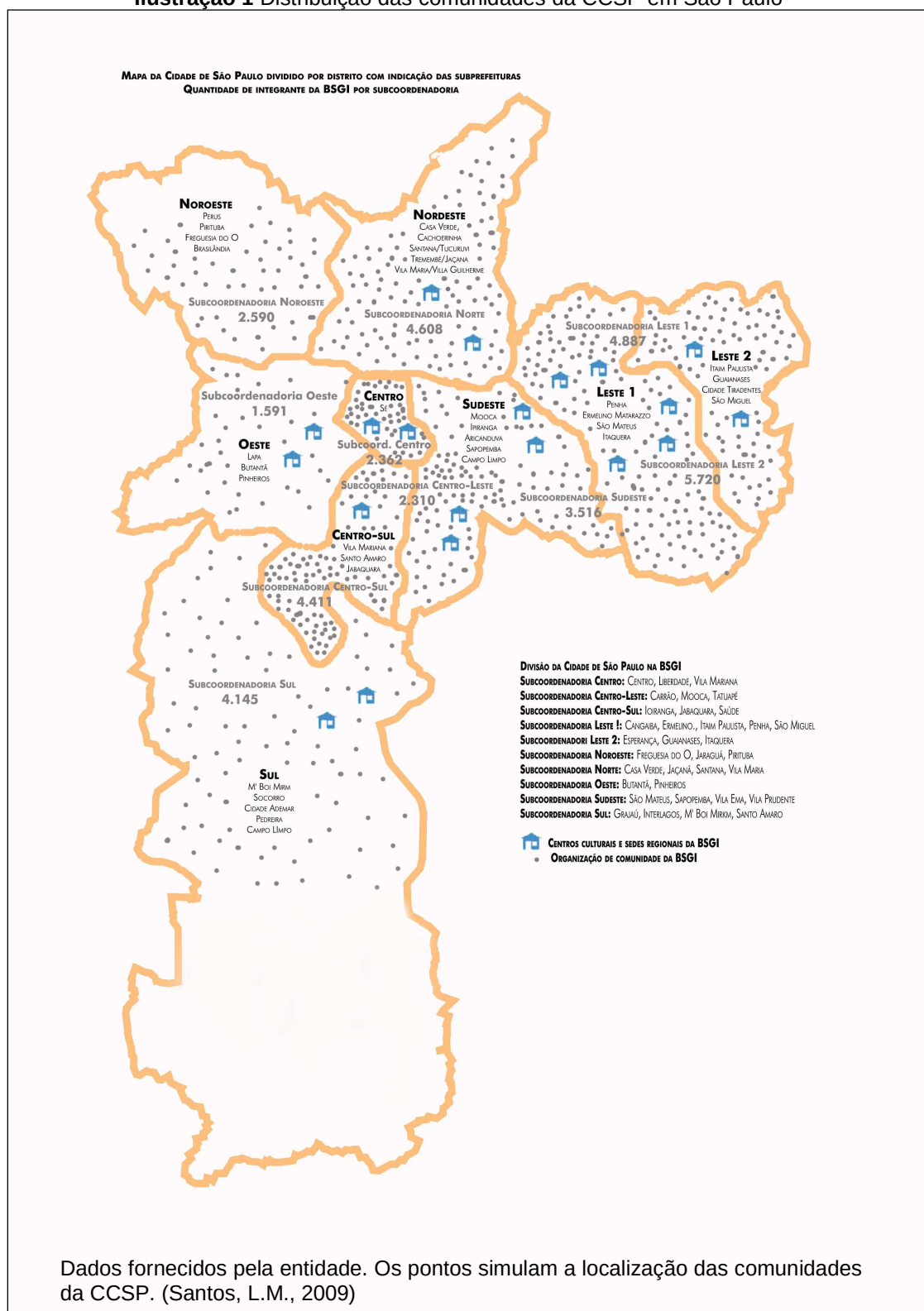
Dados fornecidos pela entidade. (Santos, L.M., 2009)

A maioria das integrantes da Divisão Feminina é líder na base da organização e convive diariamente com a dura realidade dos membros de sua comunidade. As pessoas têm condições de vida semelhantes, o que faz que haja empatia resultando no apoio mútuo. Ao contrário da maioria das religiões, ajudas financeira e material são desencorajadas no mundo da BSGI, apesar de em alguns momentos isso ocorrer.

A vida comunitária, dentro do que chamam “família Soka”, passa pelo incentivo e orientação — a qualquer hora e momento que a integrante da “família”, seus conhecidos e parentes precisarem —, pela indicação de emprego, de médico, de advogados, de escola entre outros; pelo auxílio aos doentes, idosos e outros sem familiares próximos, e pela preocupação e auxílio mútuos na formação social e budista dos jovens e das crianças.

A convivência na comunidade e demais setores da BSGI faz que haja casamentos interno ao grupo, o que fortalece a rede religiosa. Além disso, a entidade procura valorizar o potencial de cada pessoa, que é afirmado e incentivado pelas “companheiras” da comunidade.

Ilustração 1 Distribuição das comunidades da CCSP em São Paulo



Conforme já dissemos, a revolução humana consiste na mudança interior com o aperfeiçoamento das qualidades negativas e fortalecimento das positivas. Uma pessoa não precisa mudar de ambiente nem de aparência para conquistar seus ideais, mas desenvolver ao máximo seu potencial tendo como base o Budismo Nitiren, que advoga que todos têm o estado de Buda. A BSGI acredita no potencial humano e incentiva constantemente seus integrantes a desenvolvê-lo ao máximo. Não importa simplesmente ter fé, a fé deve ser praticada. Por isso utilizam sempre a frase “prática da fé”, que comporta a oração e ação, que remete à filosofia da vida de Jossei Toda.

A pessoa que vive religiosamente não é somente a pessoa que se representa o mundo tal ou tal maneira, que sabe o que ignoram; é antes de tudo uma pessoa que experimenta um poder que não se conhece na vida comum, que não sente em si mesma quando não se encontra em estado religioso. A vida religiosa implica a existência de força muito particulares. Não posso pensar em descrevê-las aqui. Direi simplesmente que são as forças que levantam montanhas. Entendo com isso que, quando a pessoa vive da vida religiosa, ela pensa participar de uma força que a domina, mas que, ao mesmo tempo, a sustenta e a eleva acima de si própria. Apoiado nela, parece-lhe que pode enfrentar as dificuldades da existência, que pode até dobrar a natureza e seus desígnios. (Sanchis apud Pereira, J. C., 2004, p. 5)

Tendo como base o conceito budista de causa e efeito, no mundo da Gakkai o importante não é o passado, mas o presente, pois as ações no presente é que mudarão o futuro. Para ela, não se tem condições de mudar o passado — o passado é um parâmetro para a vida presente, ou seja, o presente é reflexo do passado —, mas se pode mudar o presente visando o futuro.

No discurso da Soka Gakkai, o Budismo de Nitiren Daishonin é considerado o “budismo da verdadeira causa”, ou seja, seus integrantes são estimulados a pensar sempre do presente para o futuro, de hoje para amanhã, tendo como base o “princípio místico da verdadeira causa”. Por essa razão, o Budismo Nitiren é considerado o “budismo da esperança”.

Não se preocupem com o que aconteceu até agora; o passado é passado. Ao contrário, concentrem-se em como abrir o caminho para o avanço e o

autoaprimoramento, o crescimento e o desenvolvimento, a partir do momento presente até o futuro. Esse é o início do drama da revolução humana.

“Budismo da verdadeira causa” significa libertar-se da inércia dos hábitos antigos e dar sempre nova partida. (Ikeda, 2003, p. 3)

As integrantes da Divisão Feminina buscam constantemente a *sua* revolução humana, ou seja, a transformação dos aspectos que consideram negativos em sua vida (carma negativo). Isso faz que não desprezem nem neguem sua vida familiar e social, mas que busquem fortalecer e manifestar o lado positivo desta mesma vida (estado de Buda). A mudança individual diária é um processo da revolução humana, que ocorre gradativamente influenciando diretamente o local em que vive num processo conhecido como *shitei funi*, “unicidade da pessoa e seu ambiente”.

Sendo assim, quando passa a integrar a Divisão Feminina, a mulher que vive à margem da sociedade começa a fazer parte de um movimento mundial, a SGI, e suas ações passam a ser valorizadas além de seu círculo familiar e social. “A Divisão Feminina da Soka Gakkai representa a mais importante rede da paz, da amizade e da esperança no mundo” (Ikeda, 2004, p. 3).

“Sinto em meu coração o mais sincero desejo de conceder a cada uma de nossas nobres mães do *Kossen-rufu*, nossos membros da Divisão Feminina, uma medalha de honra ao mérito por seus grandiosos esforços e conquistas” (Ikeda, 2005b, p. 3).

Uma vida que estava nos estados baixos (Inferno, Fome, Animalidade, Ira), segundo os ensinamentos de Nitiren, passa a manifestar o elevado estado de Bodhisattva, que vive em prol da felicidade de outros.

Não se preocupe. A senhora conquistará a felicidade. Eu lhe garanto que isso acontecerá sem falta. Assim como a grande atriz atua com prazer no seu papel de heroína, espero que a senhora se erga do abismo da tristeza e desempenhe o seu papel no grandioso drama da revolução humana. Todas as pessoas são desbravadoras, que caminham pelo inexplorado campo de sua vida. Não há outra forma de desbravar e arar o curso da vida a não ser por si mesmas. É preciso esforçar-se com toda a persistência, manejando a enxada chamada prática da fé para plantar a semente da felicidade em sua vida. As gotas de suor derramadas em prol do *Kossen-rufu* se transformarão em pérolas de boa sorte que coroarão

magnificamente a sua vida por toda a eternidade. Por favor, torne-se a pessoa mais feliz do Brasil. (Ikeda, 2003a, p. 198)

No interior da BSGI, valendo-nos de Pereira, o “ambiente sagrado” recria nas mulheres “sofredoras uma extraordinária resistência diante dos sofrimentos e tribulações, proporcionando-lhes um sentimento de paz que impede o desespero, mesmo nas situações mais difíceis da vida” (Pereira, J. C., 2004, p. 7).

Fazendo parte do movimento Soka, essas mulheres deixam à condição marginal a que foram impostas pela sociedade e, como integrantes da Divisão Feminina, passam a ser “rainhas”: “rainhas da felicidade”. Como tal, abre-se um horizonte de possibilidades e a certeza de que podem conquistar o que desejarem.

“Significado motivacional”: unicidade de mestre e discípulo

Segundo Rafael Shoji, a motivação e a prática são os aspectos mais importantes no budismo dos convertidos. Elas determinam o modo de transmissão, uma vez que o “esforço de proselitização só faz sentido dentro de uma contextualização religiosa que dê significado motivacional para essa atividade” (Shoji, 2002b, p. 92).

As orientações de Daisaku Ikeda são repletas de esperança e buscam impulsionar as mulheres a conquistar seus sonhos e a não ficar dependendo de ninguém para isso.

O budismo existe para que sejam felizes. Daishonin declara que o Sutra de Lótus apresenta a iluminação das mulheres como modelo para a iluminação de todos os seres vivos. O budismo ensina que as mulheres que desafiam a si próprias ao máximo serão envoltas por inigualáveis flores de felicidade. Esse é o caminho que leva à felicidade para todas as mulheres que estão lutando contra as dificuldades. (Ikeda, 2009, p. 124)

A “unicidade de mestre e discípulo” é o que dá “significado motivacional” para as mulheres fazerem da Divisão Feminina a força motriz da BSGI. O que desejam é corresponder ao mestre atuando no local onde ele não pode estar.

Esse princípio budista, *shitei funi*, advoga que mestre e discípulo são unos pelas três existências da vida — passado, presente e futuro. A concepção é de que mestre e discípulo nascerão sempre na mesma época, conforme uma passagem do *Sutra de Lótus*. Consta que antes de Sakyamuni (mestre) entrar em extinção, aqueles que ouviram a lei (discípulos) tem “habitado aqui e lá em várias terras do Buda, renascendo constantemente em companhia de seus mestres”. (Watson, 1993, p.140).

Demonstrando o espírito do mestre de criar discípulos do mesmo nível que ele, o Buda Sakyamuni diz aos discípulos do Sutra de Lótus: “Fiz uma promessa no início, / com o desejo de tornar todas as pessoas / iguais a mim, sem nenhuma distinção entre nós”. (Ikeda, 2001, p. 3)

O sentimento que norteia esse princípio é muito claro para os japoneses, mas difícil de ser interiorizado pelos ocidentais. Este foi um legado positivo das imigrantes japonesas à BSGI, pois é o que move as ações da Divisão Feminina e conduziu a organização ao estágio em que se encontra. Todas as organizações da SGI enaltecem a “profunda relação” de mestre e discípulo que existe na organização brasileira.

A BSGI conquistou confiança e reconhecimento tão extraordinários por suas atividades que ouvimos membros de todos os países da América do Sul dizendo assim: “Se você tiver algum problema, converse com a BSGI!”, ou “Se quiser levar alegria e felicidade às pessoas, consulte a BSGI!”. (Ikeda, 2000, p. 3)

Ikeda diz que a relação entre mestre e discípulo, entre professor e aluno, é prerrogativa única dos seres humanos devido à sua elevada capacidade espiritual, e essa relação pode ser encontrada em todos os campos do empreendimento humano em que as pessoas se empenham para alcançar excelência e uma elevada conquista. Para ele, “ter um mestre na vida significa ter um modelo ou padrão para seguirmos na vida” (Ikeda, 2001, p. 3). Para Ikeda, de todos os relacionamentos, o de mestre e discípulo é o “mais maravilhoso”, pois “trabalham juntos pelo supremo ideal da paz mundial e da felicidade da humanidade” (Ikeda, 2000, p. 3).

Nenhum empreendimento épico pode ser alcançado em uma única geração. Somente quando o espírito do mestre é herdado pelos discípulos e transmitido continuamente a sucessivas gerações de discípulos é que esse empreendimento é alcançado. O movimento humanístico da SGI, que agora envolve o mundo inteiro, é também o resultado do espírito do mestre transmitido a três gerações — de Tsunessaburo Makiguti a Jossei Toda e deste para mim. Essa batalha, em que o mestre e o discípulo estão engajados e indivisivelmente unidos, é a linha vital da qual depende o eterno fluxo do *Kossen-rufu*. Agora é nossa tarefa expandir este movimento e transformá-lo em um grande rio cujas águas continuem a nutrir e a beneficiar a humanidade durante todo o próximo século, o próximo milênio, e por todos os mais de dez mil anos dos Últimos Dias da Lei. (Ikeda, 2000, p. 3)

O legado do mestre foi passado para o discípulo — de Tsunessaburo Makiguti a Jossei Toda e deste para Daisaku Ikeda. Assim, a Divisão Feminina se esforça para ser digna de receber esse legado de seu mestre Ikeda, manifestado na frase que as integrantes têm utilizado nos últimos anos: “*Sensei*, o *Kossen-rufu* é a minha vida”.

Para finalizar nossas considerações, vamos deixar que uma integrante da Divisão Feminina do Rio de Janeiro, Nazareth Solino, sem ascendência japonesa, convertida em 1987, descreva o sentimento das mulheres com a relação a “seu mestre”.

No seu livro *O rabo da largatixa*, onde narra a trajetória de sua vida após ingressar na BSGI, o último capítulo tem o título “O mestre da vida”, onde Solino coloca: “Um ponto crucial da prática budista e de difícil assimilação por nós, ocidentais, é a importância do mestre no processo de iluminação” (Solino, 2006, p. 121). Diz ainda que, por termos traumáticas histórias, temos “uma desconfiança natural em relação àquilo que o Oriente chama de relação entre mestre e discípulo”. No entanto, Solino lembra que a relação entre mestre e aprendiz fez parte de nossa história até o advento da industrialização que tornou singulares os objetivos feitos por artesãos, quando o aprendiz buscava o mestre e a relação entre ambos era a sua garantia de tornar-se mestre no futuro.

Na verdade, a fascinação do aprendiz reside no fato de que o mestre é aquele que atingiu um grau de virtuosismo tão elevado, que desenvolveu uma maneira

peçoal única, de realizar uma determinada tarefa, de tal forma que ele é para o discípulo a comprovação de que é possível ampliar limites e ir além de tudo o que já foi feito. [...] temos muitos mestres na vida — aliás, cada pessoa que encontramos e cada situação que vivemos têm o potencial de nos ensinar algo — são nossos mestres, portanto. (Solino, 2006, p. 123)

Então, Solino apresenta a origem da relação de mestre e discípulo no budismo, dizendo que aparece no 10º capítulo do *Sutra de Lótus*, “Mestre da Lei”, na frase “discípulo é aquele que tem sede, mas que, ao cavar o solo, encontra terra seca, pois a água está longe; para que ele se aproxime da fonte da sabedoria do Buda, é preciso que ele ouça o ensino” (Solino, 2006, p. 124), e diz:

Eu tive o feliz encontro com Daisaku Ikeda e, por tudo o eu escrevi até agora, eu o reconheci como meu Mestre da Lei, aquele a quem denominei, na homenagem inicial, como Grande Navegador que, maieuticamente [sic], me traz todos os dias para a luz, através de suas palavras e de sua luta incessante por um mundo de Paz. (Solino, 2006, p. 125)

Por fim, Solino traz um poema de Tagore na intenção de exprimir seu sentimento com relação a seu mestre, o qual, percebemos, não se restringe somente a ela, mas perpassa toda a Divisão Feminina da BSGI:

Tu me fizeste conhecido de amigos que não conhecia.
Tu me deste lugar em casas que não eram minhas.
Tu trouxeste o distante para perto e tornaste o estranho, um irmão. [...]
Quando alguém te conhece, ninguém lhe é estrangeiro, então nenhuma porta se fecha.
Oh, que a minha oração me conceda nunca perder a bem-aventurança do contato com este que é um jogo entre muitos. (Tagore apud Solino, p. 125)

Nesse espaço de “relações sociais fechadas”¹, entre mestre e discípulo, é possível perceber a força que exerce na Divisão Feminina o “poder simbólico”² do mestre.

¹ Segundo Max WRBER, “a relação será ‘fechada’ ao exterior (...) sempre e quando devido ao sentido da ação e as regulamentações que regem , a participação de certas pessoas for excluída, limitada, ou sujeita a condições. (Apud Pereira, J. C., 2004, p. 2).

² Segundo Pierre BOURDIEU, “é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social). (Ibid.)

Referências bibliográficas

- ALARCÓN-NIVIA, Miguel Ángel
2005 Algunas consideraciones antropológicas y religiosas de la menstruación. *Revista Colombiana de Obstetricia Ginecología*. Colombia, v. 56, n. 1, p. 35-45, mar. 2005. Disponível em: [_Marzo_2005/V56N1A05.PDF](#). Acesso em: 24 jul. 2008.
- ALMEIDA, Ronaldo
2007 Religião na metrópole paulista. Disponível em: <http://www.centrodametropole.org.br>. Acesso em: 10. out. 2007.
Religião na Metrópole Paulistana. Disponível em: <http://www.centrodametropole.org.br/pdf/Religio na metr pole paulista Ronaldo A.pdf>
Acesso em: 10 out. 2007.
- ANDERSON, Bonnie S.; ZINSSER, Judith P.
2000 *Historia de lãs mujeres, uma historia propia*. São Paulo: Critica.
- BAUMAN, Zygmunt
2005 *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BEDIA, Rosa Cobo
1995 Gênero. In: *10 palavras clave sobre mujer*. Navarra: EVD.
- BELLO, José Luiz de Paiva
2001 O poder da religião na educação da mulher. *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher02.htm>
Acesso em: 18 nov. 2007.
2005 Novas religiões japonesas e sua inserção no Brasil: discussões a partir da psicologia. In: *Revista USP*. São Paulo, n. 67, p. 208-217, set./out. 2005.
- BETHEL, M. Dayle
1994a Introdução. In: *Educação para uma vida criativa*. Tsunessaburo Makiguti, Rio de Janeiro: Record.
1994b *Makiguti: the value creator*. Nova York e Tóquio: Weatherhill.
- BERMAN, Ruth
1997 Do dualismo de Aristóteles à dialética materialista: a transformação feminista da ciência e da sociedade. In: *Gênero, Corpo, Conhecimento*. São Paulo: Rosa dos Ventos.
- BERNARDO, Terezinha
2003 *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Educ/Pallas
- BHABHA, Homi K.
2001 *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.

- BSGI — Associação Brasil-SGI
 2004 *Os escritos de Nitiren Daishonin — Glossário*. Associação Brasil-SGI. São Paulo: Brasil, Seikyo.
- BRODEY, Deborah. A.
 1997 *From judaism to buddhism: jewish women's search for identity*. Bibliothèque Nationale du Canada, Canadá.
- BRAZÃO, Suely M.
 1996 *Mulheres na bíblia*, São Paulo: Ave-Maria
- BULLOUGH, Robert V.
 1994 Significado histórico e contemporâneo — Prefácio. In: *Educação para uma vida criativa*. Rio de Janeiro: Record.
- CEM — Centro da Metrópole
 Disponível em: <http://centrodametropole.org.br/mapa.html>
 Acesso em: 3 dez. 2008.
- CIAMPA, Antonio da Costa
 1987 *A estória de Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- CUNHA Maria Jandyra Cavalcanti
 2007 *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro.
- DAIBYAKURENGUE
 1993 *Revista de Estudo da Soka Gakkai*. Japão, ed. 516, nov. 1993.
 2006 Ibid. ed. 676, mar. 2006.
 2009 Ibid. ed. 710, mar. 2009.
- DAISAMBUMEI
 2003 *Revista de Estudo da Soka Gakkai*. Japão, p. 32-33, maio 2003.
 Disponível em:
http://divisao.bsgi.org.br/df2/biblioteca_historico_cancao.htm.
 Acesso em: 27 out. 2008.
- DEWARAJA, L. S.
 The position of women in Budhism. Disponível em:
<http://www.accesstoinsight.org/lib/authors/dewaraja/wheel280.html>.
 Acesso em: 18 nov. 2007.
- ENDO, Takanori; et al.
 1997 A iluminação da menina-dragão é uma grandiosa declaração da igualdade dos sexos, Sabedoria do Sutra de Lótus — um diálogo sobre religião no século XXI (20). *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed.1.432, 4 out. 1997, p. 4.

FERNANDES, Sílvia R. A.

- 2005 *A não-ordenação feminina: delimitando as assimetrias de gênero na igreja católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as*. In: *Revista Estudos Feministas*. [on-line], v. 13, n. 2, 2005, p. 425-436. Acesso em: 22 set. 2008.

FIORENZA, Elizabeth S.

- 1992 *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas.

FRANCINE, Sonia

- 2004 *Porque sou budista?* São Paulo: Jaboticabal.

FRÉDÉRIC, Louis

- 1998 *O Japão, dicionário e civilização*. São Paulo: Globo.

GOSHO Zenshu

- 1951 Soka Gakkai. Japão. [s.n.t.]

GÖSSMANN, Elisabeth (Org.)

- 1997 *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, RJ: Vozes

GROSS, Rita M.

- 1996a *Buddhism after patriarchy: a feminist history analysis, and reconstruction of buddhism*. Albany: State University of New York Press.
- 1996b *Feminism and religions, an introduction*. Boston: Beacon Press.
- 2005a *Mulheres budistas como líderes e professoras*. In: *Revista Estudos Feministas*. [on-line]. 2005, v. 13, n. 2, p. 415-423. Acesso em: 22 set. 2008.
- 2005b *El budismo después del patriarcado: historia, análisis y reconstrucción feminista del budismo*. Madri: Editorial Trotta.

GUIMARÃES Lais de Barros Monteiro (Org.)

- Viagem ao sol poente e história da imigração no Brasil — as famílias*. Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão de Arquivo Histórico, v. 16.

GUIA PRÁTICO

- 2009 *Gua Prático do Budismo*, São Paulo: Brasil Seikyo.

HANDA, Tomoo

- 1987 *Memórias de um imigrante japonês no Brasil*. Centro de Estudos Nipo-brasileiro. São Paulo: T. A. Queiróz Editora.

HOLM, Jean; BOWKER, John.

- 1999 *A mulheres na religião*. Portugal. Publicações Europa-America

HUYGUE, René; DAISAKU, Ikeda

- 1980 *A noite clama pela alvorada*. Rio de Janeiro: Record.

IKEDA, Daisaku

- [s.d.] *Revolução humana*. v. 3. Rio de Janeiro: Record.
- 1975 *Ibid.*, v. 3, 2. ed. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 1976a *Ibid.*, v. 2, São Paulo: Brasil Seikyo.
- 1976b *The Living Buddha, Na Interpretive Biography*. Nova York: Weatherhill.
- 1980 *Revolução humana*. v. 5. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 1987 *Ibid.*, v. 1, 5. ed. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 1991a *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed. 1.131, 8 jun. 1991.
- 1991b *Ibid.*, ed. 1.133, 22 jul. 1991.
- 1991c Um verdadeiro dirigente realiza esforços abnegados. In: *A grande correnteza para a paz*. v. 1. São Paulo: Brasil Seikyo, p. 31-61.
- 1993 Coletânea de orientações. Discursos do presidente da SGI proferidos no Brasil. v. 1. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 1994 *Nova revolução humana*. v. 4. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 1995a *Ibid.*, v. 1. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 1995b O presidente Makiguti dedicou sua vida pela liberdade de religião. In *Brasil Seikyo*, ed. 1.312, 18 mar. 1995.
- 1996 *Nova revolução humana*. v. 5, São Paulo: Brasil Seikyo.
- 1997 Sabedoria do Sutra de Lótus: diálogo sobre a religião no século XXI, *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed. 1.433, 11 out. 1997.
- 1999 Por que os que fazem o bem são perseguidos? Para os protagonistas do século XXI – parte 2. In: *Brasil Seikyo*, ed. 1528, 23 out. 1999.
- 2000a Os vinte e oito capítulos do Sutra de Lótus. In: *Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo*. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 2000b O espírito da Soka Gakkai: ajudando os que mais sofrem. In: *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed. 1.562, 1 jul. 2000, p. 3.
- 2000c Três de maio de 1979. In: *Terceira Civilização*. São Paulo, jun. 2000.
- 2000d *Preleção dos capítulos Hoben e Juryo*. São Paulo. Brasil Seikyo.
- 2003a O mundo aguarda pela vitória do humanismo. In: *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed. 1.726, 6 dez. 2003, p. 3.
- 2003b Triunfem com o coração de um rei-leão. In: *Brasil Seikyo*, ed. 1.714, 6 set. 2003.
- 2003c *Nova revolução humana*. v. 1. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 2004a *A sabedoria do Sutra de Lótus*. v. 1. São Paulo. Brasil Seikyo.
- 2004b Vamos expandir nossa rede de paz e felicidade. *Brasil Seikyo*, ed. 1.746, 8 maio 2004, p. 3.
- 2004c As virtudes invisíveis trazem benefícios visíveis. In: *Brasil Seikyo*, ed. 1.749, 29 maio 2004, p. 3.
- 2005 *Diálogo sobre a juventude*: para os protagonistas do século XXI. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 2005b Corajoso avanço pelo nobre caminho da suprema felicidade. In: *Brasil Seikyo*, ed. 1.803, 16 maio 2005.
- 2006a Direitos iguais para as mulheres. *Terceira Civilização*. São Paulo, ed. 458, out. 2006, p. 6-7.
- 2006b *Nova revolução humana*. v. 11. São Paulo: Brasil Seikyo.

- 2007a *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed. 1.895, 16 jun. 2007.
- 2007b *A sabedoria do Sutra de Lótus*. v. 2. São Paulo. Brasil Seikyo.
- 2009 *Flores da esperança*. São Paulo: Brasil Seikyo.
- IKEDA, Daisaku; HENDERSEN, Hazel
2005 *Cidadania planetária*. São Paulo: Brasil Seikyo.
- IKEDA, Daisaku; HUYGEH, René
1980 *A noite clama pela alvorada — um diálogo entre o Oriente com o Ocidente sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Record.
- IKEDA, Daisaku; SIMARD, René; BOURGEAULT, Guy
2007 *Ser humano: essência da ética, da medicina e da espiritualidade*. São Paulo: Brasil Seikyo e Edue.
- IOF — The Institute of Oriental Philosophy
2005 *The Journal of Oriental Studies*. v. 15. Tóquio, Japão
- JUNIOR, Rinaldo Zaina
2005 *Hospitalidade no contexto de uma organização do terceiro setor da inspiração religiosa*. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade). Universidade Anhembi-Morumbi. São Paulo.
- KÜNG, Hans.
2004 *Religiões do mundo: Em busca dos pontos comuns*. Campinas, São Paulo: Verus.
- KIRIHARA, Akiko
[s.d.1] Era Kamakura (parte 4). Novo Budismo em Kamakura. Nippo-Brasil. Disponível em:
http://www.nippobrasil.com.br/zz_historia/japao/284.shtml
Acesso em: 10 jan. 2009.
Era Muromachi (parte 1), Era de duas cortes e Restauração Kenmu. Ibid. Acesso em: 10 jan. 2009.
- [s.d.2] Era Azuchi-Momoyama (parte 4). As mulheres que viveram na era das guerras". Ibid. Acesso em: 10 jan. 2009.
- [s.d.3] Sei Shonagon. Grandes Personalidades. Ibid. Acesso em: 10 jan. 2009.
- KURIHARA, Toshie
2003 A history of women in japanese buddhism: Nichiren's perspective on the japanese buddhism. *The journal of Oriental Studies*, v. 13, p. 94-118, Japão. Disponível em:
<http://www.iop.or.jp/0313/kurihara.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2008.
- LESSER, Jeffrey
2008 *Diáspora descontente: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica (1960-1980)*. São Paulo: Paz e Terra.

- MACHADO, Maria das Dores Campos
 2005 Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas* [on-line], v. 13, n. 2, 2005, p. 387-396.
- MAEYAMA, Takashi
 1987 *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonês no Brasil*, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. São Paulo: Hucitec, p. 579.
- MACEDO, Márcia S.
 [s.d.] Relação de gênero no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres. In: *Perspectivas de gênero. Debates e questões para as ONGs*. Disponível em: <http://www.redemulher.org.br/generoweb/marcia.htm>. Acesso em: 13 fev. 2007.
- MACHACEK, David; WILSON, Bryan
 2000 The role of women. In: *Global citizens: The Soka Gakkai Buddhist Movement in the Word*.
- MACHACEK, David; WILSON, Bryan (Eds.)
 Nova York: Oxford University Press.
- MACHADO, Maria das Dores C.
 2005 Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. In: *Revista Estudos Feministas*. [on-line], v.13, n. 2, 2005, p. 387-396. Acesso em: 22 set. 2008.
- MAKIGUTI, Tsunessaburo
 1994 *Educação para uma vida criativa*. Rio de Janeiro: Editora Record.
 1935 *Complete works of Tsunesaburo Makiguchi*. Daisan Bunmeisha, v. 5, p. 356 e v. 8, p. 405-406, v. 10. Disponível em: <http://www.tmakiguchi.org/religiousreformer/asreligiousreformer/nichienvision.html>. Acesso em: 9 maio 2009.
- MARANHÃO, Alda Cristina da Fonseca de Albuquerque
 1999 *Nam-myoho-rengue-kyo: a lei que rege o universo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- MARTELLI, Stefano
 1995 *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas.
- MEDINA, Cremilda Monteiro (Org.)
 2001 *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. Reportagens realizadas pelos participantes da Oficina de Narrativa da Contemporaneidade em 2000. São Paulo: Eca/USP.

MOMOKO, Takemi

- 1983 "Menstruation sutra" belief in Japan. *Japanese Journal of Religious Studies* 10/2. p. 229-246, Japão. Disponível em: <http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/175.pdf>
Acesso em: 19 fev. 2008.

NAKAMURA, Hajime

- 1982 Therigatha: niso no kokuhaku. In: Sabedoria do Sutra de Lótus: um diálogo sobre religião no século XXI (20). In: *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed 1.432, 4 out. 1997, p. 4.

NSB — Nitiren Shoshu do Brasil

- 1980 Matéria para Estudo Especial. In: *Seleção de Orientações*. São Paulo: Brasil Seikyo.

NITIREN

- 1951 *Gosho zenshu*. Japão: Soka Gakkai.
1951a Homon mosarubeki you no koto. Ibid.
1981 As escrituras de Nitiren Daishonin, v. 2. São Paulo: Brasil Seikyo.
1999a The unity of husband e wife. In: *The writings of Nichiren Daishonin*. v. 1. Japão: Soka Gakkai.
1999b Letter to the sage Nichimyo. Ibid.
1999c The actions of the votary of the Lotus Sutra. Ibid.
1999d On persecutions befalling the sage. Ibid.
1999e The sutra of true requital. Ibid.
1999f Letter to the brothers. Ibid.
1999g Revelação da vida eterna do Buda. Ibid.
2001a Tese sobre o estabelecimento do ensino correto para a paz da nação. *Os escritos de Nitiren Daishonin*. v. 1. São Paulo: Brasil Seikyo.
2001b A recitação dos capítulos "Meios". Ibid.
2004a O *Daimoku* do Sutra de Lótus. Ibid., v. 2.
2005a Abertura dos olhos. Ibid, v. 4.
2005b Perseguição de Tatsunokuti. Ibid., v. 3.
2006 O verdadeiro aspecto de todos os fenômenos. Ibid, v. 5.
2006b Carta à sábia Nitimyo. Ibid.
2007 *A vida de Nitiren Daishonin*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo.

OKANO, Haruko

- 1997 Mulher nas grandes religiões II. Budismo. In: *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, RJ: Vozes.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de

- 2005 Para uma crítica da razão androcêntrica; gênero, homoerotismo exclusão da ciência jurídica. Disponível em: <http://www.universia.com.br/matéria/matéria.jsp?materia=8949>.
Acesso em: 22 set. 2008.

PAUL Diana Y.

- 1979 *Women in buddhism: images of the Mahayana tradition*, (with contributions by Frances Wilson). Berkeley, California: Asian Humanities Press.

PEREIRA, Ronan Alves.

- [s.d.] O budismo japonês: sua história, modernização e transnacionalização. In: *Revista Eletrônica Estudos Japoneses e Intercâmbio Cultural*. Fundação Japão. Disponível em: http://www.fjisp.org.br/estudos/revista_ponto01.html
Acesso em: 15 mar. 2008.
- 1992 Possessão por espírito e inovação cultural: experiência religiosa das japonesas Miki Nakayama e Não Deguchi. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão e Massao Ohno.
- 1998 Associação Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI) sua organização e difusão no Brasil, *VIII JORNADA SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA*. Minorias religiosas em expansão. São Paulo, set. 2008
- 2001 O budismo leigo da Soka Gakkai: da revolução humana à utopia mundial. Tese de doutorado. Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). São Paulo-Campinas.
- 2002 A Associação Brasil Soka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Larosae.

PEREIRA, C. José

- 2004 O poder simbólico da religião. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Coimbra 16, 17 e 18 set. 2004. Centro Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

PERROT, Michelle

- 1998 *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp.

PRAETORIUS, Ina (Org.)

- 1997 *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis, RJ: Vozes.

QUEIROZ, José J.

- 1996 *Interface do sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho d'Água.

RAGO, Margareth

- 1998 Epistemologia feminista, gênero e história. In: *Masculino, feminino, plural*. São Paulo: Mulheres.
- 2003 Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/marga1.htm>
Acessado em: 16 jun. 2008.

ROSADO-NUNES, Maria José

- 1996 Mulheres e catolicismo no Brasil uma questão de poder. In: *Interface do sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho d'Água.
- 2001 O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. In: *Cadernos Pagu*. Revista do Núcleo de Estudos de Gênero (16), Unicamp.
- 2002 Feministas interrogam os estudos de religião. *Revista Estudos Feministas*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ano 10, p. 519. Acesso em 22 set. 2008.
- 2005 Gênero e religião. *Revista Estudos Feministas*. [on-line], v. 13, n. 2, 2005, p. 363-365. Acesso em: 22 set. 2008.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.

- 2004 *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo.

SAITO, Etsuko

- 1989 *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed. 1.029, 1 abr. 1989.

SAITO, Roberto

- 1998 *Brasil Seikyo*. São Paulo, ed. 1.463, 6 jun. 1998,.

SAKURAI, Célia

- 2007 *Os japoneses*. São Paulo: Contexto.

SANTOS, Maria de Lourdes (Org.)

- 2003 *Síntese do budismo*. 2. ed. São Paulo: Brasil Seikyo.
- 2004 *Fundamentos do budismo*. 2. ed. São Paulo: Brasil Seikyo.

SATO, Hiroo

- 2000 Ideas and Influence of Tsunesaburo Makiguchi. *Journal of Oriental Studies*, v. 10, p. 46-61, Tóquio. Disponível em: http://totebu.org/h/h_01_4.htm/?author_enHiroo%20Sato e <http://www.tmakiguchi.org/religiousreformer/academicpapers.html>. Acesso em: 19 dez. 2007.

SBCJ — Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa

- 1992 *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonês no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- 1992 *O imigrante japonês — História de sua vida no Brasil*. São Paulo: Hucitec.

SCOTT, Joan

- 1989 *Gender: An useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. Nova York: Columbia University Press.

- SEADE — Sistema Nacional de Análise de Dados
 Espaços e Dimensões da Pobreza nos Municípios do Estado de São Paulo. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social-IPVS. *São Paulo em Perspectiva*, v. 20, n. 1, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/ipus/subprefeitura.php>. Acesso em: 1^o dez. 2008
- SEAGER, Richard Hughes
 2002 *Encountering the Dharma*. Londres, Inglaterra: University of Califórnia Press.
- SEYFERTH, Giralda.
 2006 Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceito. *Fazendo Gênero* 7. Disponível em: www.fazendogenero7.usfsc.br/artigo/g/giralda_seyferth_55.ppdf. Acesso em: 12 nov. 2008.
- SHOJI, Rafael.
 2002a Uma perspectiva analítica para os convertidos no budismo japonês, In: *Rever*, n. 2, Ano 2, PUC/SP, p. 85-111.
 2002b O budismo étnico na religiosidade nikkey no Brasil: aspectos históricos e forma de sobrevivência social. In: *Rever*, n. 4, Ano 2, p. 47-80. PUC/SP.
- SIQUEIRA, Deis
 Pluralidade e trânsito religioso entre as novas religiosidades: sincretismo brasileiro e constituinte, UnD, Departamento de Sociologia, Brasília. Disponível em: <http://members.tripod.com/bmgil/sde47.html>. Acesso em: 18 set. 2007.
- SOLINO, Nazareth
 2006 *O rabo da lagartixa*. Rio de Janeiro, [s.ed.]
- SOKA GAKKAI
 2002 *Dictionary of buddhism*, Japão. [s.n.t.]
- SOUZA Sandra Duarte.
 2004 Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. In: *Revista de Estudos Feministas* [on-line]. v.12, n. esp. p. 122-130.
- STEARNS, Peter N.
 2007 *História das relações de gênero*. São Paulo: Contexto.
- SUZUKI, Masao
 2008 *100 anos — História de cem mulheres japonesas em terras brasileiras*. São Paulo: São Paulo Shimbun.
- TAGUCHI, Eduardo
 1993 *Jonal Brasil Seikyo*. São Paulo, ed. 1.224, 8 maio 1993.

- TAKEUCHI, Marcia Yumi
 2008 *O perigo amarelo: Imagens do mito, realidade do preconceito* (1920 1945). São Paulo: Humanitas.
- TC — Terceira Civilização
 2000 *Revista de Estudo da BSGI*. São Paulo, ed. 382, jun. 2000.
 2001 Idem, ed. 398, out. 2001.
 2004 Idem, ed. 426, fev. 2004.
 2005 Idem, ed. 446, out. 2005.
- TODA, Jossei.
 1951 História e convicção da Soka Gakkai. *The Daibyakurenge*. Tóquio, ed. 516, nov. 1993.
 1998 A vida de Jossei Toda. In: *Terceira Civilização*. São Paulo, ed. 354. Disponível em: <http://www.joseitoda.org/>. Acesso em: 25 maio 2009.
- TOYAMA, Osamu
 2009 Cem anos de águas corridas da comunidade japonesa. São Paulo: AGWN Editora; Topan-Press Editora.
- WATSON, Burton
 1993 *The Lótus Sutra*. New York; Columbia: University Press.
 2009 *The Lotus Sutra and Its opening and closing Sutra*. Tóquio, Japão: Soka Gakkai.
- USARSKI, Frank (Org.)
 2002 *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Larosae.
- USUI, Atsuko
 2000 The role of women. In: *Global citizens: The Soka Gakkai Buddhist Movement in the Word*.
- MACHACEK, David; WILSON, Bryan (Eds.)
 Nova York: Oxford University Press.
- VALÉRIO, Adriana.
 2005 A teologia, o feminino. *Revista Estudos Feministas* [on-line], v. 13, n. 2, p. 367-376.
- VIEIRA, Francisca I. S.
 1973 *O japonês na frente da expansão paulista*. São Paulo: USP/Pioneira.
- YAMASHIRO, José
 1993 *História dos samurais*. 3. ed. São Paulo: Ibrasa.
 1997 *Japão: passado e presente*. 3. ed. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão.

Sites consultados

ACBJ — Aliança Cultural Brasil-Japão

Disponível em: <http://www.acbj.com.br/alianca/palavras.php?Palavra=222>.

Acesso em: 21 mar. 2009.

BSGI — Associação Brasil-SGI

Disponível em: <http://www.bsgi.org.br>.

COEN Monja

Disponível em: http://www.monjacoen.com.br/zen_e_genero.htm.

Acesso em: 3 ago. 2009.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Disponível em:

www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?z=cd&o=7&i=p.

Acessado em: 12 dez. 2008.

NIPPO — *Jornal Nippo-Brasileiro*

Disponível em: http://www.nippobrasil.com.br/zz_historia/japao/316.shtml.

Acesso em: 10 nov. 2008.

SGI — Soka Gakkai Internacional. Disponíveis em:

www.sgi.org — [Soka Gakkai International Official Website \(English\)](http://www.sgi.org)

www.sgispanish.org — [Soka Gakkai International Official Website \(Spanish\)](http://www.sgispanish.org)

www.tmakiguchi.org — [Tsunesaburo Makiguchi Official Website](http://www.tmakiguchi.org)

www.joseitoda.org — [Josei Toda Official Website](http://www.joseitoda.org)

www.daisakuikeda.org — [Daisaku Ikeda Official Website](http://www.daisakuikeda.org)

IOF — The Institute of Oriental Philosophy

Disponível em: <http://www.iop.or.jp:80/journal.htm>.

FJSP — Fundação Japão de São Paulo

Disponível em: <http://www.fjsp.org.br>.

SEADE — Sistema Nacional de Análise de Dados

Disponível em: <http://www.seade.gov.br/>.

APÊNDICE 1

1. Propósito da Soka Gakkai Internacional

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura pela felicidade e bem-estar de toda a humanidade com base no respeito budista à dignidade da vida.
2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.
3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de religião e a liberdade de sua expressão.
4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo Nitiren por meio de intercâmbios, contribuindo dessa forma para a realização da felicidade individual.
5. A SGI, por intermédio de suas organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuírem para a prosperidade de suas respectivas sociedades como bons cidadãos.
6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes de acordo com as condições predominantes em cada país.
7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, travará diálogos e atuará em cooperação para a solução de questões fundamentais da humanidade.
8. A SGI respeitará a diversidade cultural e promoverá intercâmbios culturais para criar dessa forma uma sociedade internacional de cooperação e compreensão mútua.
9. A SGI promoverá, com base no ideal budista de simbiose, a proteção da natureza e do meio ambiente.
10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, na busca da verdade e no desenvolvimento da ciência para capacitar as pessoas a cultivarem seu caráter e desfrutarem vidas plenas e felizes. (Fonte: http://www.bsgi.org.br/sgi_propositos.htm)

2. Carta da Soka Gakkai Internacional

Em nenhum momento da história a humanidade se viu tão oscilante entre a guerra e a paz, a pobreza e a abundância, a igualdade e a discriminação quanto no século XX.

As armas nucleares, epítome do progresso da tecnologia e da indústria militar, causaram massacres em massa, mesmo sabendo-se que o uso delas pode seguramente levar à extinção da espécie humana. A produção e o consumo em grande escala, que caracterizam a economia moderna, determinaram, por um lado, o surgimento de países industrializados que desfrutaram de uma abundância sem precedentes, e por outro, de países em desenvolvimento que se vêm acossados pela pobreza e indigência. Tampouco se vislumbra o fim dos conflitos humanos. No século XX, depois de ter sofrido duas terríveis guerras mundiais, a sociedade internacional finalmente tomou consciência de seu destino global ainda que persista a crua realidade da violência étnica e a discriminação religiosa. Como se isso fosse pouco, o egoísmo do homem ainda causou sérios danos ao meio ambiente global. Frente a tais dilemas, uma nuvem de incerteza parece estender-se sobre a sorte do gênero humano.

Nós, que representamos as organizações que constituem a SGI, temos a plena convicção de que o Budismo Nitiren é uma filosofia que parte do reconhecimento da dignidade do homem e do valor universal dos direitos humanos, e incentiva os indivíduos a acalentarem a benevolência aos seus semelhantes. Estamos convencidos de que a capacidade criadora do espírito humano não apenas permite superar as inúmeras crises que afronta a humanidade como também contribui para construir uma sociedade pacífica e próspera fundamentada sobre as bases de uma coexistência harmoniosa. Neste momento, no início do século XXI, nós, os membros da SGI, hasteando nossa bandeira como cidadãos do mundo, comprometemo-nos solenemente a resolver os problemas de ordem global com espírito de tolerância mediante o diálogo constante e a estrita observância do ideal de não violência. Ao adotar essa resolução nesta 20a Assembléia Geral da SGI, comprometemo-nos em contribuir para o avanço da sociedade humana. (Fonte: http://www.bsgi.org.br/sgi_carta.htm)

APÊNDICE 2

Tabela 1 - Relação de cartas que Nitiren enviou às suas discípulas por ano

Nº	Nome da escritura (carta)	Data	Destinatária
1	Sobre o ano-novo	s/d	Esposa de Omossu (irmã mais velha de Nanjo Tokimitsu)
2	Carta para a mãe de Ota	s/d	Mãe de Ota
3	Carta para a monja-leiga Zeniti	s/d	Monja-leiga Zeniti
4	Carta para Niida	s/d	Niida e sua esposa
5	Resposta para a monja-leiga Koniti	s/d	Monja-leiga Koniti
6	Resposta p/ esposa de Hyoe no Sakan	s/d	Esposa de Hyoe no Sakan
7	Semente de hulled	s/d	Mulher desconhecida
8	Resposta para a monja-leiga Matsuno	s/d	Monja-leiga Matsuno
9	Resposta a monja-leiga	1260/70	Mãe Toki Josnin
10	A recitação dos capítulos “Meios” e “Revelação da vida eterna do Buda”	1264	Esposa de Hiki Daigaku Saburo Yoshinori
11	A essência do capítulo “Os feitos do Bodhisattva Rei dos Remédios”	1265	Desconhecida
12	A realização da iluminação pelas mulheres	1265	Desconhecido
13	O <i>Daimoku</i> do Sutra de Lótus	1266	Mulher de idade avançada
14	O parto tranqüilo de uma criança afortunada	1271	Nitiguen-nyo
15	O nascimento de Tsukimaro	1271	Shinjo Kingo e Nitiguen-nyo
16	Os deuses mesmo nascimento e mesmo nome	1272	Nitiguen-nyo
17	Carta à sábia Nitimyo	1272	Nitimyo
18	Resposta a Kyo’o	1273	Shinjo Kingo e Nitiguen-nyo
19	Oferecendo orações ao mandala da Lei Mística	1273	Desconhecido/Senniti-ama
20	A grande batalha	1273	Monja-leiga Myoichi (?)
21	O inferno e a terra da luz tranqüila	1274	Esposa de Nanjo Hyoe Shitiro
22	Resposta para Ueno	1274	Monja-leiga Ueno
23	União entre Marido e Mulher	1275	Nitiguen-nyo
24	Resposta a Niiama	1275	Niiama
25	O oferecimento de um robe de verão	1275	Dama de Sajiki
26	O inverno nunca falha em se tornar primavera	1275	Monja leiga Myoiti
27	Carta a monja leiga de Ko	1275	Monja leiga de Ko
28	A supremacia da Lei	1275	Oto (filha de Nitiguen-nyo)
29	Sobre manter a fé no <i>Gohonzon</i>	1275	Monja leiga Myoshin
30	As barragens da fé	1275	Monja leiga Senniti-ama
31	O arco e a flexa	1275	Monja leiga de Toki
32	Atingir o estado de Buda na presente forma	1275	Esposa de Ota
33	A respeito de uma veste sem forro	1275	Nitiguen-nyo
34	Pano para uma veste e uma veste sem forro	1275	Toki jonin e esposa
35	Carta a Koniti-bo	1276	Monja leiga Koniti-bo
36	As Ações do Devoto do Sutra de Lótus	1276	Monja leiga Koniti
37	Oferecimentos em benefício dos Antepassados	1277	Avó de Jibu-bo Nitii
38	O real aspecto do <i>Gohonzon</i>	1277	Nitimyo
39	Como Aqueles que Desejam Verdadeiramente Encontrar o Caminho podem Atingir o Estado de Buda por meio do Sutra de Lótus	1277	Monja leiga Myoho
40	Bodhisattva Juventude Instruída	1277	Esposa de Hyie no Sakan
41	O oferecimento das embarcações de cobre	1277	Esposa de Hyoe no Sakan
42	Nos oito infernos frios	1277	Esposa de Ota Jomyo

43	Resumo do Capítulo “Transferência” e Outros	1278	Nitinyo
44	A frase essencial	1278	Monja leiga Myoho
45	O Sutra da Verdadeira recompensa	1278	Monja leiga Senniti-ama
46	O Remédio Benéfico para Todas as Doenças	1278	Monja leiga Myoshin
47	O tambor no portal do dragão	1278	Monja leiga Seinniti-ama
48	Resposta para a senhora de Sajiki	1278	Senhora de Sajiki
49	Resposta para Matsuno	1278	Monja-leiga Muoho
50	Resposta para a esposa de Nanjo	1278	Esposa de Nanjo Tokimitsu
51	Resposta para a Monja-leiga de Kubo	1278	Monja-leiga de Kubo
52	A importância do momento da morte	1278	Monja-leiga Myoho
53	Condolência pela morte de seu marido	1278	Monja-leiga Myoho
54	Resposta para a esposa de Ota	1278	Esposa de Ota Jomyo
55	Na roupa e no alimento	1278	Mãe de Nanjo Tokimitsu
56	Sobre prolongar a própria vida	1279	Monja leiga Toki
57	A tartaruga de um olho só e o tronco flutuante	1279	Esposa do falecido reverendo leigo Matsuno Rokuro
58	Resposta a esposa de Matsuno	1279	Esposa de Matsuno
59	A respeito da estatua do Buda Sakyamuni formada por Nitiguen-nyo	1279	Nitiguen-nyo
60	Os atos meritórios da devoção filial	1279	Monja-leiga de Kubo
61	A árvore do amor mútuo	1279	Monja-leiga Myoshin
62	Carta para a monja-leiga, esposa de Toki	1279	Monja-leiga de Toki
63	Resposta para a monja leiga de Kubo	1279	Monja-leiga de Kubo
64	Significado da fé	1280	Monja leiga Myoiti
65	O tesouro de um filho dedicado	1280	Monja leiga Senniti-ama
66	A Doutrina da Iluminação na Forma Presente	1280	Myoiti-nyo
67	Cavalos Brancos e Cisnes Brancos	1280	Dama de Utsubusa
68	Resposta a mãe de Ueno	1280	Monja leiga de Ueno, mãe de Nanjo Tokimitsu
69	Resposta a monja leiga Nitigon	1280	Monja leiga Nitigon
70	Grande Bodhisattva Hatiman	1280	Nitiguen-nyo
71	Resposta a Oniti-nyo	1280	Oniti0nyo
72	Falsos documentos oficiais	1280	Monja-leiga de Kubo
73	Resposta para a monja-leiga Myoshin	1280	Monja-leiga Myoshin
74	No aniruddha	1280	Monja-leiga de Kubo
75	O Buda reside no puro coração	1280	Esposa de Matsuno
76	Atingir o estado de Buda na principal e no aspecto real	1280	Myoiti-nyo
77	Resposta p/ esposa de Gyobu Saemon-no-jo	1280	Esposa de Gyoku Saemon-no-
78	Vestia de reverendo	1280	Mulher (/)
79	Uma gota do grande oceano	1280	Nanjo Tokimitsu ou sua mãe
80	O presente de saque puro	1281	Monja leiga de Ueno, viúva e mãe de Nanjo Tokimitsu
81	W-lung e I-lung	1281	Monja leiga de Ueno, mãe de Nanjo Tokimitsu
82	Raízes da fortuna	1281	Monja leiga de Kubo
83	Resposta para a monja-leiga mãe de Ueno	1281	Mãe de Nanjo

Fonte: Os escritos de Nitiren Daishonin, vol. 1 a 5 / As escrituras de Nitiren Daishonin, v. 1 a 6 e The writings of Nichiren Daishonin, v. 1e 2 (MLSantos, 2009)

APÊNDICE 3

Juntos com Sensei

Se há lágrimas a correr
Há tristezas para vencer
Um lugar ao Sol desfrutar
Ver florir um ideal
Nosso Brasil, nossa missão
Nossa grande paixão
Sem temor, com muito amor
Cantando essa canção
Chamemos vamos chamar
Sensei perto de nós
Construamos o amanhã
Juntos com *Sensei*

Mais um dia já raiou
E o Sol surgiu no além
De quem é o céu azul
Não é meu é de todos nós
Porque então viver assim
Tristonho a chorar
Ser feliz é não cair, é construir a si
Chamemos vamos chamar
Sensei perto de nós
Construamos o amanhã
Juntos com *Sensei*.

Mais um dia Feliz

É luz, é sol, é manhã, mais um dia vem
Raiando, eu me vou preparando pra lutar
Levo avante a minha missão, sem desanimar
Momento alegre sinto, tendo meus companheiros
Feliz lutando também
Sensei, Sensei, Sensei de todos nós

A tarde o sol queima o meu rosto feliz
Porém, o que, no coração, queima é forte paixão
Marejando em suor sem fim, sigo a divulgar
Este Ensino impar, base da nossa vida
Suprema força motriz

Sensei, Sensei, Sensei de todos nós

A noite vem mas eu não cesso o meu labor
Por que parar se meu país só terá que
progredir
Arriscando a vida enfim, hei de construir
Junto dos companheiros, fiéis em toda luta
Nação de grande valor

Sensei, Sensei, lutaremos Sensei

Saudação a *Sensei*

Sensei o nosso sonho, está realizado
Com vossa presença no Brasil
Por isso agradecemos
De todo o coração
Alegres nós mostramos
A nossa gratidão
Salve *Sensei*

Sempre bem-vindo ao nosso Brasil
Salve *Sensei*
Alegrando o nosso peito varonil
Vos acolhemos, vos abraçamos
Somos felizes nesta era de *Mappo*
Muito obrigado *Sensei*
Oferecemos essas flores com amor.
Lá, laiá, lá, laiá, lá, laiá

APÊNDICE 4

Trechos de mensagens enviadas por Daisaku Ikeda por ocasião das comemorações do aniversário de fundação da Divisão Feminina na BSGI (1989-2008)

1989

Quero, nesta oportunidade, expressar o meu mais elevado sentimento de respeito e consideração pela sublime atividade com que as senhoras sustentam o *Kossen-rufu* do Brasil, atuando sempre com muita alegria, satisfação e radiância. [...] desejo que caminhem imponentemente pela grande estrada da “felicidade” e “esperança”. Eu estou enviando *Daimoku* diariamente para cada um de vocês. [...] Irei sem falta ao Brasil num breve futuro. (*Brasil Seikyo*, 21.5.1988, p. 1.)

1991

Espero, portanto, que as senhoras do Brasil também se esforcem como núcleo da prática da fé da nação brasileira. Espero também que a Divisão das Senhoras, como o grande sol da preciosa organização de harmonia, envolva seus companheiros com muito carinho e forte calor humano. Desenvolvam os jovens! Apóiem os adultos! E solicito o caloroso incentivo aos companheiros em dificuldades! (*Brasil Seikyo*, 23.6.1991, p. 1.)

1992

Desejo que os membros da Divisão das Senhoras do Brasil procurem conquistar a vitória a cada dia pro si mesmos, com a coragem que não teme nenhuma situação. (*Brasil Seikyo*, 20.6. 1992, p. 1.)

1993

Espero que a Divisão das Senhoras do Brasil possa proteger e desenvolver cada vez mais a tão querida BSGI, o “Modelo do *Kossen-rufu* Mundial”, construída com suor e lágrimas de duas grandiosas veteranas desde os tempos iniciais. Não esqueçam também o alegre sorriso de senhoras que atraem a sempre jovial esperança para o lar e para a comunidade. Vivam sempre com elevada sabedoria. E vençam com toda a sagacidade. (*Brasil Seikyo*, 12.6.1993, p. 2.)

1994

Em todos os países ou regiões onde as senhoras estão atuando com entusiasmo, sábia e radiantemente, pude verificar que o progresso está sendo alcançado amplamente. Essa é uma prova de que a união das senhoras é capaz de transformar o que quer que seja num palácio de paz e harmonia. [...] As senhoras, que estão se desdobrando em promover diariamente o corajoso movimento em prol das pessoas e da sociedade como mães, esposas e mulheres, são as mais nobres e sublimes pessoas deste mundo. Por favor, tenham a plena convicção de que a boa sorte acumulada no curso desta atuação haverá de resplandecer eternamente pelas três existências de suas vidas. (*Brasil Seikyo*, 18.6.1994, p. 1.)

1995

Onde a Divisão das Senhoras está assinalando o seu desenvolvimento com alegria através de um empenho perspicaz e harmonioso, o próprio país tem prosperado amplamente. Nesse sentido, é realmente imensurável a contribuição que a Divisão das Senhoras vem prestando para o avanço do *Kossen-rufu* do Brasil através de suas vitórias. Nos laços de solidariedade da Divisão das Senhoras existe a ilimitada força para conduzir todas as pessoas à felicidade, envolvendo-as carinhosamente com sua alegria e amor benevolente. Onde resplandece o sorriso das senhoras, o sol da esperança continuará iluminando sempre o coração das pessoas. (*Brasil Seikyo*, 4.6.1995, p. 6.)

1998

Estou plenamente ciente de quanto vocês suportaram as dificuldades e de como superaram inúmeros sofrimentos. Mesmo assim todas lutaram comigo e por mim sem recuar um passo sequer. Por isso, eu brado bem alto: A SGI do Brasil venceu gloriosamente! Venceu com perseverança! Venceu com garra! Venceu com união!

Venceu com coragem! A vitória absoluta da BSGI foi conquistada sobretudo com a séria e decisiva oração de todos os membros da Divisão das Senhoras. (*Brasil Seikyo*, 20.6.1998, p. 5.)

2001

O século XXI é o "Século das Mulheres". Daqui para frente, alcançarão maior prosperidade as empresas, instituições e países que aplicarem vivamente a benevolência, gentileza, perseverança e a forte intuição que demonstram o rico potencial da mulher. Na SGI, as mulheres construíram até agora uma brilhante rede mundial de harmonia e vitórias manifestando plenamente seu potencial. Quero reafirmar nesta oportunidade que a nossa SGI continuará respeitando os membros da Divisão Feminina como uma instituição exemplar e vanguardista em que as mulheres exercem toda sua capacidade. (*Brasil Seikyo*, 9.6.2001, p. A1.)

2002

O século XXI é o "Século das Mulheres". Ele representa nossa aspiração, convicção e esperança. Tenho plena certeza de que a solidariedade das mulheres mudará o mundo de desconfiança e ódio em que vivemos num mundo de paz. Não há nada mais forte do que a solidariedade das mulheres unidas pela benevolência, coragem e filosofia. As vozes que se simpatizam com esse ideal estão se propagando cada vez mais por todo o mundo. (*Brasil Seikyo*, 15.6.2002, p. 8.)

2003

A Divisão Feminina é, sobretudo, o "Sol da Comunidade". Espero que envolvam suas amigas com seu coração caloroso e estreitem cada vez mais os laços de amizade e de confiança como cidadãs exemplares. O Budismo de Nitiren Daishonin abrange hoje 186 países e territórios. Abrimos uma era inédita de grande intercâmbio do *Kossen-rufu* jamais vista ao longo dos mais de três mil anos da história do budismo. Tudo isso se deve à Divisão Feminina e a todos os respeitáveis companheiros da SGI que vieram praticando e propagando corretamente o Budismo de Nitiren Daishonin na mais perfeita união de *itai doshin*. Não há absolutamente nenhuma dúvida de que ilimitados e imensuráveis benefícios haverão de envolvê-

las pelas três existências da vida. Por favor, continuem avançando com alegria rumo à vitória na vida e em prol do *Kossen-rufu* de suas respectivas comunidades. (*Brasil Seikyo*, 14.6.2001, p. 1.)

2004

Espero que todas da Divisão Feminina da BSGI tenham forte convicção quanto a esse dito dourado do Buda Original. Por mais árduos que sejam os caminhos e por pior que sejam os sofrimentos, façam brilhar a sabedoria e não se esqueçam do espírito de desafiar e suplantar as maldades. Por favor, façam com que este ano seja coroado de vitórias e esperanças por meio da mais forte oração e de ações corajosas. (*Brasil Seikyo*, 12.6.2004, p. A1.)

2005

Desejo que todas as senhoras prossigam por um curso de vida de maravilhosas contribuições à sociedade, à comunidade, à família e a si próprias, incentivando-se mutuamente como boas amigas. Budismo é lutar pela felicidade. É todas as pessoas tornarem-se felizes e vitoriosas exterminando os infortúnios. Para isso, o importante é a corajosa prática da fé. [...] Viva a Divisão Feminina, Rainha da Felicidade! Viva a Divisão Feminina, Maior do Mundo! (*Brasil Seikyo*, 18.6.2005, p. A2.)

2006

Solicito que ampliem a rede de solidariedade em prol da paz, justiça e felicidade, começando com a comunidade mais próxima, e transmitam esse fundamento a todas as pessoas, com plena convicção e determinação. Por meio do diálogo, uma pessoa conhece outra, e também a si mesma, como se observasse sua imagem refletida em um espelho. A luta para a promoção do diálogo sincero sobre a filosofia e sobre a alegria do curso da vida rompe as limitações e engrandece seu estado de vida. (*Brasil Seikyo*, 3.6.2006, p. A2.)

2007

Não há nada mais valioso do que a estratégia das senhoras que oram, atuam e lutam em conjunto com a SGI, organização do decreto e desejo do buda. Não há como todos os seus sofrimentos diários não se transformarem

numa grande boa sorte ilimitada e eterna que envolverá toda a sua família. Desejamos que as integrantes da Divisão Feminina da BSGI bradem altivamente por uma nova glória, com brilho e excelência, sob a liderança das senhoras, e criem a mais radiante harmonia de *itai doshin*, com toda esperança e alegria. Minha esposa e eu estaremos enviando um firme *Daimoku* pelas nobres companheiras. (*Brasil Seikyo*, 9.6.2007, p. A2.)

2008

Queridas integrantes da Divisão Feminina do Brasil — a mais radiante, a primeira do mundo! Sinceras congratulações pela

realização do Encontro da Amizade! Minha esposa e eu, ao lado dos membros da SGI — presentes em 192 países e territórios —, desejamos louvá-las por terem superado, de forma admirável, todos os tipos de adversidade. Parabéns por esta brilhante vitória! [...] Esperamos que, por meio de vibrante recitação da Lei Mística, avancem com o coração confiante na conquista de sucessivas vitórias na vida, na família e também na comunidade em que atuam. O ressoar corajoso da voz de vocês duplicará a força da expansão e da vitória. (*Brasil Seikyo*, 31.5.2008, p. A2.)

APÊNDICE 5

Questionário

1) Dados Pessoais:

Nome:

Idade:

Nacionalidade:

Profissão:

2) Escolaridade:

() Fundamental

() Médio

() Superior - Qual:

() Estuda no momento? Curso e motivo:

3) Estado civil:

() solteira () casada () viúva () separada/desquitada/divorciada () amasiada

4) Qual sua renda mensal?

() de 1 a 5 salários mínimos

() de 5 a 10 salários mínimos

() de 10 a 15 salários mínimos

() de 15 a 20 salários mínimos

() acima de 20 salários mínimos

5) Qual sua religião de origem/familiar?

() católica

() protestante - Qual?

() budista - Qual?

() espírita - Qual?

() outras - Qual?

6) Além de você, quem mora na mesma casa e pratica o budismo?

() Todos da família - Quais:

() Pai e mãe

() Somente a mãe

() Somente o pai

() Marido e filhos

() Somente os filhos

() Somente o marido

() Outros - Quem? _____

Relação com o Budismo de Nitiren Daishonin

1) Como conheceu o Budismo Nitiren e qual o motivo de sua conversão?

2) Após conhecer o budismo quanto tempo demorou para sua conversão? Explique o motivo:

3) Você pratica o Budismo Nitiren há quanto tempo?

☐ menos de 1 ano ☐ 1 a 5 anos ☐ 5 a 10 anos ☐ 10 a 15 anos
☐ 15 a 20 anos ☐ 20 a 25 anos ☐ 25 a 30 anos ☐ Acima de 30 anos

4) Quantas horas você despende para as orações diárias?

☐ menos de 30 minutos ☐ 30 minutos a 1 hora ☐ 2 horas a 3 horas
☐ 4 horas a 5 horas ☐ acima de 6 horas

5) Você notou alguma modificação em sua vida após a conversão ao Budismo Nitiren? Qual? Explique.

6) De 01 a 10 como você classificaria sua satisfação com a prática budista. Explique.

Participação nas atividades da BSGI

1) Qual seu grau de estudo no budismo (*Kyogaku*)?

☐ Admissão ☐ 1º grau ☐ 2º grau ☐ Grau médio ☐ Grau superior ☐ Professor

2) Você exerce alguma função na BSGI

☐ responsável/vice de bloco
☐ responsável/vice de comunidade
☐ responsável/vice de distrito
☐ responsável/vice de regional
☐ responsável/vice de Região Metropolitana
☐ responsável/vice de Subcoordenadoria

3) Você faz doação financeira para a BSGI?

4) Quanto tempo por semana despende para as atividades da BSGI? Motivo?

☐ 1 a 2 horas por semana
☐ 3 a 4 horas por semana
☐ 5 horas ou mais por semana

5) Você pertence a algum grupo horizontal na BSGI? (Nome do grupo e tempo de permanência)

6) Você exerce alguma função de liderança no grupo? Qual?

7) Você notou alguma modificação em sua vida após ingressar nesse grupo? Explique.

8) Você já converteu outras pessoas ao budismo? Quem e por quê?

9) Como você classificaria sua participação nas atividades da BSGI? Explique.

☐ Excelente ☐ Boa ☐ Regular ☐ Ruim

10) Se fosse solicitado a você mudar alguma coisa na BSGI o que você modificaria? Explique.

11) De 01 (ruim) a 10 (ótima) quantos pontos você dá para as reuniões de:

Comunidade/bloco : _____ pontos
Distrito: _____ pontos
Regional: _____ pontos
Região Metropolitana: _____ pontos
Subcoordenadoria: _____ pontos
CCSP/CMSP: _____ pontos
BSGI: _____ pontos

1 - ruim
2
3
4
5
6
7
8
9
10 - ótima

12) De 1 (ruim) a 10 (ótima) como você classificaria sua satisfação com a BSGI. Explique.

13) Na organização a que pertence, qual a porcentagem de mulheres e de homens (Totalizar 100%)?

Mulheres (Divisão Feminina): _____

Homens (Divisão Sênior): _____

Questionário complementar

1) Você conhece alguma mulher que se afastou da prática budista? Você pode dizer resumidamente o motivo.

2) Você acredita haver influencia da cultura japonesa na BSGI? Se afirmativo, de que forma? Isso ajuda em seu crescimento?

3) A BSGI é uma organização:

() Democrática () Patriarcal () Matriarcal () Autoritarista () Outro. Qual?

Justifique sua resposta:

4) Você já se sentiu discriminada na BSGI por ser mulher?

() sim () não

Quando?

5) Você já presenciou discriminação contra a mulher na BSGI?

() sim () não

Quando?

6) Você acha que uma mulher poder ser presidente da BSGI?

() sim () não

Justifique sua resposta:

7) Você acha que uma mulher poder ser responsável de comunidade (tikubutyo)?

() sim () não

Justifique sua resposta:

APÊNDICE 6

Sede da Divisão Feminina no Japão



Sede da Divisão Feminina no Brasil



Sede da Divisão Feminina foi a primeira
Sede da BSGI na década de 1960 →



APÊNDICE 7

Fotos da Divisão Feminina por década e de reuniões comemorativas do Dia da Divisão Feminina no Brasil

3º Festival Cultural- Esportivo da BSGI (out. 1966).



8ª Convenção da Divisão Feminina da BSGI (marc. 1983)



Reunião comemorativa dos 25 anos do Grupo Mamorukai (manutenção) da Divisão Feminina (set. 2002)



1º Encontro das Mulheres Soka da BSGI — Divisão Feminina e Feminina de Jovens (ago. 2005)

Ipiranga: Detalhe das coroas sobre a cabeça - “Rainhas da Felicidade”



Tijuca - Flores de lírio branco sobre a mesa.



São Miguel Paulista

Belém - Detalhe da coroa.



Tocantins



Integrantes da Divisão Feminina residentes no Japão Guma, Miyama e Funabashi comemorando o Dia DF.



APÊNDICE 8

Eventos realizados pela Divisão Feminina em diferentes países.



Filipinas: Reunião da Divisão Feminina com 21 mil mulheres (16 mil convidadas).

Austrália: Comemorando o Dia Internacional da Mulher (Março/2005).



Tailândia: Conferência das Mulheres pela Paz reuniu membros da Malásia, Camboja, Laos e Singapura (20 a 23 4/2007).



Bolívia - 1ª Convenção da DF (22/6/2008)

Paraguai



Coréia do Sul: Festival da DF (17/5/2006)



Noruega





Nepal

Uruguai

Malásia



Japão: Comemorando aniversário de fundação da DF (maio/2006)

Singapura



Camarões



Hiroshima



Roma



Indonésia: DF e DFJ realizam Conferência das Mulheres pela Paz (27/8/2006).



APÊNDICE 9

Crédito das fotos:

Capítulo I

Fotos 1 a 4: www.tmakiguchi.org

Foto 5: www.joseitoda.org

Foto 6: SGI Gráfico

Capítulo II

Foto 1: Daibyakurengue

Foto 2 - Daibyakurengue

Foto 3 - www.daisakuikeda.org

Foto 4 - Brasil Seikyo

Apêndice 6

Fotos da página: Seikyo Press / Brasil Seikyo

Apêndices 7

Fotos da página: Brasil Seikyo

Fotos da página: www.bsgi.org.br (Blog Página Divisão Feminina)

Apêndice 8

Fotos da página: www.sgi.org — [Soka Gakkai International](http://www.soka-gakkai.org) (inglês)